

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO  
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

MARJORIE MARIANA DE ABREU

**AS INTERSECÇÕES ENTRE TÉCNICA, TECNOLOGIA, TRABALHO E BEM  
VIVER NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR AGROECOLÓGICA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CURITIBA

2020

MARJORIE MARIANA DE ABREU

**AS INTERSECÇÕES ENTRE TÉCNICA, TECNOLOGIA, TRABALHO E BEM  
VIVER NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR AGROECOLÓGICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Administração, Curso de Mestrado em Administração, Programa de Mestrado em Administração, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Giovanna Pezarico

CURITIBA

2020

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**

Abreu, Marjorie Mariana de

As intersecções entre técnica, tecnologia, trabalho e bem viver no contexto da agricultura familiar agroecológica [recurso eletrônico] / Marjorie Mariana de Abreu. -- 2020.

1 arquivo eletrônico (263 f.): PDF; 6,07 MB.

Modo de acesso: World Wide Web.

Texto em português com resumo em inglês.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Administração, Curitiba, 2020.

Bibliografia: f. 244-257.

1. Administração - Dissertações. 2. Agricultura familiar - Curitiba, Região Metropolitana de (PR). 3. Ecologia agrícola. 4. Ecologia humana. 5. Qualidade de vida. 6. Bem-estar. 7. Segurança alimentar. 8. Técnica. 9. Tecnologia. 10. Trabalho. 11. Natureza - Influência do homem. 12. Civilização moderna - Aspectos sociais. I. Pezarico, Giovanna, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Administração. III. Título.

CDD: Ed. 23 -- 658

**Biblioteca Central do Câmpus Curitiba - UTFPR**  
**Bibliotecária: Luiza Aquemi Matsumoto CRB-9/794**

### TERMO DE APROVAÇÃO

AS INTERSECÇÕES ENTRE TÉCNICA, TECNOLOGIA, TRABALHO E BEM VIVER  
NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR AGROECOLÓGICA  
por

**Marjorie Mariana de Abreu**

Esta dissertação foi apresentada às 14h00, dia 10 de julho de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO, na Linha de Pesquisa **Tecnologia de Gestão, Trabalho e Organizações**, Área de Concentração **Organizações e Tecnologia**, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**.

---

Profa. Dra. Giovanna Pezarico  
(PPGA/UTFPR)  
Orientadora

---

Profa. Dra. Lillane Canopf  
(PPGA/UTFPR)  
Membro Interno

---

Profa. Dra. Hieda Maria Pagilosa Corona  
(UNOCHAPECÓ)  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Carlos Alberto Cloce Sampalo  
(UP)  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Thiago Cavalcante Nascimento  
(PPGA/UTFPR)  
Coordenador do PPGA

## AGRADECIMENTOS

“Pois o Senhor Deus é quem dá sabedoria; de sua boca procedem o conhecimento e o discernimento.” (Provérbios 2:6).

“Com sabedoria se constrói a casa, e com discernimento se consolida. Pelo conhecimento os seus cômodos se enchem do que é preciso e agradável” (Provérbios 24:3-4).

Agradeço em primeiro lugar ao autor da vida, o arquiteto do Universo, aquele que nos permite viver, experimentar, aprender e compartilhar todo conhecimento e sabedoria que provêm Dele que é Onisciente, Onipotente, Onipresente, dono de toda a ciência e sabedoria, a Deus a minha eterna gratidão por me permitir viver tantas histórias e conquistas.

Agradeço a Deus pela minha família, aos meus pais Marcos de Abreu e Tânia Abreu, as minhas irmãs Marcela, Milena (in memoriam), Myrna e ao meu irmão Marcos Abreu, por todo amor, carinho, incentivo, convivência, paciência, conhecimento e sabedoria compartilhados. Por toda força, suporte, incentivo, ajuda, conselhos. Sempre ao meu lado em todos os momentos. Dedico esta dissertação a minha amada família.

A minha querida amiga Rosana Fontoura de Liz, que também a considero como minha irmã, por acreditar em mim, me apoiar e por ter me dado aquele empurrão para fazer minha inscrição no Mestrado, suas palavras e ações cooperaram para que hoje eu pudesse estar aqui conquistando mais este sonho.

Ao meu melhor amigo Anas Alsadat por estar ao meu lado em todos os momentos. Acompanhando de perto a solidão que às vezes enfrentamos, os conflitos, incertezas, desafios por estar longe de casa, do meu lar, longe de minha família, tornando-se um aliado.

Ao meu querido Danilo Laskosky Mota, que entrou em minha vida em um momento de extrema importância, fazendo toda a diferença através de seu amor, carinho, dedicação e suporte para comigo, sendo um importante aliado nesta etapa da minha vida.

A todos os meus amigos, que me deram apoio e incentivo, direta e indiretamente, sempre contribuindo. Amigos são como anjos de Deus na Terra.

A minha amada e querida orientadora Prof. Dra. Giovanna Pezarico, uma pessoa que admiro muito, muito especial e dócil, pelo qual tive o privilégio e satisfação de conviver, de aprender, de dividir experiências, momentos que ficarão guardados com muito carinho em meu coração. Obrigada por sua parceria, amizade, por tanta compreensão, dedicação, encorajamento e investimento em minha vida. O fruto deste trabalho foi plantado com a ajuda de suas preciosas mãos, e a colheita foi possível devido ao amor, empenho durante todo o processo. Nossas sementes foram lançadas em terras férteis, na certeza que estamos contribuindo para uma boa colheita de Bem Viver Comum para a Humanidade.

A UTFPR onde dei início a minha trajetória me graduando em Administração, nesta prestigiada instituição de ensino, onde tenho orgulho em fazer parte e ter tido o privilégio de

aprender, compartilhar conhecimentos e conviver com os melhores professores que despertaram em mim inquietações, reflexões que resultaram na continuidade da busca de saberes e contribuições para a sociedade.

Aos professores do PPGA da UTFPR: professora Giovanna Pezarico, minha orientadora, Rene Seifert, Francis Kanashiro Meneghetti, Leonardo Tonon, Jurandir Peinado, Thiago Nascimento, Alexandre Graeml, Rodrigo Alves, por todo conhecimento compartilhado, suporte, conselhos, foi um prazer ter aula com vocês.

As professoras Doutoras Hieda Pagliosa Corona e Liliane Canopf, ao professor Dr. Carlos Alberto Ciose que compuseram minha banca de qualificação e defesa, pelo qual tive a oportunidade de conhecer, aprender e partilhar o desafio desta pesquisa, trazendo valiosas contribuições e direcionamentos.

Aos colegas de Mestrado com quem tive a oportunidade de conviver, aprender e compartilhar nossos anseios, desafios e conquistas.

Aos colaboradores da UTFPR que sempre se colocam a disposição para nos ajudar.

Aos agricultores familiares que abriram seus lares e propriedades para que eu pudesse ter o prazer e privilégio de conhecer mais sobre a história, experiência e trajetória de cada um, vivenciando seu dia a dia de desafios, resistências, permanências e continuidades no campo. Aonde graças às suas mãos, os alimentos chegam à nossa mesa com amor e dedicação. Meu agradecimento por todo o trabalho e esforço em acreditar em uma agricultura alternativa que preza pela preservação da natureza, segurança alimentar, e Bem Viver comum da humanidade. Que Deus os proteja sempre e abençoe o valioso trabalho que desempenham.

A organização do CPRA, por ter permitido a realização desta pesquisa junto ao projeto de agricultores familiares agroecológicos de referência e seus colaboradores que gentilmente me assistiram e deram suporte em minha ida ao campo. Agradeço em especial ao Sr. Márcio Miranda que autorizou a pesquisa junto ao CPRA, Juan Carlos Araújo Notario e Manoela Moreira, pelo qual me acompanharam ao campo de pesquisa, por toda ajuda atenção, informação, conhecimentos compartilhados, suporte, por todo o carinho pelo qual fui recebida e pela forma que contribuíram para o êxito desta pesquisa.

E por fim, a todos que fizeram parte desta trajetória, meu muito obrigada.

*“O homem perdeu sua capacidade de prever e de prevenir.  
Ele acabará destruindo a Terra”. Albert Schweitz*

## RESUMO

ABREU, Marjorie Mariana. **As Intersecções entre Técnica, Tecnologia, Trabalho e Bem Viver no contexto da Agricultura Familiar Agroecológica**. 2020. 277f. Dissertação. Mestrado em Administração – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

Este estudo teve por objetivo compreender as intersecções entre técnica, tecnologia, trabalho presentes nas dimensões do Bem Viver entre suas multidimensões, verificado a partir do contexto da Agricultura Familiar Agroecológica no âmbito da Região Metropolitana de Curitiba-PR (RMC). Refletindo a partir de uma necessidade de se desvincular da concepção universalista do conhecimento, construído pela modernidade e pelo eurocentrismo apoiados sob a égide do desenvolvimento ocidental e do capitalismo que visam o progresso e crescimento a qualquer custo sem levar em consideração os impactos ao planeta terra. Portanto este estudo buscou estar inserido numa perspectiva do pensamento fronteiro, o qual questiona a modernização e a colonialidade na esfera da agricultura familiar sob a perspectiva do Bem Viver. Para isso foram selecionadas cinco propriedades de agricultores familiares de base agroecológica de referência, assessoradas pelo CPRA-Centro Paranaense de Referência em Agroecologia. As visitas às propriedades ocorreram durante os anos de 2019 e 2020, e estão localizadas nos municípios de Colombo, Quatro Barras, Itaperuçu, Pinhais, Tijucas do Sul. No intuito de alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa, bem como, obter um alinhamento teórico-metodológico que pudesse permitir a construção de um aprofundamento necessário, que contribuísse para uma análise e resultados consistentes, coerentes, foram definidas algumas dimensões do Bem Viver, além da caracterização dos agricultores familiares que compõe a pesquisa. Nesse sentido foi realizado um estudo de caráter qualitativo-descritivo, tendo como proposta analítica a Análise de Conteúdo, com categorias *a priori* e *a posteriori*. A coleta de dados foi realizada mediante entrevistas semiestruturadas e observação não participante atrelada aos sujeitos da pesquisa: os agricultores familiares agroecológicos, a organização CPRA e seus colaboradores. Com base nos resultados, foram estabelecidas quatro categorias de análises inter-relacionadas, sendo elas: Conceitos e concepções do Bem Viver, Harmonia com a Natureza e o AFA nesse sentido; Bem Viver e os Direitos Humanos, da Natureza, Ambientais e a questão da Soberania e Segurança alimentar; Bem Viver como uma proposta antagônica ao Desenvolvimento e Bem estar Ocidental e a questão do indivíduo e a Comunidade; O agricultor familiar agroecológico e a questão da técnica, tecnologia e trabalho e suas intersecções com o Bem Viver neste contexto; e por fim uma seção dedica-se a comentar as relações entre o CPRA, os agricultores familiares agroecológicos e o Bem Viver. As sínteses do trabalho sempre de caráter provisório, evidenciam limitações do atual modelo de produção devendo ser repensado a partir das experiências de outros atores e sistemas sócio-técnicos, a partir das múltiplas possibilidades percebidas a partir das concepções de Bem Viver.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bem Viver; Agricultura Familiar Agroecológica; Técnica; Tecnologia; Trabalho.



## ABSTRACT

ABREU, Marjorie Mariana. **The Intersections between Technique, Technology, Work and Well Living in the context of Agroecological Family Agriculture.** 2020. 277f. Dissertation. Master in Administration – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

This study aimed to understand the intersections between technique, technology, work and Well living and other dimensions that this concept presented through contact with its literature, verified from the context of Agroecological Family Agriculture in the scope of the Metropolitan Region of Curitiba-PR ( RMC). Reflecting from a need to disengage from the universalist conception of knowledge, built by modernity and Eurocentrism supported by the hedge of Western development and capitalism, which aim at progress and growth at any cost without considering the impacts on planet Earth. Therefore, this study sought to be inserted in a perspective of frontier thinking, which questions modernization and coloniality in the sphere of family farming from the perspective of Well Being. For this purpose, five properties of family farmers of agroecological reference base were selected, advised by CPRA-Centro Paranaense de Referência em Agroecologia. The visits to the properties took place during the years 2019 and 2020, and are located in the municipalities of Colombo, Quatro Barras, Itaperuçu, Pinhais, Tijucas do Sul. In order to achieve the objectives proposed by this research, as well as, to obtain a theoretical alignment -methodological that could allow the construction of a necessary deepening, that would contribute to an analysis and consistent, coherent results, some dimensions of Well Living were defined, besides the characterization of the family farmers that composes the research. In this sense, a qualitative-descriptive study was carried out, with Content Analysis as an analytical proposal, with a priori and a posteriori categories. Data collection was carried out through semi-structured interviews and non-participant observation linked to the research subjects: agroecological family farmers, the CPRA organization and its collaborators. Based on the results, four categories of analysis were established, interrelated with the dimensions of Bem Viver, namely: Concepts and conceptions of Well Living, Harmony with Nature and the AFA in this sense; Well living and Human, Nature, Environmental Rights and the issue of Sovereignty and food security; Well Living as an antagonistic proposal to Development and Western Well-being and the issue of the individual and the Community; The agroecological family farmer and the issue of technique, technology and work and their intersections with Well living in this context; and finally, a section is dedicated to commenting on the relationship between CPRA and agroecological family farmers. The syntheses of the work, always of a temporary nature, show limitations of the current production model and should be rethought based on the experiences of other actors such as family farming, community relations, dialogues of knowledge, the harmonic context with nature, based on multiple possibilities perceived from the conceptions of Well living. Where Well living presents itself as an opportunity to imagine other possible worlds that are not based on an anthropocentric vision, but on a common Well living.

**KEY-WORDS:** Well Living; Agroecological Family Agriculture; Technique; Technology; Labour.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Árvore do Bem Viver e suas dimensões (conhecendo seus frutos).....	47
Figura 2 - Mapa do Estado do Paraná.....	136
Figura 3 - Mapa do Estado do Paraná – Número de estabelecimentos classificados como de Agricultura Familiar.....	137
Figura 4 - Mapa do Estado do Paraná – Participação da Agricultura Familiar na área total dos estabelecimentos.....	138
Figura 5 - Mapa político da Região Metropolitana de Curitiba e dados dos cinco Municípios que compõem a pesquisa.....	139

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Propriedade do A3 em sua horta, mexendo na terra. ....	151
Imagem 2 – Frango Caipira, criado e vendido na propriedade do A1 .....	187
Imagem 3 - Plantação de beterraba do A1 .....	187
Imagem 4 - Beterraba em conversa, produzida e vendida pelo A1. ....	187
Imagem 5 - Diversidade das culturas da propriedade do A1.....	187
Imagem 6 - Árvore de pêsego do A2.....	188
Imagem 7 - Estufa da horta do A2 .....	188
Imagem 8 - Variedade de cultivos junto a árvores na propriedade do A3 .....	189
Imagem 9 - Plantação da propriedade do A3 .....	189
Imagem 10 - Plantação junto a árvores do A5. ....	190
Imagem 11 - Cesta com variedade de alimentos produzidos pelo A5. ....	190
Imagem 12 - Produtos da propriedade do A3, vendidos no Container amarelo .....	194
Imagem 13 - Relógio Medicinal do corpo humano da propriedade do A3.....	194
Imagem 14 - Container amarelo, onde o A3 recebe clientes e vende seus produtos.....	194
Imagem 15 - Turismo Ecológico, passeios realizados na propriedade do A3.....	194
Imagem 16 - Cesta Solidária vendida pelo A4.....	197
Imagem 17 - Morangos produzidos pelo A4 que compõe a Cesta Solidária. ....	197
Imagem 18 - Alimentos produzidos pelo A5, que compõem a Cesta Solidária para os clientes. ....	204
Imagem 19 - Repolho produzido pelo A5, alimento que compõe a Cesta Solidária para os clientes. ....	204
Imagem 20 - Agricultura Sintrópica- plantação de árvore e olericultura em consórcio, na propriedade de A5. ....	205
Imagem 21 - Líquido preparado com insumo natural para combater pragas, feito pelo A1.....	215
Imagem 22 - Plantação do A1 com sua variedade de cultivo.....	216
Imagem 23 - Composto orgânico da propriedade do A3. ....	218
Imagem 24 - Garrafa pet com o líquido natural feito pelo A2, para combater a praga do pêsego. ....	220
Imagem 25 - Plantação de alface do A3.....	221

Imagem 26 - Adubo natural, "super magro", produzido pelo A3. ....222

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Dados sobre Agricultura Familiar no Brasil, Censo Agro 2006.....	82
Tabela 2- Estabelecimentos Agropecuários e área segundo as atividades econômicas de 2017 no município de Colombo.....	141
Tabela 3 -Estabelecimentos Agropecuários e Área segundo as atividades Econômicas, 2017.....	142
Tabela 4 -Estabelecimento Agropecuário e área segundo as atividades econômicas, 2017.....	143
Tabela 5 -Estabelecimentos agropecuários e área segundo as atividades econômicas- 2017.....	144
Tabela 6 -Estabelecimentos agropecuários e área segundo as atividades econômicas, 2017.....	145

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese da estrutura do presente estudo. ....	34
Quadro 2 - Distribuição das cinco propriedades pertencentes ao projeto de agroecologia do CPRA que compõe a pesquisa. ....	111
Quadro 3 - Síntese da Coleta de dados do campo. ....	113
Quadro 4 - Síntese das entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa: informação e percepções. ....	116
Quadro 5 - Síntese da entrevista realizada com os colaboradores do CPRA .....	235

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AF</b>	Agricultura Familiar
<b>AFA</b>	Agricultura Familiar Agroecológica
<b>BV</b>	Bem Viver
<b>CLAES</b>	Centro Latino-Americano de Ecologia Social
<b>CPRA</b>	Centro Paranaense de Referência Agroecológica
<b>LOSAN</b>	Lei Orgânica, a Segurança Alimentar e Nutricional
<b>MDA</b>	Ministério do Desenvolvimento Agrário
<b>ONB</b>	<i>Organic Newns Brasil</i>
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>RMC</b>	Região Metropolitana de Curitiba
<b>RV</b>	Revolução Verde
<b>UNESCO</b>	<i>United Nations Eeducacional, Scientificand Cultural Organization</i>
<b>UTFPR</b>	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>PARTE I: INÍCIO DA TRAJETÓRIA DA PESQUISA .....</b>	<b>17</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>1.1 Formulação do problema de pesquisa .....</b>	<b>27</b>
<b>1.2 Objetivos da pesquisa.....</b>	<b>27</b>
1.2.1 Objetivo Geral.....	27
1.2.2 Objetivos Específicos.....	28
<b>1.3 Justificativas da pesquisa .....</b>	<b>28</b>
<b>1.4 Estrutura da dissertação .....</b>	<b>32</b>
<b>PARTE II: ADENTRANDO PELOS CAMPOS TEÓRICOS BASILARES DA PESQUISA .....</b>	<b>35</b>
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: ESTABELECENDO AS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE .....</b>	<b>36</b>
<b>2.1 Caminhando pelas terras do Bem Viver.....</b>	<b>36</b>
<b>2.2 A árvore do bem viver – uma tentativa de sistematização conceitual .....</b>	<b>44</b>
2.2.1 Sobre as concepções de Bem Viver.....	48
2.2.2 Bem Viver e os Direitos Humanos, Direitos da Natureza e Direitos Ambientais.....	48
2.2.3 Bem Viver como uma proposta antagônica (contra hegemônica) ao modelo de desenvolvimento atual.....	55
2.2.4 Bem Viver e a Harmonia com a Natureza.....	63
2.2.5 Bem Viver e a questão do Bem estar Ocidental .....	63
2.2.6 Bem Viver e a Soberania Alimentar, Segurança Alimentar e Saúde.....	66
2.2.7 Bem Viver e o Trabalho .....	68
2.2.8 Bem Viver e a Técnica .....	69
2.2.9 Bem Viver e a Tecnologia .....	70
2.2.10 Bem Viver, Indivíduo e a Comunidade .....	71
<b>2.3 Sobre a agricultura familiar: caracterizações preliminares .....</b>	<b>73</b>
<b>2.4 Agricultura familiar e modelos alternativos de produção: uma colheita promissora para o ser humano e a natureza.....</b>	<b>89</b>
<b>2.5 Técnica, tecnologia e trabalho no contexto da agricultura familiar .....</b>	<b>97</b>
<b>PARTE III: APRESENTANDO A METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>105</b>
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>106</b>
<b>3.1 O locus e objeto de estudo .....</b>	<b>108</b>



3.2	<b>Os sujeitos de pesquisa e o processo de coleta de dados: .....</b>	<b>112</b>
3.3	<b>Análise de dados .....</b>	<b>118</b>
3.4	<b>Facilidades e dificuldades na coleta e tratamento dos dados .....</b>	<b>120</b>
3.5	<b>Aspectos éticos envolvidos na condução da pesquisa .....</b>	<b>121</b>
<b>PARTE IV: ACHADOS DA PESQUISA DE CAMPO- ANÁLISES E RESULTADOS.....</b>		<b>122</b>
4	<b>AGRICULTURA FAMILIAR, SUAS TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIA DE VIDA NO CAMPO: LUTAS, RESISTÊNCIAS E CONTINUIDADES.....</b>	<b>123</b>
4.1	<b>Caracterizações iniciais dos sujeitos da pesquisa: agricultura familiar agroecológica .....</b>	<b>124</b>
4.2	<b>Bem Viver e suas dimensões .....</b>	<b>146</b>
4.2.1	Bem Viver: o próprio conceito, suas multidimensões e a questão da harmonia com a natureza .....	147
4.2.2	Bem Viver e os Direitos Humanos, da Natureza, Ambientais e a questão da Soberania e Segurança Alimentar e Saúde .....	166
4.2.3	Bem Viver como uma proposta antagônica ao desenvolvimento e bem estar ocidental e a questão do indivíduo e a comunidade.....	183
4.2.4	O Agricultor Familiar Agroecológico e a questão da Técnica, Tecnologia e Trabalho e suas intersecções com o Bem Viver nesse contexto .....	211
4.3	<b>CPRA e o agricultor familiar agroecológico na promoção do Bem Viver e sua relação com a Técnica, Tecnologia e Trabalho .....</b>	<b>232</b>
<b>PARTE V: REFLEXÕES DA PESQUISA .....</b>		<b>243</b>
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>244</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>		<b>250</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semiestruturada realizada com os agricultores familiares agroecológicos .....</b>		<b>258</b>
<b>APÊNDICE B – Entrevista semiestruturada realizada com os colaboradores do CRPA .....</b>		<b>260</b>
<b>APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – CEPE (UTFPR) .....</b>		<b>261</b>

## PARTE I: INÍCIO DA TRAJETÓRIA DA PESQUISA



Fonte: Autoria própria (2019).

## 1 INTRODUÇÃO

A caminhada pelos solos desta pesquisa foi apenas o início de uma jornada em busca de compreender, compartilhar, contribuir a respeito da complexidade da existência humana em um mundo de constantes transformações sociais, políticas, econômicas, ambientais e tecnológicas.

Este estudo dialoga com a temática relacionada com as mudanças ocorridas no campo, no contexto da agricultura familiar no decorrer da história mediante os avanços da tecnologia, modernização da técnica e da agricultura, em sua forma de produzir, refletindo nos modos de trabalho e suas relações com o pilar basilar que orienta esta pesquisa, o Bem Viver. Sendo um conceito andino, em construção, que também tem suas limitações, contudo ainda sim surge como uma semente frutífera, a germinar em terras férteis, como uma oportunidade de imaginarmos outros mundos possíveis, antagônicos ao modelo hegemônico de produção atual, e assim podermos colher bons frutos, de convivialidade em sociedade e com a natureza, garantindo um futuro de harmonia e equilíbrio.

É importante evidenciar que tal pesquisa, está vinculada ao Programa de Pós Graduação em Administração, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). O despertar do estudo ocorreu quando em contato com algumas disciplinas durante o curso de Graduação em Administração, realizado na mesma instituição, tive o privilégio de aprender mais e me inspirar através de professores que foram exemplos para mim, permitindo pensar para além do *mainstream*, iniciando uma trajetória de reflexões e inquietações.

Assim, estabelecer o presente enunciado tem como intenção apresentar desde logo, a perspectiva interdisciplinar assumida pelo estudo, e ao mesmo tempo, contemporizar os diálogos da temática com o campo da Administração. Neste sentido, é oportuno esclarecer que a perspectiva assumida pelo Programa no qual tal estudo tem seu nascedouro, assume como premissa a perspectiva de que debruçar-se sobre contextos organizacionais implica em compreender as relações entre técnica, tecnologia e mudança no trabalho, bem como, aspecto de natureza comportamental e psicossocial dos indivíduos. Logo, parte-se também da

perspectiva de que o espaço rural e relação sociedade-natureza se constituem como campos privilegiados de análise.

É a partir de tal lente que a pesquisa pretende debruçar seus olhares, inquietações a respeito da crise civilizatória que vivemos hoje, que aponta para um esgotamento dos recursos naturais, colocando em risco nossa própria existência, diante de tantas intervenções produzidas pelo ser humano.

O ser humano fez da natureza seu laboratório natural e da agricultura uma prática de sobrevivência, tornando-se uma possibilidade para o comércio, uma rede de negócios globais, bem como, um instrumento de política. Estes acontecimentos foram impulsionados através do avanço da ciência, da técnica, tecnologia e sua modernização, movidos em grande parte pelo uso excessivo dos recursos naturais.

Diante disso surgiram diversos debates a respeito do papel do ser humano em relação à natureza e as consequências de suas intervenções. A agricultura familiar sofreu transformações decorrentes dos avanços da ciência, técnica e tecnologia que modificaram suas formas de trabalho, modelos de produção, manejo da terra e uso cada vez mais de novas técnicas e tecnologias neste cenário.

Como condição para tal processo, o ser humano no uso da denominada razão, racionalizou o mundo, a partir das ciências, da racionalidade instrumental. Para tanto, construiu, criou, inventou, inovou, desenvolveu, se modernizou o que acabou por destituir-se de sua essência, para aquilo que foi designado a fazer, proteger, preservar, cooperar com a natureza, e não mercantilizá-la ao ponto que tais pressupostos assumem agora um impacto profundo que hoje podemos presenciar: degradação ambiental, fome, miséria, pobreza, desigualdade social, problemas de todas as ordens que colocam em questão a manutenção da vida e os recursos naturais finitos.

Considerando os pressupostos teóricos e os elementos de contextualização apresentados, esta pesquisa tem como principal inquietação a seguinte questão orientadora: **Quais as relações entre Agricultura familiar agroecológica e as concepções de Bem Viver a partir das dimensões: tecnologia, trabalho e natureza nesse contexto?** Como objetivo, buscou compreender as intersecções entre técnica, tecnologia e trabalho a partir das vivências

dos agricultores familiares agroecológicos e suas relações com as concepções de Bem Viver, no contexto da região metropolitana de Curitiba – Paraná.

Tal intencionalidade dialoga com as formas pelas quais produzimos e consumimos nossos alimentos na sociedade contemporânea atual sob um sistema econômico capitalista de produção, gerando impactos destas práticas em todas as esferas da vida, seja social, econômica, política e ambiental. A partir de algumas reflexões e analisando potenciais mudanças de direção, originou-se o despertar desta pesquisa a fim de compreender melhor tais imbricações e tensionamentos e poder assim contribuir para a construção de outras perspectivas sobre o tema.

Assim, apesar de modificações que o ser humano produziu em interação com a natureza, uma das que mais são marcantes, trata do desenvolvimento da atividade agrícola. Com o crescimento populacional e desenvolvimento de novas técnicas, domínio de novas tecnologias e novos instrumentos de produção, as intervenções humanas passaram a ser mais intensas. Nesse sentido, outro marco na relação sociedade-natureza se estabeleceu a partir da Primeira Revolução Industrial, no século XVIII compreendendo tais mudanças (BRANCO, 2020).

No século XVIII com o advento do Iluminismo na Europa, exigiu dos costumes e instituições mostrar sua relevância para a humanidade. Devido a isso a ciência e a tecnologia tornaram-se estruturantes para novas crenças. O elemento cultural ganhou novas formas, tornando-se aquilo que pensamos como “racional”. Nesse sentido a tecnologia, tornou-se onipresente na vida cotidiana e os modos técnicos de pensamento passaram a dominar acima de todos os outros, o que se faz presente em nossas vidas até os dias de hoje, cada vez mais de forma mais intensa (FEENBERG, 2010).

Portanto poderíamos dizer que a racionalidade tecnocientífica se apresenta como uma nova cultura e dado o fato de que o Iluminismo exigiu a racionalidade utilitária, esta cultura deve ser “útil” que abrange diversas questões desde as mais simples, as mais elaboradas que podem ser propostas como um todo, por seu valor e viabilidade.

Diante da modernidade, agora nos vemos para além da utilidade, no sentido de que modo está construindo nosso mundo, nosso modo de vida que se faz presente em uma sociedade moderna. Fazemos parte de uma sociedade tecnológica que carrega consigo

problemas que emergem das nossas próprias indagações para o qual chamamos de filosofia da tecnologia (FEENBERG, 2010).

A perspectiva histórica, os gregos entendiam sob duas vertentes a *physis* e *poiesis*, onde *physis* é traduzida como natureza. Desta forma os gregos acreditavam na natureza como um ser que se cria a si mesmo, como algo que emerge de si mesmo. Contudo há outros elementos no mundo que dependem de que algo aconteça para que outras coisas possam vir a existir. Portanto Poiesis é a atividade prática de fazer. Segundo Feenberg (2010), é na *poiesis* que o ser humano se ocupa quando busca produzir algo. Para aquilo que criamos, damos o nome de artefatos e estão intrínsecos a eles, os produtos da arte, do artesanato e os da convenção social. Realizados a partir de uma “técnica”.

A palavra *techné* na Grécia antiga, (FEENBERG, 2010) significa o conhecimento e ou disciplina que esta relacionada a uma forma de *poiesis*. *Techné* situa-se na origem das palavras modernas como técnica e tecnologias nas línguas ocidentais, onde no decorrer dos anos, ambas adquiriram um significado um pouco diferente em relação a cada uma.

A medicina, por exemplo, é uma técnica cujo objetivo é curar o doente; a carpintaria uma técnica cujo objetivo é construir a partir da madeira; agricultura cuja técnica é encontrada tanto na própria natureza ou pela intervenção humana é criada outras técnicas, artefatos, cujo propósito é produzir os alimentos, recursos para nossa sobrevivência. Cada técnica orienta-se para um propósito e significado, na visão dos gregos, o que indica o “modo correto” de fazer as coisas de maneira muito forte e definida, no sentido absolutamente objetivo. Mesmo que as coisas que passam pelas mãos humanas em sua criação, o conhecimento contido nas *technai* não é matéria de opinião ou intenção subjetiva.

O próprio artefato compartilha dessa objetividade, na medida em que são definidos pela *technai*. Enquanto a *Techné* esta inserida na perspectiva de um propósito e significado, os gregos atribuem estes aspectos da *techné* ao reino da natureza, e a veem em termos teleológicos. A essência das coisas naturais inclui um propósito da mesma forma como acontece com a essência dos artefatos.

Diante ao exposto Feenberg (2010, p.44), diz que o mundo é, assim, um lugar cheio de significados e intenções. “Nós os seres humanos não somos os mestres de natureza, mas

trabalhamos com seus potenciais para trazer à fruição um mundo significativo”. Nosso conhecimento deste mundo e nossa ação nele não são arbitrários, mas são, de algum modo, a realização do que se esconde na natureza”.

Logo, quanto mais buscamos criar artefatos tecnológicos para atender a humanidade, mais criamos também outros problemas cujo nem sempre a própria tecnologia poderá resolver, ou pelo menos deveria ser criada com este fim de ajudar, de promover uma vida de Bem viver. Mas o que constatamos na agricultura moderna, por exemplo, é o uso intensivo de artefatos e tecnologias para extrair ao máximo, recursos naturais, mercantilizando a natureza, mercantilizando-a para obter o fim desejado, o qual é o desenvolvimento, progresso e acúmulo de capital sem precedentes.

Para Feenberg (2010) um mundo é compreendido mecanicamente, não o é teleologicamente. Está ali para ser controlado e usado sem qualquer propósito interno. Nesse entrave entre técnica, tecnologia e de suas mudanças no decorrer da história é que se forma outra nova tríade a ser pensada, adicionado a questão do trabalho, pois é no trabalho que empregamos boa parte das técnicas, tecnologias que vem se modernizando a cada dia mais, refletindo em consequências positivas (não estamos aqui para desconsiderar isso), mas principalmente em impactos negativos, de riscos para o futuro da humanidade, do planeta.

O Ocidente fez avanços técnicos profundos com base nesse conceito de realidade, tudo é permitido, não importa os meios técnicos que eu utilizo desde que eu atinja meus objetivos e metas (FEENBERG, 2010), eu acabo por desconsiderar todos os imbricamentos neste processo. Não há limites em nossa exploração da natureza.

Elaborados com maestria, as tecnologias estão mais eficientes e poderosas. Diante ao exposto, debater sobre o papel da agricultura familiar agroecológica sua relação com a tríade: técnica, tecnologia e trabalho numa perspectiva de Bem Viver, surge como uma alternativa ao que vem sido imposto pelo modelo dominante de vida e trabalho até os dias atuais.

Assim, é preciso considerar que de acordo com Bernstein (2015) devido ao processo de globalização, mais precisamente em meados da década de 1970, a partir de uma nova fase do capitalismo global, surgiram novos modos de acumulação, transformaram concepções herdadas da questão agrária, centradas no desenvolvimento do capitalismo no meio rural

contribuindo ainda mais para a industrialização. Nesta conjuntura da agricultura integrada ao capital, alguns fatos ficaram evidentes como: o ritmo da mudança tecnológica no último (especialmente a de produtos químicos) e suas indústrias, trazendo impactos para a agricultura e consumo de alimentos no Norte e Sul, bem como, a forma como os mesmos são moldados pela divisão internacional do trabalho e do comércio de produção agrícola.

Como descrevem Ribeiro, Jaime e Ventura (2017), a alimentação é uma atividade que envolve muito mais que o ato de comer e a disponibilidade de alimentos. Há uma cadeia de produção, que se inicia no campo, ou antes, na preparação de sementes, mudas e insumos, passando por ciclos, do plantio à colheita, em que elementos da natureza têm um papel crucial. Não apenas elementos da natureza tem composto tal cenário, mas também questões tecnológicas, financeiras e sociais. Entretanto, o processo realizado para a produção de alimentos no campo, reflete não somente aspectos de eficiência, mas especialmente de reprodução da vida (RIBEIRO, 2019). Desta forma não há como negar a importante discussão acerca dos modelos de produção e processos pelo qual nossos alimentos são produzidos, e seus impactos ao Bem Viver. Logo, a agricultura é central e de grande relevância, em especial a agricultura familiar.

Além disso, Cassol e Schneider (2015) nos mostram o quanto no âmbito dos estudos rurais, as discussões em torno da alimentação e do Bem Viver ganham novos contornos principalmente a partir da consolidação do processo de globalização da produção e distribuição dos alimentos, que passou a se concentrar cada vez mais nas mãos das empresas transnacionais. Mais recentemente, outros elementos também passaram a impulsionar a problemática sociológica dos alimentos, tais como: (1) as questões de saúde pública (desnutrição e obesidade), (2) os problemas ambientais decorrentes da produção de alimentos (poluição e contaminação com agroquímicos) e (3) a opulência do consumo e o consequente desperdício de alimentos. A agricultura convencional e familiar tem sido o foco de diversas pesquisas no espaço acadêmico nas últimas décadas. Algumas das razões para debruçar-se sobre ela são os potenciais de ensinar e refletir, através de suas práticas, a forma como o trabalho é desempenhado, as técnicas apropriadas e as consequências para o planeta.



Com a chegada da Revolução Verde, pode-se dizer que seu principal mote foi à difusão de tecnologias agrícolas que permitiram um aumento considerável na produção, ocorrido entre os anos de 1960 e 1970 (OCTAVIANO, 2010). Entretanto, apesar de estar atrelada à perspectiva de ampliação de eficiência e das promessas de acabar com a fome e desnutrição, a Revolução Verde também é reconhecida por aumentar a concentração fundiária e a dependência de sementes, alterando a cultura dos pequenos proprietários que encontraram dificuldades para se inserir nos novos moldes. A concentração da posse da terra e o decorrente êxodo rural causaram um inchaço das cidades, levando a uma favelização nunca vista. Houve uma transferência do lucro decorrente da atividade agrícola para a agroindústria, deixando o produtor rural com uma estreita margem, levando ao seu endividamento, avalia Ferraz (apud OCTAVIANO, 2010).

Corroborando, Vieira Júnior (apud OCTAVIANO, 2010), decorre que a Revolução Verde ao mesmo tempo em que proporcionou ganhos consideráveis, estes estiveram associados à degradação ambiental, cujos lucros decorrentes dos ganhos com produtividade da terra, trabalho e capital não foram apropriados pelos agricultores. Como perspectiva de tensionamento, Ferraz (apud OCTAVIANO, 2010) defende a criação de um novo modelo que contemple os diálogos da agricultura com a ecologia e a sustentabilidade de forma sistêmica. Para tanto, evidencia que a valorização e incentivo para a agricultura familiar, que de fato produz os alimentos que consumimos no dia a dia, dentro dos conceitos agroecológicos, é uma proposta que pode mudar o rumo de nossa agricultura numa direção realmente para além do sustentável.

Tal perspectiva dialoga ainda com os limites evidenciados por Morin (2013), ao apontar que uma crise agrícola que atinge camponeses desenraizados e os habitantes urbanos, advém dos efeitos da mundialização de tripla face (globalização, desenvolvimento e ocidentalização), da expansão descontrolada do sistema econômico capitalista focado no crescimento ilimitado, com a extensão da agricultura especializada abarcando muitas consequências. Os processos de inovação tecnológica, e de desenvolvimento estão em aceleração, e tais avanços afetam nossa própria constituição física e o meio ambiente natural que vivemos. A preocupação com os danos ao meio ambiente está sendo foco de atenção em

todo o mundo, a lógica do desenvolvimento científico e tecnológico sem amarras deverão ser confrontados para evitar danos sérios e irreversíveis (GIDDENS, 1991).

Assim, o desenvolvimento tem sido o objetivo central no almejado projeto de modernização, sendo perseguido pelas nações ao redor do mundo e pela sociedade global. (JACOBI; GIATTI, 2015). No contexto da racionalidade hegemônica verifica-se o desenvolvimento econômico amparado nos discursos emergentes do modelo neoliberal, ações com vistas às intensificações das explorações da natureza visando o lucro, produção em escala, alto consumo, como condição necessária para a promoção do conceito (ocidental) de bem estar, cada vez mais baseado no uso excessivo de recursos finitos da terra, para gerar cada vez mais capital infinito (LACERDA; FEITOSA, 2015).

As assimetrias decorrentes podem ser explicadas a partir de cinco fissuras apontadas por Dávalos (2008): (1) separação homem em relação à natureza, herança do modelo racional cartesiano; (2) A ruptura com a ética, na medida em que a ideia de desenvolvimento e crescimento econômico, naturalmente é incompatível com a ética; (3) A ruptura com a história e a cultura dos povos, pela aceitação e difusão do capitalismo pela homogeneidade; (4) A ruptura que a própria economia provoca, na medida em que ela importa mais em seu crescimento gerando exclusão e desigualdade; (5) E por último, a ruptura causada pela colonização epistêmica, que não permite que os povos vislumbre de novos mundos, caminhos, novos sistemas. As fissuras dialogam com o pensamento de Morin (2013), de que se deve vislumbrar a substituição da ideia fixa de crescimento por um complexo capaz de englobar diversos crescimentos, diversos decrescimentos e diversas estabilizações.

Segundo Seifert e Vizeu (2015), o crescimento sem limites deve ser visto de forma cautelosa, uma vez que eles contribuem para o nível de degradação ambiental. Perspectivas de resistência ao crescimento contínuo e linear, apontadas por Latouche (2009) alerta que crescimento infinito admitido como possível em um mundo finito, não faz uso da sensatez.

O processo de modernização da agricultura buscando expansão, crescimento, mais precisamente marcado pela Revolução verde trouxe profundos impactos ao planeta e terminou por consolidar uma sociedade de risco (ANDRADES; GANIMI, 2007).

Considerando o sistema técnico estabelecido por meio da denominada Revolução Verde, Andrades e Ganini, (2007), evidenciam que tal modelo se baseou no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos, presentes não só na agricultura, mas especialmente na vida de produtores de todo mundo, reflexos negativos tanto para campo quanto para a cidade.

Do mesmo modo, o desenvolvimento das forças produtivas, de acordo com Wanderley (2003), criaram novos patamares para a agricultura e o meio rural, definido pela modernização das suas atividades e pelas interações socioeconômicas globais. Contudo mesmo com a modernidade agrícola, ela não implantou uma forma social de produção única e homogênea, representada pelo modelo empresarial e do tipo industrial.

Porém, se hoje, estamos discutindo o significado da agricultura familiar neste novo contexto da integração da agricultura e do meio rural, é porque esta outra forma social de produção ocupa um lugar importante no cenário atual da economia e da sociedade brasileiras (WANDERLEY,2003).

É especialmente neste contexto, que temáticas como o Buen Vivir (Bem Viver), encontram-se possibilidade de delinear outros aspectos da relação sociedade natureza, mediadas por outros sistemas técnicos no processo de trabalho, outros saberes são valiosos na mesma medida que os saberes científicos. A questão é respeitar outras formas de fazer e ser, distintas do Ocidente.

Neste bojo, a questão do Bem Viver, um conceito em construção proposto inicialmente pelos povos andinos, estaria apontando para outras concepções de vida em sociedade, de existência. É diante de tais tensionamentos que a agricultura familiar tem se estabelecido como um espaço singular e contraditório de pesquisa, especialmente pelos movimentos de continuidades e rupturas que mantém desde o campesinato. Da mesma maneira a agroecologia tem firmado compromissos com o ecossistema considerando outros artefatos e sistemas técnicos e sociais.

De fato, o Bem Viver traz complexidades e profundas reflexões, assim como a agricultura familiar agroecológica que produz de forma a considerar uma relação harmônica entre sociedade e natureza.

Atualmente a saúde humana é profundamente marcada pela forma como se vive e pelos impactos decorrentes do processo de globalização e de reestruturação produtiva, mediado pelas mudanças urbanas, transformações no processo de trabalho e a difusão ampliada dos riscos industriais- ambientais. O modo de vida desenhado por este modelo redefine os padrões de saúde-doença das populações. A incorporação de milhares de novas substâncias químicas, o aumento das plantas industriais, dos volumes produzidos e transportados e da aplicação de diversas formas de energia trouxeram, indubitavelmente, a ampliação da grandeza e do alcance dos impactos socioambientais das atividades humanas nas sociedades contemporâneas.

Assim, os padrões de produção e consumo passaram a definir, cada vez mais profundamente, tanto o estado das águas, do ar, dos solos, da fauna e flora, quanto às próprias condições da existência humana: seus espaços de moradia e de trabalho, seus fluxos migratórios, as situações de saúde e de morte (FRANCO; DRUCK, 1997). É ante este cenário e condições, que busca analisar as implicações da tríade: técnica, tecnologia e trabalho no contexto da agricultura familiar a partir de diálogos com as dimensões do Bem Viver.

### **1.1 Formulação do problema de pesquisa**

Considerando os pressupostos teóricos e os elementos de contextualização apresentados, esta pesquisa tem como principal inquietação a seguinte questão orientadora: **Quais as relações entre Agricultura familiar agroecológica e as concepções de Bem Viver a partir das dimensões: tecnologia, trabalho e natureza nesse contexto?**

### **1.2 Objetivos da pesquisa**

Com base no problema de pesquisa, o presente projeto traz os seguintes objetivos:

#### **1.2.1 Objetivo Geral**

Analisar e compreender as intersecções entre técnica, tecnologia e trabalho, a partir das vivências dos agricultores familiares agroecológicos da região metropolitana de Curitiba e suas relações com as concepções do Bem Viver.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Compreender os aspectos conceituais do Bem Viver e da Agricultura familiar agroecológica;
- b) Caracterizar as práticas de trabalho e usos da tecnologia na vivência dos agricultores em relação às suas propriedades (processo de trabalho, uso das técnicas e tecnologias);
- c) Identificar as intersecções entre as percepções e vivências dos agricultores e os aspectos conceituais do Bem Viver.

### 1.3 Justificativas da pesquisa

No final do século XX e início do século XXI, a agricultura assumiu importante papel na cadeia produtiva, amparada num conjunto de operações interdependentes, gerando produto final de valor significativo a ser comercializado (DAL SOGLIO; KUBA, 2016). Estas cadeias produtivas que interligam a produção agrícola, a transformação agroindustrial e a distribuição dos produtos finais, por sua vez reforçaram a perspectiva de aproximação da indústria e agricultura e dos sistemas agroindustriais, originando o termo agronegócio<sup>1</sup>.

Entretanto, para os autores, é importante não reduzir a agricultura a apenas uma máquina propulsora do crescimento e desenvolvimento econômico, estruturados na modernização, globalização. Ela abrange a alimentação, o ambiente nesta relação da humanidade com a natureza nas múltiplas formas que esta busca extrair seus alimentos e outros produtos, bem como, formas de reprodução social. Para além da questão econômica e crescimento, estando ligada à cultura local, religiosidade, hábitos alimentares costumes e vínculos comunitários. A agricultura é diversificada quanto às técnicas de que se apropria, e quanto aos sistemas de organização social e de produção. Essa heterogeneidade aponta que ainda é possível observar que mesmo diante da modernização da agricultura, o número de agricultores que reproduzem modos tradicionais de agricultura é bastante significativo.

---

<sup>1</sup> Dal Soglio e Kuba (2016) descrevem que um dos objetivos do agronegócio é: “assegurar ganhos econômicos através das trocas de mercadorias ao longo das cadeias de produção e mediante o acesso a mercados globais”. Sua perspectiva é eminentemente econômica, moldada por uma concepção ultrapassada de ‘crescimento econômico’.

De fato, os autores acima nos mostram o quanto à agricultura corresponde a um papel de extrema importância para o Bem Viver em amplos aspectos e reflexos. Assim, ao observar a relevante participação da agricultura familiar neste processo, pelo qual é também responsável pela produção de grande parte dos alimentos que chegam à nossa mesa, alinhadas com a questão do Bem Viver, como uma filosofia em construção, busca estabelecer este cuidado e respeito com a terra, através da intervenção do ser humano com a natureza. Atualmente a agricultura familiar é responsável por 70% da produção de alimentos (FAO, 2017).

Tal perspectiva relaciona-se à temática proposta, tendo em vista maior possibilidade de permeabilidade, valorizando o modo de fazer, de pensar de cada civilização, povos e culturas e resgatando saberes ancestrais, como nos aponta os povos indígenas do continente latino-americano, que procuram construir suas lutas baseando-se em conhecimentos que sempre estiveram fora do cientificismo próprio da teoria eurocêntrica (ALCANTARA, 2017).

Neste sentido o Bem Viver emerge como uma alternativa decolonial ao modelo atual de produção da agricultura contemporânea, refutando aspectos voltados no desenvolvimento eurocêntrico e acúmulo de capital meramente:

O tema do Bem Viver expõe críticas à teoria clássica do modelo de desenvolvimento ocidental e apresenta alternativas ao desenvolvimento embasadas nas tradições indígenas, repousando seu pensamento na lógica de (com) vivência dos grupos sociais. Ao mesmo tempo, remete à teoria de decrescimento de Serge Latouche, à noção de convivência humana de Iván Illich, à ecologia profunda de Arnoldo Naes e as propostas de descolonização de Anibal Quijano, Boaventura Sousa Santos e Edgardo Lander (ALCANTARA, 2017, p. 03).

Nutrido pelo “espírito” do avanço da tecnologia, o advento da globalização, a agricultura se modernizou e adentrou as portas de um modelo de produção baseado em uma racionalidade hegemônica voltada para o mercado, para o crescimento ilimitado. Prometeu garantir segurança alimentar e acesso à população, porém é notório o quão contraditório o agronegócio tem sido, na medida em que seu objetivo não é alimentar a população humana com alimentos seguros, ricos em nutrientes, suprir as demandas alimentares dos povos, tampouco valorizar os aspectos culturais, conhecimentos ancestrais e tradicionais, mas

assegurar ganhos econômicos, este é o seu maior intento, moldada numa concepção ultrapassada de “crescimento econômico” (DAL SOGLIO; KUBA, 2016).

Entretanto de acordo com Silvia e Guedes (2017), Alcantara (2017), Gudynas (2011) o desenvolvimento e o progresso pautados na ótica do capitalismo global rumam para um governo mundial fundamentado no mercado em que se subordinam os Estados e Sociedades, fortalecendo ainda mais o capital como única via para a satisfação humana individualmente e em sociedade. As consequências do desenvolvimento geraram um legado de destruição ambiental, degradação humana, violência social, colonização das consciências.

Logo, não se poderiam estabelecer limites ao desenvolvimento, pois é condicionada pelo estágio da tecnologia, a forma como a sociedade se organiza e estabelecem relações de trabalho, a intervenção da humanidade sob o ambiente, e a capacidade da biosfera em absorver os impactos das atividades produzidas. Por isso faz se necessário abandonar o conceito clássico de desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico perene e progresso linear. Sendo assim:

A promessa de desenvolvimento, modernidade, progresso, fazem crer que se pode alcançar um “melhor nível de vida” e que os recursos naturais são condição chave para se lograr este intento. “Esta visão reducionista, antropocêntrica e individualista, reduziu a crise estrutural a uma crise econômica” (ALCANTARA, 2017, p. 06).

Neste cenário, observamos o quanto a busca pelo desenvolvimento sem limites, ou um desenvolvimento baseado nos ideários ocidentais que muitas vezes não reflete a realidade de outros países, principalmente no que tange as singularidades da América Latina, originou uma série de problemas já mencionados para a sociedade contemporânea.

Ainda, como justificativa teórica apontam-se também contribuições da literatura que nos permite reunir ideias, diálogos, pontos de partida para exercer a prática das possíveis mudanças que possam vir beneficiar estudos futuros. Contudo, diante do exposto, no contexto das contribuições práticas, esta pesquisa tem por interesse contribuir na reflexão sobre os limites da percepção da questão da modernização da agricultura e suas decorrências nas esferas da técnica, tecnologias e trabalho nas vivências dos agricultores familiares agroecológicos e seus tensionamentos e intersecções com os conceitos do Bem Viver.

Busca apropriar-se de apontamentos, análises, resultados que venham suportar os pilares para a construção de outros caminhos possíveis e o tensionamento dos existentes, a partir de uma proposta antagônica à racionalidade instrumental hegemônica atual. Ainda como contribuição da pesquisa, cabe ao presente estudo auxiliar na desconstrução acerca da participação periférica dos conhecimentos ancestrais da agricultura familiar, das tradições e valores herdados no campo no decorrer da história entre o tempo e o espaço.

Da importância da terra não apenas como ferramenta de trabalho e fonte de renda, mas como pertencimento de uma família, de uma relação que vai além da produção de alimentos, mas de uma vida que perpassa na relação entre indivíduo e comunidade, entre indivíduo e família, atribuindo valores não mensuráveis, tradições que são mantidas, cultura de um povo.

Ainda, visa expor aspectos de reflexão e análise sobre as formas pela qual técnica e trabalho se relacionam com o Bem Viver no campo da agricultura familiar agroecológica, que implica em considerar os confrontos com um sistema técnico hegemônico alinhado com modelos estabelecidos na lógica e racionalidade prevista para o agronegócio. Sendo assim, busca contribuir para a construção de significados pelo qual a tecnologia e as técnicas podem alcançar no contexto rural, no trabalho cotidiano, que visem ajudar a exercer uma agricultura sustentável, ecológica. Pois se a técnica e a tecnologia podem ser discutidas e reprojatadas, que sejam para melhorar a vida do agricultor familiar, a qualidade e segurança na produção dos alimentos e cooperação para a preservação do meio ambiente.

É certo que para o emprego de tais técnicas e tecnologias que visem melhorar as condições de trabalhos dos sujeitos da pesquisa, precisam estar alinhadas questões de ordem pessoal, no sentido do que o campo representa aos sujeitos e o que se pretende atingir através do seu trabalho no processo de produção dos alimentos, na questão social, econômica, ambiental. Contudo, visa também demonstrar o quão sustentável pode ser a produção de agroecológicos, além de contribuir para o bem-estar social, para uma vida de melhor qualidade, com alimentos mais nutritivos, com uma natureza mais preservada e respeitada através desta forma de cultivo.

Isto permite aproximar de algumas dimensões que do Bem Viver, como um olhar para outras formas de fazer, viver, sentir e ser, que considere o respeito à dignidade humana,



direitos humanos, e o respeito a terra, aos Direitos da Natureza. Diante ao exposto, este estudo visa contribuir ainda mais com a propagação e reflexões acerca do Bem Viver, percebendo suas possibilidades não somente no campo, mais também no contexto urbano.

O Bem Viver vem como uma proposta de um olhar para um novo caminho, mudança de direção, não sendo ele absoluto neste processo, mas uma estratégia teórica e prática. Trata-se de uma perspectiva de mundo que tem muito a contribuir para uma agricultura justa, igualitária, segura, tecnológica no sentido de usar a técnica respeitando os recursos naturais finitos, respeitando o planeta.

#### **1.4 Estrutura da dissertação**

Considerando a temática, problemática de pesquisa e objetivos orientadores, a presente pesquisa adota em termos estruturais, a seguinte estruturação:

- Introdução: Evidencia concepções preliminares acerca do tema proposto estabelecendo alguns pontos importantes da motivação do estudo.
- Quadro teórico de referência, abordando os principais marcos teóricos estruturantes das lentes de análise consequência e que orientará os percursos desta pesquisa, respaldando seus resultados.
- Percorso metodológico da pesquisa.
- Achados da pesquisa, com as análises e resultados encontrados no campo de pesquisa, a partir de quatro categorias emergentes do campo, realizando uma conexão com a teoria.

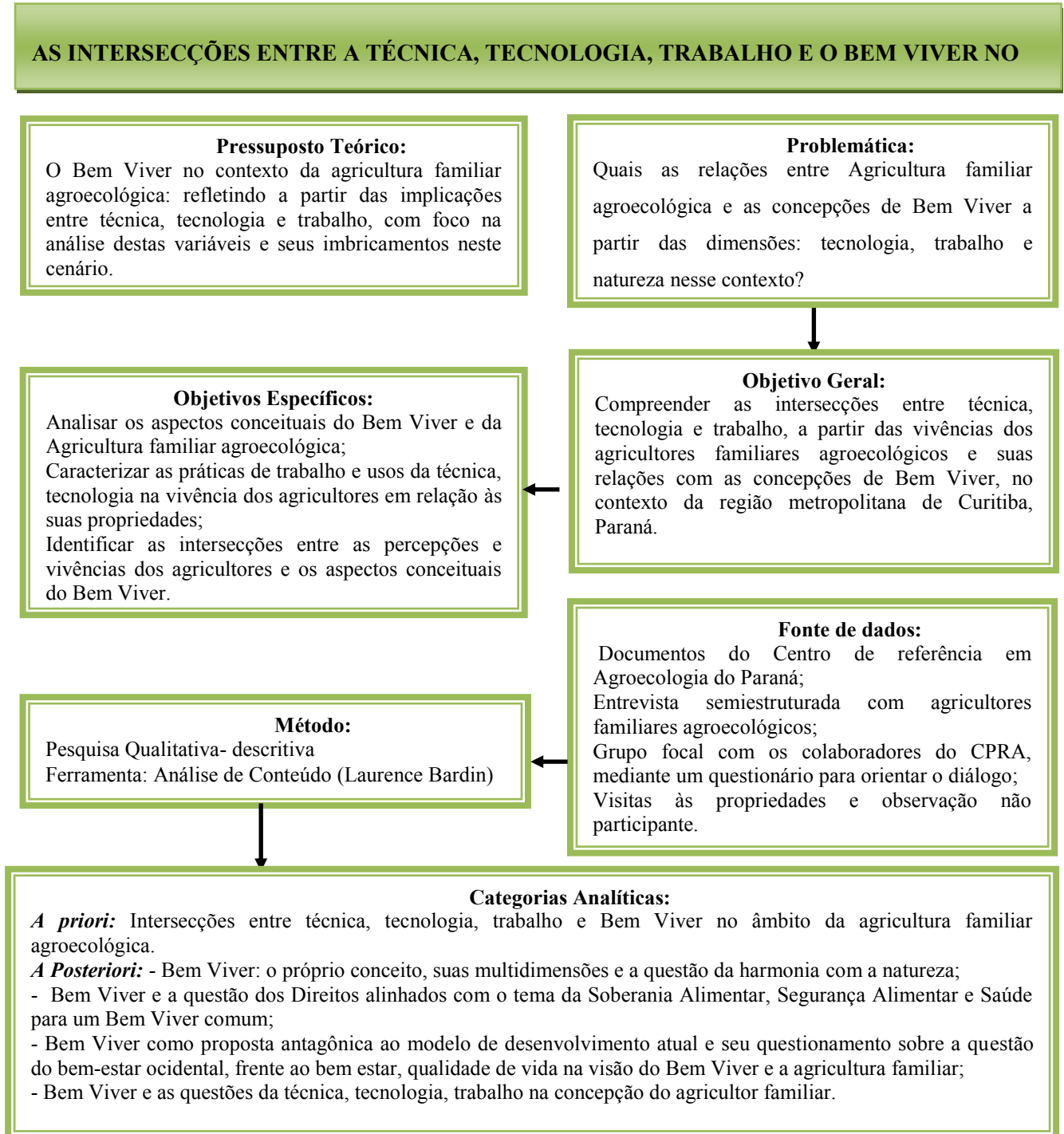
A pesquisa está estruturada em cinco capítulos, sendo que o primeiro capítulo aborda a introdução do tema a ser estudada, a apresentação do problema de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos bem como as justificativas teóricas e práticas para a importância de sua realização.

No segundo capítulo apresenta-se o referencial teórico, com os temas basilares da pesquisa, destacando as principais fontes de ancoragem teórica adotadas com especial reflexão sobre o conceito em construção o *Buen Vivir*, Bem Viver, de Adalberto Acosta que aponta a

possibilidade de imaginar novos mundos, e por uma caracterização histórica e conceitual sobre a agricultura familiar que tem passado por diversas mudanças ao longo da história em um campo de lutas, resistências e permanências, gerando outros movimentos como resistência ao modelo de agricultura convencional atual que tem causado degradação ambiental e se não houver mudança de direção à destruição de toda forma de vida. No terceiro capítulo por sua vez, são contemplados elementos da delimitação metodológica do estudo, o desenho da pesquisa, explicitando as perguntas norteadoras, a descrição do delineamento e etapas da pesquisa, assim como a exposição dos procedimentos adotados em relação à população e amostra utilizadas, aos instrumentos de coleta de dados e as possibilidades de análise. Também são apresentadas as facilidades e dificuldades enfrentadas na coleta, tratamento e análise dos dados e os aspectos éticos envolvidos no estudo.

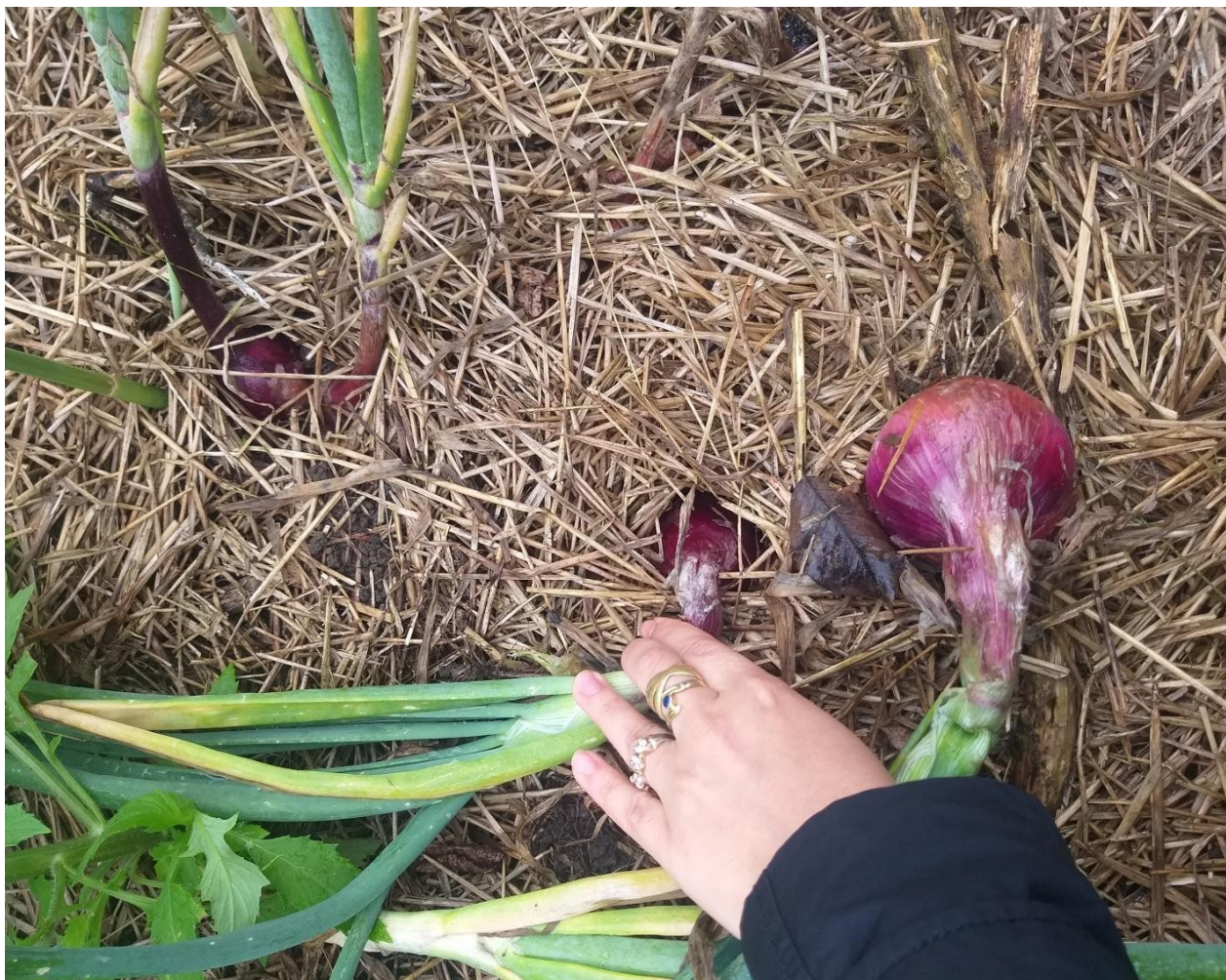
No quarto capítulo são apresentados as análises e resultados desta pesquisa, estabelecidas a partir de quatro categorias de análise. Complementa o capítulo, uma seção dedicada ao CPRA e seus colaboradores com um quadro síntese de análise e resultados. É interessante destacar que as organizações na promoção e suporte a agricultura familiar e suas relações com o Bem Viver, pois exercem um papel muito importante no contexto da extensão rural. Por fim são apresentadas as considerações finais do estudo. Em termos de síntese, o quadro a seguir apresenta a estruturação do estudo:

Quadro 1 - Síntese da estrutura do presente estudo.



Fonte: Elaboração própria (2019).

**PARTE II: ADETRANDO PELOS CAMPOS TEÓRICOS BASILARES DA  
PESQUISA**



**Fonte:** Autoria própria (2019).

## **2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: ESTABELECENDO AS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE**

O referencial teórico dispõe inicialmente dos conceitos acerca do Bem Viver, ou seja, desta perspectiva em construção, pelo qual tem como um dos principais referenciais, o equatoriano Alberto Acosta. Em suas obras, são encontradas as principais ancoragens teóricas desta pesquisa: o *Buen Vivir*, “Bem Viver”, uma nova “mirada” para repensar a relação sociedade-natureza, prezando pelo bem estar da humanidade, respeito e dignidade para todos. Onde os Direitos Humanos, Direitos da Natureza, Direitos Ambientais, sejam contemplados e vividos pelo ser humano em completa harmonia com a natureza.

Em seguida, o estudo busca caracterizar a agricultura familiar sob um breve panorama no contexto brasileiro, em particular. Assim, são explorados conceitos e imbricações que a envolvem, concebendo-a num cenário de constantes transformações econômicas, políticas, sociais e ambientais, onde a modernização da técnica, os denominados avanços da tecnologia, mudanças nas formas de trabalho dão suporte à análise e impactos dos reflexos destas questões na sociedade contemporânea no campo da agricultura.

De maneira subsidiária, apresenta-se o conceito de agroecologia, suas características e movimentos no bojo da categoria da agricultura familiar, seu modo de produção e manejo da terra no que tange o uso da tecnologia em sua forma de trabalho no campo.

### **2.1 Caminhando pelas terras do Bem Viver**

O Bem Viver surge como um discurso que ganha notoriedade a partir de 1990, pautado em três importantes atores: os movimentos sociais latino-americanos da época (em especial o movimento indígena contra o neoliberalismo, do final do século XX); contradições destes movimentos com as ideologias de outros movimentos globais (destaque para antiglobalização e movimentos ambientais); e o desencantamento com a ideia de desenvolvimento (ALCÂNTARA, 2017).

Estas e tantas outras características permitem aproximar-se do *Buen Vivir*, ou traduzindo para a língua portuguesa, “Bem Viver”.

Embora seja um conceito em construção, o termo encontra alicerces e estruturas já estabelecidas ao longo dos anos. Alberto Acosta, como presidente da Assembleia Constituinte equatoriana foi um dos mais ativos promotores da ideia. Para ele o *Buen Vivir* é uma “oportunidade” e uma alternativa a “construir”. Ele defende que o Bem Viver não pode ser reduzido ao “bem-estar ocidental”. Deve apoiar-se na *cosmovisão*<sup>2</sup> dos povos indígenas, onde a luta por melhores condições sociais é “uma categoria em permanente construção e reprodução” (GUDYNAS, 2011, p.01).

Na percepção de Gudynas (2011) acerca da visão de Acosta, há outros valores em jogo: o conhecimento, o reconhecimento social e cultural, os códigos de condutas éticas e inclusive espirituais na relação com a sociedade e a Natureza, os valores humanos, a visão do futuro, entre outros. Corroborando, o intelectual Aymara David Choquehuanca, ministro de relações exteriores da Bolívia, afirma que o Bem Viver significa:

Recuperar a vivência de nossos povos, recuperar a Cultura da Vida e recuperar nossa vida em completa harmonia e respeito mútuo com a mãe natureza, com a Pachamama, onde tudo é vida, onde todos somos *uywas*, criados da natureza e do cosmos (GUDYNAS, 2011, p.01).

Ele acredita que pertencemos à natureza e não há como nos separar dela. A natureza é como parte de nossa família, onde a terra é nossa mãe, as plantas como as montanhas são nossos irmãos. Tanto para Acosta como para Choquehuanca, o Bem Viver implica um questionamento substancial às ideias contemporâneas de desenvolvimento, ainda mais se tratando ao seu apego incansável ao crescimento econômico e sua incapacidade de resolver os problemas da pobreza, sem esquecer que suas práticas acarretam severos impactos sociais e ambientais (GUDYNAS, 2011).

---

<sup>2</sup> De acordo com Acosta (2016) é óbvio que uma cosmovisão dessemelhante à ocidental, que surge de raízes comunitárias e não capitalistas existentes não apenas no mundo andino e amazônico, provoca conflitos e rupturas. Rompe igualmente com as lógicas antropocêntricas do capitalismo e dos diversos socialismos que existiram até agora. O Bem Viver, como anotamos, nos ordena a dissolver os tradicionais conceitos de progresso, em sua derivação produtivista, e de desenvolvimento, enquanto direção única, sobretudo com sua visão mecanicista do crescimento econômico.

Logo, não se trata de algo novo, nem tão pouco de um “sistema político” que irá salvar o mundo de seus problemas de forma imediata, mas se apresenta como um novo caminho pelo qual começou a ser trilhado a partir do século XXI pelos países andinos (ACOSTA, 2016).

O termo em *Kíchwa* (*sumakkawsay*), língua na qual foi à origem deste conceito em sua versão equatoriano, segundo o dicionário *Kíchwa-Español*, publicado pela casa de Cultura do *Ecuador* em 2007, o termo *sumak* tem a tradução como *hermoso, bello, bonito, precioso, primoso, excelente; kawasay*, como vida. Nesse sentido, o que se apresenta aqui então é que *buen* e *sumak* são adjetivos, assim como “bom”, seu melhor sinônimo em português, sendo que *Vivir* e *Sumak*, por sua vez, são sujeitos. Acosta (2015), contudo, em referência ao termo utilizado, buscando a melhor forma de traduzir foi considerar o “bem” como advérbio e “viver”, como verbo dando origem ao conceito em português de “Bem Viver”. Porém este termo escolhido por questões políticas e não linguísticas, não traduz *ipsis litteris* ao que de fato o autor do tema propõe como significado do conceito indígena pelo qual foi inspirado.

Bem Viver para ser uma realização histórica efetiva não pode ser apenas um conjunto de práticas sociais, mas um complexo de práticas sociais orientadas para a produção e reprodução democrática. Bem Viver busca romper com o modelo de vida atual, enraizada em uma crise desde sua constituição, fundamentada na relação de colonialidade do poder estabelecido a partir de uma modernidade eurocentrada. Este padrão de poder, de vida em sociedade ainda é hegemônico, portanto o Buen Viver (Bem Viver) se apresenta como outra possibilidade de existência social (QUIJANO, 2014).

Logo, necessitamos de outras formas de organização social e novas práticas políticas comprometidas com a vida humana, a preservação do planeta Terra, e isto não será possível apenas com discursos alarmantes, incoerentes com a prática. A criação de uma nova rota, um novo caminho, só existirá se for desbravado com democracia, com pés fincados nos Direitos Humanos, nos Direitos da Natureza (ACOSTA 2016).

Compreender as dimensões do Bem Viver, implica também refletir sobre os desdobramentos de um importante movimento que se instaurou nas últimas décadas na América Latina, provocando mudanças que se apresentaram como caminhos para uma transformação de aspecto civilizatório. As mobilizações populares, especialmente originadas a

partir dos mundos indígenas equatorianos e bolivianos, foram onde se estruturou o conceito do que conhecemos como *Buen Vivir*, no Equador, ou, *Vivir Bien* na Bolívia. Através destes países Andinos e amazônicos, aponta Acosta (2016), é que esta proposta ganha força política e se molda em suas constituições.

Para o autor, o Bem Viver nos revela os erros e as limitações das diversas teorias chamadas de desenvolvimento, crítica inclusive a própria ideia de desenvolvimento que acabou por direcionar e reger a vida de grande parte da Humanidade (ACOSTA 2016). É importante também atentar sobre o aspecto político articulado às concepções e movimentos orientados pelo Bem Viver. Eco (2011) nos mostra que nos meados do século XX, o desenvolvimento foi alçado à condição principal em termos de intencionalidades. Em oposição ao estabelecido no âmbito da racionalidade hegemônica, o Bem Viver assume outra perspectiva:

O Bem-Viver engloba um conjunto de ideias que está sendo forjado como reação e alternativa aos conceitos convencionais de desenvolvimento. “Esse termo está adquirindo vários sentidos que exploram novas perspectivas criativas tanto no plano das ideias como nas práticas” (GUDYNAS, 2011, p. 01).

Apesar da busca por este desenvolvimento ter gerado a exploração e condições de dominação e subordinação, muitos povos conseguiram sobreviver e encontrar uma alternativa na construção de um novo caminho, de alternativas ao modelo dominante. Países como Equador e Bolívia buscaram por novos paradigmas socioeconômicos, na esperança de se fazer algo novo, de um projeto que alcance não apenas o indivíduo, mas a sociedade, e o denominado Bem Viver, ganhou visibilidade por tamanha importância, além de incorporar-se às novas constituições políticas (ALCANTARA; SAMPAIO, 2017).

Os discursos baseados ao desenvolvimento humano e ao bem estar da sociedade, destacaram-se após constar nas Constituições de países latino-americanos, como Equador e Bolívia, a diversidade das culturas. Juntamente com a contribuição da Organização das Nações Unidas (ONU), especificamente da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO). Em documentos publicados, apontam temas a respeito da urgência:



[...] de respeitar e promover os direitos intrínsecos dos povos indígenas, que derivam de suas necessidades políticas, econômicas e sociais e de suas culturas, de suas tradições espirituais, de sua história e de sua concepção de vida, especialmente dos direitos a suas terras, territórios e recursos [...] (ONU, 2007, p.01).

Contudo, o termo desenvolvimento ocidental, especialmente no debate latino americano sempre foi questionado pelo seu nascedouro eurocentrado, e no decorrer dos anos, se instalou como um projeto de desconcentração e redistribuição relativa de controle do capital industrial, numa nova geografia que se consagrou no capitalismo global colonial moderno, mais precisamente no final da segunda guerra mundial (QUIJANO, 2014).

Deu origem a questões complexas e contraditórias com repercussão mundial, assim nossas categorias foram surgindo: desenvolvimento, subdesenvolvimento, modernização, marginalidade, participação de um lado, e imperialismo, dependência, marginalização, revolução do lado oposto), implantados com movimentos conflituosos e violentos da sociedade. Na América Latina, segundo Quijano (2014), o principal resultado foi a remoção do “Estado Oligárquico” e algumas de suas instâncias de existência social, da população desses países. Mesmo diante de tantos debates intensos, foram capazes de erradicar com a exploração e dominação inerente ao padrão eurocêntrico, não conseguimos nos libertar da hegemonia do eurocentrismo. Essas mudanças não levaram ao desenvolvimento, caso contrário não estaríamos aqui ainda debatendo sobre este fantasma do passado que persiste aparecer em nosso presente e futuro.

Contudo não se pode deixar de considerar que um dos elementos fundadores da Colonialidade/Modernidade/Eurocentricidade é o novo radical dualismo cartesiano que separa “razão” e “natureza”. Conforme Quijano (2014), uma das ideias / imagens mais características do eurocentrismo, em qualquer um de seus aspectos: a “exploração da natureza”, como algo que não requer justificação e é totalmente expressa na ética produtivista engendrada junto da “revolução Industrial”. Não é nada difícil perceber a presença inerente da ideia de "raça" como parte da "natureza", como explicação e justificativa da exploração de "raças inferiores".

Para Quijano (2014, p. 855):

Está sob a proteção dessa mistificação metafísica das relações humanas com o resto do universo, que os grupos dominantes de homo sapiens na Colonialidade Global do

Poder, em desde a “Revolução Industrial”, levou a espécie a impor sua hegemonia exploradora em outras espécies animais e um comportamento predatório nos demais elementos existentes neste planeta.

Portanto é necessária a participação de todos para um processo de mudança verdadeiro. O Estado, por exemplo, não é o único elemento estratégico de suporte para a construção e continuidade do Bem Viver. Não há como deixar de repensá-lo em termos plurinacionais e interculturais. A ideia é a abertura para outro tipo de Estado que não estejam amarradas as tradições eurocêntricas (ACOSTA 2016).

O termo plurinacionais utilizando-se da definição trazida por Santos (2015), é usado para referenciar a um Estado plurinacional onde a democracia é democracia participativa, a pluriculturalidade, que conduz à democracia representativa, reconhecendo as várias formas de manifestações de cada povo. O Estado plurinacional prevê a participação de todos os grupos sociais, e se opõe às bases inflexíveis e uniformizadoras e do Estado Nacional tradicional, classificativo e intolerante, que não permite a possibilidade de se reconhecer os grupos sociais que o formam, e de estes reconhecerem o Estado.

A questão intercultural quando usada no texto traz essa nova concepção de nação, pois inaugura uma democracia cultural e intercultural, mantida pela igualdade e distinção dos povos constituintes, todos dotados de legitimidade, com reconhecimento e respeito do outro como requisito para a convivência coletiva, mas, particularmente, diferente. Nominada de Novo Constitucionalismo Latino-Americano, essa característica das Cartas Constitucionais se apresenta como uma tendência para que haja um fortalecimento dos direitos de todos os grupos, constituintes dos países, e, assim, uma maior respeito aos direitos humanos e fundamentais, é um processo que envolve (SANTOS, 2015).

Tratando do termo eurocentrismo que o Acosta menciona nas suas discussões acerca do Bem Viver, se faz necessário recorrer à origem da palavra “Europa”, que de acordo com Dussel (2005) indica mudanças de significado no decorrer da história.

A Europa vinda do Oriente é diferente da Europa “definitiva” (a Europa Moderna). Esta futura Europa moderna era ocupada por “bárbaro” por excelência de modo que usurpou um nome que não lhe pertencia. Devemos nos opor à interpretação hegemônica no que se

refere à interpretação da Europa Moderna, e não como um tema alheio à cultura latino-americana. Sendo assim a dois conceitos de modernidade. O primeiro deles é eurocêntrico, provinciano, regional. A modernidade é uma emancipação, uma “saída” da imaturidade a partir do esforço da razão, como processo crítico que proporciona à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano, este processo ocorreria na Europa no século XVIII (DUSSEL, 2005).

Para Dussel (2005, p. 28):

Ainda que toda cultura seja etnocêntrica, o etnocentrismo europeu moderno é o único que pode pretender identificar-se como a “universalidade-mundialidade”. O “eurocentrismo” da Modernidade é exatamente a confusão entre a universalidade abstrata com a mundialidade concreta hegemônica pela Europa como “centro”.

Desde 1492, a Europa Moderna usa a conquista da América Latina (já que a América do Norte entra em jogo no século XVII) como trampolim para tirar uma “vantagem comparativa” em relação à suas antigas culturas antagônicas (turco-muçulmana etc.). Colocando-se em uma posição de superioridade, fruto da acumulação de riquezas, conhecimentos, experiências, que acumulará desde a conquista da América Latina. Tal situação traz a “Modernidade” como um novo paradigma da vida cotidiana, compreendidas a partir das lentes da história, da religião, da ciência, se firma então no final do século XV e com a conquista do Atlântico. Dando sequência das consequências que a Europa Moderna traz, o século XVII já se apresenta como fruto do século XVI; Holanda, França e Inglaterra representam o desenvolvimento após Portugal e Espanha abrir o horizonte e os caminhos para esta visão. Sendo assim a América Latina acaba por torna-se explorada, dominada, encoberta, representando a outra face deste movimento (DUSSEL, 2005).

Portanto a modernidade realiza por um processo mítico, amparado nos seguintes pressupostos:

- 1- A civilização Moderna autodescreve-se como a mais desenvolvida e superior (o que acaba por fortalecer ainda mais uma posição eurocêntrica de forma inconsciente);
- 2- A superioridade força o mais primitivo, rude, bárbaro a se desenvolver também, passando a ser uma exigência moral;

- 3- O caminho de desenvolvimento deve ser seguido conforme a imposição inconsciente mais uma vez da Europa aos demais, (tornando-se de fato um desenvolvimento unilinear e à europeia, apresentando assim a “falácia desenvolvimentista”);
- 4- Se o bárbaro se opuser a este processo de desenvolvimento colocado como a práxis para atingir a modernidade, deve-se então se possível usar de violência a fim de impedir que estes “obstáculos” impeçam este processo (a guerra justa colonial);
- 5- Esta pressão para atingir a “modernidade” gera vítimas a base de violência que acaba por ser aceita como forma de impedir que os “bárbaros”, “atrasados” recusem a ideia do desenvolvimento, fazendo dos que usam de violência, o herói civilizador, revestem de suas vítimas como um holocausto de um sacrifício salvador (o índio colonizado, o escravo africano, a mulher, a destruição ecológica e por aí em diante);
- 6- Para o moderno, o que se opõe a “modernização” e “desenvolvimento” tem uma “culpa”, culpa essa que faz da “modernidade” algo inocente que ajuda o “culpado” a emancipar-se “desta culpa”;
- 7- Por fim, torna-se inevitável o sacrifício e sofrimentos (os custos) da “modernização” dos povos “atrasados” (imatuross) das outras raças escravizáveis, ou do outro sexo por ser frágil, etc. (DUSSEL, 2005).

Em oposição a tal processo, Acosta (2016) questiona este modelo de desenvolvimento e perspectiva eurocêntrica e de bem estar ocidental pautados indicando que o que se persegue até hoje é um constructo de desenvolvimento, refletindo no sistema político, econômico e social no mundo. O que nos leva refletir sobre a criação de outras possibilidades de relação com o mundo, que encontra resistências frente ao modelo Ocidental propagado. Tudo deve ser repensado, ponderado, principalmente no campo político de onde parte os modelos de comportamento de uma sociedade, por isso o Bem Viver se apresenta como uma nova “política” emancipadora da hegemônica atual.

Para Silvia e Guedes (2017) o *Buen Vivir* ganhou contornos formais e oficiais incorporando-se à Constituição da República do Equador e Constituição do Estado Plurinacional da Bolívia, nos anos de 2008 e 2009 respectivamente. Foi um marco simbólico de grande importância, pois pode ser visto como uma forma de resistência do Sul (que é visto

como subdesenvolvido ou em desenvolvimento, atrasado eu diria) em contrapartida com o cenário do Norte (ocidental e desenvolvido). A chegada da globalização neoliberal<sup>3</sup> contribuiu para esta visão reducionista de desenvolvimento dos países do Sul, que tinham como objetivo um conjunto de ações voltadas para o crescimento econômico de países em desenvolvimento da Ásia e da América do Sul, neste âmbito as economias locais deveriam estar subordinadas a economia global. Contudo os indivíduos e a sociedade tornaram-se reféns das ações de atores privados que voltadas para o desenvolvimento, visavam apenas interesses capitalistas.

Assim, assume-se que o Bem Viver pode se constituir como uma alternativa ao pensamento sobre o desenvolvimento, e muito mais do que isso, como um achado fundamental na atual conjuntura do sistema mundial (TORTOSA, 2011).

## **2.2 A árvore do bem viver – uma tentativa de sistematização conceitual**

“Plante uma árvore, que vem o passarinho, quem sabe faz um ninho para se multiplicar. Plante uma árvore, escute o passarinho que canta alegre e sorrindo quando tem onde morar. Plante uma árvore, esfrie nosso planeta, afaste a fumaça preta, melhore o nosso ar. A poluição mata fauna, mata flora, por isso plante agora para o futuro respirar” (Edmilson Providência).

“As árvores são nosso pulmão, os rios nosso sangue, o ar é nossa respiração, e a Terra, nosso corpo.” (Deepak Chopra).

A árvore é um elemento de extrema importância na natureza, ela simboliza vida, patrimônio ambiental. É este o aspecto simbólico assumido pela presente seção. Além disso, no decorrer da década de 1970, os povos oriundos das matrizes indígenas e camponeses da América Latina detentores de conhecimentos e saberes ancestrais assumiram papéis muito importantes como sujeitos sociais e políticos. Originando assim organizações participativas em diversos níveis salientando demandas sobre problemas ancestrais e temáticas de interesse global levantando projetos e soluções.

---

<sup>3</sup> “A globalização neoliberal corresponde a um novo regime de acumulação de capital, que visa por um lado, de socializar o capital, liberando-o dos vínculos sociais e políticos que no passado garantiam alguma distribuição social, e por outro lado submeter à sociedade à lei do valor, supondo que toda a atividade social é bem mais organizada sob a forma de mercado, resultando um aumento exponencial das desigualdades sociais entre países ricos e pobres, entre ricos e pobres no interior do mesmo país” (SANTOS, 2002, p. 30).

Tais movimentos trouxeram propostas para a construção de outros paradigmas alternativos à civilização ocidental e seu modo de fazer e pensar pautados no desenvolvimento, por fim criando uma nova referência de modelo de desenvolvimento (ARGUETA, 2015). Mediante a isso, este novo modelo visaria resgatar e valorizar suas culturas (patrimônio cultural, cosmovisão, sistema de saberes ancestrais, tradicionais, percepções, mitos e símbolos) bem como seus ambientes vitais (montanhas, rios, selvas, bosques, paisagens, naturezas) e toda sua estrutura familiar, linguagem, forma de comunicação e organização entre outras questões, ser os elementos principais desta nova forma de viver a vida, destas novas abordagens.

Esta década foi marcada pela formulação de diversos documentos elaborados por diferentes organizações indígenas da América Latina que objetivaram cumprir com tais propostas. Na base principal das ideias abordadas por estes documentos, uma das diferenças radicais entre projeto ocidental de desenvolvimento versus o projeto indígena, é a concepção e relação com a natureza. Um trecho importante que consta em tais documentos revela as disparidades:

[...] el hombre es parte integrante e indisoluble del cosmos y su realización plena consiste en ajustarse armónicamente al orden universal de la naturaleza. El hombre es naturaleza, no domina ni pretende dominar, convive”. Para Occidente: “[...] el hombre es la cúspide de la escala universal, más altas cuanto más “desnaturalizada” sea la sociedad. El hombre es el amo, el maestro, quien domina a la naturaleza, igual que domina a otros hombres y otros pueblos (BONFIL BATALLA, 1981, p.4).

Bonfil Batalla um dos teóricos articuladores desses documentos retoma que em algum momento de sua história, o Ocidente perdeu o rumo, e o ser humano decidiu divorciar-se da natureza e passou a apropriar-se dela. É sobre esta quebra de relação entre sociedade natureza, que a civilização indígena apresentou seu projeto construído sobre uma concepção antagônica de trabalho e bens que são extraídos ou produzidos por ele; onde a acumulação indefinida não tem lugar (BONFIL BATALLA *et al.*, 1982 apud ARGUETA, 2015, p.4).

É exatamente nesta construção de novas propostas para o futuro que se faz necessário romper com paradigmas enraizados do eurocentrismo para apresentar novas possibilidades,

oferecendo assim uma perspectiva mais promissora (LEFF, 1996 apud ARGUETA, 2015; MAYBURY-LEWIS, 1992).

Como sintetizou Escobar, “até o final dos anos setenta, o eixo de discussões sobre Ásia, África e América Latina foi o da natureza do desenvolvimento, das teorias do desenvolvimento econômico dos anos cinquenta até a abordagem das necessidades humanas básicas” de acordo com Escobar (2012, p. 57 apud ARGUETA, 2015, p.151) dos anos 70 que enfatizavam não apenas o crescimento econômico como nas décadas anteriores, mas também a distribuição de benefícios, pois a preocupação dos teóricos e políticos era pautada no desenvolvimento que procurava resolver problemas sociais e econômicos nessas regiões. Como enfatiza Escobar (2012, p. 57 apud ARGUETA, 2015, p.152) “o desenvolvimento se havia convertido em uma certeza no imaginário social”.

Nesse cenário, no tacante ao Bem Viver, diante de um cenário catastrófico e de crise civilizatória da sociedade contemporânea e da modernização da tecnologia, o debate sobre o destino da natureza e da humanidade ocupou lugar de destaque. Numa escala de espaço-tempo à natureza e o meio ambiente passam a ter grande notoriedade e evidência dadas às consequências oriundas das ações humanas no decorrer da história, os resultados não são promissores (NOBLES, 2002).

Sabemos que os avanços tecnológicos nos garantiram uma vida de maior qualidade, nos trouxeram benefícios, mudou nosso modo de viver, de pensar, de agir, mas também carregou consigo consequências de seu uso indevido em diversas esferas da vida humana, e a natureza é que vem mais se ressentindo por tais mudanças. Portanto, é preciso mudanças de paradigmas estruturados em tais pensamentos, para novos paradigmas ambientais. Gonçalves (2005, p. 143) aponta que:

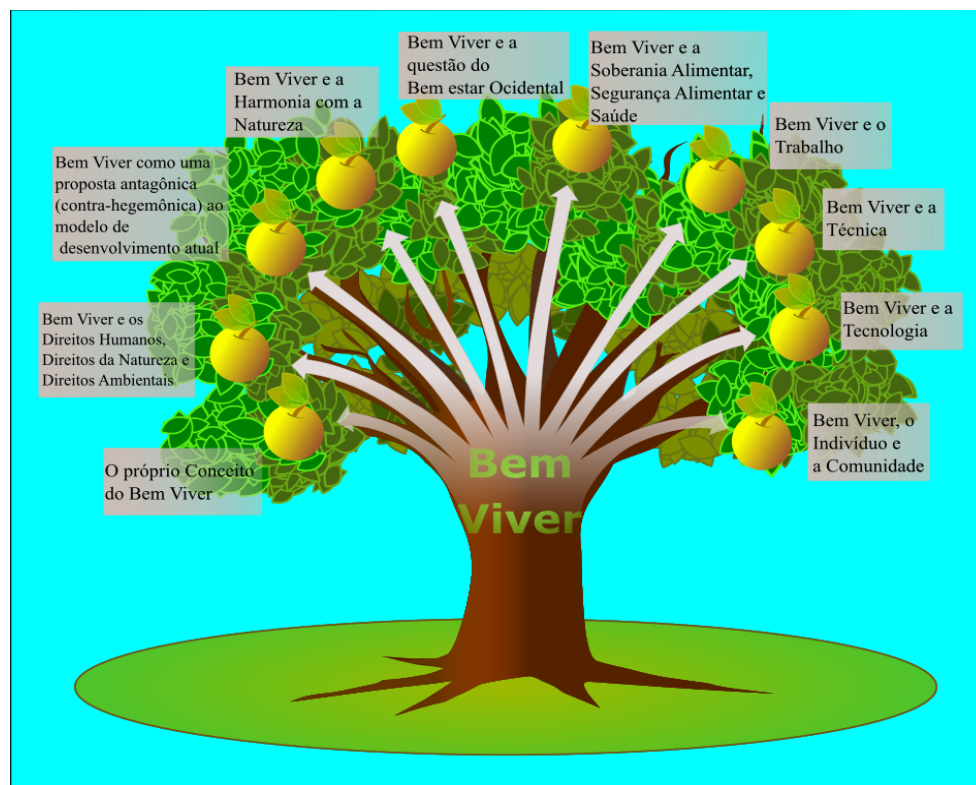
A dominação da natureza é um projeto absurdo, pois se o homem é também natureza, quem o dominaria? Deste modo, a formulação de outro conceito de natureza envolve também outro conceito de homem e, obviamente, de outra sociedade que tome a técnica por aquilo que ela verdadeiramente é, ou seja, apenas um meio para se atingir um determinado fim. E os fins que um determinado povo-cultura se coloca, não são eternos e imutáveis.

Portanto ainda que o Bem Viver não seja resposta única, pronta e acabada frente aos complexos problemas existentes, se mostra com uma iniciativa relevante frente aos problemas ecológicos, por exemplo:

Os problemas ecológicos não dependem de uma simples solução técnica, pedem uma resposta ética, requerem uma mudança de paradigma na vida pessoal, na convivência social, na produção de bens de consumo e, principalmente no relacionamento com a natureza. Apontam para uma mudança de rota na organização econômico industrial e político-social da sociedade e a conversão de atitudes de consumo e de relacionamento com o ambiente natural e social (JUNGES, 2004, p.7).

Diante ao exposto, a tentativa de sistematização conceitual a seguir apresentada, indica perspectivas sobre o tema do Bem Viver. A figura a seguir representa a árvore do Bem Viver e seus frutos estabelecidos a partir de uma tentativa de sistematizar algumas abordagens conceituais estudadas:

**Figura 1** - A Árvore do Bem Viver e suas dimensões (conhecendo seus frutos).



**Fonte:** Elaboração própria com base na teoria do Bem Viver de Alberto Acosta (2016).



### 2.2.1 Sobre as concepções de Bem Viver

Nessa seção buscaremos caracterizar o termo Bem Viver e suas dimensões encontradas a partir da teoria e leitura profunda deste conceito.

#### **Buscando caracterizar o Bem Viver**

Como já apresentado no capítulo introdutório dessa seção, iremos retomar aqui apenas no intuito de mencionar a primeira dimensão o qual é o próprio conceito do Bem Viver, Acosta (2016, p. 24-25, 39) declara que:

O Bem Viver se apresenta como uma oportunidade de construir coletivamente uma nova forma de vida; é bem conviver em comunidade e na Natureza, é um processo proveniente da matriz indígena. Nutre-se da necessidade de impulsionar uma vida harmônica entre os seres humanos e deles com a Natureza: uma vida centrada na autossuficiência e na autogestão dos seres humanos vivendo em comunidade.

O Bem Viver não se resume a uma proposta monolítica é um conceito polissêmico, plural. Portanto seus ideais buscam satisfazer as necessidades dos seres humanos, de forma a respeitar os recursos limitados, vivendo em harmonia com a natureza. O Bem Viver, como caminho e como objetivo, exige equidades e equilíbrios (ACOSTA 2016). A Constituição Equatoriana de 2008 firmou um compromisso com sua comunidade, inserindo em sua constituição, sendo eles: igualdade; inclusão; dignidade; liberdade; respeito; participação política com equidade social e de gênero, bem estar comum, responsabilidade, justiça social. E estes princípios estão vinculados diretamente à forma de organização econômica do Estado, que também incorpora conceitos como solidariedade e reciprocidade, com suas múltiplas dimensões.

### 2.2.2 Bem Viver e os Direitos Humanos, Direitos da Natureza e Direitos Ambientais.

Ao inaugurar essa seção, é importante destacar que esta é uma das raízes mais profundas da árvore do Bem Viver que ramifica para seus frutos (dimensões). Nesse sentido, os Direitos na Natureza foram incorporados na Constituição Equatoriana de 2008, reconhecendo a Natureza como sujeito de direitos, ou seja, decorre que o meio ambiente –

todos os ecossistemas<sup>4</sup> e seres vivos<sup>5</sup> possui um valor intrínseco, ontológico<sup>6</sup>, ainda que aparentemente sem utilidade para o ser humano. Em contrapartida, na Constituição boliviana aprovada em 2009, não se oferece a mesma postura biocêntrica<sup>7</sup>, que outorgou uma posição eminente à *Pacha Mama*<sup>8</sup> ou Mãe Terra, mas ao defender a industrialização dos recursos naturais, amarrou-se às ideias clássicas do progresso, baseadas na apropriação da Natureza.

O ser humano em sua perspectiva antropocêntrica<sup>9</sup> não levou em conta a natureza, antes colocou a natureza como elemento apenas de servidão ao homem, manipulando-a. De acordo com Kortenkamp e Moore (2001), este termo foi cunhado pela primeira vez em 1860 em meio à teoria da Evolução Darwin, apontando que o homem é o centro de todas as coisas. No entanto o antropocentrismo se apresenta como um conceito que se colocado em prática em sua forma original de sentido e interpretação, o ser humano como a espécie, forma de vida, mais importante do reino animal, e o reino vegetal, a biodiversidade, a natureza deve apenas atender às suas necessidades, na medida em que elas possam vir a afetar sua existência, colocando a natureza como mercadoria que deve ser útil ao ser humano.

---

<sup>4</sup> Usando a definição de Ecossistema segundo Almeida (2016) é o conjunto de componentes bióticos (vivos) e abióticos (não vivos) que, em um determinado meio, trocam matéria e energia.,

<sup>5</sup> Seres vivos são toda e qualquer coisa capaz de se reproduzir, evoluir e manter um metabolismo (isto é, produzir energia quando come ou respira), Redação Mundo Estranho, 2011, disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-um-ser-vivo/>.

<sup>6</sup> O conceito de ontológico expresso por Acosta (2016) significa que todos os seres têm o mesmo valor, o que não significa que sejam idênticos. Isso articula a noção de “igualdade biocêntrica”, em que, segundo Eduardo Segundo Gudynas (2011), todas as espécies têm a mesma importância e, portanto, merecem ser protegidas: “Tentará se conservar tanto as espécies úteis como as inúteis, as que possuem valor de mercado e as que não possuem, as espécies atrativas e as desagradáveis”.

<sup>7</sup> Para definição do sentido da palavra, usou o autor Adalberto Acosta (2016) onde Biocêntrica se baseia em uma perspectiva ética alternativa, ao aceitar que o meio ambiente – todos os ecossistemas e seres vivos – possui um valor intrínseco, ontológico, inclusive quando não tem qualquer utilidade para os humanos.

<sup>8</sup> A palavra Pacha Mama significa, Mãe Terra. A Constituição equatoriana de 2008, ao reconhecer os Direitos da Natureza – ou seja, ao considerá-la como sujeito de direitos e conceder-lhe o direito a ser integralmente restaurada em caso de degradação –, estabeleceu um marco na Humanidade. Também foi transcendental a incorporação do termo Pachamama como sinônimo de Natureza e reconhecimento de plurinacionalidade e interculturalidade (ACOSTA, 2016, p.122).

<sup>9</sup> A etimologia da palavra antropocentrismo surgiu na língua francesa em 1907, é um vocabulário híbrido de composição grego-latina onde do grego: *antrophos* significa “homem” (ser humano como espécie), e do latim *centrum* ou *centricum*, significa “centro” ou “centrado” (MILARÉ; COIMBRA, 2004). Em outras palavras, o antropocentrismo coloca o homem no centro de todo o universo.

Chalfun (2010, p. 216), irá nos apontar que tanto o homem como os animais irracionais, a natureza, tem seu valor em si, tem seus direitos e devem ser respeitados com dignidade:

Independentemente do título que se queira dar às correntes filosóficas que explicam a relação direitos-homem-natureza, somos do entendimento que os recursos naturais merecem a mais ampla proteção, mas não exatamente por titularizarem esse direito, mas em virtude de exercerem um papel fundamental no funcionamento de todo o ecossistema e, principalmente, na obtenção da saúde, bem estar (físico e psíquico) e dignidade da pessoa humana.

Contudo, o autor redimensiona a perspectiva da natureza em relação à sociedade. Ao contrário da visão antropocêntrica tradicional, amparada num novo conceito fundamentado no ambientalismo, o ecocentrismo, através da ecologia profunda (*deep ecology*), ou biocentrismo, antagônicos ao antropocentrismo utilitário.

Nesse sentido, o que se percebe, é em determinadas perspectivas o Bem Viver aproxima-se de uma abordagem orientada pelo ecocentrismo:

No ecocentrismo, uma ética ecológica, a ética da vida, que o meio ambiente é fundamental, independente do homem, sendo inquestionável, como observa Édis Milaré que “o mundo natural antecede o homem (...) o ser humano se fez presente quando infinitas outras espécies vivas tinham aparecido (e algumas, desaparecido), (CHALFUN, 2010, p.10)”.

Contudo desde a pré-história, início das civilizações, o ser humano não consumia de forma exacerbada, ele consumia na medida em que necessitava para existir, porém com o passar dos anos, novas descobertas, técnicas mais aprimoradas de caça, produção de alimentos, mantimentos, insumos de todas as ordens, avanços da tecnologia, contribuiu para um consumo desenfreado, neste ponto o ser humano rompeu suas relações de protetor da natureza, para explorador (CHALFUN, 2010).

Segundo Acosta (2016, p. 104),

Cada vez mais pessoas começam a entender que a acumulação material, mecanicista e interminável, assumida como progresso, não tem futuro. Essa preocupação é crescente, pois os limites da vida estão severamente ameaçados por uma visão antropocêntrica do progresso, cuja essência é devastadora.

Mediante estes apontamentos devemos ultrapassar a concepção de natureza como uma condição para o crescimento econômico, como “ferramenta” para atingir as políticas de desenvolvimento. A natureza se tornou o recurso que gera riquezas incontáveis. Outro fato que demonstra esta situação está presente no aumento da exportação, a natureza passou a ser exportada na América Latina principalmente por deter tantos recursos minerais, insumos naturais. Essa dominação pela Natureza ficou clara através do discurso que ocorreu em 1812, diante do terremoto de Caracas, Simón Bolívar pronunciou a célebre frase: “Se a Natureza se opõe, lutaremos contra e faremos com que nos obedeça” (ACOSTA, 2016, p. 109).

Acosta a partir das construções de um dos pensadores mais relevantes neste campo, Enrique Leff, propõe um novo olhar para novas formas de organização da produção e sociedade:

Como desativar um processo que tem em sua estrutura originária e em seu código genético um motor que o impulsiona a crescer ou morrer? Como levar a cabo tal propósito sem gerar como consequência uma recessão econômica com impactos socioambientais de alcance global e planetário? (...) isto leva a uma estratégia de desconstrução e reconstrução, não para implodir o sistema, mas para reorganizar a produção, desvencilhar-se das engrenagens dos mecanismos de mercado, restaurar a matéria usada para reciclá-la e reordená-la em novos ciclos ecológicos. Neste sentido, a construção de uma racionalidade ambiental capaz de desconstruir a racionalidade econômica implica processos de reapropriação da natureza e reterritorialização das culturas (ACOSTA, 2016, p.116).

Conforme descreve o físico alemão Ego Becker, na crise ecológica não apenas se sobrecarregam, distorcem e esgotam os recursos do ecossistema, mas também dos ‘sistemas de funcionamento social’. As sociedades se convertem em um risco ecológico (ACOSTA, 2016). Do mesmo modo, para Schumacher (1977, p. 24) “O homem civilizado em boa parte do tempo foi quase capaz de tornar-se temporariamente senhor do seu meio ambiente”. O encantamento por dominar a terra que lhe trouxe uma ilusão de que seria permanente seu domínio que outrora seria temporário. Ele se imaginou ‘senhor do mundo’ não levando em consideração um entendimento mais profundo sob as leis da natureza.

Para cumprir os Direitos da Natureza, há que configurar uma estratégia de ação que comece por identificar o que poderia ser entendido como mega direitos – os Direitos Humanos e os Direitos da Natureza, especialmente – e, depois, como meta-direitos – à água, à soberania

alimentar<sup>10</sup>, à biodiversidade, à soberania energética, entre outras questões. Nesse sentido, é preciso diferenciar cuidadosamente o que são os Direitos da Natureza e o que são os direitos dos povos. Acosta (2016, p. 138) traz a definição acerca dos Direitos Humanos:

Nos Direitos Humanos, o centro está colocado na pessoa. Nos direitos políticos e sociais, ou seja, direitos de primeira e segunda geração, o Estado reconhece esses direitos ao cidadão como parte de uma visão individualista e individualizadora da cidadania, com os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais.

A estes direitos insere os direitos de quarta geração, que inclui o direito a que os seres humanos gozem de condições sociais equitativas, ou seja, iguais e justos, e de um meio ambiente saudável. Com este conjunto de direitos, procura-se evitar a pobreza e a devastação ambiental, que provocam impactos negativos na vida das pessoas, garantindo-lhes o mesmo acesso, imparcialidade aos cidadãos. Segundo Araújo *et al* (2015), no dia 3 de fevereiro de 2010 foi dado um passo importante e histórico para a consolidação do Direito Humano à alimentação. Neste dia foi aprovada a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) n.º 47/2003, corrigindo uma lacuna que não foi preenchida pela Assembleia Nacional Constituinte de 1998, que acabara por não incluir a alimentação no rol dos direitos sociais previstos no artigo 6º da Constituição Federal.

Desde que a PEC 47 foi aprovada, ela contribuiu para o alcance de um novo patamar para o direito à alimentação no Brasil, respaldando antigos e abrindo novos caminhos para a aprovação de outros instrumentos legais. Com isso fortaleceu tratados Internacionais pelo qual o Brasil já era signatário, respaldou o Estado no que diz respeito à produção, comercialização e abastecimento de alimentos, e buscou incentivar ainda mais a utilização de forma sustentável dos recursos naturais e a promoção de práticas de boa alimentação através de programas educacionais. Um fator muito importante nesta conquista foi o fato de que a agricultura familiar passou a ser valorizada e a qualidade biológica e nutricional dos gêneros alimentícios passou a contar com uma forte garantia (ARAÚJO *et al*, 2015).

---

<sup>10</sup> Soberania Alimentar (SA) é entendida como o direito das nações e dos povos de controlarem seus próprios sistemas alimentares, incluindo seus próprios mercados, modos de produção, culturas alimentares e meio-ambiente [...] como uma alternativa crítica ao modelo neoliberal dominante de agricultura e comércio (WITTMAN *et al.*, 2010, p. 2).

Após sua aprovação e promulgação pelo Congresso Nacional, a PEC 47, foi nominada Emenda Constitucional nº64. Em diante, assumiu a concepção de Lei Orgânica, a Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN)- Lei 11.346/2006 que ganhou notoriedade e encontrou respaldo na própria Constituição Federal.

Para a Constituição o conceito escolhido para definir segurança alimentar e nutricional, foi o da LOSAN, que assim descreve:

Consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (ARAÚJO *et al.*, 2015, p.50).

Entretanto, é papel e dever do Estado assegurar por meio de políticas públicas permanentes, as condições e meios para que este direito seja exercido.

### **Direitos Ambientais**

Outro ponto que se torna importante de refletir seria os Direitos Ambientais. Isto traz à memória, uma série de acontecimentos envolvendo o Meio Ambiente e devastação, acidentes ambientais e impactos sofridos pela natureza e com sérias implicações à sociedade. Quando há danos ambientais, os seres humanos podem ser indenizados, reparados e compensados, o mesmo como ocorreu no processo movido contra a companhia Chevron-Texaco movida por um grupo de indígenas e agricultores do nordeste amazônico do Equador. Na Constituição de Montecristi, os direitos ambientais, ou seja, os Direitos Humanos de quarta geração dão origem a mandatos constitucionais fundamentais. O ponto chave desta constituição está relacionado aos processos de desmercantilização da Natureza, como a proibição à adoção de critérios mercantis para os serviços ambientais: “Os serviços ambientais não serão suscetíveis de apropriação; sua produção, benefício, uso e aproveitamento serão regulados pelo Estado”, que se encontra no artigo 74 (ACOSTA, 2016).

Nos tratados da Assembleia Constituinte de Montecristi a água foi declarada como um direito humano fundamental. “O direito humano à água é fundamental e irrenunciável”.

Portanto não pode ser vista como um negócio; A soberania alimentar que traz consigo a proteção do solo e o uso adequado da água, um exercício de proteção aos milhares de camponeses que vivem do seu trabalho, e com certeza a existência digna de toda a população; A Biodiversidade, verdadeiro patrimônio nacional presente na Constituição; A necessidade inclusive de obter soberania energética sem colocar em risco a soberania alimentar ou o equilíbrio ecológico (ACOSTA, 2016).

Os Direitos da Natureza são representados por pessoas, comunidades, povos e nacionalidades. Apesar dos que recusam esta proposta vanguardista, a Constituição é categórica, no artigo 71:

A Natureza ou Pacha Mama, onde se reproduz e se realiza a vida, tem direito a que se respeite integralmente sua existência e a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estruturas, funções e processos evolutivos. Toda pessoa, comunidade, povo ou nacionalidade poderá exigir a autoridade pública o cumprimento dos Direitos da Natureza. Para aplicar e interpretar estes direitos, serão observados os princípios estabelecidos na Constituição (ACOSTA, 2016, p.132).

A diferença entre os Direitos ambientais e os Direitos da Natureza – declarados pelo povo equatoriano, são considerados direitos ecológicos. Na Constituição equatoriana, diferentemente da boliviana, tais direitos aparecem de maneira explícita como Direitos da Natureza, orientados a proteger os ciclos vitais e os diversos processos evolutivos, não apenas as espécies ameaçadas e as reservas naturais. Desta forma a justiça ecológica pretende assegurar a persistência e sobrevivência das espécies e de seus ecossistemas como conjuntos ou redes de vida. Este novo modelo precede um novo significado, pelo qual a partir dele torna-se possível criar uma nova mentalidade, novos pensamentos, uma nova visão de mundo.

Para que esta mentalidade se aproprie da razão humana em sua magnitude, segundo Boff (1995), é preciso estabelecer uma ética ecológica: a responsabilidade pelo planeta, através da conscientização, e através de um novo pensamento que não esteja “sequestrado” pelo paradigma do crescimento, desenvolvimento econômico e social irresponsável. Esta nova ética poderá auxiliar a humanidade acerca de seus vícios capitalistas.

Logo, pressupõe-se que as mudanças não são impossíveis nem tão pouco intocáveis, não é um caminho fácil de seguir e não nos trará resultados imediatos, é uma construção

constante entre todos. É necessária uma estratégia coerente para construir uma sociedade equitativa e sustentável:

Os Direitos Humanos e os Direitos da Natureza, que articulam uma ‘igualdade biocêntrica’, sendo analiticamente diferenciáveis, se complementam e transformam em uma espécie de direitos da vida e direitos à vida. É por isso que os Direitos da Natureza, imbricados cada vez mais com os Direitos Humanos, visa a construir democraticamente sociedades sustentáveis a partir de cidadanias plurais pensadas também desde o ponto de vista da ecologia (ACOSTA, 2016, p. 141).

Uma possível alternativa está no diálogo e reencontro entre os seres humanos, enquanto indivíduos e comunidades para com a Natureza :

Outro mundo será possível se for pensado e organizado comunitariamente a partir dos Direitos Humanos – políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais dos indivíduos, das famílias e dos povos (ACOSTA, 2016, p. 26).

O Estado deve regulamentar os Direitos e proteger quanto ao seu uso. Nessa perspectiva, é importante verificar como o Bem Viver como concepção conceitual assume também uma dimensão fundamental no contexto da relação sociedade-natureza, especialmente no que diz respeito ao contexto de marcos regulatório no âmbito da atuação do Estado.

### 2.2.3 Bem Viver como uma proposta antagônica (contra hegemônica) ao modelo de desenvolvimento atual

Segundo Quijano (2014) o desenvolvimento ganhou notoriedade no debate latino-americano, tornando-se termo chave nos discursos políticos associado a um projeto falho de tentativa de desconcentração e redistribuição referente ao controle do capital industrial, numa nova geografia que perpassa o capitalismo colonial-moderno global, no final da Segunda Guerra Mundial.

Os discursos em torno deste tema deram origem a questões complexas e contraditórias o que contribuíram para o despertar, de novos olhares acerca dos conflitos de interesse político-social em todo este cenário da nova geografia do poder na América Latina em particular. Diante disso criou-se uma lista de categorias referente ao tema desenvolvimento: o



próprio tema desenvolvimento; subdesenvolvimento; modernização; marginalidade; participação de um lado, e imperialismo, marginalização, revolução (na vertente oposta), ocorridos juntamente com os movimentos conflituosos e violentos da sociedade, o que ocasionou mudanças importantes, porém inacabadas na distribuição do poder, apesar de tais movimentos, não obteve êxito para livrar-se da hegemonia do eurocentrismo. Não levou ao “desenvolvimento”, pois este termo continua como um fantasma do passado que insiste reaparecer no presente (QUIJANO, 2014).

O desenvolvimento deste capital industrial/financeiro culminou em uma crise enraizada numa colonialidade global do poder desde a segunda metade do ano da década de 1970. Surgiram os termos “neoliberalismo”, “globalização” e “pós-modernidade”, onde o primeiro consiste na imposição definitiva do novo capital financeiro no controle do capitalismo global, o segundo trata desta imposição para todos os países e sobre toda a população, iniciando na América Latina. Essa imposição, de acordo com Quijano (2014) produziu a dispersão social trabalhadores explorados e a desintegração de suas principais instituições sociais. Por fim a “pós-modernidade” com a imposição definitiva da tecnocratização/instrumentalização até então conhecida como “racionalidade moderna”, ou seja, da Colonialidade/Modernidade/Eurocentrada. Ainda nesta perspectiva, soma-se a ideia de “raça” como forma de explicar e justificar a exploração. Associado a tal processo, em especial desde a “Revolução Industrial” esta fez da espécie humana uma máquina de exploração subjugando as demais espécies animais, através de um comportamento predatório sobre outros elementos existentes neste planeta. Assim, impondo sua hegemonia através de práticas do capitalismo colonial global numa corrida cada vez mais feroz de destruição do planeta, colocando em risco não somente a sobrevivência da humanidade, mas a continuidade e reprodução das condições de vida na terra. Desde o final do século XX, um crescente número de vítimas desse padrão de poder começou a resistir a essas tendências (QUIJANO, 2014).

É diante destas resistências que surgem novo sentido de existência social, da própria vida, entendendo que o que está em jogo não é apenas a sua pobreza, mas sua própria sobrevivência, em defesa das condições de vida e existência. De acordo com Escobar (2005) o conceito de desenvolvimento para as ciências sociais aborda três perspectivas teóricas

diferentes relacionadas a três momentos marcantes. A primeira diz respeito à teoria da modernização nas décadas de 1950 e 1960, com suas teorias baseadas no crescimento e desenvolvimento; a segunda teoria da dependência e perspectivas relacionadas às décadas de 1960 e 1970 e aproximações críticas ao desenvolvimento como discurso cultural em meados dos anos 1980 e 1990.

É importante considerar também que a teoria da modernização iniciou, para muitos teóricos e elites mundiais, num período de certeza sob a premissa dos efeitos benéficos do capital, da ciência e da tecnologia. Contudo como já diz o velho ditado quem caminha com a certeza, não caminha com a verdade, esta certeza sofreu seu primeiro golpe, vindo à tona a teoria da dependência, onde defendia que as raízes do subdesenvolvimento estavam na relação entre dependência externa e exploração interna, não em uma suposta falta de capital, tecnologia ou valores modernos. Para os teóricos da dependência, o problema não estava tanto em desenvolvimento, mas firmados no Capitalismo (ESCOBAR, 2005).

Foi então que em 1980 surgiram críticos do mundo todo, questionando o próprio conceito de desenvolvimento, tendo seu nascedouro nos discursos de origem ocidental que influenciavam de forma poderosa como um mecanismo de produção cultural, social e econômica ao denominado Terceiro Mundo (por exemplo, Ferguson, 1990; Apffel-Marglin e Marglin, 1990; Escobar, 1996; Rist, 1997). Os momentos mencionados podem ser classificados de acordo com os paradigmas originais dos quais emergiram como: teorias liberais, marxistas e pós-estruturalistas, respectivamente.

A motivação central da crítica pós-estruturalista não se pautou tanto em propor uma nova versão de desenvolvimento, este conceito ganhou outras concepções mais efetivas, onde questionava como a Ásia, África e América Latina passaram a ser definidas como “subdesenvolvidas” e por consequência, necessitadas de desenvolvimento, e por que foram classificadas como Terceiro Mundo. Devido ao crescimento do desenvolvimento em muitas partes do chamado Terceiro Mundo, os teóricos chamaram este momento de pós-desenvolvimento, levou os pós-estruturalistas a plantar uma “era pós-desenvolvimento”, Escobar (2005), onde o desenvolvimento não seria o fator central da vida social. Neste processo surgiu uma revalorização das culturas vernáculas, a necessidade de depender menos

dos conhecimentos dos que ocupam posições eminentes e valorizar mais as tentativas de pessoas comuns em construir um mundo mais humano, assim como cultura e ecologicamente sustentável, a partir de movimentos sociais e processos mais coletivistas.

Logo, faz necessário repensar urgentemente o desenvolvimento e a modernidade. Nesse sentido, “Se aceitarmos a necessidade de exceder a modernidade ou a abordagem que estamos em um período de transição paradigmática, isso significa que os conceitos de desenvolvimento e o Terceiro mundo já pertencem ao passado: que descanse em paz” (ESCOBAR, 2005, p.8). A esse respeito, ficamos perplexos por assistir a incapacidade dos desenvolvedores e pensadores eurocêntricos de imaginar um mundo sem e além do desenvolvimento e modernidade.

Segundo Milaré e Coimbra (2006) houve uma grande evolução com a passagem do hiper desenvolvimentismo (crescimento econômico a qualquer custo) para as formas de desenvolvimento menos agressivas ao meio. Contudo a mística desenvolvimentista estava muito mais em função dos interesses particulares dos Estados-nação do que preocupada com a escassez e a finitude dos recursos naturais e com a avassaladora produção de resíduos das atividades humanas, mormente as econômicas. As estruturas políticas, sociais e econômicas tornaram-se insensíveis à degradação generalizada do mundo natural, tudo em nome do crescimento, do desenvolvimento, do acúmulo de capital, tornando a sociedade moderna, em sua sociedade consumista.

Por isso, o Bem Viver ilumina os pensamentos obscuros de uma sociedade pautada em bens materiais, consumo e acúmulo. Acosta (2016) reconhece o quão desafiador tem sido ter a aceitação e compreensão a respeito das ideias do Bem Viver, tanto no governo do Equador como na Bolívia, pelo conservadorismo de constitucionalistas tradicionais que dão mais importância às exigências do poder, aumentando mais e mais as ameaças e críticas às constituições do *Buen Vivir*.

De acordo com Acosta (2016, p.46), descreve que o discurso sobre o desenvolvimento consolidou uma dominação dicotômica: “[...] desenvolvimento-subdesenvolvimento, pobre-rico, avançado-atrasado, civilizado- selvagem, centro-periferia”. Alcântara e Sampaio (2017), por sua vez, apontam que este discurso causou uma ruptura nos valores ancestrais, negação de

suas raízes históricas e culturais, de países que se consideravam subdesenvolvidos, aceitando aplicar políticas, instrumentos e indicadores com o intuito de não pertencer a um estereótipo de “atrasado”.

De acordo com Acosta (2016), o grande problema que nos assombra desde os meados do século XX até os dias de hoje, é o fantasma do desenvolvimento. E no decorrer dos acontecimentos históricos, a ideologia do desenvolvimento se fortalecia, após a Segunda Guerra Mundial, quando se iniciava a Guerra Fria, em meio a ameaça e do terror nuclear, o discurso sobre o “desenvolvimento” criou uma estrutura de dominação, criando dois polos, de uma lado o desenvolvido, e do outro, o subdesenvolvido, pobre-rico, avançado-atrasado, civilizado-selvagem, centro-periferia. Para o autor, os países mais “fracos”, mais “pobres”, aceitaram esta ideologia e em um ato de subordinação, o estado das coisas desde que os classifiquem em países em desenvolvimento, criou-se então uma dicotomia entre as nações, os atrasados e “os adiantados”, “sempre à frente”.

O desenvolvimento gerou um estilo de vida nos países centrais, reproduzido em nível global, baseado numa vida de consumos, predador, colocando em risco o equilíbrio ecológico. Corroborando com estes acontecimentos, como anuncia Tortosa (2011). Este acredita o estilo de vida pautado no desenvolvimento e consumo, na verdade só serviu para constatar que o mundo vive um “mau desenvolvimento”. Não importa os meios, desde que a sociedade alcance seus fins desejáveis, ela aceita tudo, vale tudo em prol do “desenvolvimento”, por isso, aceitamos a devastação ambiental e social, aceitamos e assistimos a grave destruição humana e ecológica pela mineração, por exemplo, mesmo sabendo dos seus impactos.

Acosta (2016, p. 51-52) afirma que:

Negamos inclusive nossas raízes históricas e culturais para modernizar-nos imitando os países adiantados. Assim, negamos as possibilidades de uma modernização própria. O âmbito econômico visto a partir da lógica da acumulação do capital domina o cenário. A ciência e a tecnologia importadas normatizam a organização das sociedades. Neste caminho- de mercantilização implacável-aceitamos que tudo se compra, tudo se vende. Para que o pobre saia de sua pobreza, o rico estabeleceu que, para ser como ele, o pobre deve agora pagar para imitá-lo: comprar até seu conhecimento, marginalizando suas próprias sabedorias e práticas ancestrais.

Entretanto, existem outras formas de organizar a vida. É preciso buscar por alternativas. O *Buen Vivir* é crítico da racionalidade do desenvolvimento econômico, de mercado e do progresso (GUDYNAS, 2011). Desta racionalidade hegemônica predominante que se enraíza em todos os empreendimentos humanos. Desta forma o Bem Viver surge como uma proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, racionalidade, complementaridade e solidariedade entre os indivíduos e comunidades, com sua “oposição ao conceito de acumulação perpétua, com seu regresso ao uso, o Bem Viver, enquanto ideia em construção, livre de preconceitos, abre as portas para formular visões alternativas de vida” (ACOSTA, 2016, p. 33).

### **Bem Viver X Desenvolvimento Ocidental**

Acosta (2016) refuta o modelo de desenvolvimento ocidental enraizado no imaginário social. Para tanto, alerta que:

O modelo de desenvolvimento devastador, que tem no crescimento econômico insustentável seu paradigma de Modernidade, não pode continuar dominando. Quando é evidente a inutilidade de continuar correndo atrás do fantasma do desenvolvimento, emerge com força a busca de alternativas ao desenvolvimento, ou seja, de formas de organizar a vida fora do desenvolvimento, superando o desenvolvimento e, em especial, rechaçando aqueles núcleos conceituais da ideia de desenvolvimento convencional, entendido como a realização do conceito de progresso que nos foi imposto há séculos. Isso necessariamente implica superar o capitalismo e suas lógicas de devastação social e ambiental, o que nos abre as portas ao pós-desenvolvimento e, claro, ao pós-capitalismo (ACOSTA, 2016, p.40-53).

Uma visão dominante sobre o desenvolvimento alimenta-se dos valores impostos pelo progresso civilizatório europeu, extremamente expansionista, influente e destrutivo, especialmente por negar as singularidades e contextos de outras civilizações e antecedentes ancestrais, por exemplo.

### **Bem Viver x Desenvolvimento Humana**

Outras concepções acerca do desenvolvimento são abordadas por Acosta, no que diz respeito ao desenvolvimento. Para o autor, ele apresenta outro fator que deve ser levado em consideração, o desenvolvimento humano:

Com o fiasco da grande teoria global do desenvolvimento começou-se a repensar suas ferramentas e seus indicadores, mas não seu conceito. O conceito de “desenvolvimento humano”, baseado principalmente nas ideias do economista indiano Amartya Sen, foi proposto nos anos 1990. Possibilitou a criação do Índice de Desenvolvimento Humano (idh) das Nações Unidas, que abriu as portas à construção de indicadores de diversa índole orientados a ampliar as leituras do desenvolvimento. Apegado à proposta de Sen, o IDH busca medir o desenvolvimento de uma maneira mais complexa, entendendo-o como um processo de ampliação de oportunidades e capacidades das pessoas – e não apenas como um aumento da utilidade e da satisfação econômica. Não se contabiliza apenas o crescimento, mas também outros elementos dignos de valorização: saúde, educação, igualdade social, preservação da Natureza, igualdade de gênero (ACOSTA, 2016, p.60).

Logo, outras perspectivas e dimensões passam também a compor aspectos a serem analisados, sem que necessariamente apenas o aspecto econômico seja considerado. Tais movimentos indicam uma ampliação do panorama de análise, que também se tornam oportunidades de diálogo acerca da temática do Bem Viver.

### **Desenvolvimento em escala Humana**

Outra contribuição importante de reflexão acerca do desenvolvimento foi o “desenvolvimento em escala humana”, dos chilenos Manfred Max-Neef, Antonio Elizalde e Martin Hopenhayn, quando em 1986, propuseram uma matriz que engloba nove necessidades humanas básicas “axiológicas”: subsistência, proteção, afeto, compreensão, participação, criação, diversão, identidade e liberdade; e quatro necessidades “existenciais”: ser, ter, fazer e estar. A partir da leitura desta matriz, propõe-se a construção de indicadores subjetivos que sejam capazes de permitir o diagnóstico, a planificação e a avaliação da relação entre necessidades axiológicas e existenciais. Nesta linha de reflexão poderia incorporar o Desenvolvimento Sustentável (ACOSTA, 2016).

### **Desenvolvimento Sustentável**

Dando continuidade Acosta (2016) irá trazer a questão do desenvolvimento sustentável onde ele é entendido como aquele que permite satisfazer as necessidades das gerações presentes sem comprometer as possibilidades das gerações futuras, para que elas, assim, tenham condições de atender a suas próprias necessidades. Neste empenho, construíram-se outros índices, procurando revitalizar o desenvolvimento.

Os esforços para disseminar a relevância deste conceito, teve seu início no século XXI, onde reforçaram diferentes contestações quanto ao desenvolvimento e progresso, advindos de outros estudos, leituras, pesquisas, e de outras realidades. Colando a sociedade em alerta sobre a deterioração ambiental ocasionada pelos padrões de consumo ocidental, e os crescentes sinais de esgotamento ecológico do planeta.

### **Bem Viver como desenvolvimento alternativo**

E por fim, Acosta (2016) apresenta o Bem Viver como um “desenvolvimento” alternativo antagônico ao desenvolvimento ocidental. Para melhor compreensão desta ideia, ele irá dizer que:

O Bem Viver será, então, uma tarefa de (re) construção que passa por desarmar a meta universal do progresso em sua versão produtivista e do desenvolvimento enquanto direção única, sobretudo em sua visão mecanicista do crescimento econômico e seus múltiplos sinônimos (ACOSTA,2016, p.69).

Se o desenvolvimento busca “ocidentalizar” a vida no planeta, o Bem Viver resgata as diversidades, valoriza e respeita ao próximo. O Bem Viver emerge como parte de um processo que permitiu empreender e fortalecer a luta pela reivindicação dos povos e nacionalidades, em sintonia com as ações de resistência e construção de amplos segmentos de populações marginalizadas e periféricas. Em suma, o Bem Viver é eminentemente subversivo, pois ele propõe saídas descolonizadoras em todos os âmbitos da vida humana. O Bem Viver não é um simples conceito, é uma vivência.

Um termo polissêmico, com diversidade de postura em seu interior, o Bem Viver resgata as implicações contidas em uma sociedade que pauta sua vida no desenvolvimento e progresso e a exigência de outra relação com a Natureza. O Bem Viver não é mais uma ideia

de desenvolvimento, nem tão pouco uma simples proposta de desenvolvimento alternativo, mas se apresenta como uma alternativa a todas elas (ACOSTA, 2016).

Portanto trata-se de um ponto de partida, e não um fim em si mesmo, para construir alternativas ao desenvolvimento e para superar as assimetrias do antropocentrismo, que coloca em grave risco a existência do ser humano sobre a Terra.

#### 2.2.4 Bem Viver e a Harmonia com a Natureza

Acosta (2016) defende a ideia de que devemos romper com o divórcio entre o ser humano e a natureza. Para tanto, apresenta uma proposta de harmonia com a natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementaridade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, com seu regresso a valores de uso. Um conceito em construção, livre de preconceitos, abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida, em que o respeito à natureza como ser de direitos nesta relação sociedade natureza, deve ser contemplado.

O Bem Viver como parte da constituição equatoriana, traz de maneira muito precisa a respeito desta proposta, onde em seu artigo 238 estabelece que: O sistema econômico e social e solidário; reconhece o ser humano como sujeito e fim; tende a uma relação dinâmica e equilibrada entre sociedade, Estado e mercado, em harmonia com a Natureza (ACOSTA, 2016, p. 124).

#### 2.2.5 Bem Viver e a questão do Bem estar Ocidental

Neste sentido o Bem Viver se apresenta como uma proposta antagônica ao conceito de Bem estar ocidental, na verdade ele nos leva a questionar o conceito eurocêntrico de bem estar. Acosta (2016) discorre que o Bem Viver leva em conta as formas de convivialidade de uma nação, “bons conviveres” em comunidade, sociedade, que nada tem relação com o consumismo, onde a definição de bem estar e riqueza estão associados ao acúmulo de bens materiais, como resultado do crescimento econômico e de consumo ilimitado, colocando em evidências sérios problemas de ordem social, política, econômica, ambiental e diretamente no



bem estar do indivíduo. Este modelo já não se sustenta mais. Por isso de acordo com Acosta (2016, p. 62):

O Índice do Planeta Feliz, criado pela organização britânica The New Economics Foundation, se baseia em três indicadores: esperança de vida ao nascer, satisfação com a vida (bem-estar subjetivo) e pegada ecológica. O Índice do Planeta Feliz trata de identificar como a dotação e o consumo dos recursos naturais intervêm no bem-estar das pessoas.

Diante disso, o bem estar baseado nos conceitos do Bem Viver coloca em pauta a importante relação entre o ser humano e a natureza na construção da humanidade, pois a forma como utilizamos nossos recursos acarretam consequências na vida humana de múltiplas dimensões. Viver em harmonia, observando os direitos humanos, direitos da natureza, direitos ambientes entendendo que o bem estar apesar de ter significações plurais para cada indivíduo, parte de um entendimento universal de que bem estar é se sentir bem e para isso é preciso o ser humano estar bem consigo, com o próximo e com o ambiente que o cerca.

### **Bem Viver e Bem estar material (Consumo)**

O processo civilizatório contou com a ajuda da técnica, da tecnologia com um avanço exponencial na ciência através destes processos e ferramentas mais aprimorados, tornando possível hoje ter acesso ao que outrora seria impossível. É também através da tecnologia que vivemos hoje na era global, que nos conectamos com o mundo todo em um espaço curto de tempo, ou melhor, dizendo, no mesmo tempo, falamos, nos comunicamos, enviamos informações para pessoas de diversos lugares do mundo.

Acosta (2016) indica que as mensagens consumistas penetram por todas as brechas da sociedade, portanto:

Muitíssimas pessoas só trabalham e produzem pensando em consumir, mas, ao mesmo tempo, vivem na insatisfação permanente de suas necessidades. Produção e consumo se tornam, assim, uma espiral interminável, esgotando os recursos naturais de maneira irracional e acirrando ainda mais a tensão criada pelas desigualdades sociais. Nesse ponto, desempenham papel determinante muitos avanços tecnológicos que aceleram o círculo perverso de produção crescente e apetites cada vez mais vorazes (ACOSTA, 2016, p. 36).

Em virtude dessa sociedade de consumo que foi constituída a partir de uma visão eurocêntrica, desde o início do século XXI reforçando ainda mais desenvolvimento e o progresso como modelo ideal de uma nação para “prosperar”, “avançar”, “crescer”, é que o ser humano perdeu o fio condutor que desencadeou questões salutares sobre crescimento finito, em um planeta finito, com recursos finitos e escassos, nos alertando a respeito da deterioração ambiental ocasionada pelos padrões de consumo ocidental, e os crescentes sinais de esgotamento ecológico do planeta (ACOSTA, 2016).

### **Bem Viver e os Limites de Crescimento**

Nas palavras de Acosta (2016, p. 34), “o crescimento material sem fim poderia culminar em suicídio coletivo”. Buscar por desenvolvimento a todo custo, baseando o crescimento em uso inesgotável de recursos naturais finitos em um mercado que consome tudo que é produzido, não parece ser uma atitude que nos conduzirá ao desenvolvimento. Muito pelo contrário, estas ações irão nos colocar em um colapso.

Mediante a isso, Acosta apresenta uma oportunidade de vivenciar um novo modelo de desenvolvimento que nada tem relação com um modelo político e sim de construção social para mudança de direção, para que assim possamos ter oportunidades diferentes de imaginar outro mundo possível, pois o modelo de desenvolvimento devastador, que tem no crescimento econômico insustentável seu paradigma de Modernidade, não pode continuar dominando, se faz agir com urgência o rompimento desta ideia de progresso enquanto permanente acumulação de bens materiais. Pois para Acosta (2016, p. 60) “Não se contabiliza apenas o crescimento, mas também outros elementos dignos de valorização: saúde, educação, igualdade social, preservação da Natureza, igualdade de gênero etc.”.

Portanto, o Bem Viver será, então, uma tarefa, um desafio de (re) construção que passa por desarmar a meta universal do progresso em sua versão produtivista e do desenvolvimento como única direção a ser seguida, sobretudo em sua visão mecanicista.

### 2.2.6 Bem Viver e a Soberania Alimentar, Segurança Alimentar e Saúde

A soberania de uma Nação é um tema de extrema responsabilidade e importância de todos. O conceito de soberania de acordo com Wittman, Desmarais, Wiebe (2010, p.2) é entendida como:

O direito das nações e dos povos de controlarem seus próprios sistemas alimentares, incluindo seus próprios mercados, modos de produção, culturas alimentares e meio-ambiente [...] como uma alternativa crítica ao modelo neoliberal dominante de agricultura e comércio.

Bernstein (2015) irá nos apontar que a Segurança Alimentar – SA, tem alguns elementos importantes que a estruturam, são eles:

1- Segurança Alimentar, como um antídoto contra a agricultura industrial corporativa, pelas devastações ambientais e sociais que provoca;

2- Como a reafirmação e desdobramento, no contexto atual da globalização, daquela metáfora fundacional do populismo agrário: a superioridade social e moral do ‘camponês’ (ou do ‘pequeno agricultor’) e, agora no centro das atenções, também sua superioridade ecológica;

3- Como um programa para a constituição de uma nova ordem alimentar mundial, sustentável e socialmente justa, capaz de ‘reconectar alimento, natureza e comunidade’ (WITTMAN; DESMARAIS; WIEBE, 2010, citado por BERNSTEIN, 2015, p.278).

De acordo com (Bernstein 1996/7) o foco de análise principal da SA, começa a observar a conjuntura da globalização e seus impactos em meados de 1970. Tem como argumento, que diante de uma nova fase do capitalismo global, com o surgimento de novas formas de acumulação, acabou por transformar concepções herdadas da questão agrária acabaram seguindo as mesmas trajetórias por desenvolvimento do capitalismo no meio rural e contribuindo à industrialização.

O que resultou em uma agricultura industrial cada vez mais global em seus direcionamentos, modalidades e impactos que aponta por mudanças na relação entre o alimento, processo produtivo, reflexos destes processos que foram impostos pela

industrialização da produção (agrícola) e globalização do comércio agrícola (WITTMAN; DESMARAIS; WIEBE, 2010, p.5).

Ainda sobre esta perspectiva, toda esta trama entre o modo de produção dos alimentos, o capitalismo global, busca por desenvolvimento, crescimento, geram insegurança alimentar. Pois a forma como nós produzimos nossos alimentos sinaliza uma dependência alarmante de recursos finitos, como combustíveis fósseis, contribuindo para o aquecimento global. Isto sinaliza que esta importante crítica das mudanças ocorridas na sociedade nesta relação ser humano e natureza, na agricultura em especial, conforme Bernstein (2015) nos direciona para uma tendência observada na agricultura capitalista, de degradação ambiental, tendo o avanço tecnológico cada vez mais intenso refletindo no campo, no cultivo, ao uso intensivo de agrotóxicos na produção dos alimentos, na quimicalização com o investimento das indústrias, das grandes corporações de insumos agrícolas e agro alimentos (e de seus poderosos lobbies na formulação de políticas públicas).

Do mesmo modo, há exemplos como a crescente privatização e controle empresarial de sementes, gerando o conceito de “soberania das sementes”, o boom dos agro combustíveis faz parte da ecologia política. Ainda com a intensificação em um ritmo crescente de expropriação dos camponeses ou pequenos agricultores em todo o mundo, literalmente retirada de milhões de famílias das terras e de suas comunidades rurais (WITTMAN; DESMARAIS; WIEBE, 2010); o atual ataque disseminado sobre as organizações camponesas remanescentes em todo o mundo (FRIEDMANN, 2006, p. 462, apud BERNSTEIN, 2015).

Por isso a Soberania alimentar encontra-se neste momento com um papel essencial na reflexão sobre estas questões salutaras que afetam a segurança alimentar, aquilo que consumimos em decorrência do modo como nossos alimentos são produzidos, e por quem eles são produzidos. Diante disso a SA apresenta seu apelo como último tema principal pelo qual ela luta e defende: à agricultura camponesa como alternativa à agricultura capitalista que é (cada vez mais) corporativa, industrial e global, (BERNSTEIN, 2015).

Desse modo, o Bem Viver abarca multidimensões que corroboram para o entendimento de questões sociais, globais urgentes que estamos vivenciando nos dias de hoje. A soberania alimentar também encontra espaço em sua pauta de reflexão e questionamento. Acosta (2016)

descreve que tudo que produzimos através dos recursos que a natureza nos oferece deve ser preservado com zelo e responsabilidade:

A Natureza vale por si mesma, independentemente da utilidade ou dos usos que se lhe atribua. Isto representa uma visão biocêntrica. Estes direitos não defendem uma Natureza intocada, que nos leve, por exemplo, a deixar de cultivar a terra, de pescar ou de criar animais. Estes direitos defendem a manutenção dos sistemas de vida – do conjunto da vida. Sua atenção se volta aos ecossistemas, às coletividades, não aos indivíduos. Pode-se comer carnes, peixes e grãos, por exemplo, desde que se assegure que os ecossistemas sigam funcionando com suas espécies nativas (ACOSTA, 2016, p. 131).

Além disso, é importante situar as possibilidades da soberania alimentar a partir do contexto da agricultura familiar, com a contribuição dos consumidores que incentivam a produção local, consumindo produtos vindos da agricultura familiar. Essa conexão entre o produtor e o consumidor final, emerge como uma força de resistência e de descentralização da agricultura convencional, dos atravessadores, dos mercados, contribuindo para a recuperação da produção do pequeno produtor de cada localidade, região, para consumir os alimentos localmente, com as chamadas “iniciativas zero quilômetro” (ACOSTA, 2016).

### 2.2.7 Bem Viver e o Trabalho

#### **O Ser Humano e a economia**

Nesta outra economia orientada a construir e a sustentar o Bem Viver, o ser humano deve ser central diante das demais coisas, contudo, deve estar sempre integrado à Natureza, como parte da Natureza. Portanto, se o ser humano é o eixo desta outra economia, o trabalho é seu pilar, o que implica o reconhecimento em igualdade de condições de todas as formas de trabalho, produtivo e reprodutivo. O mundo do trabalho é parte fundamental da economia solidária, entendida também como “a economia do trabalho”, nas palavras do argentino José Luis Coraggio (ACOSTA 2016).

O trabalho move as ações humanas para o alcance de um objetivo final, ele então é um direito e um dever em uma sociedade que busca o Bem Viver. Diante disso Acosta destaca a

questão de que não devemos tolerar nenhuma forma de desemprego. Neste ponto consiste o grande desafio em que o Bem Viver propõe. Terá de se resolver pela importância que se concede ao trabalho humano. O fato aqui não é ser escravo do trabalho para cumprir com as demandas ilimitadas de produção e consumo exacerbado, mas sim segundo Acosta (2016) produzir para viver bem.

Agora com esta explicação acerca do trabalho que deve nos servir e não o ser humano servir o trabalho, colocando cada ponto em seu devido lugar, ordem, o trabalho contribuirá à dignificação da pessoa. Haveria que o assumir como espaço de liberdade e gozo, diante disso, Acosta (2016, p. 176) conclui que:

É indispensável ter em mente que o Bem Viver demanda uma revisão do estilo de vida vigente, especialmente entre as elites, e que serve de marco orientador – inalcançável – para a maioria da população. Antes do que se imagina, haverá que se dar prioridade a uma situação de suficiência, em que se busque o bastante em função do que realmente se necessita, em vez de uma sempre maior eficiência sustentada sobre as bases de uma incontrolável competitividade e um desregrado consumismo, que põem em risco as próprias bases da sociedade e da sustentabilidade ambiental.

#### 2.2.8 Bem Viver e a Técnica

Outra dimensão importante que o Bem Viver nos traz, é a questão da técnica. O avanço e progresso da ciência e da técnica nos abre aparentemente um campo infinito de possibilidades. Aparentemente porque na mesma medida que a técnica se desenvolve, moderniza junto à ciência, ela acaba também por restringir ainda mais nossos horizontes. Contudo são inegáveis os benefícios que podemos hoje vivenciar através dos avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas, de fato a potencial importância da tecnologia se revela a cada dia, numa velocidade que continuará nos surpreendendo, mas o que Acosta (2016) nos alerta, é que temos que ter em mente que nem toda a humanidade se beneficia de tais conquistas, uso de novas tecnologias.

A técnica/tecnologia é desenvolvida segundo uma agenda, ela serve um propósito de ser, onde têm objetivos a serem alcançados em virtude de sua criação, modernização, e são estas razões que devemos sempre refletir até que ponto ela poderá servir a todos de forma justa, igualitária, portanto a técnica como sabemos, não é neutra, é parte do processo de valorização

do capital o que a torna perigosa em vários aspectos, desenvolvida para cumprir as demandas de acumulação (ACOSTA, 2016). A técnica carrega em si uma “forma social” que implica na forma de como nós nos relacionamos uns com os outros e de como nós constituímos nesse processo.

Diante disso, Acosta (2016, p. 37) declara que os “[...] seres humanos, ao que parece nos transformaram em simples ferramentas para as máquinas, quando a relação deveria ser inversa. Para que exista outro tipo de técnica, portanto, é necessário transformar as condições de sua produção social”.

Por isso a importância de estabelecer análises sobre a relação entre técnica e tecnologia no bojo das perspectivas do Bem Viver, no sentido de repensar outros desenhos e outras formas de reprojeto da tecnologia convencional. As perspectivas como Tecnologia Apropriada, Tecnologia Social e Tecnociência Solidária, podem auxiliar nesse processo.

#### 2.2.9 Bem Viver e a Tecnologia

O Bem Viver como proposta de uma construção social baseada em outras concepções de vida, economia, política, ambiental e social, se apresenta diante de uma sociedade contemporânea, sob o hedge de um sistema capitalista de produção, como alternativa ao modelo hegemônico de desenvolvimento, progresso e produção. Não significa um retrocesso ao passado, à idade da pedra ou à época das cavernas, e tampouco uma negação à tecnologia ou ao saber moderno, como argumentam os promotores do capitalismo (ACOSTA, 2016). Um exemplo para clarificar este fato é de que, as tecnologias agrárias desenvolvidas para aumentar a produção em escala, a monocultura, baseadas na química e no monocultivo, acabam por levar à perda de biodiversidade.

O teórico corrobora com a questão da tecnologia ao refletir:

Mudar os padrões tecnológicos para recuperar e incentivar alternativas locais, sem negar as valiosas contribuições que podem vir do exterior, especialmente das chamadas tecnologias intermediárias e “limpas”. Grande parte destas capacidades e conhecimentos locais está nas mãos de comunidades e povos que, por decisão, tradição ou marginalização, se mantiveram fora do padrão tecnológico ocidental e utilizam e inventam opções para facilitar o trabalho produtivo e o consumo de produtos locais, artesanais e orgânicos (ACOSTA, 2016, p. 172).

Diante disso a tecnologia pode e deve ser utilizada, mas colocando sempre à frente o Bem Viver da humanidade em questionar e refletir até que ponto esta nova ferramenta tecnológica, este novo processo tecnológico amparado muitas vezes pela ciência de fato é uma benção ou apenas um fardo para a humanidade. Assim, a tecnologia nem sempre atrapalha, nem sempre contribui. O equilíbrio entre a tecnologia e o ser humano em sua relação com a sociedade, as consequências, as contribuições, de uma tecnologia criada são as questões que temos que ter sempre em mente.

### 2.2.10 Bem Viver, Indivíduo e a Comunidade

Devemos nos reencontrar com “a dimensão utópica”, tal como propunha o ensaísta peruano Alberto Flores Galindo, o que implica fortalecer os valores básicos da democracia: liberdade, igualdade e solidariedade, incorporando conceitos da vida em comunidade (ACOSTA, p.40, 2016).

Mas o que o Bem Viver nos traz de reflexões na questão de se viver em comunidade?

De acordo com José Maria Tortosa citado por (ACOSTA, 2016), o Bem Viver vai além de tentar sintetizar que ele é uma oportunidade para construir outra sociedade, sustentada em uma convivência cidadã em diversidade e harmonia com a Natureza, originários dos conhecimentos de diversos povos culturais das matrizes indígenas existentes ao redor do mundo. Corroborando com tais reflexões, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, afirma que o Bem Viver é “um conceito de comunidade onde ninguém pode ganhar se seu vizinho não ganha. A concepção capitalista é exatamente oposta: para que eu ganhe, o resto do mundo tem que perder” (ACOSTA, 2015, p. 76).

Desta forma para Acosta (2016) o Bem Viver e as interações com a comunidade poderia ser representada pelas possibilidades de bons conviveres dos seres humanos na comunidade, bons conviveres das comunidades com outras comunidades, bons conviveres de indivíduos e comunidades na e com a Natureza. Reforça a importância do indivíduo se conectar com o Bem Viver que aponta a uma ética da suficiência para toda a comunidade, e não somente para o indivíduo.

Entre tanto, como diz Acosta (2016, p. 87):



O Bem Viver não sintetiza uma proposta monocultural: é um conceito plural – bom conviveres, como já anotamos – que surge das comunidades indígenas, sem negar as vantagens tecnológicas do mundo moderno nem as contribuições de outras culturas e saberes que questionam distintos pressupostos da Modernidade.

Ou seja, o BV engloba um conjunto de ideias que está sendo forjado como reação e alternativa aos conceitos convencionais de desenvolvimento. E estas ideias estão ganhando cada vez mais relevância e sentidos que exploram novas perspectivas em sociedade, tanto no plano das ideias, como nas práticas.

Ainda, segundo Choquehuanca, o Bem Viver significa:

Recuperar a vivência de nossos povos, recuperar a Cultura da Vida e recuperar nossa vida em completa harmonia e respeito mútuo com a mãe natureza, com a Pachamama, onde tudo é vida, onde todos somos uywas, criados da natureza e do cosmos”. Para ele, todos somos parte da natureza e não há nada separado. São nossos irmãos tanto as plantas como as montanhas (CHOQUEHUANCA, 2010 apud GUDYNAS, 2011, p. 4).

É preciso um novo olhar sobre esta relação do ser humano com o próximo, com a natureza em sua vida em comunidade, na sociedade. Para tanto é importante colocar novas ideias em prática que visem garantir um futuro de equilíbrio nesta relação entre indivíduo e comunidade, e da comunidade com a sociedade refletindo diretamente na natureza.

Para isso se faz necessário compreender que no plano das ideias se encontram os questionamentos radicais às bases conceituais do desenvolvimento, especialmente sua ligação com a ideologia do progresso. De alguma maneira, essas críticas vão além do desenvolvimento e atingem outras questões essenciais, como as formas de entender-nos a nós mesmos como pessoas e a maneira como concebemos o mundo. Um segundo plano se refere aos discursos e às legitimações dessas ideias. O Bem Viver se distingue dos discursos que celebram o crescimento econômico ou o consumo material como indicadores de bem estar. Também não louva a obsessão com a rentabilidade e o consumo. Suas referências à qualidade de vida passam por outros caminhos. Incluem tanto as pessoas como a Natureza. No terceiro plano se encontram as ações concretas. Podem ser projetos políticos de mudança, planos governamentais, códigos de leis e a busca de alternativas ao desenvolvimento convencional. Aqui se encontra um dos grandes desafios das ideias do Bem Viver, no sentido que se

convertam em estratégias e ações concretas, sem repetir as posturas convencionais tão criticadas. E, além disso, requer-se que sejam viáveis (GUDYNAS, 2011).

Discutidas algumas percepções no contexto do Bem Viver, se torna possível estabelecer algumas relações com o contexto da agricultura familiar, pano de fundo do presente estudo.

### **2.3 Sobre a agricultura familiar: caracterizações preliminares**

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura – FAO define agricultura familiar como:

Todas as atividades agrícolas de base familiar e também como uma forma de classificar a produção agrícola, florestal, pesqueira, pastoril e aquícola que é gerida e operada por uma família e que depende principalmente de mão de obra familiar, incluindo tanto mulheres, como homens (FAO, 2017, p.01).

Mais do que aspectos conceituais, também é importante pontuar aspectos do imaginário social acerca dos trabalhadores do campo. Numa construção hierarquizada em relação às disputas inerentes do campo-cidade, o sujeito do campo foi conhecido como roceiro ou caipira. Assim como caboclo, o problema do uso destas denominações indica apenas não um homem da terra, mas sugere que é uma pessoa rústica e atrasada (BOJANIC, 2017; MARTINS, 1983apud SERAFIM, 2015), aspecto refutado na concepção do presente estudo.

Desde o final do século XX a partir da transformação e restauração da democracia, vem surgindo oportunidades para discussão de temáticas sobre o papel do campesinato, da agricultura familiar no âmbito social, político, econômico e principalmente, ambiental. Diante deste cenário a agricultura familiar apresenta importante participação no que tange ao processo de desenvolvimento rural, sendo foco de estudos, debates e reflexões com ampla participação de diversos setores sociais.

Ainda, no contexto de uma trajetória histórica, é importante considerar o surgimento de vários movimentos sociais pelo campo no Brasil, buscando por reivindicações da terra e conjuntamente várias pesquisas acadêmicas passaram a estudar os produtores familiares e o

seu papel na estrutura político-social passando a utilizar outra denominação: o da Agricultura Familiar, e não mais pequena produção.

Foi na década de 1970, que surgiu uma atenção especial voltada para a “pequena produção” e sua importância e participação na produção geral da agricultura do país. A questão é que ainda se faz necessário desmistificar a imprecisão do conceito “pequena produção” de forma a destacar a agricultura familiar não a reduzindo como pequena, mas a relevância de expandir esta agricultura de base familiar no país (LAMARCHE, 1998).

Para Lamarche (1998) um produtor agrícola familiar é aquele que exerce suas atividades produtivas numa unidade de produção agrícola familiar, ou seja, numa unidade na qual a propriedade e o trabalho estão extremamente sujeitos à família. As unidades de produção camponesas, que se apresentam como modelos de referência mais difundidos da unidade de produção familiar contemporânea eram também diversificados. Outra definição significativa atribuída à Chayanov diz respeito à perspectiva de que “o objetivo da agricultura camponesa é obter certo equilíbrio entre a amplitude, a intensidade e a penosidade do trabalho fornecido pela família e a satisfação de um nível de consumo. Existe uma outra maneira de definir os camponeses pautada na sociologia e etnologia, refere-se a sua “forma de vida social e cultural” completamente específica diferente de outros grupos sociais.

Além disso, conforme aponta Wanderley (2015, p. 26), é importante considerar que:

o campesinato corresponde a uma forma social de produção, cujos fundamentos se encontram no caráter familiar, tanto dos objetivos da atividade produtiva – voltados para as necessidades da família – quanto do modo de organização do trabalho, que supõe a cooperação entre os seus membros.

A ela corresponde a uma forma de viver, trabalhar no campo, que vai além da produção propriamente dita, está vinculado a um modo de vida e de cultura. Contudo existe um debate acerca dos processos de modernização da sociedade refletindo no campesinato e na agricultura, onde a modernização da agricultura e do meio rural originou-se a partir da transformação da agricultura camponesa tradicional: a persistência do campesinato, sua diferenciação social, suas novas formas de sociabilidade (LAMARCHE, 1998).

De fato, a agricultura familiar enfrentou diversas pressões e mudanças, de acordo com Wanderley (2015), mesmo após o fim do período colonial, num processo permanente de resistências e lutas para a permanência no campo, ainda que de forma contraditória, por vezes se aproximando, por vezes refutando as opções vinculadas à economia envolvente. Tais contradições e heterogeneidades são importantes para compreender tais aspectos no contexto brasileiro. Tensionamento importante nesse sentido dialogam com as pressões vivenciadas a partir da agricultura convencional orientada pelo agronegócio e a agricultura familiar.

Mesmo diante de um cenário de mudanças, a forma como o campesinato se posicionou, diante da entrada dos grandes empreendimentos, do modo como se estruturou a atividade agrícola, ela resistiu utilizando-se de estratégias destas as quais, criou espaços para outra agricultura, a de base familiar e comunitária (WANDERLEY, 2015).

Ademais, Lamarche (1998, p. 30) aponta que:

Ao longo da história, o campesinato brasileiro sempre esteve confrontando, sob diversas formas, ao latifúndio dominante. Escapar de sua órbita imediata, assegurando os meios de sua própria independência, sempre foram os objetivos maiores desse contingente de pequenos agricultores disseminados em todas as regiões do país.

Outro aspecto importante de se destacar é que o campesinato e a agricultura familiar caminharam por muitos terrenos arenosos, quando a atividade agrícola ficou subordinada às exigências dos setores dominantes da indústria e do capital financeiro, que resultou pela adoção de máquinas, equipamentos e insumos de origem industrial nos processos da produção agrícola, (SILVA, 1981, 1982; KAGEYAMA, 1996; DELGADO, 1985 apud WANDERLEY, 2015).

Ainda na década de 1970 ocorria um debate importante acerca da modernização da agricultura e a urbanização do meio rural. Tal diálogo colocava no centro da mesa, os imbricamentos entre capital e trabalho, segundo um modelo semelhante ao verificado nas relações industriais. O que acabara por colocar o campesinato de lado, ou excluído deste futuro, colocando em risco sua manutenção, pois ou seria o início do seu fim, ou aderir às novas formas estabelecidas pelo capital no campo, se sujeitando a elas. A partir disso, o desenvolvimento das forças produtivas, segundo fez com que a agricultura e o meio rural

tomassem novas proporções em virtude da modernização das suas atividades e pelo envolvimento socioeconômico global. Portanto mesmo diante de tais desafios que colocou a agricultura em outro patamar inevitavelmente, mesmo diante das mudanças ocorridas, não criou uma forma única de produção e homogeneizada incentivada pelo modelo empresarial, do tipo industrial (WANDERLEY, 2003).

Se estamos dialogando sobre o significado da agricultura e o rural neste cenário, é porque de fato ela ocupa uma posição eminente e importante frente à economia e sociedade atual. Por isso a agricultura familiar acaba assumindo um significado polissêmico e de difícil conceituação no Brasil. Há os que veem a agricultura familiar como uma parte que corresponde às exigências ocorridas no mercado, adaptando-as em oposição aos demais “pequenos produtores” que não conseguem se adaptar a estas mudanças. E ainda temos aqueles chamados de agricultores “consolidados”, ou os que conseguem, em pouco tempo, se consolidar, onde surgem as políticas públicas como suporte principal para a formação desse segmento. Em relação a este último apontamento, em termos gerais, o agricultor familiar é um ator social da agricultura moderna, e que acaba por ser uma parte da própria atuação do Estado (WANDERLEY, 2003).

O debate coloca mais uma vez para a agricultura familiar o desafio quanto a sua constituição:

deve-se perguntar: a inserção desses camponeses na sociedade moderna não termina por provocar mudanças significativas nos traços característicos do campesinato tradicional? O que muda? No segundo caso – os agricultores que se formam a partir dos estímulos das políticas públicas – não se corre o risco de desconhecer e negar sua própria história? Não seria esta uma história camponesa? (WANDERLEY, 2003, p.44).

Deve considerar duas categorias distintas para compreender o campesinato. Sendo a primeira onde o campesinato se constitui historicamente como uma civilização ou como uma cultura. De acordo com Mendras citado por Wanderley (2003) “o campesinato está sempre associado a sociedades camponesas” não o reduzindo a um jeito diferente de organizar a produção, nem a um tipo de integração ao mercado. Portanto deve- se observar que:

o processo de transformação do campesinato não pode ser entendido como a passagem de uma situação de isolamento social e de exclusão do mercado, para outra de integração econômica e social no conjunto da sociedade. Resta saber, em cada momento, de que sociedade englobante e de que campesinato se trata e como este se integra àquela (WANDERLEY, 2003, p.44).

Em segundo lugar o campesinato pode ser contemplado de forma social mais restrita com seu modelo de organização específico. Nesse contexto a agricultura camponesa está estruturada na unidade de produção gerida pela família, onde resultam na articulação entre patrimônio, trabalho e consumo, no interior da família, sobre uma lógica específica. Cujo formato não busca apenas identificar os caminhos para a obtenção do consumo através de seu trabalho, mas sim pelo reconhecimento da reprodução familiar, pela contribuição e permanência dos próprios familiares no campo, de forma coletiva, tanto dentro como fora do estabelecimento. Observando também a questão de sucessão familiar dos filhos, encaminhamento profissional deles, das regras quanto às uniões matrimoniais, dos que passarão a compor a família.

Portanto estas duas abordagens não são opostas, mas estão imbricadas nesses processos de transformação. Wanderley (2003) ao citar os estudos feitos por Henri Mendras, na França, a partir de 1960, aponta como a introdução de novas técnicas, tecnologias, pós-guerra, modificou irreversivelmente não apenas do ponto de vista tecnológico, mas civilizatório, quanto deu origem a introdução do milho híbrido de origem americana no período pós guerra.

Por exemplo, a imposição de usos de maquinários no campo, como o trator, gerou um novo modelo de produção mecanizado como encontrado no mundo industrial, incorporou a noção do tempo abstrato antagônico as virtudes do tempo da natureza no calendário agrícola. Segundo Wanderley (2003), os reflexos colocaram os conhecimentos dos camponeses de lado. O saber tradicional dos camponeses, passado de geração em geração, não é mais suficiente para orientar o comportamento econômico.

Assim, o exercício da atividade agrícola exige cada vez mais o domínio de conhecimentos técnicos necessários ao trabalho com plantas, animais e máquinas e o controle de sua gestão por meio de uma nova contabilidade. O camponês tradicional não tem propriamente uma profissão; é o seu modo de vida que articula as múltiplas dimensões de suas

atividades. A modernização o transforma num agricultor, profissão, sem dúvida, multidimensional, mas que pode ser aprendida em escolas especializadas e com os especialistas dos serviços de assistência técnica (WANDERLEY, 2003).

Ele não tem mais autonomia, ele precisa de um mestre desses novos aparatos tecnológicos para ensiná-lo como “produzir”, “trabalhar” no campo. O aumento de uso de tecnologias coloca o agricultor em total dependência dessa assistência técnica, ocorridos fora da comunidade local em virtude do que Mendras citado por Wanderley (2003) chama de “modernização tradicional”, rompendo com a forma tradicional de produzir.

Os camponeses são os primeiros abandonar suas atividades, por não conseguirem atender às exigências destas novas mudanças, em razão de dificuldades em assimilar elas. Sendo assim toda a estrutura tradicional da sociedade camponesa é modificada em profundidade. Apresenta-se assim uma hipótese que não é nova, mas vem sendo discutida no decorrer dos anos:

Mais do que propriamente uma passagem irreversível e absoluta da condição de camponês tradicional para a de agricultor familiar “moderno”, teríamos que considerar, simultaneamente, pontos de ruptura e elementos de continuidade entre as duas categorias sociais. O agricultor familiar é, sem dúvida, um ator social do mundo moderno, o que esvazia qualquer análise em termos de decomposição do campesinato, mas, como afirma Marcel Jollivet (2001: 80), “no agricultor familiar há um camponês adormecido” (Aliás, um camponês bem acordado). Assim, o que concede aos agricultores modernos a condição de atores sociais, construtores e parceiros de um projeto de sociedade – e não simplesmente objetos de intervenção do Estado, sem história – é precisamente a dupla referência à continuidade e à ruptura (WANDERLEY, 2003, p.47).

É essencial considerar as lutas, entraves, resistências e adaptação dos agricultores aos novos contextos econômicos e sociais. Não se pode considerar a presença de agricultores familiares na sociedade atual como uma simples reprodução do campesinato tradicional. Está em constante processo de mudanças significativas que impactam diretamente em sua forma de produzir, gerir sua vida social em muitos casos, a própria importância da lógica familiar.

Mesmo inserida no mercado, deve-se reconhecer que:

A lógica familiar, cuja origem está na tradição camponesa, não é abolida; ao contrário, ela permanece inspirando e orientando – em proporções e sob formas distintas, naturalmente – as novas decisões que o agricultor deve tomar nos novos

contextos a que está submetido. Esse agricultor familiar, de uma certa forma, permanece camponês (o camponês “adormecido” de que fala Jollivet) na medida em que a família continua sendo o objetivo principal que define as estratégias de produção e de reprodução e a instância imediata de decisão (WANDERLEY,2003, p.48).

Destarte Wanderley (2003) descreve que o campesinato poderia ser entendido como sociedades camponesas e como agricultura camponesa. Sendo possível acrescentar mais um enfoque político-ideológico onde buscar apresentar uma nova identidade social, onde se opõe e crítica o modelo dominante da agricultura moderna. Grande parte dos países onde essa agricultura moderna se faz presente, sob um modelo hegemônico dominante, é criticada na maioria por agricultores familiares que se definem como camponeses, sendo porta voz para uma nova concepção de agricultura moderna. Questionando uma visão que considera a agricultura como um simples campo de investimento de capital que em consequência, privilegia a quantidade produzida e a produtividade.

Do surgimento de um novo ator, o do agricultor moderno, Ploeg (2014), irá dizer que a principal diferença entre agricultura que tem sua origem no campesinato e a agricultura moderna empresarial, é de que a primeira é fortemente baseada no capital ecológico (especialmente a natureza viva), enquanto a agricultura empresarial afasta-se progressivamente da natureza. Insumos e outros fatores artificiais de crescimento, agrotóxicos, substituem os recursos naturais, o que resulta em uma agricultura mecanizada, industrializada, dependente do capital financeiro, favorecendo a economia de escala e aumento ilimitado da produtividade.

Para Ploeg (2014) em termos quantitativos, os camponeses são a maior parcela, se não a maioria esmagadora da população agrícola do mundo, por esta razão devemos valorizar ainda mais seu importante papel na manutenção de variedades na produção de alimentos, geração de emprego e renda, a sustentabilidade e o desenvolvimento de modo geral, antagônicos ao desenvolvimento da agricultura moderna empresarial.

Com a modernização da agricultura, acabou por dar espaço para um crise agrária a partir da interação entre (1) a parcial, ainda que progressiva, industrialização da agricultura, (2) a introdução do mercado global como princípio ordenador da produção e comercialização agrícola e (3) a reestruturação da indústria de processamento, de grandes empresas de



comercialização e de cadeias de supermercados em impérios alimentares que exercem um poder monopólico crescente sobre as relações que encadeiam a produção, o processamento, a distribuição e o consumo de alimentos. A fusão desses três processos, criando um novo e global regime alimentar, está afetando profundamente a natureza da produção agrícola, os ecossistemas nos quais a agricultura está enraizada, a qualidade do alimento e as suas formas de distribuição (PLOEG, 2014).

Ante o exposto é possível evidenciar como estes processos da industrialização da agricultura desencadeiam outras questões, pois:

A industrialização da agricultura é um processo que tem em vista especialmente os modos empresarial e capitalista de produção agrícola. Ela envolve diversas dimensões, muitas das quais se relacionam com as explicações para a crise atual. A industrialização da agricultura implica uma desconexão – frequentemente extrema – da agricultura com a natureza e com as localidades: fatores naturais (tais como fertilidade do solo, bom esterco, variedades cuidadosamente selecionadas e raças localmente adaptadas) têm sido progressivamente substituídos por fatores artificiais que se expressam na forma de insumos externos e novos equipamentos tecnológicos (PLOEG, 2014, p. 23).

Após a Segunda Guerra Mundial conforme aponta Ploeg (2014), houve um processo de aceleração, inaugurando um período que iria marcar de forma negativa a história ambiental, devido ao aumento do consumo resultando na degradação ambiental. Tal acontecimento fez com que as crises nas dinâmicas ecológicas do Planeta aumentassem, sendo a globalização da civilização industrial e do aumento demográfico, contribuição para o desequilíbrio nos recursos naturais. Isso se deve ao fato de uma racionalidade econômica baseada no capital e o uso intensivo de novas tecnologias, modernização da técnica, utilizados como ferramenta de transformação do mundo natural, para um mundo em constante transformação tecnológica.

A agricultura familiar contemporânea pode auxiliar significativamente nas respostas à crise ecológica mundial. De um lado estão às monoculturas industrializadas e os mercados alimentares globalizados que ocupam a maior porcentagem sobre as principais atividades econômicas geradoras da degradação ambiental e das mudanças climáticas ao mesmo tempo em que são as mais vulneráveis aos efeitos desses fenômenos. Outros fatores são revelados em documentos oficiais, apontando que essa relação entre a economia e a ecologia dos sistemas

agroalimentares resulta na desigualdade social e de restrições humanas de acesso aos seus direitos, os colocando em situações como a fome e a subnutrição decorrentes da disseminação em larga escala do modelo industrial de produção e abastecimento, se amparadas única e exclusivamente na agricultura convencional (PLOEG,2014).

Apesar de este modelo carregar uma promessa há mais de cinco décadas de prover a prosperidade econômica no mundo rural e de assegurar alimentação farta e barata para a população mundial que está em crescimento, os dados concretos revelam justamente o contrário.

Segundo Heberlê; Sicoli; *et al.*(2017) em 2006 a agricultura familiar correspondia 4,3 milhões de unidades produtivas (84% do total) e 14,0 milhões de pessoas ocupadas, sendo que 74,0% das ocupações eram no campo, e 80,3 milhões de hectares (25,0% da área total), contribuindo expressivamente para produção de alimentos essenciais da dieta básica do brasileiro, atuando em um papel importante na geração de trabalho rural no Brasil, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2006.

Diante deste cenário do Censo Agro 2006 frente ao Censo Agro 2017 uma alarmante informação se coloca em evidência. Em 2017 nos estabelecimentos da Agricultura Familiar, a população ocupada reduziu em 2,166 milhões de pessoas, em contrapartida, nos estabelecimentos não caracterizados dessa forma deu-se o oposto: aumento de 702,09 trabalhadores. Cerca de 77% dos estabelecimentos foram classificados como de Agricultura Familiar e foram responsáveis por 23% do valor da produção, ocupando 23% da área total dos estabelecimentos agropecuários. Trabalhavam na Agricultura Familiar cerca de 10,1 milhões de pessoas, ou 67% da mão de obra dos estabelecimentos agropecuários. Em 2017, o Brasil tinha 51.203 estabelecimentos com 1 mil hectares ou mais, que representavam apenas 1,0% do total, mas concentravam 47,6% da área ocupada pelos estabelecimentos. Em 2006, essa participação era de 45%. (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017).

Cerca de 1,7 milhão de produtores informaram ter utilizado agrotóxicos em 2017, um aumento de 20,5% em relação a 2006. Na história dos censos agropecuários, esse número alterou muito, chegando ao seu ponto mais alto (quase 2 milhões) em 1980, e ao nível mais baixo (quase 1,4 milhão) em 2006.

**Tabela 1**– Dados sobre Agricultura Familiar no Brasil, Censo Agro 2006.

Censo Agro 2006						
Total, agricultura familiar	Estabelecimentos		Área total (ha)		Pessoal ocupado	
<b>Total</b>	<b>5 175 636</b>	<b>100,00%</b>	<b>333 680 037</b>	<b>100,00%</b>	<b>16 568 205</b>	<b>100,00%</b>
<b>NORMAS VIGENTES EM 2017</b>						
Agricultura não familiar	870 531	16,80%	252 411 258	75,60%	4 286 660	25,90%
Agricultura familiar-LEI-11326 -2017	4 305 105	83,20%	81 268 779	24,40%	12 281 545	74,10%
Censo Agro 2017						
Total, agricultura familiar	Estabelecimentos		Área (ha)		Pessoal ocupado	
<b>Total</b>	<b>5 073 324</b>	<b>100,00%</b>	<b>351 289 816</b>	<b>100,00%</b>	<b>15 105 125</b>	<b>100,00%</b>
<b>NORMAS VIGENTES EM 2017</b>						
Não é agricultura familiar	1 175 916	23,20%	270 398 732	77,00%	4 989 566	33,00%
Agricultura familiar	3 897 408	76,80%	80 891 084	23,00%	10 115 559	67,00%
Censo Agro: Variações de 2006 a 2017						
Total, agricultura familiar	Estabelecimentos		Área (ha)		Pessoal ocupado	
<b>Total</b>	<b>-102 312</b>	<b>-2,00%</b>	<b>17 609 779</b>	<b>5,30%</b>	<b>-1 463 080</b>	<b>-8,80%</b>
Não é agricultura familiar	305 385	35,10%	17 987 474	7,10%	702 906	16,40%
Agricultura familiar	-407 697	-9,50%	-377 695	-0,50%	-2 165 986	-17,60%

Fonte: Censo Agro (2016).

Conforme os dados acima, podemos destacar alguns pontos de mudança que ocorreram desde o último censo de 2006 para o censo de 2017, sendo eles:

O contingente de pessoal ocupado caiu 1,5 milhão em 11 anos, ocasionando também o aumento de números de tratores no processo de trabalho para 49,9%. No final do ano de 2017 havia 15.105.125 pessoas ocupadas nos estabelecimentos agropecuários, uma média de 3,0 pessoas por estabelecimento, entre produtores e pessoas com laços de parentesco com eles, além de empregados temporários e permanentes. Do total de pessoas ocupadas nesta data, os produtores e trabalhadores com laços de parentesco com eles representaram 73,5% (11.101.533).

Na comparação com o Censo Agropecuário 2006, houve redução de 1.463.080 pessoas no total de ocupados, que era de 16.568.205 no dia 31/12 daquele ano. A média de ocupados por estabelecimento também caiu, de 3,2 pessoas, em 2006, para 2,97, em 2017. Nos estabelecimentos da Agricultura Familiar, a população ocupada foi reduzida em 2,166 milhões de pessoas.

Deste modo a Agricultura familiar compõem bases importantes na estrutura de uma sociedade, em alguns principais aspectos como: (a) é responsável por garantir à segurança alimentar e nutricional; (b) preserva os alimentos tradicionais, pois em seu processo de

produção a uma vasta diversidade de alimentos, oferecendo maior fonte de nutrientes e minerais para uma alimentação saudável e balanceada, além de salvaguardar a agro biodiversidade e o uso sustentável dos recursos naturais; (c) a AF é uma oportunidade de contribuir com as economias locais, principalmente se operacionalizada em conjunto com as políticas específicas destinadas a promover a autonomia do agricultor, valorizando e respeitando sua identidade, protegendo o patrimônio sociocultural e natural, visando o bem-estar das comunidades e o desenvolvimento rural; d) Cooperar para geração de postos de trabalho. Incluindo aqui um ponto relevante, de que a AF se apresenta como uma alternativa ao modelo de agricultura convencional, sendo a resposta positiva frente aos impactos das mudanças climáticas e ambientais, bem como às mudanças de padrões e hábitos de consumo, onde cada vez mais o consumidor busca por uma alimentação saudável, nutritiva, de qualidade. (NAÇÕES UNIDAS, 2017).

Assim, agricultura familiar atualmente responde a 33% do valor total da produção do meio rural. No mundo 70% dos alimentos que chegam ao consumidor vêm de pequenos produtores. Não é a toa que o Ano Internacional da Agricultura Familiar teve como um dos objetivos reposicionar a agricultura familiar no centro de políticas agrícolas, ambientais e sociais dentro das agendas dos países, além de identificar lacunas e oportunidades para promover mudanças com o intuito de alcançar um desenvolvimento mais equitativo e equilibrado (BOJANIC, 2017).

Como apontado pelo Ministério da Agricultura (MDA, 2016) - Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo, a Agricultura Familiar tem dinâmica e características distintas em comparação à agricultura convencional. Ela é gerida totalmente por uma família e a atividade produtiva agropecuária é a principal fonte geradora de renda. A relação que o agricultor tem com a terra e a valorização dela é muito forte, pois não é apenas seu local de trabalho, mas de pertencimento, de moradia. De conhecimentos ancestrais, tradicionais, terras muitas vezes recebe de herança, de geração em geração.

Outra característica que podemos encontrar na AF, é a diversidade produtiva, conforme aponta os dados do Censo Agropecuário de 2006: 84,4% do total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros pertencem a grupos familiares. São aproximadamente 4,4 milhões de

estabelecimentos, sendo que a metade deles está na Região Nordeste. Segundo o estudo, ela constitui a base econômica de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes; responde por 35% do produto interno bruto nacional; e absorve 40% da população economicamente ativa do país. Ainda segundo o Censo, a agricultura familiar produz 87% da mandioca, 70% do feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz e 21% do trigo do Brasil. Na pecuária, é responsável por 60% da produção de leite, além de 59% do rebanho suíno, 50% das aves e 30% dos bovinos do país, Ministério do Desenvolvimento Agrário-MDA (2016).

A agricultura gera valor econômico vinculado ao abastecimento do mercado interno e ao controle da inflação dos alimentos consumidos pelos brasileiros. A Lei nº 11.326/2006 destaca que é considerado agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, possui área de até quatro módulos fiscais, mão de obra da própria família, renda familiar vinculada ao próprio estabelecimento e gerenciamento do estabelecimento ou empreendimento pela própria família. Também são considerados agricultores familiares: “silvicultores, aqüicultores, extrativistas, pescadores, indígenas, quilombolas e assentados da reforma agrária” (MDA, 2016, p. 1).

Além disso, conforme indica Piccolotto (2010) Brasil não é um país predominante monocultor, e sim um país de policulturas, a pequena roça de policultura fornece alimentação aos sessenta milhões de habitantes do Brasil e emprega a maioria dos homens do campo.

Esses agricultores (posseiros, pequenos proprietários ou agregados) viviam em situações de extrema precariedade no que se refere ao seu modo de vida rudimentar e miserável, à falta de legalização sobre as terras, a pouca relação com os mercados e à falta de acesso às técnicas modernas e ao crédito público. Era uma situação de extrema debilidade que se refletia na sua invisibilidade social e política.

Sendo assim de acordo com Queiroz como descreve Piccolotto (2015) a agricultura familiar nasceu no Brasil sobre a égide da precariedade. E com o surgimento da mecanização, da industrialização e do agronegócio, os Agricultores familiares foram sendo deixados de lado, porém convém ressaltar que tais transformações foram sócias técnicas (e não puramente

sociais ou técnicos) assim a agricultura ganhou novas faces, o desenvolvimento foi tomando lugar pouco a pouco.

Deste modo, as transformações da agricultura espelham as transformações relacionadas a um contexto mais amplo, estabelecido por fatores sociais, políticos e econômicos, e não apenas técnicos (SERAFIM, 2015). Logo, discutir a situação da agricultura familiar na contemporaneidade nos faz retomar alguns eventos históricos que contribuíram para estas transformações.

O primeiro processo de mudanças na agricultura diz respeito às mudanças ocorridas na Europa entre os séculos XVIII e XIX, através de cerceamento dos campos comunitários, desencadeou um intenso movimento do êxodo rural, alimentando assim a demanda por mão-de-obra, resultando em uma crescente concentração dos meios de produção através da manufatura e depois pela indústria. Ainda, a adoção de novas tecnologias, pois ocorreu uma reestruturação da propriedade da terra, associadas a crescentes demandas por maior volume de produção de alimentos, que priorizavam acima de tudo a produtividade. De modo que estas mudanças acabaram por culminar na Revolução Agrícola que se caracteriza como uma série de inovações técnicas, sociais e econômicas, mudando a forma de ser da agricultura que evoluiu de métodos e estruturas feudais para uma dinâmica de produção capitalista (AQUINO *et al.*, 2018; SERAFIM, 2015).

Posteriormente, é necessário mencionar a Revolução Verde, que teve sua origem nos pós II Guerra Mundial (1940-1950) e acabou por gerar mais dependência das tecnologias e novas técnicas, das máquinas. Assim como descreve Serafim (2015, p. 25):

A necessidade dos países em aumentar sua produção e sua produtividade agrícola fez com que a mudança na relação social trabalho-campo e na forma de exploração da natureza iniciada nas revoluções agrícolas, pautada em novo paradigma técnico-produtivo, se solidificou ainda mais.

O foco agora era a modernização tecnológica, baseada no uso intensivo de insumos químicos, variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, de irrigação e da mecanização. A agricultura Familiar agora não tinha espaço, surgiu um novo modelo de agricultura que passou a ser a convencional e praticada pelo mundo todo, o agronegócio. Tal

fato acabou por criar um ciclo de dependência da agricultura entre a lógica da produção especializada (cultivo de uma cultura), diferente do que a agricultura familiar produz, o qual seria a policultura, e dependência dos insumos agrícolas (SERAFIM, 2015).

Conforme Lamarche (1998) a agricultura familiar pode ser entendida a partir de suas lógicas. Para tanto, apresenta três temas para determinar o grau de intensidade das lógicas da agricultura familiar: a terra, o trabalho e a reprodução familiar.

Falando do aspecto da terra, esta é para ele um patrimônio familiar, ou um simples instrumento de trabalho? A propriedade fundiária familiar, leva em conta ao mesmo a propriedade individual do responsável do estabelecimento e da propriedade dos outros membros da família; a importância dada à propriedade fundiária, o apego à terra, o trabalho: a importância da família para o êxito do estabelecimento; a reprodução do estabelecimento: quais destinos o produtor dará para seus investimentos, quais são suas prioridades? Seria, pois, comprar mais maquinaria, animais, terra, ou dirigir para necessidades não agrícolas (equipamentos domésticos, moradia, instalação dos filhos, lazer (LAMARCHE, 1998).

Tratando-se do trabalho familiar pode ser compreendido de um duplo registro: primeiro, a divisão do trabalho entre os diversos membros da família; segundo a intensidade da utilização das diferentes frações de mão-de-obra tanto na unidade de produção quanto fora dela.

Isso reflete na questão da dependência da tecnologia, a dependência financeira e dependência do mercado, como aponta Lamarche (1998):

a) Dependência Tecnológica: os sistemas de produção não são hegemônicos, variam de país a outro, uma região e outra, um município, vilarejo e outro, enfim, nem todos os produtores utilizam as mesmas técnicas. O que os torna mais dependente por outro lado, é o uso de técnicas “de ponta” para dar conta de um sistema intensivo de produção, levando o produtor a uma maior dependência externa: dependência tecnológica, porque estas técnicas estão cada vez mais sofisticadas e mudando, se modernizando.

b) Dependência Financeira: dependendo do sistema de produção implementado, as necessidades financeiras irão variar consideravelmente e a disponibilidade dos meios de

financiamento (autofinanciamento ou empréstimo) irá resultar por colocar os produtores em situações de dependência de diferentes níveis.

c) Dependência do Mercado: Alguns produtores tem o foco de sua produção voltada totalmente ao mercado, ou seja, tudo que eles produzem é destinado à venda. Outros acabam por fazer uma divisão entre produzir para o mercado, e o resto fica para atender as necessidades familiares (autoconsumo familiar).

A dependência do mercado está vinculada no tamanho de venda exercido pelos produtos, pois aquele que vende toda sua produção consegue uma renda destas vendas e com ela sua condição de vida depende deste mercado e flutuação dos preços. Esta dependência é menos forte entre os produtores que praticam o autoconsumo (LAMARCHE, 1998).

Portanto o que se percebe é que a Agricultura Familiar no decorrer dos anos passou e tem passado por grandes desafios, diante de tanta competitividade nos mercados do agronegócio, ela tem permanecido resistindo e trazendo novas formas em seu processo de produção que se preocupe com a relação sociedade e natureza.

Estes modelos tem possibilitado o agricultor familiar agregar valores imateriais e materiais para sua manutenção no campo, contribuição da preservação da natureza, para uma reaproximação entre o produtor e consumidor a partir de uma consciência coletiva, que busca consumidor produtos do campo para mesa, mais saudáveis e nutritivos, sem venenos, agrotóxicos. Surge um movimento anti-industrialização, pois o modo de produzir do agronegócio não se destina a produzir alimentos, e sim commodities apenas para degradar ainda mais a natureza e enriquecer as grandes corporações do agronegócio.

Aqui cabe ressaltar que pelo trabalho da agricultura familiar, é que propicia garantias da soberania alimentar, segurança alimentar e saúde em um movimento antagônico ao modelo de produção hegemônico atual.

Segundo Ploeg (2014) em seu texto sobre as dez qualidades da agricultura familiar é destaca que ela se contrapõe à concepção burocrática, aos protocolos que procuram regular a atividade do agricultor à lógica industrial que dominam cada vez mais nossas sociedades. Isso faz com que ela seja vista, de um lado, como arcaica e anárquica, mas, por outro lado – e ao mesmo tempo –, renasça como algo atrativo e sedutor.



Para Ploeg (2014) pode-se destacar ao menos dez qualidades da agricultura familiar são: (1) **a agricultura familiar tem o controle sobre os principais recursos**, o estabelecimento familiar é onde a família investe **a maior parte de sua força de trabalho (2)**, o estabelecimento satisfaz múltiplas necessidades da família, além de prover os meios para o seu funcionamento.

Essa junção entre **a família e o estabelecimento (3)** é central nas decisões relacionadas ao desenvolvimento do próprio estabelecimento, **os estabelecimentos familiares proporcionam à família agricultora uma parte – ou a totalidade – de sua renda e dos alimentos consumidos (4)**.

Portanto, **o estabelecimento familiar não é só um lugar de produção (5)**, mas é o lar da família agricultora. É seu espaço de pertencimento, além de ser o lugar que lhes proporciona abrigo. É o lugar onde a família vive e onde as crianças crescem. **A agricultura familiar é parte de um fluxo que une passado, presente e futuro (6)**, o que significa que cada estabelecimento familiar possui uma história cheia de memórias, **o estabelecimento familiar é o local onde experiências são acumuladas (7)**, onde o aprendizado tem lugar e onde o conhecimento é transmitido à geração seguinte de maneira sutil, porém determinada.

O estabelecimento familiar **é um lugar onde se vivencia e se preserva a cultura (8)**, podendo assim ser considerado um patrimônio cultural, **A família e o estabelecimento são também partes integrantes da economia rural (9)**: estão vinculados à localidade e são portadores dos códigos culturais da comunidade à qual pertencem, De forma equivalente, **o estabelecimento familiar faz parte da paisagem rural (10)**, conforme aponta (PLOEG, 2014).

Na propriedade familiar pode-se trabalhar com a natureza, tendo-a como parceira, alinhados aos processos de equilíbrios ecológicos (em vez de interrompê-los) e preservar a beleza e a integridade das paisagens. Deste modo, o trabalho da agricultura familiar junto à natureza, contribui localmente para a conservação da biodiversidade e para a luta contra as mudanças climáticas globais. Sua atuação implica uma interação contínua e próspera como revela Ploeg (2014) com a natureza viva – uma característica altamente valorizada pelos próprios agricultores.

## **2.4 Agricultura familiar e modelos alternativos de produção: uma colheita promissora para o ser humano e a natureza**

Aqui se encontra uma mobilização importante. As razões pelas quais se faz necessário um novo olhar, novas perspectivas para a Agricultura Familiar não apenas no Brasil, mas no mundo: a evidente crise ambiental, energética e financeira em que vive o planeta e o papel da AF na promoção da sustentabilidade e Bem Viver.

A segunda Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, Rio +20, reuniu-se para discutir sobre a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável. Os principais pontos abordados na conferência foram às questões referentes sobre a fome e a pobreza, de deter as mudanças climáticas, a perda da biodiversidade, a erosão dos solos e tantos outros graves problemas ambientais. Dos 27 eixos tratados nessa conferência, onze tem relação com a agricultura: segurança alimentar, agricultura e desenvolvimento rural, mudança climática, água, energia, oceanos e zonas costeiras, biodiversidade, florestas, desertificação, pesca e aquicultura e erradicação da pobreza.

O modelo atual hegemônico de produção dos alimentos e modelo de desenvolvimento agrícola de base industrial intensiva convencional, com adoção de processos de mecanização e da monocultura pautado no capitalismo, causando a desestruturação de culturas tradicionais, estruturado em práticas insustentáveis do modo de vida e das sociedades, vem colocando em cheque o déficit do planeta terra, a existência de toda forma de vida, dentre os quais a humanidade faz parte deste cálculo crítico de manutenção da vida e do Ecossistema, pois tal atitude tem causado danos relevantes ao Planeta. Com a perda de seus conhecimentos e recursos genéticos locais, surgiram diversas discussões, gerando numerosas manifestações sociais na década de 1980 que passam a contestar a adoção destes processos. Infelizmente estas manifestações não foram suficientes para barrar a adoção dos princípios da Revolução Verde (SERAFIM, 2015).

Este modelo de agricultura convencional, hegemônica, tem impactado em todos os empreendimentos humanos, sociais, políticos, ambientais. No aspecto social notam-se

impactos negativos sobre a segurança alimentar, saúde, subsistência econômica e aumento do êxodo rural em muitas comunidades tradicionais e famílias de agricultores (VOGT et al., 2012).

Como resposta à crise social e ecológica, causadas pela agricultura convencional estruturada nos ideários da RV, surge então na década de 1970/1980 um movimento paralelo, as agriculturas alternativas - a Agroecologia. Vale explicitar que apesar da Agroecologia ter recebido maior reconhecimento a partir das décadas de 1970, a raiz deste movimento na academia surge do diálogo de duas disciplinas, a Ecologia e a Agronomia, iniciadas na década de 1920. É no bojo destas lutas e resistências que a agroecologia se apresenta não apenas como um modelo de agricultura que adota práticas ou tecnologias que se opõe àquelas práticas dos pacotes tecnológicos da Revolução Verde. A Agroecologia traz um enfoque científico, de multivariáveis, buscando apoiar a mudança dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agricultura sustentáveis (SERAFIM, 2015).

Diante ao exposto:

A agroecologia deve ser considerada como uma forma de resistência aos padrões convencionais de produção agropecuária e poderia, nesse sentido, fornecer um importante conjunto de elementos para reorientação da pesquisa agropecuária de forma a valorizar a participação e os conhecimentos do agricultor familiar (SERAFIM, 2015, p.32).

Segundo Norder, Lamine (2016), a palavra agroecologia passou a ser incorporada nos discursos de diversas organizações nos países latinos. Surgiram assim diversas interpretações a respeito dela, tornando-a polissêmica, gerando conflitos nas discussões e reflexões a respeito desta temática. Isso se deve ao envolvimento de inúmeras frentes que incorporam esse conceito em suas diretrizes.

O resultado da disseminação da Agroecologia corrobora para uma atuação significativa, de sucesso, quanto aos acadêmicos que procuraram ampliar a fundamentação científica das práticas agroecológicas conduzidas por movimentos sociais voltados para a transformação da agricultura, do sistema alimentar e da sociedade. Arelado à crítica às pesquisas com transgênicos, colocando em debate a questão de sua regulamentação, aplicação

na produção agropecuária, o que aponta para um dos grandes consensos em Agroecologia (TOMICICH *et al.*, 2011; LACEY, 2007 citado por NORDER, LAMINE, 2016).

Para Buttel (2003) citado por Norder, Lamine, 2016), a agroecologia pode ser analisada em cinco aspectos diferentes: a Agroecologia Ecosistema: onde está relacionado em fazer uma análise comparativa entre o mundo natural e o agrossistema, buscando fortalecer e dar voz a agricultura. Outra variedade, com foco nos processos ecológicos na agricultura, com ênfase para a ecologia de populações; a variedade agronomia para uma agricultura sustentável em base agroecológica, buscando produzir de forma alternativa, na contrapartida de que tem outra parte dos agricultores, particularmente ecologistas de plantas daninhas e especialistas em sistemas de produção, focam a agricultura convencional. Outro aspecto está vinculado à variedade Economia Política Ecológica, foco no âmbito político e socioambiental.

Desta forma:

A noção de agroecologia passou a ser utilizada por instituições com diferentes características, finalidades e prerrogativas: agências de pesquisa, movimentos sociais, órgãos governamentais, organizações não governamentais, fundações, cursos universitários e escolas de ensino médio, agências de assistência técnica e extensão rural e jornalistas, além do órgão da ONU para Agricultura e Alimentação, entre outras (NORDER, et al., 2006, p.21).

Nesse percurso histórico, a Agroecologia passou a ser definida não apenas como processo de conhecimento, mas também como processo produtivo-organizacional, ou seja, como sinônimo de agricultura ecológica: “um verdadeiro ‘conceito guarda-chuvas’ (...), a Agroecologia designa o conjunto das agriculturas alternativas em relação à agricultura dominante” (TARDIEU, 2012, p. 433).

Outra questão é que os sistemas produtivos da agricultura familiar de base ecológica ou agroecológica são de multifuncionalidade e pluriatividade, pela sua própria condição, tendo como prioridade segundo Vogt e outros (2012) a conservação e regeneração da biodiversidade nos seus ambientes, pois esta é a raiz do seu modelo de produção, um fator estratégico para o equilíbrio dinâmico, resiliência e sustentabilidade do sistema, produzindo assim além dos alimentos e renda, importantes modelos de produção que garantem melhor resultados entre a terra, o ser humano e o meio ambiente, gerando interessantes serviços ambientais.

Uma questão salutar é evidenciar que a permanência e perseverança do pequeno produtor familiar num cenário capitalista e modernizado tanto no campo, como no urbano, entre cidade e periferia está no fato de reconhecer a adaptabilidade criativa do homem do campo frente às mudanças tecnológicas e pressões hegemônicas:

O trabalho mostra que a Agroecologia é sim, uma realidade sócio-histórica, porém ainda invisível dentro de muitos espaços e estruturas de poder. Deve ser entendida de diversas formas: como ciência, como movimento e prática. Uma perspectiva maior para a produção de base ecológica familiar dependerá do reconhecimento deste paradigma emergente (VOGT et al., 2012, p.11).

A agroecologia não existe isoladamente, mas é uma ciência integradora que agrega conhecimentos de outras ciências, além de agregar também saberes populares e tradicionais provenientes das experiências de agricultores familiares de comunidades tradicionais e camponesas (VOGT et al., 2012).

São diversos os fatores que envolvem o desenvolvimento socioeconômico ambiental, o planejamento e a preservação dos recursos naturais das unidades de produção, passam pela questão das práticas agrícolas, a realidade local, qualidade de vida e um novo padrão de desenvolvimento rural, baseado novas formas não convencionais, alternativas de modelo de produção orientados pelo conhecimento dos processos ecológicos nas áreas produtivas e num contexto mais amplo a que elas pertencem, como a produção de base ecológica (PELEGRINI et al, 2012)

De acordo com Gliessman (2001), a agricultura considerada moderna é insustentável, além de não atender a demanda mundial de produzir comida suficiente para a população global, longo prazo, ela degrada os recursos naturais dos quais a agricultura depende – o solo, as reservas de água e a diversidade genética natural, além de criar dependência dos combustíveis fósseis não renováveis. Porém, a produção agroecológica é uma atividade que trabalha em estreita ligação com os sistemas naturais. O que inclui: o solo, sua vida e estrutura, ar e água, seus equilíbrios minerais, as sociedades vegetais e suas sucessões, o clima e até a atividade do ser humano.

Ainda, em tratando da agricultura familiar como principal responsável pela garantia do direito humano à alimentação adequada, segura, de qualidade, previsto desde 2010 na

Constituição da República, quando adota modelos alternativos de produção, coopera com o Ecossistema e nossa própria existência, o que requer ainda mais o apoio da comunidade, da sociedade e políticas públicas de incentivo.

A Emenda Constitucional nº64 representou uma conquista real e imediata, porque trouxe consigo um novo olhar à luta pela universalização do direito humano à alimentação adequada, exigindo de todos, olhar transdisciplinar, propiciando ações políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição, acesso e consumo de alimentos seguros e de qualidade, com promoção de saúde e da alimentação saudável (ARAÚJO *et al.*, 2015).

Devido a estes avanços na legislação, gerou oportunidades, dando origem à Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica para “ordenar e potencializar a produção e oferta de alimentos saudáveis para a população”, tendo como ponto de partida a produção ecológica que provém da agricultura familiar e camponesa e dos sistemas agroflorestais. Outra construção importante que foi criado após a aprovação da PEC, foi a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, cujo objetivo é melhorar a qualidade da produção dos agricultores familiares pelo qual do fruto de vossos trabalhos é que obtemos acesso à alimentação em grande parte do que produzem (ARAÚJO *et al.*, 2015).

Considerando estas questões, a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional que é responsável pelo abastecimento e da estruturação de sistemas sustentáveis e descentralizados, de base ecológica, como eixo fundamental para cumprir e promover a segurança alimentar e nutricional do Direito Humano à alimentação adequada foram um dos importantes pilares que nasceu após a Emenda nº64. Portanto movimentos voltados para práticas sustentáveis devem ser cada mais valorizados e fortalecidos pela sociedade, cooperando, trabalhando e investindo no conceito de sustentabilidade (ARAÚJO, *et al.*, 2015).

Tais apontamentos corroboram com as práticas e filosofia de vida do Bem Viver que aponta para imaginar outro mundo possível, novas formas de se fazer e pensar que não estejam amarradas no eurocentrismo, no modelo de produção dominante.

Logo, está claro que o modelo de produção hegemônica atual, fundamentado no paradigma tecnológico da revolução verde, filho da sociedade industrial e do “fordismo” alimentar, dá sinais claros de esgotamento, pelos impactos ambientais, econômicos e sociais,

resultantes da visão reducionista e mecânica que adota. A agroecologia tem papel importante para a agricultura familiar, pelos seus benefícios não apenas econômicos, mas também relativos à segurança alimentar para o consumidor e à qualidade de vida (BARRERA, 2011).

Portanto agroecologia consiste na aplicação de conceitos e princípios ecológicos para o desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis. Sua visão interdisciplinar conduz a um enfoque que vai além da perspectiva meramente tecnológica, levando em conta também aspectos socioeconômicos e de desenvolvimento rural (GLIESSMANN, 2000).

Nesse context, o Bem Viver refere-se portanto, à vida em pequena escala, sustentável e equilibrada, como meio necessário para garantir uma vida digna para todos e a própria sobrevivência da espécie humana e do planeta. O fundamento são as relações de produção autônomas, renováveis e autossuficientes (ACOSTA 2016).

Por isso é importante evidenciar modelos alternativos de produção que cooperem para com o equilíbrio, harmonia, para além da sustentabilidade, restituição dos recursos naturais através de práticas que tenham em seu modelo de produção uma visão pautada na valorização do ecossistema, manutenção da biodiversidade.

Outros modelos também são percebidos na forma de produção da agricultura familiar, sendo: a agroecologia já mencionada, a agricultura orgânica, e a agricultura sintrópica que em contato com o campo da presente pesquisa, emergiu como prática de produção de uma das cinco famílias de agricultores que pertencem a este estudo.

A respeito da agricultura orgânica, Schultz (2007, p. 62) discorre que:

A agricultura orgânica oportuniza a revisão das relações de cooperação e de competitividade no agronegócio brasileiro, possibilitando, desta forma, o estabelecimento de um relativo equilíbrio de forças entre os agentes das cadeias produtivas de alimentos, por meio de estratégias associadas às mudanças nos padrões de consumo e da conscientização ecológica. Trata-se de uma proposta de revisão das formas de produção, onde a busca pelo desenvolvimento deverá ocorrer sem a destruição dos recursos naturais.

Outro ponto importante é que as agriculturas denominadas de “alternativas” ou “ecológicas”, não deixam de questionar os aspectos técnicos e econômicos no meio rural, mas se faz presente no bojo de suas discussões e práticas, as dimensões sociais e políticas que

refletem diretamente na sustentabilidade em seus sistemas produtivos. Portanto, a agricultura orgânica se posiciona voltada a compreender e se preocupar cada vez mais coma opinião pública frente aos impactos ambientais. Tanto seu conceito como prática está pautado à noção de “desenvolvimento sustentável”. As características da agricultura orgânica refletem os contornos das amplas discussões sobre a preservação ambiental, que emergem a partir de 1960 (SCHULTZ, 2007).

Segundo Assis (2002, p. 15) citado por Schultz (2007, p.70) a agroecologia busca resgatar “a lógica da complexificação das sociedades camponesas tradicionais e dos seus conhecimentos, que haviam sido desprezados pela agricultura moderna”, incorporando princípios ecológicos, agronômicos e socioeconômicos para um melhor entendimento dos efeitos das tecnologias, tanto nos sistemas de produção quanto nas transformações da sociedade que sejam decorrentes destas tecnologias.

Conforme o decreto N° 7.794, de 20 de agosto de 2012 define em termos legais sistema orgânico e sistema agroecológico da seguinte maneira:

art 2 - II - sistema orgânico de produção - aquele estabelecido pelo art. 1º da Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003 (Art. 1o Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente.) , e outros que atendam aos princípios nela estabelecidos; III - produção de base agroecológica - aquela que busca otimizar a integração entre capacidade produtiva, uso e conservação da biodiversidade e dos demais recursos naturais, equilíbrio ecológico, eficiência econômica e justiça social, abrangida ou não pelos mecanismos de controle de que trata a Lei nº 10.831, de 2003 , e sua regulamentação; e IV - transição agroecológica - processo gradual de mudança de práticas e de manejo de agroecossistemas, tradicionais ou convencionais, por meio da transformação das bases produtivas e sociais do uso da terra e dos recursos naturais, que levem a sistemas de agricultura que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica (PLANALTO, 2020).

A agricultura e a conservação ambiental, no entanto, podem e devem ser praticadas em conjunto. A reconciliação entre as ciências ecológicas e agronômicas contribui para a



sistematização de agro ecossistemas biodiversos, resilientes, energeticamente eficientes e socialmente justos (ALTIERI, 2004; GLIESSMAN, 2001).

Dai o surgimento da união das melhores práticas encontradas no orgânico, no agroecológico, dando origem a Agricultura Sintrópica- AS. A agricultura sintrópica emergiu de um sistema de conhecimento que se desenvolveu ao longo de 45 anos, a partir da vivência prática do agricultor suíço Ernst Götsch (EG), que vive no Brasil desde 1982. Ele define AS como um conjunto de princípios e técnicas que viabilizam integrar produção de produtos agrícolas à dinâmica de regeneração natural de florestas (PASINI, 2017). O nome cunhado pelo agricultor deriva da complementação ao termo entropia e define um dos princípios fundamentais de sua agricultura, que visa o balanço energético positivo, medido pelo aumento da quantidade de vida consolidada e favorecimento dos processos de sucessão nos locais de intervenção (GOTSCH, 1996 apud PASINI, 2017).

Portanto a agricultura convencional ou orgânica, agroecológica e sintrópica são distintas entre si:

A agricultura convencional ou orgânica geralmente trabalha em duas dimensões: comprimento e largura, ou seja, apenas atentamos para o espaçamento bidimensional, seja para o plantio de soja (*Glycine max*), laranja, café, cana de açúcar (*Saccharum officinarum*), capim etc. A agricultura sintrópica trabalha com quatro dimensões: largura, comprimento, altura (estrato ou andar) e tempo. Assim buscamos oferecer a cada planta um nicho que potencializa sua fotossíntese e diminui seu estresse, olhamos para cada indivíduo e buscamos criar para ele uma bolha de conforto. Quando adotamos a agricultura sintrópica restabelecemos a biocenose do solo, a comunidade de microorganismos, somente ela em equilíbrio pode trazer de volta a saúde de nossos cultivos. (REBELLO, 2018, p.7,21).

A grande contribuição que Ernst Götsch de acordo com Rebello (2018) é ter desenvolvido e criado uma sistematização dos princípios por meio dos quais a natureza trabalha, onde nos proporciona uma alfabetização ecológica – como diz Fritjof Capra, a compreensão dos princípios de organização que os ecossistemas desenvolveram para sustentar a vida – o caminho para a sustentabilidade.

Apesar do conceito de sintropia ter sido incorporado ao título de sua prática, segundo Pasini (2017) foi somente em 2013, EG já fazia referência ao termo na década de 1990, ocasião em que lançou um livreto chamado "Homem e Natureza: cultura na agricultura"<sup>20</sup>.

Em um trecho intitulado "A vida e a Sintropia", EG define alguns dos fundamentos que orientam sua prática:

"Os princípios em que a vida se baseia são processos que levam do simples para o complexo, onde cada uma das milhares de espécies, a humana entre elas, tem uma função dentro de um conceito maior. A vida neste planeta é uma só, é um macro organismo cujo metabolismo gira num balanço energético positivo, em processos que vão do simples para o complexo, na sintropia." (GÖTSCH, 1992 apud PASINI, 2017, p.34).

A agricultura faz parte destes processos, através da intervenção humana em seu manejo com a terra, em seu modo de trabalho, e na escolha das técnicas e tecnologias em sua produção. O impacto da tecnologia na ação humana traz reflexões que despertam novas formas de fazer, pensar, de viver – o Bem Viver. A importância em compreender estas conexões contribui para reflexões e debates a partir de intersecções dialógicas de modo a nos apontar um caminho possível.

## **2.5 Técnica, tecnologia e trabalho no contexto da agricultura familiar**

O trabalho e o desenvolvimento da técnica alinhada aos objetivos específicos marcam o processo de aparecimento do Homo Sapiens e estão presentes desde os primórdios das atividades humanas (ENGELS, 1977 apud CARVALHO, 1997). Da mesma maneira passou a produzir a sua subsistência, foi um processo lento e gradativo, tendo algumas atividades expressivas neste momento, como a caça e a coleta. E assim outras atividades foram sendo acrescentadas como por exemplo, a confecção e o uso da cerâmica, a utilização da força animal, técnicas de fiação e tecelagem, e com isto a elaboração de novos instrumentos de trabalho, assim dando origem a novas transformações sociais no decorrer destes processos. (CARVALHO, 1997).

Devido a estas mudanças, o modo de vida tornou mais sedentário, ocasionando o aumento da população, sendo necessário haver controle para produção de alimentos, implicando na necessidade de regras para ocupar territórios. Sendo assim o surgimento da agricultura e tais transformações sociais implicou na chamada "revolução neolítica". Numa

linha histórica, as civilizações vivenciaram diversas etapas desde desenvolvimentos de novas técnicas, o surgimento de um Estado politicamente organizado. Uma maior convivência entre as pessoas resultando maior comunicação entre elas e a acumulação e transmissão do conhecimento resultam num fortalecimento da cultura, dando origem a escrita.

Vivenciamos hoje o que milhares de povos e nações através da comunicação entre culturas diferentes contribuíram para o avanço da humanidade. Desta forma o conhecimento acumulado de geração a geração, resultado da colaboração de muitos povos e do acúmulo do conhecimento é que nos permitiu vivenciar uma “revolução” tecnológica atual (CARVALHO, 1997).

Tentar definir tecnologia torna-se uma questão impossível, dado seu significado polissêmico. Entretanto, com a finalidade de compreender pontes importantes para o presente estudo, parte-se de algumas concepções iniciais deste conceito que tanto trouxe mudanças para a humanidade. Iniciaremos por compreendê-la a partir da filosofia da tecnologia.

Tratando da filosofia contemporânea da tecnologia, Feenberg (2010) aborda quatro perspectivas: a tecnologia pode ser dividida em dois eixos (A) Autônoma: determinismo e substantivismo e (B) Humanamente controlada: Instrumentalismo e Teoria crítica. No eixo A, a tecnologia oferece duas alternativas ou a tecnologia é neutra de valor, como encarada pelo Iluminismo, ou está carregada de valores, como os gregos o acreditaram e, é assim considerado por alguns filósofos da tecnologia.

A tecnologia pode ser humanamente controlável, enquanto se pode determinar o próximo passo de evolução em conformidade com intenções do ser humano. Por isso a tecnologia serve a propósitos da vida humana, que refletem no trabalho, na forma como empregamos as técnicas as tecnologias servem a um propósito, a um fim.

Sob a perspectiva do instrumentalismo, onde ocorre o encontro entre controle humano e a neutralidade de valor, seria a visão-padrão moderna, pelo qual a tecnologia é simplesmente uma ferramenta ou instrumento que o ser humano satisfaz suas necessidades e desejos. Essa visão esta relacionada à fé liberal no progresso, uma característica que surgiu do pensamento ocidental e predomina ate os dias de hoje.

No que tange a perspectiva a respeito do determinismo, pode-se ser traduzido de acordo com Feenberg (2010), como uma visão amplamente sustentada pelas ciências sociais desde Marx, cujo qual a força motriz da história é o avanço tecnológico. Ainda sim perdura o debate entre o instrumentalismo e o determinismo. Mesmo na neutralidade atribui um valor à tecnologia, mas é um valor meramente formal: a eficiência, a qual pode servir a diferentes concepções de uma vida boa. Um valor substantivo, pelo contrário, envolve um compromisso com uma concepção específica de “uma vida boa”.

O uso da tecnologia para esse ou aquele propósito seria uma escolha de valor específica em si mesma e não apenas uma forma mais eficiente de compreender um valor preexistente de algum tipo. Portanto o ser humano desenvolve novas tecnologias para atender suas necessidades criadas por ele mesmo, para atender seus desejos, suas vontades, não apenas sob uma visão de obter da tecnologia um suporte para uma vida melhor, mas também de usá-la para manipular as coisas, pessoas, enriquecer, obter mais poder, acúmulo de capital, controle sobre a sociedade em seu modo de vida, ditando como deve viver.

Segundo Feenberg (2010, p. 47):

Uma vez que uma sociedade assuma o caminho do desenvolvimento tecnológico, será transformada inexoravelmente em uma sociedade tecnológica, um tipo específico de sociedade dedicada a valores tais como a eficiência e o poder. Os valores tradicionais não podem sobreviver ao desafio da tecnologia

Destarte, Feenberg (2010) aponta que a maioria dos teóricos substantivistas também é determinista. O determinismo é usualmente otimista e assume como premissa o progresso linear. Diante disso, a autonomia da tecnologia é ameaçadora, pois atende a quem a detêm com maior maestria, domínio e acesso a ela:

A tecnologia uma vez liberta fica cada vez mais imperialista, tomando domínios sucessivos da vida social. Na imaginação mais extrema do substantivismo, a tecnologia pode, por exemplo, tomar a humanidade e converter os seres humanos em meros dentes de engrenagem de maquinaria, como descreve Huxley, em seu famoso romance, o Admirável mundo novo. Isso não é utopia, o "não-lugar" de uma sociedade ideal, mas distopia, um mundo no qual a individualidade humana foi completamente suprimida (FEENBERG, 2010, p. 48).

A última perspectiva o qual é a teoria crítica da tecnologia sustenta que os seres humanos não precisam esperar um deus para mudar sua sociedade tecnológica em busca de uma melhor condição de vida para viver. A teoria crítica reconhece as consequências catastróficas do desenvolvimento tecnológico ressaltadas pelo substantivismo, mas ainda vê uma promessa de maior liberdade na tecnologia. A questão não está na tecnologia em si, mas em não saber limitar as invenções tecnológicas e instituições para controlar seus devidos fins de uso e desenvolvimento. A teoria crítica da tecnologia abre a possibilidade de pensar em tais escolhas e de submetê-las a controles mais democráticos.

Segundo Gama (1986) a palavra tecnologia na língua portuguesa não é nova, mais chega até nós com maior frequência através do inglês *technology*, cuja tradução de torna um desafio, já que ela tem nesta língua um número muito grande de significados e dispõe de mais algumas palavras o que aumenta a dificuldade de tradução.

A palavra do inglês *technique* que significa à habilidade mecânica do trabalho artístico, e a palavra *Technic*, no singular tem sentido que se aproxima do português, técnicas e no plural tem sentido que se aproxima *technology*, que significa a ciência ou estudo de uma arte ou das artes, especialmente das artes mecânicas e industriais. Foi então, a partir de 1630 surgiram dicionários e enciclopédias que se dedicavam ao levamento da terminologia das diversas artes, das nomenclaturas técnicas e da descrição dos processos e dos métodos das artes mecânicas (GAMA, 1986). Ainda, como define Mauss:

Pretende concisamente estudar todas as técnicas, toda a vida técnica dos homens desde sua origem como humanidade até nossos dias. Ela está na base e no topo de todas as investigações acerca deste objeto [da técnica como fato social (MAUSS, 2004, p. 434).

Contudo por uma pré-definição, Mauss irá apontar que:

A técnica é uma manifestação social, um fato social como qualquer outro, possuindo, portanto, a especificidade de um domínio próprio que pode ser aglomerado em sua multiplicidade por meio do estudo desse aglomerado de fatos sociais: por meio da tecnologia. A tecnologia é, desse modo, antes uma ciência (um conjunto organizado de conhecimentos relativos a certos fenômenos) macroscópica de ocorrências microscópicas, da técnica, (BRITO, 2015, p. 208).

Continuando neste campo inesgotável de significados e conceitos a respeito da técnica, segundo Abbagnano (2000), o termo técnica traz um sentido geral que coincide com o sentido geral da arte: compreende qualquer conjunto de regras aptas a dirigir eficazmente uma atividade qualquer.

As trajetórias históricas sobre a questão da técnica/ tecnologia revelam um mundo de significações e representações no imaginário social. A respeito da tecnologia esta tem sido um conceito relevante ao estudo. Em aspectos mais contemporâneos, segundo Fertrin (2008) surge nos anos oitenta a visão do Construtivismo Social da Tecnologia (SCOT) alinhada à Nova Sociologia da Ciência pós-mertoniana. Tal abordagem, desenvolvida por Pinch e Bijker (1987), defende que:

A forma final de um artefato/tecnologia é consequência de uma construção social, contrariando a visão determinista sobre o desenvolvimento tecnológico, na qual a tecnologia é vista como resultado de um processo autônomo (FERTRIN, 2008, p.5).

Esta nova forma de perceber a tecnologia pelo construtivismo social surgiu em associação com as abordagens do sistema tecnológico e ator-rede, tendo em vista as redes que expõem as relações entre os atores sociais e os sistemas técnicos. (DAGNINO,NOVAES, 2005 apud FERTRIN, 2008). Logo, a forma como a sociedade constrói, distribui e faz uso da tecnologia esta relacionada com sua cultura, fatores sociais, econômicos, políticos no decorrer da história. Os padrões de comportamento de um ator são ditados pela estrutura tecnológica na qual ele está inserido. Outros atores podem não pertencer a esta estrutura se colocando numa posição marginalizada. Cada grupo social pode interpretar e fazer uso da tecnologia de forma diferente em relação ao mesmo artefato e lhe atribuir sentidos singulares (FERTRIN, 2008).

Portanto o uso da tecnologia no contexto do trabalho, na vida social muito está relacionado com suas intenções de poder, de domínio, de desejos, de necessidades, de sobrevivência, conforme refletido até aqui. O mundo em que a máquina domina não tem alma, é nivelador e mortificante: um mundo onde a quantidade tomou o lugar da qualidade e onde o culto dos valores do espírito foi substituído pelo culto dos valores instrumentais e utilitários (OLIVEIRA, 2008).

Porém, atualmente há uma vasta literatura que, apesar de não partir de preceitos metafísicos, ideológicos ou teológicos, evidencia os aspectos negativos da Técnica, que podem ser resumidos da seguinte maneira:

- 1- exploração intensa dos recursos naturais, acima dos limites de seu restabelecimento natural, portanto o empobrecimento rápido e progressivo desses recursos;
- 2- poluição da água e do ar por dejetos industriais, com a multiplicação dos meios mecânicos de transporte e com a maior densidade demográfica;
- 3- destruição da paisagem natural e dos monumentos históricos e artísticos, em decorrência da multiplicação das indústrias e da expansão indiscriminada dos centros urbanos;
- 4- sujeição do trabalho humano às exigências da automação, que tende a transformar o homem em acessório da máquina;
- 5- incapacidade da Técnica de atender às necessidades estéticas, afetivas e morais do homem; portanto, sua tendência a favorecer ou determinar o isolamento e a incomunicabilidade dos indivíduos. O quarto e o quinto aspectos são humanos, morais e políticos; costumam ser considerados como constituintes do fenômeno da alienação (OLIVEIRA, 2008).

Tal perspectiva implica em buscar novos instrumentos que não só controlassem, mas também protegessem a natureza e, por outro, buscar novas Técnicas de relacionamento humano que pudessem controlar e corrigir os efeitos malignos das Técnicas no Planeta.

Deste modo, é necessário aproximar-se da relação entre Tecnologia e Trabalho, pois é através do trabalho que se emprega grande parte a criação e desenvolvimento de novas tecnologias, novas formas de trabalho pelo uso da técnica que se espalham por diversos setores das atividades humanas, e em especial no setor da Agricultura. A esperança de que isso possa acontecer baseia-se apenas no fato de que a própria técnica produtiva está a exigir cada vez mais que o homem tenha exatamente as capacidades de iniciativa, imaginação criativa e solidariedade que o próprio sistema tecnológico parecia ameaçar. Segundo Raboski e La Salle, (2018), diante do desenvolvimento tecnológico e seus impactos sociais, torna-se fundamental entender as problemáticas que as tecnologias provocam nas reflexões antropológicas, filosóficas e educacionais. De acordo com Cupani (2016, p.11):

A tecnologia é parte notória do mundo contemporâneo. Essa parte é importante, porque pode significar tanto a nossa satisfação pelos aparelhos que tornam nossa vida mais cômoda, o nosso entusiasmo ante as possibilidades que o computador e a internet nos abrem, quanto o nosso temor às armas cada vez mais potentes e sofisticadas ou a nossa perplexidade ante a clonagem de organismos. A importância da tecnologia (isto é, o fato de que ela nos “importa”, quase inevitavelmente) implica que todos somos levados a pensar, de modo mais ou menos sistemático e duradouro, sobre a sua presença na nossa vida.

A técnica/tecnologia vem produzindo modificações na vida humana, na vida cotidiana dos homens, na medida em que esta vida é invadida pelas máquinas, pelos aparelhos, pelo cinema, pela rádio, pela Televisão e pela propaganda. Está em todos os lugares, em tudo, e com todos. Ela exerce influência no trabalho, no esporte, no lazer, nas relações humanas, na medicina, na educação, na alimentação, na água, na terra, em toda ação humana.

Corroborando com as reflexões acima apontadas, Vieira Pinto (2005) anuncia que o homem é um ser destinado a viver necessariamente na natureza. O que se entende por “natureza” em cada fase histórica corresponde a uma realidade diferente. Contudo se o mundo era por outrora construído em sua essência pura, agora pela intervenção humana, pela civilização consegue rodear-se de produtos fabricados por ele através da arte e da ciência, a partir disso se formará uma nova “natureza”.

Da contradição original do homem a que opõe à natureza. Neste sentido a tecnologia, as inovações técnicas contribuíram para esta formação de uma nova natureza. Que necessita cada vez mais dominar, para desenvolver sempre as condições sociais, sua essência humana. Agora se maravilhando com suas obras, o homem passa a conseguir um grau de avanço de domínio sobre a natureza (VIEIRA PINTO, 2005).

O processo técnico caminhou por todos os empreendimentos humanos. Um exemplo para retornar à história é de que Inglaterra foi o palco de grandes mudanças através da Revolução Industrial e mais adiante influenciou não somente na técnica militar, mas também em outros setores e mercados. Naquela época a Inglaterra estava em evidência, conforme Landes (1994, p. 70) explica:

Em nenhum outro lugar eram maiores as pressões e incentivos à mudança, ou mais fraca a força da tradição. Todas as contingências mesclavam-se: os latifundiários empreendedores, as áreas demarcadas, o cultivo comercial da terra, os ateliês dos



povoados, o sistema doméstico de produção, as minas e fundições, o ativo mercado hipotecário – todos esses fatores combinam-se para romper os grilhões do localismo e do hábito, integrar o campo e a cidade e promover uma mobilização muito mais ampla dos talentos do que teria ocorrido de outra forma. Numa cidade em que quatro em cada cinco pessoas viviam da terra esse foi um poderoso estímulo para o desenvolvimento geral.

E não foi diferente na agricultura, a técnica trouxe mudanças na forma de produção dos alimentos, nas relações de trabalho entre o campo e a cidade, e a modernização da agricultura. Da colheita de base camponesa, agricultura familiar, ao agronegócio pelo qual a técnica/tecnologia se modernizou trazendo grandes transformações, impactos e consequências ao ecossistema, à natureza, a saúde pública, até mesmo a existência humana e da terra. Portanto:

As inovações tecnológicas são apenas uma parte da história. Persiste a questão de saber o porquê do seu efeito. [...] Apenas mudanças de uma certa qualidade e alcance teriam conseguido transformar o modo de produção e dar início a um processo auto sustentado de desenvolvimento econômico (LANDES, 1994, p. 76).

Dentre tantas mudanças, o processo de modernização agrícola é preciso ser reexaminado sob uma ótica, explicitando não somente as inter-relações econômicas entre modernidade, tamanho e eficiência, bem como também destacar seus impactos nas dimensões políticas e sociais. Em suma, a força que a modernização tecnológica ganhou dentro do sistema econômico, político, social, ambiental, a aparente força do neoliberalismo seja no nível nacional ou internacional, tem contribuindo para a propagação ilusória de que sem escala de produção não há salvação econômica, deixando de lado o importante papel da agricultura familiar e ainda de novos movimentos e modelos alternativos de produção (MARTINE, 1991).

**PARTE III: APRESENTANDO A METODOLOGIA DA PESQUISA**



**Fonte:** Autoria própria (2019).

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Considerando a problemática de pesquisa que se pretendeu analisar, é importante estabelecer um percurso metodológico coerente e alinhado com as ancoragens teóricas apresentadas. Nesse sentido, a temática relativa ao Bem Viver no contexto da agricultura familiar agroecológica e as mediações estabelecidas com técnica, tecnologia e trabalho pressupõe uma interação diferenciada.

O Bem Viver como um termo polissêmico exige uma estrutura metodológica bem alicerçada em eixos muito importantes estabelecidos a partir do marco teórico, que irão conduzir a pesquisa para um caminho que vai muito além do conhecimento do *mainstream*, mas que trará novos questionamentos e reflexões a partir deste envolvimento entre a teoria e o campo.

O ser humano sempre buscou compreender sua existência e do mundo que o cerca, a preocupação com o conhecimento da realidade sempre esteve presente na racionalidade humana. A ciência é apenas uma forma de expressão dessa busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva. Para tanto o pesquisador, deve reconhecer suas limitações na busca pela ciência, já que a ciência é a forma hegemônica de construção da realidade, tendo como objetivo fundamental chegar à verdade dos fatos, e no que tange o conhecimento científico, sua característica fundamental é a sua verificabilidade (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2002; GIL, 2010).

Desta forma podemos dizer que o labor científico, conforme aponta Deslandes, Gomes e Minayo (2002), caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios, e estabelece seus resultados; por outro lado, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para direções privilegiadas. E durante tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração, e, sobretudo, revestem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído.

Gil (2010) define método como o caminho para se chegar a determinado fim, e método científico como um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para alcançar o conhecimento pretendido. Deslandes, Gomes e Minayo (2002), por sua vez, discorrem que

metodologia pode ser entendida como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. A metodologia inclui a teoria da abordagem (método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade).

Para tanto, o estudo assume como principal abordagem, as contribuições da pesquisa qualitativa e descritiva. Para Creswell (2010), uma pesquisa qualitativa baseia-se em dados de texto e imagem, tem passos singulares na análise de dados e se valem de diferentes estratégias de investigação. Trata-se de uma pesquisa interpretativa, com o investigador fazendo parte de todo o cenário de pesquisa, envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes. O que também insere questões estratégicas, éticas e pessoais no decorrer do processo da pesquisa.

De acordo com Deslandes, Gomes e Minayo (1994), a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados, pelo qual não é visível, é necessário ser exposta e interpretada, em primeira instância pelos próprios pesquisadores. Por sua vez, em tratando de uma pesquisa descritiva, segundo GIL (2010), o objetivo principal é a descrição de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis, estudar suas características.

Considerando a perspectiva de debruçar-se sobre as vivências dos agricultores agroecológicos, o estudo confirma-se como pesquisa de campo. Como definição de estudo de campo, segundo Gonsalves (2001, p.67), a pesquisa de campo “é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto”. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Tal questão a ser investigada, estudada, se apresenta como uma possibilidade de compreender a partir das vivências e experiências dos agricultores familiares agroecológicos como o trabalho e tecnologia implica e reflete em seus processos de produção numa perspectiva de qualidade dos alimentos do produtor até a mesa, do equilíbrio entre o homem e a natureza, e quais aspectos de tais práticas cultivam intersecções com o Bem Viver.

### 3.1 O locus e objeto de estudo

Em termos de lócus e objeto de estudo esta pesquisa considerou dois espaços privilegiados: um espaço mediador para acesso aso agricultores familiares, qual seja, o Centro Paranaense de Referência em Agroecologia (CPRA) que em sua estratégia de fomento para uma agricultura alternativa ao modelo de agricultura convencional, deu início a um grupo de 34 propriedades familiares rurais vinculadas ao Projeto de Produção de Base Agroecológica na Região Metropolitana de Curitiba (PBARMC), em desenvolvimento desde o ano de 2016. No decorrer deste projeto das 34 propriedades iniciais, passou a atender de forma efetiva 23 propriedades que se enquadraram no projeto e mantiveram vínculo com o CPRA.

Destas 23 propriedades, foram selecionadas cinco propriedades de agricultores familiares, consideradas de referência ao projeto e indicadas pelo CPRA. A atuação desta organização tem trazido novas perspectivas acerca da produção agroecológica, suporte ao agricultor em sua forma de produção, distribuição e sua integração entre o produtor e o consumidor no entorno da capital paranaense através de iniciativas desenvolvidas pelo CPRA.

Em termos de justificativa, optou-se pelo CPRA por ser referência em agroecologia e por intermediar o acesso a agricultura familiar de base agroecológica e pela sua consistente trajetória na orientação de projetos, assistência técnica, treinamentos, extensão rural frente a promoção da AFA.

O CPRA promove e incentiva ações de capacitação, apoio a pesquisa e ensino em agroecologia. Suas principais atividades são:

- Construção do conhecimento em agroecologia pela pesquisa e validação na produção orgânica, agroflorestal, biodinâmica e outros sistemas de base agroecológica, levando em conta a prática dos agricultores;
- A promoção de ações de ensino e capacitação de agricultores e famílias, técnicos, estudantes, professores e consumidores, por meio da troca de informações, experiências e conhecimentos;

- A promoção do comércio justo, da soberania e segurança alimentares, dos conhecimentos e saberes tradicionais, da proteção à biodiversidade e aos recursos naturais;
- apoio a ações de educação ambiental, ensino e extensão rural por meio da capacitação de técnicos, agricultores e famílias, consumidores, estudantes, professores e público em geral;
- estabelecimento de parcerias com instituições das iniciativas pública e privada interessadas na promoção da agroecologia;
- A articulação de organizações e pessoas da sociedade civil e setor público ligado à agroecologia (CPRA, 2019).

O CPRA busca servir como uma ponte entre produtores rurais e o mercado: essa é uma das importantes metas do CPRA. Busca propiciar uma comunicação mais eficaz entre os diversos elos da cadeia orgânica. Para isso, é necessário criar novas alternativas de comercialização também validar estratégias que facilitem a relação direta entre agricultores e consumidores.

Outro aspecto relevante em torno do lócus da pesquisa, diz respeito aos diálogos e movimentos da relação campo x cidade, na medida em que tal espaço se torna um campo de análise privilegiado a partir das implicações entre ruralidades e urbanidades e hibridizações decorrentes quanto às propriedades atendidas pelo CPRA e vinculadas ao projeto em desenvolvimento, destacam-se propriedades de referência em cultivo de olericultura<sup>11</sup>, avicultura colonial<sup>12</sup> de postura e produção de leite.

---

<sup>11</sup>Olericultura é um dos ramos da horticultura que trata da produção e exploração de oleráceas e/ou hortaliças, por exemplo, alface, cenoura, chuchu, repolho, tomate, couve, beterraba, dentre outros. Com o aumento da demanda por alimentos cada vez mais saudáveis, naturais e cultivados em sistemas de produção sustentáveis, as olerícolas têm ganhado espaço nas unidades familiares, principalmente. Uma vez que, tais culturas possuem ciclos biológicos consideravelmente curtos, o que proporciona mais de um cultivo por ano, consequentemente, gera uma boa rentabilidade em pequenas áreas quando comparado a grandes culturas, como soja e milho, por exemplo. *Jornal Integração Regional*, Halberstadt (2016).

<sup>12</sup> Avicultura colonial tem sido uma questão que desperta a atenção de agricultores e estimula o desenvolvimento da avicultura colonial e da avicultura orgânica é a crescente procura dos consumidores por produtos "limpos" ou agroecológicos. Ou seja, por produtos livres (ou com menores teores) de resíduos de agrotóxicos e baseados em modelos de produção que avancem na direção da sustentabilidade ambiental, social e econômica, EMBRAPA (2019).

O intuito do projeto é entender os principais desafios e objetivos desses agricultores para, assim, propor melhorias em seus sistemas de produção; levantar demandas de pesquisa; e embasar a formulação de novas políticas públicas para o setor. O projeto segue a metodologia das Redes de Referência, criada em 1998 pelo Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR).

Em termos de amostras, considerando que o projeto atualmente abarca 23 propriedades, foi realizada uma seleção tendo como critério propriedades de produção de base de agricultura familiar, cuja suas propriedades não fossem tão distantes para facilitar o acesso da pesquisadora ao campo, e famílias de agricultores que aceitassem participar da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C) e que tivessem relação com o objeto deste estudo. Tratando-se de análises realizadas no espaço rural buscou selecionar agricultores familiares que em seu processo de produção, houvesse total contato com a terra, manejo do solo, constatando assim uma forte relação sociedade-natureza promissora frente às intencionalidades do estudo.

Nesse enfoque, a população inicialmente estabelecida foi composta por agricultores familiares que cultivam alimentos agroecológicos. Gil (2010) descreve a população como um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Fala-se de população como referência ao total de habitantes de determinado lugar.

Sob o aspecto da amostra, que é considerado um subconjunto do universo ou da população, onde se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população (GIL, 2010). Se tratando de amostra, esta pesquisa classifica sua amostra de forma não probabilística.

Foram selecionadas cinco propriedades de agricultores familiares agroecológicos como primeiro critério. A seleção ocorreu de forma intencional buscando optar por família de agricultores agroecológicos que produzissem olericultura. Tais características foram necessárias para a viabilidade e contribuição ao que foi proposto como problema da pesquisa e seus objetivos.

Ademais, em termos de recorte amostral, é importante considerar que até o presente momento, foram mapeadas 21, das 23 propriedades integrantes do referido projeto, mas o

quadro abaixo mostrará características apenas das cinco propriedades que participaram da presente pesquisa:

**Quadro 2** - Distribuição das cinco propriedades pertencentes ao projeto de agroecologia do CPRA que compõe a pesquisa.

[Continua]

Número de Rede	Município	Propriedade	Sistema	Principais Produtos	Modo de Comercialização
<b>P01</b>	Itaperuçu	Nome não identificado da propriedade	Olericultura + Ovos e produção de galinhas	Alface crespa, alface americana, beterraba, batata, feijão, repolho, couve-flor, pêssego, brócolis, tomate, ovo caipira, galinha, conversas em geral, compotas de doces etc.	Cestas, feiras, venda direta ao consumidor final
<b>P02</b>	Itaperuçu	Nome não identificado da propriedade	Olericultura	Morango, pêssego, uva, beterraba, cebola, brócolis, couve-flor couve manteiga, alface, rúcula, cheiro verde, conversas em geral, compotas de doces etc.	Venda direta ao consumidor final
<b>P03</b>	Quatro Barras	Estrada da Graciosa-Container Amarelo	Olericultura +ovos	Morango, tomate, amora, batata, cebola, feijão, ovo caipira, alface, cenoura, beterraba, batata, salsinha, cebolinha, pêssego queijo frescal, chás diversificados, brócolis, rúcula, etc.	Feiras, Projeto Cesta Solidária, venda consumidor final
<b>P04</b>	Colombo	Nome não identificado	Olericultura	Alface lisa, alface crespa, alface americana, brócolis, couve, repolho verde, batata doce, milho,	Projeto Cesta solidária, venda consumidor final



[Conclusão]

Número de Rede	Município	Propriedade	Sistema	Principais Produtos	Modo de Comercialização
				feijão, inhame,, beterraba, morango, couve flor etc.	
<b>P05</b>	Tijucas do Sul	Nome não identificado Feliz	Olericultura + Agroflorestal	Alface lisa, alface crespa, alface americana, brócolis, couve, repolho verde, repolho roxo, rúcula, agrião, espinafre, batata doce, milho, feijão, inhame,, beterraba, morango, couve flor, pêssego, laranja etc.	Projeto Cesta solidária, venda consumidor final

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir do mapa fornecido pelo CPRA (2019).

### 3.2 Os sujeitos de pesquisa e o processo de coleta de dados:

Segundo Richardson (2012) os pesquisadores qualitativos podem fazer uso de diversas técnicas de coleta de informações, incluindo a observação participante e não participante, grupos de discussão e entrevistas em profundidade. Se tratando da pesquisa em questão, o processo de coleta de dados foi orientado especialmente através de entrevistas semiestruturadas com agricultores familiares e colaboradores do CPRA, no qual a respeito do CRPA foi feito um grupo focal para buscar informações complementares tendo um questionário para direcionar os diálogos, observação não participante, documentos fornecidos pelo CPRA, informações obtidas na internet através do site do CPRA. Abaixo segue o quadro síntese apresentado a coleta de dados:

**Quadro 3** - Síntese da Coleta de dados do campo.

[Continua]

Ferramentas	Período de aplicação	Número de entrevistas realizadas/documentos	Público- Alvo	Dados/informações obtidas
Entrevista semiestruturada	Outubro à Dezembro de 2019.	5	Agricultores Familiares	Composição familiar, história e experiência no campo, contexto social, trabalho e técnica no contexto dos agricultores familiares de base agroecológica e seus tensionamentos com o Bem Viver. Modo de vida.
Entrevista semiestruturada	Dezembro de 2019 à Janeiro de 2020.	3	Colaboradores do CPRA	Como se deu origem ao projeto, e quais são os critérios para uma propriedade tornar referência e desafios para manter o projeto e divulgar.
Análise Documental	Janeiro de 2020	*Relatório do projeto do CPRA com propriedades	Organização CPRA	Projeto das 34 propriedades de

[Conclusão]

Ferramentas	Período de aplicação	Número de entrevistas realizadas/documentos	Público- Alvo	Dados/informações obtidas
do CPRA		de agricultores		agricultores agroecológicos de referência, atualização sobre o projeto
Internet (página do CPRA)		Artigos da página e informações que constam na página do CPRA	CPRA	Reportagens, informações em redes sociais, notícias, vídeos, publicações e toda sorte de materiais disponibilizados ao público por meio da internet.

**Fonte:** Elaboração própria (2020).

Foi realizado um primeiro contato com o CPRA no ano de 2018 por telefone e posteriormente presencialmente, apresentado o projeto de pesquisa, verificando a viabilidade de realizar a pesquisa de campo junto aos agricultores familiares de base agroecológica de referência, pertencentes ao projeto do CPRA. Após a autorização do CPRA por parte da diretoria desta organização no mesmo ano, iniciou-se o contato diretamente com demais colaboradores responsáveis pelas propriedades do projeto. Este contato direto deu início após minha banca de qualificação no dia 10 de Julho de 2019. A seleção das propriedades se estabeleceu de forma a buscar por aquelas que tinham em seu cultivo a olericultura, pois teria mais relação com o foco do estudo, no sentido de estarem diretamente em contato com a terra, no manejo dela, do solo em seu processo de produção.

A escolha dos agricultores familiares foi muito no sentido de alinhamento com os objetivos desta pesquisa, e a questão da distância das propriedades em relação à cidade de

Curitiba, onde a pesquisadora tem sua base, buscando visitar propriedades que estariam mais próximas tanto de Curitiba ou do CPRA que se localiza no município de Pinhais –PR, que atendessem aos pressupostos da pesquisa, ou seja, todas são de base familiar agroecológica, de produção de olericultura.

Foram realizados os seguintes caminhos para a coleta de dados:

- a) Entrevista semiestruturada com os agricultores: Através de roteiro específico (APÊNDICE A) a entrevista buscou compreender as seguintes dimensões:
  - 1- Concepções de Bem Viver e os marcos teóricos estabelecidos para o conceito. Relações com a Agricultura Familiar;
  - 2- Relação entre técnica, tecnologia e trabalho no contexto do Bem Viver e produção agroecológica.
- b) De forma complementar foi realizado um grupo focal no sentido de levantar algumas informações sobre a atuação do CPRA, junto à comunidade de produtores agroecológicos. O questionário que orientou para a realização da captação destas informações complementares consta no (APÊNDICE B).
- c) Documentos: Como outra ferramenta a ser utilizada pela pesquisa, os documentos podem contribuir e muito na coleta de informações e dados. Tais documentos serão extraídos do site do CPRA e outras organizações que possam vir a contribuir com informações acerca do tema pesquisado.

De forma a cumprir com as questões acima, os objetivos do estudo foram esclarecidos aos participantes do estudo, e foi preenchido por todos os envolvidos nesta pesquisa um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme modelo do CEPE-UTFPR (APÊNDICE C).

De acordo com Creswell (2010), os passos para a coleta de dados incluem o estabelecimento de limites para o estudo, à coleta de informações por meio de observações e entrevistas não estruturadas ou semiestruturadas, através também de documentos e materiais visuais, assim como o estabelecimento de protocolo para o registro de informações. Para o presente estudo, duas fontes de dados foram estabelecidas. Os dados primários deste estudo foram coletados através de observação não participante junto às propriedades rurais. As entrevistas semiestruturadas elaboradas em roteiros atrelados às categorias analíticas propostas,

cooperaram para uma análise mais coerente e concisa. Os dados secundários foram obtidos através de artigos, dissertações, teses acerca do tema, bem como, de revisão bibliográfica que serviu de subsídio para análise dos dados e resultados da pesquisa. Ainda, não se podem desconsiderar os documentos oriundos dos sujeitos de pesquisa e do campo investigado, elaborados através da tabulação das entrevistas.

A seguir, é apresentado um quadro síntese dos sujeitos da pesquisa e informações sobre como as entrevistas ocorreram. A pesquisa de campo ocorreu entre os meses de Outubro de 2019 a Janeiro de 2020, mediante a agenda dos sujeitos da pesquisa.

**Quadro 4** - Síntese das entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa: informação e percepções.

[Continua]

<b>Propriedades</b>	<b>Propriedade 1: Itaperuçu</b>	<b>Propriedade 2: Itaperuçu</b>	<b>Propriedade 3: Quatro Barras</b>	<b>Propriedade 4: Colombo</b>	<b>Propriedade 5: Tijucas do Sul</b>
<b>Data das Entrevistas</b>	29 de Outubro de 2019	29 de Outubro de 2019	04 de Novembro de 2019	09 de Dezembro de 2019	18 de Dezembro de 2019
<b>Observação não participativa durante a entrevista</b>	O agricultor da propriedade 1 é o responsável por todo o processo de produção e seu cônjuge o ajuda na colheita e na preparação de compotas de frutas, e alimentos em conserva. O primeiro instante foi realizado a	O A2 é responsável pela produção e o seu cônjuge ajuda em um período do trabalho. O A2 também produz compota de frutas, molho de tomate orgânico, alimentos em conserva, para venda. Foi realizado a	O A3 é responsável pela produção e conta com a ajuda também de sua família com seu marido para a promoção do turismo rural, venda dos alimentos produzidos na propriedade através do projeto Cesta	O A4 é responsável pela produção junto a sua mãe e seu pai. Seu cônjuge ajuda na parte de montagem das cestas solidárias. A mãe do A4 realiza a entrega junto a ele. Primeiro momento realizei a entrevista com o	É o casal de agricultores mais jovens do projeto do CPRA e tem uma filha pequena que vive com eles na propriedade. O A4 é o responsável pela produção, seu cônjuge ajuda na parte de distribuição dos alimentos

[Conclusão]

<b>Propriedades</b>	<b>Propriedade 1: Itaperuçu</b>	<b>Propriedade 2: Itaperuçu</b>	<b>Propriedade 3: Quatro Barras</b>	<b>Propriedade 4: Colombo</b>	<b>Propriedade 5: Tijucas do Sul</b>
	entrevista, A1 sempre respectivo, depois o agricultor me apresentou os alimentos que ele fazia em conserva, as frutas em compotas que ele prepara para vender nas feiras, além dos frangos caipiras congelados. Após esta entrevista nos dirigimos para ir conhecer a propriedade e toda sua plantação	entrevista, o A2 sempre receptivo, após a entrevista fui conhecer os alimentos em conversa que o A2 prepara para vender, e depois nos dirigimos para conhecer a propriedade.	Solidária, além de oferecem na propriedade o Turismo Rural, com trilhas ecológicas, e um container amarelo onde vendem produtos locais aos clientes que passam pela propriedade, ou ficam alguns dias de lazer nela.	A4 e sua mãe sempre receptivos, depois conheci as cestas que eles fazem para distribuir a seus clientes.	realizados através do projeto Cesta solidária, onde ele entrega nas casas de seus clientes. O primeiro momento foi realizado a entrevista sempre muito receptivos, depois fomos conhecer toda a propriedade e a produção das culturas.
<b>Colaboradores CPRA – Dezembro a Janeiro de 2020.</b>	Colaborador 1 (Um dos Diretores do CPRA)	Colaborador 2 (Formado em Agroecologia) projeto bolsa de extensão	Colaborador 3 (agrônoma) projeto bolsa de extensão	-	-

Fonte: Elaboração própria (2020).

### 3.3 Análise de dados

No que tange ao procedimento de análise dos dados, evidencia-se o alinhamento com a Análise de Conteúdo. A análise de conteúdo conforme descreve Bardin (2011), se trata de um instrumento que as Ciências Humanas utilizam como técnicas de fazer uma análise do conteúdo de comunicações entre o pesquisador e o público alvo de sua pesquisa.

Conforme aponta a autora, é importante compreender, definir o campo da pesquisa, “determinar uma linha de fronteira” para atingir a finalidade que a análise de conteúdo propõe, o qual é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, é um leque com grandes variedades e forma e adaptável a um campo muito vasto: as comunicações.

Conforme Bardin (2011), esta forma de análise presume a descrição analítica que opera segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens. O tratamento descritivo constitui uma primeira fase do procedimento, mas não é exclusivo da análise de conteúdo. É importante ressaltar que a análise de conteúdo pode se apoiar em outras disciplinas que se debruçam sobre a linguagem ou sobre a informação também são descritivas: a linguística, a semântica, a documentação. Assim, os fatos deduzidos logicamente a partir de certos índices selecionados e extraídos na fase descritiva da análise de conteúdo, podem ser de natureza muito diversa, alguns autores franceses chamam-lhes condições de produção:

Qualquer análise de conteúdo visa, não o estudo da língua ou da linguagem, mas sim a determinação mais ou menos parcial do que chamaremos as condições de produção dos textos, que são o seu objeto. O que tentamos caracterizar são estas condições de produção e não os próprios textos. O conjunto das condições de produção constitui o campo das determinações dos textos (BARDIN, 2011, p. 46).

Bardin (2011) irá descrever que os fundamentos da esfericidade da análise de conteúdo indicam certo consenso baseado nestas articulações entre: A superfície dos textos, descrita e analisada; Os fatores que determinam estas características, deduzidos logicamente.

Sendo assim, se trata de atingir através de significantes, ou de significados (manipulados), outros significados de “natureza psicológica, sociológica, política, histórica entre outros aspectos (Bardin, 2011)”. Esta pesquisa tem como problema e objetivo, a busca de novos significados acerca das experiências e vivências na agricultura familiar agroecológica,

suas interações com o trabalho e tecnologia mediante seu processo de produção, investigando quais são as implicações que interferem ou modificam o resultado do trabalho, e suas tensões com o Bem Viver.

Para compreender o Bem Viver nesse contexto, dimensões surgiram a partir do contato com a literatura o que permitiu elaborar com mais profundidade o instrument de coleta. Foram estas as dimensões: Bem Viver, o próprio conceito, suas multidimensões e a questão da harmonia com a natureza; Bem Viver e os Direitos Humanos, da Natureza, Ambientais e a questão da Soberania, Segurança Alimentar e Saúde; Bem Viver como uma proposta antagônica ao Desenvolvimento e Bem estar Ocidental e a questão do Indivíduo e a Comunidade; O agricultor familiar agroecológico e a questão da técnica, tecnologia e trabalho e suas intersecções com o Bem Viver neste contexto. As mesmas foram reorganizadas em quatro categorias analíticas e foram discutidas de forma relacional, a partir de pontos de intersecção, como demonstrado no quadro a seguir:

**Quadro 3** - Dimensões do Bem Viver e suas categorias de análise a partir dos resultados obtidos no campo.

Dimensões do Bem Viver	Categorias/ Intersecções formadas
Bem Viver o próprio conceito; Bem Viver e a harmonia com a natureza; Bem Viver como um conceito multidimensional;	Bem Viver, o próprio conceito, suas multidimensões e a questão da harmonia com a natureza;
Bem Viver e os Direitos Humanos, da Natureza e Ambientais; Bem Viver e a Soberania Alimentar, Segurança Alimentar e Saúde; Bem Viver comum	Bem Viver e a questão dos Direitos alinhados com o tema da Soberania Alimentar, segurança e saúde para um bem comum;
Bem Viver como uma proposta antagônica (contra hegemônica) ao modelo de desenvolvimento atual; Bem Viver e a questão do Bem estar Ocidental; Bem Viver, o Indivíduo e a Comunidade	Bem Viver como uma proposta antagônica ao modelo de desenvolvimento atual e seu questionamento sobre a questão do Bem estar ocidental, frente ao bem estar, qualidade de vida na visão do Bem Viver e do agricultor familiar.
Bem Viver e a Técnica Bem Viver e a Tecnologia Bem Viver e o Trabalho	Bem Viver e as questões da técnica, tecnologia, trabalho na concepção do agricultor familiar.

**Fonte:** Elaboração própria ( 2020).



Os procedimentos adotados por esta pesquisa compreendem a análise dos dados sendo eles primários onde foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com agricultores familiares e grupo focal com os colaboradores do CPRA. E tendo um suporte dos dados secundários, coletados a partir de sites de conteúdo sobre agricultura agroecológica, Bem Viver, produção agrícola de base familiar, documentos do CPRA, documentos de outras organizações como Embrapa, IBGE, que contribuíram com informações e dados.

A primeira fase de coleta de dados ocorreu em agosto de 2019, tendo contato com os colaboradores do CPRA e agricultores familiares pertencentes ao projeto de agroecologia, através de visitas às propriedades e a sede do CPRA realizando as entrevistas e observações de forma não participativa.

### **3.4 Facilidades e dificuldades na coleta e tratamento dos dados**

Decorrente da natureza da pesquisa, realizada no campo, ou seja, em produções de agroecológicos de agricultores familiares, não é possível estabelecer uma segurança total ao acesso de internet, de modo que todos os recursos deverão estar disponíveis fisicamente. Sendo assim um bloco de anotações, agenda, será imprescindível. O estudo foi realizado de forma que o pesquisador possa obter total permissão ao acesso no campo, sendo extremamente importante estabelecer primeiramente o respeito ao espaço estudado, a confiança, relações bem firmadas entre o pesquisador e os pesquisados, e acima de tudo comprometimento em respeitar as limitações que a pesquisa virá apresentar. Ainda, em termos de limitação, considera-se a questão de deslocamento e a amplitude geográfica do campo em investigação.

Como facilidade, foi a possibilidade de ter o apoio dos integrantes do CPRA para a realização da pesquisa. Isso trouxe a possibilidade de contar com apoio na comunicação entre as propriedades do projeto de agroecologia, ou seja, com os sujeitos da pesquisa, os agricultores, e momentos oportunos para a realização de entrevistas junto ao CPRA.

### **3.5 Aspectos éticos envolvidos na condução da pesquisa**

Os sujeitos de pesquisa foram esclarecidos dos objetivos do estudo, bem como, do sigilo dos nomes – possibilidade de desistir de participar do estudo mediante leitura e assinatura em TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C).

**PARTE IV: ACHADOS DA PESQUISA DE CAMPO- ANÁLISES E  
RESULTADOS**



**Fonte:** Autoria própria (2019).

#### **4 AGRICULTURA FAMILIAR, SUAS TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIA DE VIDA NO CAMPO: LUTAS, RESISTÊNCIAS E CONTINUIDADES**

“A Natureza precede ao próprio ser humano. Por isso as demais formas de vida apresentam um significado próprio em si mesmas, enquanto expressão criadora de Deus ou da natureza, conforme o posicionamento religioso de cada um. Com efeito, nem tudo o que existe foi criado para a utilidade imediata do homem; há outros fins, outras razões criadoras que escapam à nossa sensibilidade e aos nossos cálculos. Muitas outras realidades e aspectos superam as nossas “vãs filosofias” (Édis Milaré).

O presente capítulo foi construído a partir dos objetivos orientadores desta pesquisa, o qual tendo como objetivo geral compreender as intersecções entre técnica, tecnologia e o trabalho a partir das vivências dos agricultores familiares agroecológicos da Região Metropolitana de Curitiba- RMC e suas relações com as concepções do Bem Viver. O mesmo tem como objetivos específicos:

- a) Analisar os aspectos conceituais do Bem Viver e da Agricultura familiar agroecológica;
- b) Caracterizar as práticas de trabalho e usos da tecnologia na vivência dos agricultores em relação às suas propriedades (processo de trabalho, uso das técnicas e tecnologias);
- c) Identificar as intersecções entre as percepções e vivências dos agricultores e os aspectos conceituais do Bem Viver.

Foi buscando atender aos objetivos, que surgiram as categorias de análise e resultados desta pesquisa, estando dispostos neste capítulo a partir da seguinte lógica: 4.1 Agricultura Familiar, sua trajetória e experiência de vida no campo: Resistências e Continuidades; 4.2 Bem Viver e suas Dimensões; 4.2.1 Conceitos e concepções do Bem Viver: Harmonia com a Natureza e o AFA nesse sentido; 4.2.2 Bem Viver e os Direitos Humanos, da Natureza, Ambientais e a questão da Soberania e Segurança Alimentar; 4.2.3 Bem Viver como uma proposta antagônica ao Desenvolvimento e Bem Estar Ocidental e a questão do indivíduo e a comunidade; 4.2.4 O Agricultor familiar agroecológico e a questão da Técnica, Tecnologia e Trabalho.

Por fim, no capítulo 4.3 discute-se a temática em diálogo com a organização do CPRA - Centro Paranaense de Referência Agroecológica. e suas relações com os agricultores

familiares agroecológicos. Diante do exposto a constituição deste capítulo tem como intenção inicial, compreender aspectos da história de vida, trajetórias e experiências no campo dos agricultores familiares entrevistados. Fazem parte dessa discussão os processos de mudança de uma agricultura convencional para uma forma de produção alternativa, a agricultura agroecológica e sintrópica. Foi possível verificar se houve mudança, ou, ainda, ou se já produziam de forma agroecológica, porém sem a devida certificação. Da mesma forma, como eles se posicionam quanto a produção agroecológica, desafios, vantagens, e o que sua experiência de vida, trabalho, ideologias dialogam com a questão do Bem Viver e suas multidimensões neste cenário.

Inseridos em um contexto contemporâneo de grandes transformações, modernização da agricultura, e dos reflexos no campo, na vida dos agricultores, foi possível verificar atualmente como os sujeitos se articulam, sendo a agricultura familiar um movimento social, e em que medida conseguem até que ponto resistir e continuar produzindo, sem que venham perder suas terras, suas crenças, seu estilo de vida, seu modo de produção antagônico ao modelo hegemônico atual ou as proximidades com este, logo, suas contradições.

São verificados também aspectos multidimensionais do Bem Viver no contexto da agricultura familiar agroecológica, partindo de percepções extraídas do campo de pesquisa, criando assim quatro categorias de análises, estruturados em seções específicas.

#### **4.1 Caracterizações iniciais dos sujeitos da pesquisa: agricultura familiar agroecológica**

A presente seção tem como objetivo caracterizar os sujeitos da pesquisa, quais sejam, os agricultores familiares da RMC, bem como, os municípios onde se encontram as propriedades dos agricultores que compõem esta pesquisa. Para tanto, iniciaremos resgatando o importante papel da agricultura familiar, representa uma significativa atuação no mundo, sendo responsável por grande parte da produção dos alimentos que chegam às nossas mesas.

Conhecer, respeitar, e compreender sua atuação neste processo, é ir muito além de suas concepções históricas. É refletir sobre suas lutas, reivindicações, resistências, permanências,

estabelecendo concepções que não limitam o entendimento sobre o papel do agricultor no campo, na comunidade, na cidade, na sociedade, mas que agreguem valores, conhecimentos, informações, abrindo assim um rico e importante diálogo sobre questões tão eminentes e fundamentais no que tange o Agricultor Familiar Agroecológico.

Ao perceber as narrativas dos agricultores familiares, foram identificados vários aspectos que muito se alinham com os tratados teóricos que compõe esta pesquisa. O primeiro aspecto a ser tratado diz respeito às trajetórias dos agricultores familiares em tela, que tem em seu contexto o êxodo rural, especialmente no caso das famílias dos agricultores A3 e A5.

Sobre esse tema, que trata da questão do êxodo rural<sup>13</sup> por exemplo, foi verificado que a família do A3, residente em Quatro Barras, havia passado por isso. Seus pais deixaram sua propriedade na zona rural e foram para a cidade em busca de melhores oportunidades de emprego, renda e condições de vida. Seus pais sempre foram agricultores e viveram em área rural. Porém, a família em um determinado momento se viu obrigado a ir buscar uma nova renda na cidade, sendo o pai da família ocupante de uma nova função, a de motorista/chofer.

O agricultor conta que o pai dele foi um dos primeiros choferes de carro em 1930. Até hoje guarda a carteira de motorista do pai, e fala isso com muito orgulho sobre a história de vida da família. Mesmo depois de irem para a cidade, o agricultor disse que sua mãe sempre mantinha uma hortinha, criava galinhas, couve, repolho, cheiro verde, mostrando forte relação entre o campo e a cidade. Enfatizou que muitas vezes a família se viu obrigada a deixar sua terra, mas seu coração (e imaginário) nunca saiu do campo. E foi nesse aprendizado que o agricultor se criou. Contudo, apesar dessa experiência, começaram a voltar gradativamente

---

<sup>13</sup> O êxodo rural é uma modalidade de migração caracterizada pelo deslocamento de uma população da zona rural em direção às cidades, é um fenômeno que ocorre em escala mundial. O desencadeamento do êxodo rural é consequência, entre outros fatores, da implantação de relações capitalistas modernas na produção agropecuária, onde o modelo econômico privilegia os grandes latifundiários e a intensa mecanização das atividades rurais, expulsa os pequenos produtores do campo. Outro motivo que proporciona o êxodo rural é o fator atrativo que as cidades exercem sobre parte da população rural. Muitos migram para as cidades, principalmente as mais industrializadas, em busca de emprego e melhores condições de vida (CERQUEIRA, 2020).

para área rural, porém em outra região que consideraram ter melhores oportunidades para sua família. Tal trajetória é evidenciada a seguir.

O agricultor 3 foi trabalhar na indústria metalúrgica por muitos anos para ajudar a família a complementar a renda. Porém já cansado, debilitado, por ter sofrido sérias consequências em sua saúde em decorrência do trabalho na indústria, quando teve a chance, e oportunidade, se aposentou com 43 anos e imediatamente retornou à área rural onde permanece até hoje, sendo acompanhado pelos filhos na sequência. Pesquisaram uma chácara na região metropolitana de Curitiba, onde começaram a produzir e dar início ao trabalho como agricultores familiares, resgatando suas experiências anteriores. Assim, foi possível observar um aspecto identitário em relação ao agricultor 3 e sua família como agricultores. Na medida em que a entrevista acontecia se notava que o A3 reforçava o desejo de ser agricultor, herdado também de seus pais. Ele demonstrou um forte elo com o campo e pertencimento com o trabalho rural, com o manejo da terra, aspectos trazidos a partir de suas ancestralidades. Isso nos aproxima do que analisa Wanderley quando nos apresenta as lutas e entraves, resistências e continuidades do agricultor e sua permanência no campo.

O mesmo aspecto é observado na propriedade do A5, situada em Tijucas do Sul. Além de sua família ter vivenciado o êxodo rural, atualmente são agricultores que parecem indicar trajetórias denominadas pelos chamamos neo-rurais<sup>14</sup>.

A história e trajetória de vida do A5 também se inicia com a questão do êxodo rural, no qual seus pais haviam adquirido a propriedade há quase quarenta anos na região metropolitana

---

<sup>14</sup> Os "neo-rurais" querem reviver os valores próprios do meio rural, transformando-os em força crítica das formas em que a sociedade inteira se desenvolve. A dimensão mais evidente é a racionalidade do neo-ruralismo fundamentam-se na valorização do espaço cotidiano, tornando-o suportável, desejável, consumível. Todos os neo-rurais, ao argumentar sobre a decisão de mudar para o campo, e ao tecerem elogios incondicionais às qualidades da vida agreste, definem como degradadas e degradantes as condições de vida nas cidades. O neo-ruralismo pode ser analisado como uma forma de protesto, ainda que canalizado e recuperado. Um protesto contra o trabalho parcelado, o gigantismo urbano, a degradação das relações sociais, contra a feiura e uniformidade do ambiente do ambiente físico das cidades. É contra tudo isso que se justifica a volta ao passado e à natureza e se manifesta a nostalgia de formas de vida perdidas; nostalgia esta que é, ao mesmo tempo, condenação da forma de vida "dominada". O neo-ruralismo se caracteriza por dimensões afirmativas, como a valorização da natureza e da vida cotidiana, a busca de autodeterminação, do trabalho como prazer, da integralização do tempo e das relações sociais; e por dimensões negativas: a recusa do espaço e do tempo da indústria, a crítica à ditadura dos papéis típicos da cidade, que dirigem os indivíduos a labirintos de frustrantes relações secundárias (GUILIANI, 1990, p. 59).

de Curitiba. Os mesmos têm origem no Rio Grande do Sul, onde iniciaram suas trajetórias, também marcada pela migração:

[...] não foi porque as pessoas achavam que morar na cidade seria melhor, e sim porque eles não viam mais condições de sobrevivência mesmo no campo, porque o método de plantio convencional, ou orgânico que também é convencional, não sendo agroecológico, ele degrada o solo, ou seja, se degrada o solo, você não tem mais nutrientes para produzir sua comida, não tem mais águas nas nascentes [...].

O A5 mostra como entraves no campo direciona a vida de agricultores para a cidade em face da degradação do solo, que o modelo convencional de produção acabou trazendo, fazendo com que sua família tivesse de recorrer à cidade para sobreviver e obter renda. Após anos na cidade, a família conseguiu novamente adquirir outra propriedade no campo. Na época os pais continuaram na cidade, e como ninguém da família a utilizava, o entrevistado decidiu migrar para o campo, podendo ser um indicativo de um processo vinculado às dinâmicas neorurais.

O A5 nutrido de vontade de abandonar a vida na cidade, romper com a lógica convencional, cujo processo de formação parece seguir unicamente voltado para o mercado, fazer faculdade e conseguir um excelente emprego, para ele já não lhe fazia mais sentido. Foi quando decidiu migrar para o campo e deu início a sua trajetória como agricultor, a partir das memórias que fazem parte da história de sua família.

Passou a morar, viver e trabalhar na propriedade que pertencia aos pais, em Tijucas do Sul, em busca de uma melhor qualidade de vida, bem estar para a família. Em poder oferecer uma melhor educação para sua filha, pautado em seus princípios e ideologias, que nada condiz com a vida agitada da cidade, “moderna” e do modelo convencional.

Como deixou claro, o A5 retorna para o campo, não por obrigação ou necessidade de realizar um processo sucessório, mas por projetos pessoais. Para tanto abandonou o último ano de Engenharia da Produção e buscou formas de poder viver do campo, como enfatiza:

[...] buscando assim um futuro melhor para minha família, não apenas sobreviver, mas sim viver, ter prazer em viver, ter condições, poder ter contato real com o que Deus criou a natureza. Pois esta separação entre o ser humano e a natureza está causando muitos danos em nós, tanto físico como emocional [...] (A5, 2019).



Atualmente o A5 e sua esposa são o casal mais jovem de agricultores familiares vinculados ao projeto do CPRA, e estão no campo, como agricultores há quatro anos.

Nessa perspectiva entre o campo e a cidade, entre sociedade e natureza, é possível ver nas trajetórias das famílias visitadas, históricos de reaproximação entre esses binômios. Essas dinâmicas mostram linhas tênues muitas vezes na relação campo/ cidade, sociedade e natureza, onde quem nos aproxima e torna essa conexão possível, são as famílias de agricultores que servem como uma ponte para ajudar o homem da cidade a não perder vínculos como o homem do campo, mas não o pode fazer o mesmo em relação a poder viver em harmonia com ela estando ele na cidade.

Diante disso a agricultura familiar precisa ser vista como um movimento que gera impactos na vida do ser humano entre o campo e a cidade, entre comunidade e sociedade. Pois é através de suas mãos, deste forte vínculo com a terra, de pertencimento, reconhecimento e consciência de sua função na dinâmica da vida, é que ambos os lados sobrevivem e coexistem: tanto os agricultores do campo, como os habitantes da cidade devem se unir para a valorização, fortalecimento e manutenção de uma relação harmoniosa entre sociedade natureza.

O modo de vida e trabalho no campo, do acesso a tecnologias, a novas técnicas e informação que pudessem fortalecer ainda mais o pequeno agricultor familiar, nem sempre foram igualitárias, as oportunidades não são iguais para todos. Os que detêm mais capital acabam por deter mais poder e controle e ditam como o mercado opera. Nós consumidores também temos este “poder” em nossas mãos de valorizar e cooperar ainda mais com a agricultura familiar, incentivando-a, comprando seus alimentos, buscando ajudar os agricultores a se manterem no campo através de seu trabalho, nem sempre é uma tarefa fácil, também sem torna um grande desafio para nós. Enfretamentos muitas barreiras, atravessadores que encarecem o produto final que provem das mãos dos agricultores familiares, tornando este acesso ao campo impossível muitas vezes, em virtude dos preços aplicados na cidade, da falta de conexão entre o produtor e o consumidor final, da falta de apoio e incentivo de políticas públicas, extensão rural por parte das organizações, e tantos outros problemas que aqui estarão sendo apontados.

Frente a isso, essas reflexões acerca da urgência de mudança de direção no modelo hegemônico atual de produção se fazem tão necessária e iminente. É compreendo como a roda opera é que poderemos assim fazer ajustes urgentes.

Outro aspecto verificado nas histórias dos agricultores familiares entrevistados seria o processo sucessório encontrados no âmbito familiar do A1 e A2, cujas propriedades estão situadas em Itaperuçu. Outra agricultura que dialoga com essa perspectiva é o A4, que tem propriedade em Colombo.

Sobre a trajetória da propriedade do A1, localizada no município de Itaperuçu, ele comenta que nasceu no meio rural e se mantém até os dias de hoje na mesma propriedade, herdada dos pais. Toda a família tem terras próprias, seu espaço de sobrevivência e reprodução garantidas. A terra herdada dos pais foi dividida entre os irmãos, e cada qual deu destino a ela mediante a sua vontade. O A1 está nesta propriedade há 65 anos. Cresceu vendo os pais trabalharem na roça e deu continuidade a este trabalho. Atualmente, o A1, junto da esposa cuida da propriedade onde cria galinhas e uma horta extensa onde cultiva repolho, alface, abobrinha, brócolis, beterraba, feijão de vagem, pepino, tomate, batata e frutas como pêssego, uva, laranja e maçã, produzidos de forma agroecológica. É interessante como o A1 se sente satisfeito em ser agricultor. Em sua trajetória há identidade como agricultor familiar, relatada com entusiasmo e com orgulho daquilo que aprendeu com os pais no labor do campo. Seus filhos vivem no campo, mas trabalham em organizações como escolas e empresas. Por enquanto não estão seguindo o trabalho dos pais, mas permaneceram no campo, com cultivos em suas propriedades, para autoconsumo.

No caso do A2, o casal sempre viveu no campo, bem como suas famílias. Em um determinado período de suas vidas, o esposo trabalhava na lavoura e a esposa era empregada doméstica. Após mudarem para esta propriedade na RMC, o A2 passou a ser responsável pela maior parte pela produção dos alimentos já que seu cônjuge foi trabalhar com transporte, onde já faz 18 anos que pela manhã, realiza este trabalho em uma empresa próximo a propriedade do casal, e depois volta para sua propriedade para contribuir com o trabalho no campo.

Isso se faz necessário para que o casal tenha uma renda fixa no mês, já que ainda não é possível viver apenas da agricultura familiar. Nota-se também como o casal se identifica em

serem agricultores e buscam a partir de alternativas e da pluriatividade a possibilidade de permanecerem no campo. Este contato com a natureza, através de uma agricultura alternativa agroecológica, é algo que encontrado nas falas de todos os agricultores entrevistados que demonstram compreender a importância de seu papel nesta seara.

Nesse sentido, o A2 enfatiza que a mudança da agricultura convencional para base agroecológica foi pela saúde, porque queriam ter a tranquilidade de que estavam produzindo algo saudável para a família, e que agora estendem a tantas outras famílias. Anteriormente a família produzia nos moldes convencionais, muito por receio de não saber lidar com esta produção alternativa, por não ter instrução, treinamento de organizações para ajudá-los, e orientá-los nessa mudança.

Há alguns anos, estão lutando para se manter no agroecológico, mas o A2 foi enfático em dizer que sempre foi contra o uso de agrotóxicos. Mas pela questão das frutas, no cultivo de pêssegos, por exemplo, perdiam muito, se não utilizassem agrotóxicos. Mas que através do CPRA, eles aprenderam a utilizar técnicas que a própria natureza oferece para combater as pragas do pêssego, pois seu principal produto de venda são as colheitas realizadas pelos clientes diretamente do pé de pêssego. Portanto aqui observamos o quão importante são as extensões rurais, a assistência técnica no trabalho do agricultor familiar, e a compreensão de que seu modelo de produção traz consequências pra vida humana e planeta terra:

[...] Essa mudança veio pela conscientização, a gente tenta alertar os vizinhos que trabalham com veneno pesado, tentando conscientizar a importância. Mas um dia eles chegam lá [...] (A2, 2019).

Contexto semelhante é percebido na família de A3. Com a modernização da agricultura, com diversos obstáculos advindos das grandes corporações do agronegócio que acabam em prejudicar o pequeno produtor, é possível verificar a força e o empenho de cada agricultor em não desistir de poder viver no rural forma harmoniosa com a natureza.

Por sua vez, o A4 irá falar que a história e trajetória no campo surgiram a partir de seus pais, que desde o início já produziam de forma orgânica por conta própria e depois obtiveram ajuda de outras organizações responsáveis por ajudar, treinar e formar os agricultores, como a EMATER, CPRA, dentre outros. O A4 nasceu na região metropolitana de Curitiba, onde vive

até hoje na mesma propriedade que é de seus pais, situada em Colombo. Ele se casou e trouxe a esposa para ajudar na produção. Percebe na agricultura familiar agroecológica como um aspecto terapêutico, como um bem imensurável para ele e sua família, em suas palavras:

[...] você fica mais tranquilo, mexer com a terra, a gente gosta e produz alimentos saudáveis, então faz muita gente consumir um alimento que tem garantia. Porque você vai ao mercado, você não tem uma garantia, se o alimento é bom ou não, se é confiável, livre de venenos. Hoje entregamos nossos alimentos através do projeto Cesta Solidários do CPRA, onde garante ao produtor ter um acesso direto ao consumidor, sem atravessador, o produtor ganha um pouco mais, e o consumidor paga um pouco menos [...] (A4, 2020).

Apesar de o A4 obter há pouco mais de alguns anos o certificado de referência em agroecologia, sua família produzia da maneira mais natural possível, sem agrotóxicos. O certificado quem garante ao agricultor são organizações específicas que fazem estudos, análises de solo, de nascentes de água, dos produtos para verificar se de fato o agricultor produz de forma agroecológica.

Mas mesmo com certificado, o A4 aponta um grande problema a ser enfrentado pelos consumidores: a falta de acesso de comida de qualidade do campo para a mesa. Nem todos conseguem comprar direto do produtor, e quando encontram alimentos agroecológicos, ou orgânicos, outra barreira é encontrada, o preço, os atravessadores. No caso em tela, o CPRA através de seu projeto Cestas solidárias, aproxima o agricultor do consumidor, mas esta é ainda uma realidade que carece de muitos incentivos, apoio, políticas públicas para que não só uma comunidade possa desfrutar de um alimento de qualidade do AF e com preço justo, bem como toda a sociedade brasileira possa ter as mesmas oportunidades.

A AF como aponta Ploeg, não existe apenas para produzir alimentos. Permitir que ela continue exercendo seu trabalho no campo, é permitir que ela não perca sua razão de ser, existir. Aqui podemos verificar algumas qualidades da agricultura familiar:

Os estabelecimentos familiares proporcionam à família agricultora uma parte – ou a totalidade – de sua renda e dos alimentos consumidos. Cumpre ressaltar que ter o controle sobre a qualidade dos alimentos de produção própria – e estar confiante de que não estão contaminados – é um aspecto cada vez mais importante e valorizado pelos agricultores de todo o mundo. No entanto, o estabelecimento familiar não é só um lugar de produção. É também o lar da família agricultora. É o local a que

pertencem às pessoas, além de ser o lugar que lhes proporciona abrigo. Em suma, é o lugar onde a família vive e onde as crianças crescem (PLOEG, 2014, p. 8).

O contexto da agricultura familiar no qual A4 nasceu e cresceu parece encontrar similaridades com essa perspectiva teórica. Aos 11 anos de idade iniciou seu trabalho no campo, trabalhar em outra função nunca foi sua vontade, apesar de ter recebido propostas de trabalho na cidade, ele recusou todas. Ele fez do campo seu lar, lugar de convívio, de valores, de sentidos para além de simplesmente ser agricultor, produtor de alimentos. Em 1997 sua família começou a colocar em prática a produção de orgânicos, e depois recebeu certificado de referência agroecológica, apropriando-se de técnicas específicas, com a ajuda de uma agrônoma.

Podemos constatar de acordo com os resultados obtidos das entrevistas no campo, que os agricultores investigados têm um histórico de ligação com o rural, seja pelo fato de terem nascido no campo, com contato desde pequenos com a terra, muitas vezes herdados dos pais, repassada para seus filhos. Há uma perspectiva de ocupação histórica muito relevante nas propriedades visitadas. Nas cinco propriedades as terras foram herdadas dos pais, tanto no aspecto material como imaterial no sentido de valores, de aprendizagem sobre o campo, modo de produção, através de conhecimentos ancestrais, tradicionais.

Os aspectos elencados indicam as continuidades mencionadas por Wanderley (2001), ao tratar das heterogeneidades da agricultura familiar. Neste sentido torna uma tarefa árdua tentar conceituar a agricultura familiar de modo a delimitar o que vem a ser uma agricultura familiar, em um campo que se encontra em constantes transformações e continuidades. É importante ressaltar que das cinco propriedades visitadas, três delas, vinculadas ao A1, A3 e A4 sempre foram agroecológicas na prática, mesmo que sem certificação formal. Tal processo ocorreu posteriormente muito porque o mercado passou a exigir isso, pois a distribuição de seus alimentos em associações, organizações exigiam do agricultor o certificado. Por outro lado, também revelaram que sempre buscaram produzir sem venenos, preocupados com sua saúde e de sua família, se seus clientes, pela qualidade de vida e melhor condição no trabalho, longe de venenos e por optar por um modelo que os manteve mais próximos do natural, sem exigir grandes técnicas, ou tecnologias modernas, maquinaria, sem grandes investimentos.

A propriedade do A2 fez o processo de conversão da agricultura convencional para a agricultura de base agroecológica posteriormente.

A propriedade de A5, apesar de iniciar com outros tipos de cultivos como a piscicultura e criação para corte, quando se deparou com a olericultura iniciou também de forma agroecológica na prática, e depois buscou ter o certificado de referência para melhor condução de seu trabalho.

Outro aspecto relevante de se destacar, é que existe algo simbólico na perspectiva de pertencimento à natureza, de reconhecimento como agricultor. Da importância da herança e valores familiares, religiosos, ideológicos que fortaleceram estes agricultores a resistirem entre o tempo e o espaço, sua permanência no campo, como pulsão de vida e morte. O fato de valorizar e dar continuidade a história de seus antepassados, é um aspecto recorrente na fala dos sujeitos.

Ainda, há que se atentar sobre a concepção religiosa, da sacralidade dos conhecimentos herdados e inerente à dimensão de fé dos agricultores ouvidos que parecem se vincular especialmente a uma moral cristã cujas origens dialogam com a doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana. Além disso, há a valorização dos conhecimentos do campo, saberes ancestrais e tradicionais advindos de seus pais, valores socioculturais que formam um conjunto de valores enraizados na história dos agricultores pelo qual eles querem manter e dar continuidade. Percebe-se que esta relação entre agricultura e natureza dialoga com o sagrado a partir de uma perspectiva de Deus baseada na matriz católica, na espiritualidade de cada um, onde Deus criou a natureza e colocou ao ser humano a responsabilidade de cuidar, de respeitar, de extrair sua sobrevivência com conscientização. Parte também de uma filosofia de vida, onde eles acreditam ser o caminho certo a seguir para sua plena felicidade, qualidade de vida, consciência coletiva, bem estar e paz. Isso implica em considerar um tensionamento contemporâneo: a hierarquização do saber científico frente aos saberes ancestrais. As perspectivas do Bem Viver assume como premissa o diálogo de saberes, no qual os saberes tradicionais e ancestrais também são fundamentais e valorizados.

Há uma tomada de posição pelos agricultores familiares entrevistados pela produção de base agroecológica, seja pelas ideologias de vida do agricultor tão bem defendidas, seja pelo

aspecto religioso, espiritual. Ainda, o comprometimento com a família é um valor muito importante respeitado por eles, em poder dar testemunho, ser exemplo aos filhos e netos, de fazer não apenas o melhor para si, mas para o próximo, contribuindo com a natureza e sociedade.

Os sujeitos parecem acreditar de forma convergente nos princípios do Bem Viver, cujos direitos devem ser respeitados promovendo o bem comum, o acesso a uma boa alimentação, segura, saudável, longe dos agrotóxicos. Neste caso, o produtor e o consumidor não estarão mais distantes um do outro. A comunidade tem participação neste processo e influência. No estudo em tela, em alguns casos muitos agricultores disseram que a própria comunidade local, prefere comprar no supermercado os alimentos, do que bater na porta do agricultor.

Ou seja, nem sempre a comunidade rural ou mesmo a urbana que pode ter acesso através da compra das cestas de alimentos dos agricultores, adquire seus produtos, valoriza e ajuda o agricultor familiar a se manter no campo. Este foi um dos pontos reforçados por todos, que ainda é um obstáculo a ser superado por meio do apoio da comunidade local, bem como, da sociedade como um todo.

Corroborando com tais apontamentos, a agricultura familiar contribui em diversos aspectos, principalmente por sua atuação no segmento de produção de alimentos, na geração de empregos e em especial, na preservação do meio ambiente (RAMBO; TARSITANO; LAFORGA, 2016). Finalizando as caracterizações a respeito da história de vida, vivências e experiências dos agricultores familiares desta pesquisa, daremos continuidade na análise quanto aos aspectos geográficos, territoriais do local (RMC), reprodução e labor, dos agricultores que fazem parte desta pesquisa.

Assim, ao debruçar-se sobre o panorama da Agricultura Familiar no Brasil, especificamente na região Sul do Brasil, no Estado do Paraná, a partir das vivências dos agricultores familiares da região metropolitana de Curitiba, das percepções oriundas do campo de pesquisa e das entrevistas realizadas com os agricultores em seus estabelecimentos, foi possível desenvolver este trabalho de forma significativa e consistente. A partir das análises, resultados e reflexões, buscou contextualizar a importância da agricultura familiar

agroecológica, como um dos elementos centrais de tensionamento no bojo das mudanças no cenário atual da agricultura moderna e convencional.

Realizada a caracterização dos sujeitos da pesquisa, é importante caracterizar o contexto territorial no qual os agricultores familiares estão inseridos. Destacando os municípios pelos quais estão localizadas as propriedades dos agricultores familiares, da pesquisa em questão, bem como o CPRA, organização pelo qual apoiou este trabalho dando acesso ao projeto de agricultores familiares agroecológicos de referência. Ambos estão localizados nos municípios de: Colombo, Itaperuçu, Quatro Barras, Tijucas do Sul. No município de Pinhais está localizado o CPRA.

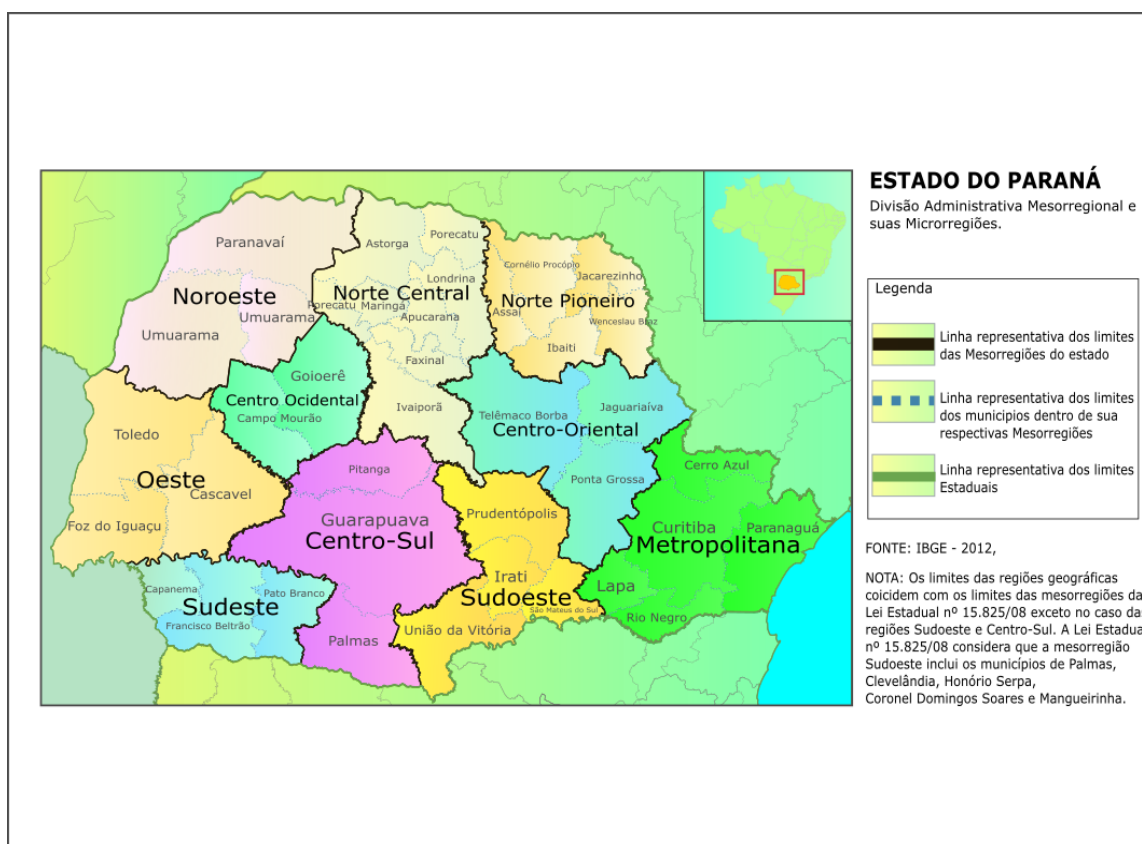
Para tanto, serão apresentadas breves informações a respeito do estado do Paraná onde as propriedades da pesquisa estão localizadas, mais precisamente na Região Metropolitana de Curitiba. Nesse cenário, o Paraná possui 371.051 estabelecimentos agropecuários, sendo que 80% são familiares. É importante considerar o papel desses estabelecimentos na produção de alimentos, aspectos que abarcam uma série de ações estatais e políticas públicas que visam promover a agricultura familiar e a segurança alimentar. Exemplo disso é a Vigilância Sanitária do Estado que buscou regulamentar a produção de alimentos da agricultura familiar, baseada nos princípios de inclusão social e econômica. A resolução busca normalizar as boas práticas de fabricação de alimentos processados pelo empreendimento familiar rural no Estado do Paraná e, por conseguinte, seu licenciamento sanitário, para que tenha efetivamente reconhecidas suas atividades econômicas e culturais na produção de alimentos (SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DO PARANÁ, 2020).

O Paraná precisa cumprir em termos de legislação, a obrigatoriedade dos estados e municípios a adquirirem, ao menos, 30% dos recursos repassados pelo Governo Federal na compra de gêneros advindos da agricultura familiar (Lei nº 11.947/2009) para serem utilizados na alimentação escolar (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ, 2020).



A figura abaixo apresenta o mapa do estado do Paraná e suas respectivas cidades, sendo que as propriedades de agricultores familiares que compõem o estudo de campo se encontram na RMC:

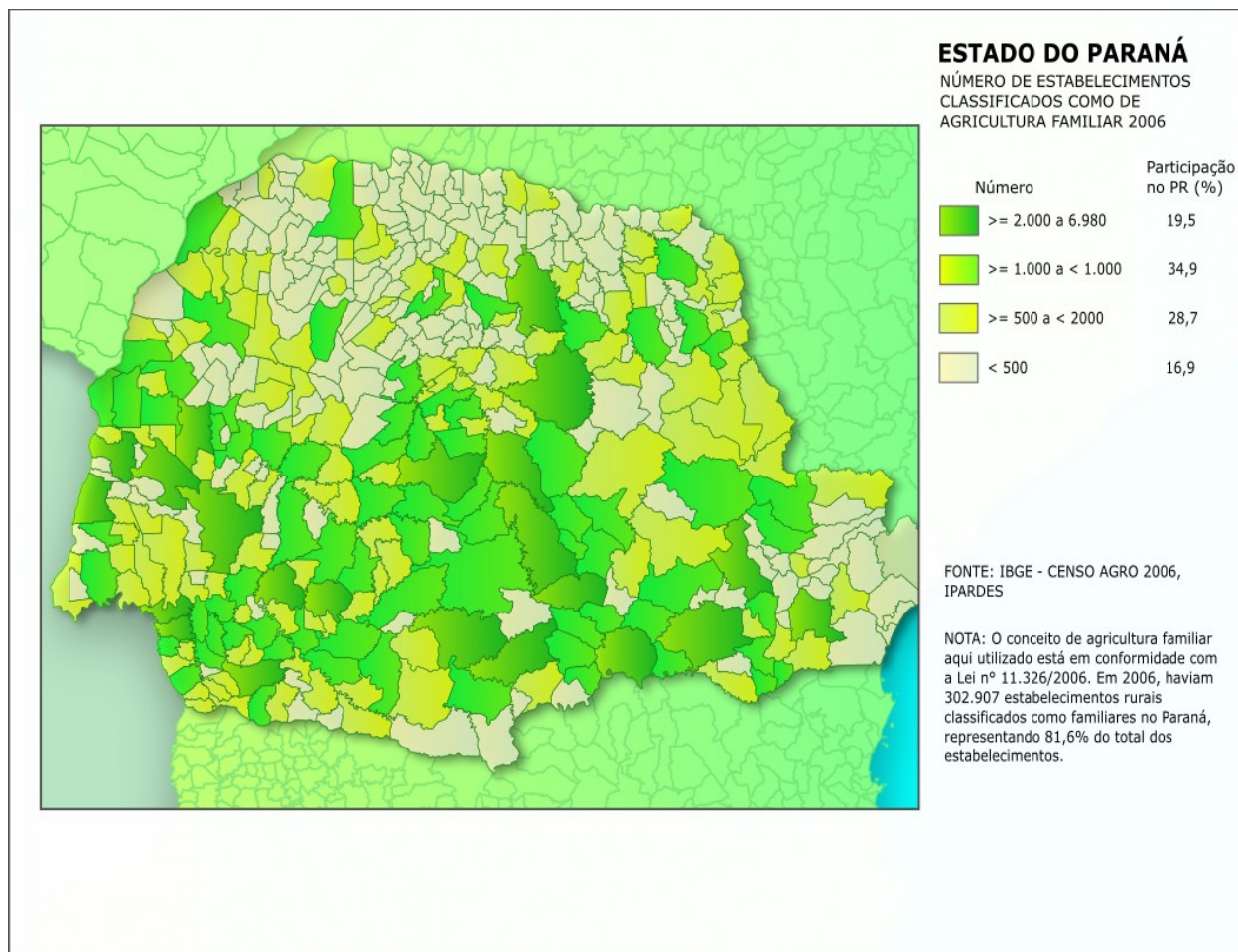
**Figura 2 - Mapa do Estado do Paraná**



**Fonte:** Mapa adaptado por Danilo Laskosky a partir dos dados do IBGE, 2012.

O lócus de estudo é a região metropolitana de Curitiba. Para que possamos verificar a participação da agricultura familiar nessa região, o mapa abaixo apresenta, a partir dos municípios, o número de estabelecimentos classificados como de Agricultura Familiar no Estado do Paraná:

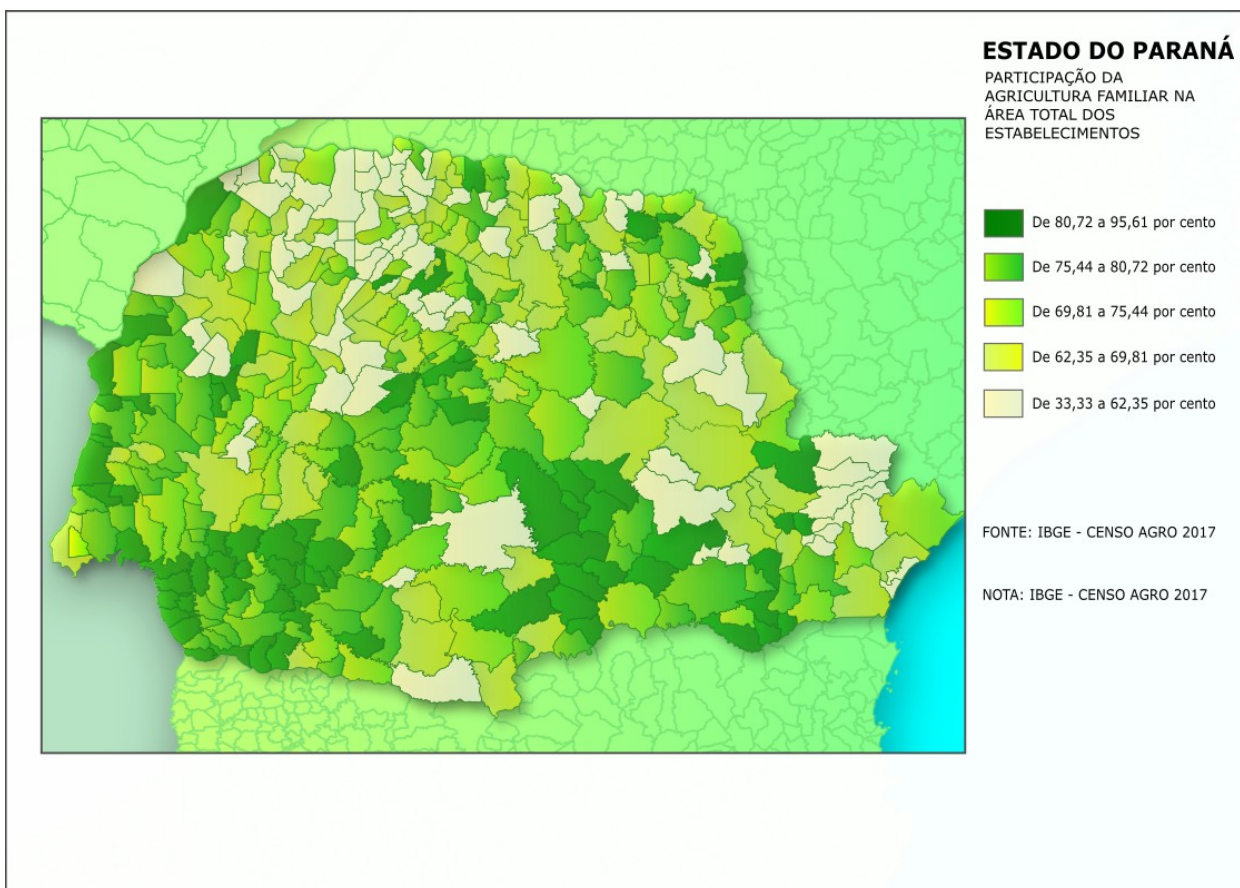
**Figura 3** - Mapa do Estado do Paraná – Número de estabelecimentos classificados como de Agricultura Familiar



**Fonte:** Dados fornecidos pelo IBGE-Censo Agro 2006, base cartográfica adaptado por Danilo Laskosky, (2020).

O mapa a seguir indica a agricultura familiar em termos de área total dos estabelecimentos no Estado do Paraná:

**Figura 4 -** Mapa do Estado do Paraná – Participação da Agricultura Familiar na área total dos estabelecimentos



**Fonte:** Dados fornecidos pelo IBGE-Censo Agro 2017, base cartográfica adaptado por Danilo Laskosky, (2020).

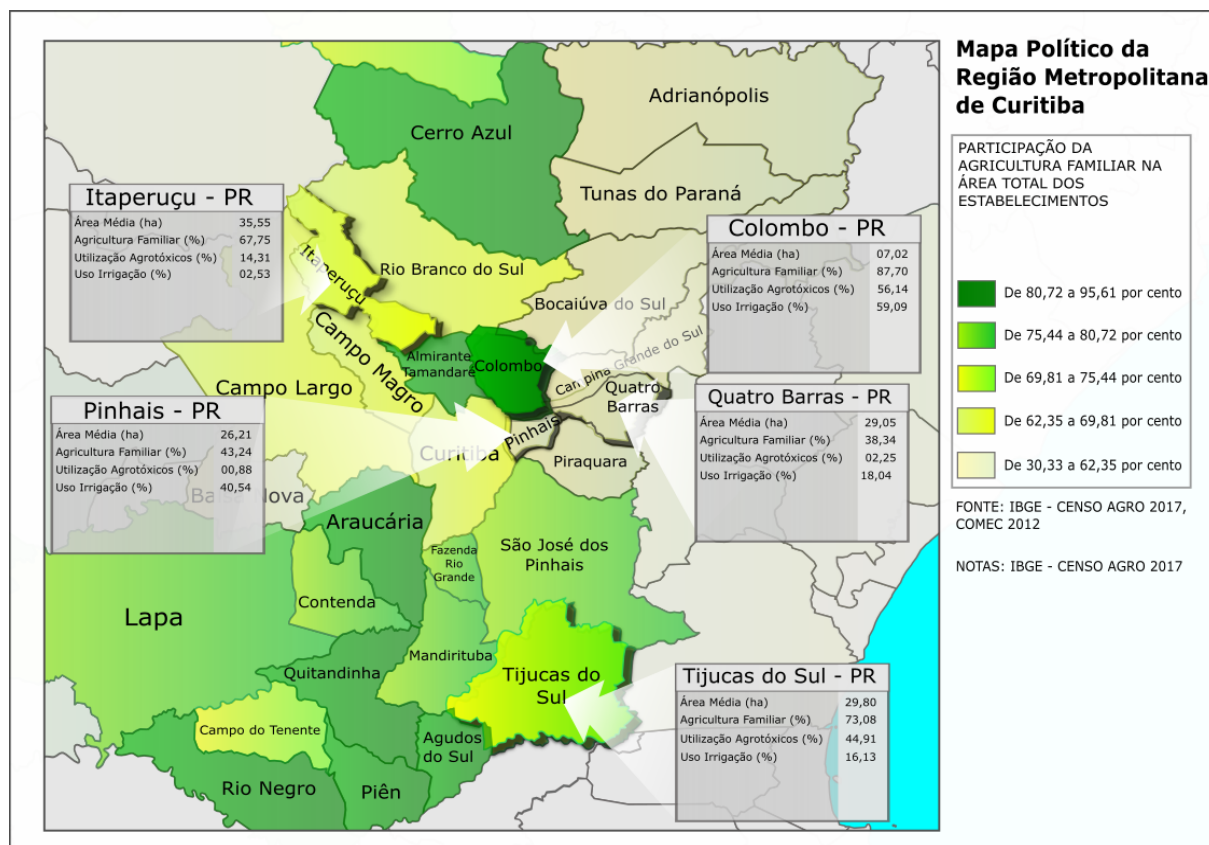
Serão apresentados os municípios que compõe a RMC, onde atualmente ocupa uma área de 15.093,77 km<sup>2</sup>, equivalente a 6,58% do território do Paraná.

A RMC possui 26 municípios sendo eles: Adrianópolis, Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Campo Magro, Cerro Azul, Colombo, Contenda, Curitiba, Dr. Ulysses, Fazenda Rio Grande, Itaperuçu, Lapa, Mandirituba, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Quitandinha, Rio Branco do Sul, São José dos Pinhais, Tijucas do Sul, Tunas do Paraná. Originados das antigas vilas de

mineração do ouro ou, das colônias de imigrantes dos últimos 80 a 100 anos, o que resulta na população de 2.726.556 habitantes (IBGE, 2000).

O mapa a seguir apresenta a distribuição geográfica dos municípios da RMC no estado do Paraná, destacando dentre os 26 municípios que constituem a RMC, os cinco municípios onde ocorreu o estudo de campo, sendo eles: Colombo; Itaperuçu; Quatro Barras; Pinhais, Tijucas do Sul. No município de Pinhais está localizado o CPRA (Centro Paranaense de Referência Agroecológica), organização que tem o projeto das propriedades dos agricultores familiares de base agroecológica, pela qual foram selecionados os estabelecimentos de agricultores familiares:

**Figura 5** - Mapa político da Região Metropolitana de Curitiba e dados dos cinco Municípios que compõem a pesquisa.



**Fonte:** Mapa desenvolvido por Danilo Laskosky (2020), mediante ao acesso a base de dados do IBGE-CENSO AGRO (2017).

Algumas considerações breves serão abordadas a respeito dos municípios que fizeram parte deste estudo:

### **Sobre o Município de Colombo**

O município se estende por 197,4 km<sup>2</sup> e conta com 212 967 habitantes de acordo com o último censo (IBGE, 2010). A prefeitura de Colombo através da Secretaria de Agricultura busca disponibilizar aos pequenos agricultores incentivos para as famílias que investem na produção orgânica/ agroecológica. O objetivo desta iniciativa é estimular e diversificar o potencial agrícola da região, com alimentos livres de agrotóxicos, incluir os produtos advindos da produção de alimentos por agricultores familiares agroecológicos, na alimentação escolar em entidades assistenciais e no comércio local.

Em termos de alguns aspectos atinentes às políticas públicas e orientação para os agricultores familiares neste município, são desenvolvidas por meio de grupos e cooperativas ou associações na região com o intuito de facilitar o acesso à produtos orgânicos (agroecológicos) de forma mais barata. Também ocorre parceria com a Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), oferecendo assistência técnica aos grupos formados de produtores orgânicos (SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO DE COLOMBO-PORTAL DO MUNICÍPIO DE COLOMBO, 2020).

A seguir a tabela com os dados dos estabelecimentos agropecuários e área segundo as atividades econômicas do ano de 2017 para o município de Colombo.

**Tabela 2-** Estabelecimentos Agropecuários e área segundo as atividades econômicas de 2017 no município de Colombo.

ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS E ÁREA SEGUNDO AS ATIVIDADES ECONÔMICAS-2017		
ATIVIDADES ECONÔMICOS	ESTABELECIMENTO	ÁREA (ha)
Lavoura temporária	45	270
Horticultura e floricultura	266	1.831
Lavoura Permanente	15	70
Produção de sementes, mudas e outras formas de propagação vegetal		
Pecuária e criação de outros animais	37	272
Produção florestal de florestas plantadas	6	101
Produção florestal de florestas nativas	1	x
Pesca	2	x
Aquicultura	2	x
TOTAL	374	2.628
<b>FONTE: IBGE -Censo Agropecuário</b>		
<b>NOTA:</b> A soma das parcelas da área, não corresponde ao total porque os dados das unidades territoriais com menos de três informantes, estão desidentificados com caracter "x". Dados revisados e alterados após a divulgação dos resultados definitivos em 25 de Outubro de 2019.		

**Fonte:** IBGE- Censo agropecuário (2017) adaptado pela autora, design por Danilo Laskosky, (2020).

É possível verificar que a lavoura permanente corresponde a 15 estabelecimentos, enquanto a temporária a 45 estabelecimentos. Horticultura e floricultura correspondem a 266 estabelecimentos.

### **Sobre o Município de Itaperuçu**

O município se estende por 314,4 km<sup>2</sup> e conta com 23 887 habitantes de acordo com o último censo (IBGE, 2010). O município de Itaperuçu conta com um projeto chamado “Desenvolvimento Sustentável” e tem como objetivo implementar o programa “Itaperuçu Sustentável”, que visa fomentar a economia de forma ecológica com base no cicloturismo, agroecologia e gestão de resíduos. Tem como uma das metas transformar o município em primeiro com gestão Lixo Zero da Região Metropolitana de Curitiba (RMC).

O programa incentiva a produção agroecológica no município com apoio aos produtores da região para a transição agroecológica. O objetivo é fazer com que os agricultores tenham mais renda e mais saúde e que todos os consumidores sejam beneficiados através da produção de alimentos saudáveis. (PROGRAMA, 2019).

**Tabela 3** -Estabelecimentos Agropecuários e Área segundo as atividades Econômicas, 2017.

ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS E ÁREA SEGUNDO AS ATIVIDADES ECONÔMICAS-2017		
ATIVIDADES ECONÔMICOS	ESTABELECIMENTO	ÁREA (ha)
Lavoura temporária	244	2.101
Horticultura e floricultura	6	x
Lavoura Permanente	15	113
Produção de sementes, mudas e outras formas de propagação vegetal		
Pecuária e criação de outros animais	264	5.036
Produção florestal de florestas plantadas	17	12.316
Produção florestal de florestas nativas		
Pesca		
Aquicultura	5	x
TOTAL	552	19.626
<b>FONTE: IBGE -Censo Agropecuário</b>		
<b>NOTA:</b> A soma das parcelas da área, não corresponde ao total porque os dados das unidades territoriais com menos de três informantes, estão desidentificados com caracter "x". Dados revisados e alterados após a divulgação dos resultados definitivos em 25 de Outubro de 2019.		

**Fonte:** IBGE- Censo agropecuário (2017), adaptado por Danilo Laskosky, (2020).

É possível verificar que a lavoura permanente corresponde a 15 estabelecimentos, enquanto que a temporária corresponde a 244 estabelecimentos. Horticultura e floricultura correspondem a 06 estabelecimentos.

### **Sobre o Município de Quatro Barras**

O município se estende por 181,1 km<sup>2</sup> e conta com 19 786 habitantes de acordo com o último censo (IBGE, 2010). No município de Quatro Barras, a Prefeitura Municipal, vem trabalhando para ofertar vários cursos durante o ano todo voltados aos produtores rurais do município. Há parcerias entre o SENAR-PR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Agricultura tem o objetivo de fortalecer a agricultura familiar, contribuindo para a qualificação do produtor. (PREFEITURA MUNICIPAL DE QUATRO BARRAS, 2020).

Em 2017 no mês de setembro, O município de Quatro Barras realizou a 5ª Festa Regional das Sementes Crioulas. O evento teve como objetivo, fortalecer e valorizar o modelo da agricultura familiar, praticado na contramão do modelo dominante da agricultura em larga escala. Livres de veneno são produzidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombolas e indígenas (CPRA, 2020).

**Tabela 4** -Estabelecimento Agropecuário e área segundo as atividades econômicas, 2017

ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS E ÁREA SEGUNDO AS ATIVIDADES ECONÔMICAS-2017		
ATIVIDADES ECONÔMICOS	ESTABELECIMENTO	ÁREA (ha)
Lavoura temporária	14	688
Horticultura e floricultura	5	11
Lavoura Permanente	5	10
Produção de sementes, mudas e outras formas de propagação vegetal		
Pecuária e criação de outros animais	85	1.249
Produção florestal de florestas plantadas	20	1.886
Produção florestal de florestas nativas		
Pesca	1	x
Aquicultura	3	x
TOTAL	133	3.865

**FONTE: IBGE -Censo Agropecuário**

**NOTA:** A soma das parcelas da área, não corresponde ao total porque os dados das unidades territoriais com menos de três informantes, estão desidentificados com caracter "x". Dados revisados e alterados após a divulgação dos resultados definitivos em 25 de Outubro de 2019.

**Fonte:** IBGE- Censo agropecuário (2017), adaptado por Danilo Laskosky, (2020).

É possível verificar que a lavoura permanente corresponde a 5 estabelecimentos, enquanto a temporária a 14 estabelecimentos. Horticultura e floricultura correspondem a 5 estabelecimentos.

### **Sobre o município de Pinhais**

O município se estende por 60,8 km<sup>2</sup> e contava com 117. 166 habitantes de acordo com último censo (IBGE, 2010). Pinhais é referência em projetos da agricultura familiar. A indicação de Pinhais como município de forte influência e fortalecimento da agroecologia, foi feita por organizações ligadas à agroecologia, sendo este o reflexo de sua atuação do município que, na execução de projetos, visa, entre outras coisas, valorizar a agricultura familiar.

Mesmo se tratando de um município essencialmente urbano, é tido como referência pelos projetos desenvolvidos e incentivos à produção agroecológica. O município tem forte atuação quanto à organização e distribuição dos alimentos dessa natureza, se tornando assim um referencial (PREFEITURA MUNICIPAL DE PINHAIS, 2020).



A própria existência do CPRA neste município, vem como uma resposta essencial a estas mudanças, tornando um dos elementos que faz do Paraná um diferencial no setor. Trata-se do único estado que conta com um órgão público especialmente dedicado à agroecologia (CPRA, 2020).

Na sede da instituição, localizada no município de Pinhais (PR), acontecem cursos, oficinas, eventos, vivências e encontros que reúnem agricultores, técnicos, pesquisadores e estudantes não só do estado, mas de todo o país e de diversas partes do mundo (CPRA, 2020).

**Tabela 5** -Estabelecimentos agropecuários e área segundo as atividades econômicas-2017.

ESTABELECEMENTOS AGROPECUÁRIOS E ÁREA SEGUNDO AS ATIVIDADES ECONÔMICAS-2017	ESTABELECEMENTO	ÁREA (ha)
ATIVIDADES ECONÔMICAS		
Lavoura temporária	14	781
Horticultura e floricultura	5	x
Lavoura Permanente		
Produção de sementes, mudas e outras formas de propagação vegetal		
Pecuária e criação de outros animais	17	153
Produção florestal de florestas plantadas		
Produção florestal de florestas nativas		
Pesca		
Aquicultura	1	x
TOTAL	37	970
<b>FONTE: IBGE -Censo Agropecuário</b>		
<b>NOTA:</b> A soma das parcelas da área, não corresponde ao total porque os dados das unidades territoriais com menos de três informantes, estão desidentificados com caracter "x". Dados revisados e alterados após a divulgação dos resultados definitivos em 25 de Outubro de 2019.		

**Fonte:** IBGE- Censo agropecuário (2017) adaptado pela autora, design por Danilo Laskosky, (2020).

É possível verificar que a lavoura permanente possui 0 estabelecimento, enquanto a temporária a 14 estabelecimentos. Horticultura e floricultura correspondem a 5 estabelecimentos.

### **Sobre o Município Tijucas do Sul**

Possui população estimada de 16.348 habitantes, área territorial total de 671,930 Km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 21,64 hab./Km<sup>2</sup>, com IDH de 0,636. (IPARDES, 2018). O debate sobre a caracterização das comunidades e povos do campo ainda está em processo de organização no município, a fim de contribuir para a construção de um mapa social deste município. É comum nos municípios da RMC o desconhecimento da quantidade de

comunidades rurais, bem como, a dificuldade para defini-la. Existem localidades denominadas de bairros, outras de vilas, distritos (CRUZ; MACHADO, 2018).

**Tabela 6** -Estabelecimentos agropecuários e área segundo as atividades econômicas, 2017.

ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS E ÁREA SEGUNDO AS ATIVIDADES ECONÔMICAS-2017		
ATIVIDADES ECONÔMICOS	ESTABELECIMENTO	ÁREA (ha)
Lavoura temporária	267	6.653
Horticultura e floricultura	197	2.241
Lavoura Permanente	4	x
Produção de sementes, mudas e outras formas de propagação vegetal		
Pecuária e criação de outros animais	174	5.963
Produção florestal de florestas plantadas	43	5.652
Produção florestal de florestas nativas	3	17
Pesca		
Aquicultura	3	x
TOTAL	691	20.598
<b>FONTE: IBGE -Censo Agropecuário</b>		
<b>NOTA:</b> A soma das parcelas da área, não corresponde ao total porque os dados das unidades territoriais com menos de três informantes, estão desidentificados com caracter "x". Dados revisados e alterados após a divulgação dos resultados definitivos em 25 de Outubro de 2019.		

**Fonte:** IBGE- Censo agropecuário (2017) adaptado pela autora, design por Danilo Laskosky, (2020).

É possível verificar que a lavoura permanente corresponde a 4 estabelecimentos, enquanto a temporária a 267 estabelecimentos. Horticultura e floricultura correspondem a 197 estabelecimentos.

Tendo realizado as caracterizações dos municípios analisados, é possível adentrar para um próximo capítulo onde serão apresentadas as quatro categorias de análise que surgiram em contato com o campo, bem como, uma seção à parte sobre o CPRA e a agricultura familiar agroecológica, suas relações com as dimensões do Bem Viver.

Para tanto, é necessário retomar a perspectiva de que a agricultura familiar carrega em sua trajetória histórica aspectos de importante reflexão e debate, pois para estar hoje na posição que se encontra, foi necessário vencer muitos entraves. O camponês brasileiro é desenraizado, é itinerante, migrante, com uma história de mudança de espaços adversos tendo como principal razão destes deslocamentos de lugar, o avanço do capital sobre a terra (MARTINS, 1983).

Da mesma forma, Wanderley (2001), compreende que o motivo do desenraizamento do camponês brasileiro foi devido às mudanças especiais, porém aponta que esta falta de vínculo com suas origens territoriais e familiares o possibilita criar novas raízes, significações, de

constituição (reconstituição) do camponês brasileiro mesmo que seja em outro local distante de suas origens. O agricultor familiar da pequena produção ficou excluído com o advento da modernização no campo, inserção de novas técnicas e tecnologias, introduzidas pelo sistema capitalista de produção. Colocando em dependência das grandes propriedades, sem acesso aos meios de trabalho, perdendo sua renda, gerando pobreza dos agricultores e sua extrema mobilidade espacial. Aqueles agricultores familiares que se modernizaram acabaram sendo cooptados pela propriedade fundiária, perdendo suas terras, trabalhando para grandes propriedades ocasionando uma dependência penosa e ambígua do trabalho assalariado, somente em alguns casos raros o agricultor familiar consegue ter uma mudança qualitativa efetiva e promissora, (BRUMER, et al., 1997).

#### **4.2 Bem Viver e suas dimensões**

Este capítulo irá abordar as multidimensões constituídas a partir das leituras e percepções obtidas sobre Bem Viver a partir das elaborações de Acosta, 2016; Argueta, 2009; Gudynas, 2011; Quijano, 2014. Para tanto, assume como premissa de que se trata de um conceito em construção. Acosta, importante referência que dá início às discussões sobre o conceito a partir de abordagens político, econômico, ambiental no Equador, conquistou um feito de extrema importância na história deste país andino, sendo o Bem Viver incorporado na Constituição do Equador, como Direitos da Natureza constituindo-se como aspectos basilares deste termo.

Considerando os referenciais teórico-metodológicos abordados ao longo desta dissertação, emergiram dez dimensões estruturantes do Bem Viver que apoiaram as entrevistas realizadas no estudo de campo. No decorrer do processo, estas dimensões tornaram-se categorias de análise, formando novas tríades, cujas relações entre elas, emergiram do campo. A tríade técnica, tecnologia e trabalho faz presente em cada uma das dimensões, e das novas tríades de forma dialógica, interrelacional. Não há como desvincular umas das outras, mesmo que cada uma assumam significados singulares.

As dez dimensões percebidas em torno do tema do Bem Viver foram inicialmente organizadas como: Bem Viver o próprio conceito; Bem Viver e os Direitos Humanos, Direitos

da Natureza e Direitos Ambientais; Bem Viver como uma proposta antagônica (contra hegemônica) ao modelo de desenvolvimento atual; Bem Viver e a Harmonia com a Natureza; Bem Viver e a questão do Bem estar Ocidental; Bem Viver e a Soberania Alimentar, Segurança Alimentar e Saúde; Bem Viver e o Trabalho; Bem Viver e a Técnica; Bem Viver e a Tecnologia; Bem Viver, o Indivíduo e a Comunidade.

Essas dimensões assumidas a partir do termo Bem Viver, na interação com os sujeitos da pesquisa, constituíram em três categorias emergentes, além da primeira categoria o qual era: técnica, tecnologia e trabalho. Sendo assim as dimensões formaram as seguintes intersecções: 1) Bem Viver, o próprio conceito, suas multidimensões e a questão da harmonia com a natureza; 2) Bem Viver e a questão dos Direitos alinhados com o tema da Soberania Alimentar, segurança e saúde para um bem comum; 3) Bem Viver como uma proposta antagônica ao modelo de desenvolvimento atual e seu questionamento sobre a questão do Bem estar ocidental, frente ao bem estar, qualidade de vida na visão do Bem Viver e do agricultor familiar e 4) Bem Viver e as questões da técnica, tecnologia, trabalho na concepção do agricultor familiar.

#### 4.2.1 Bem Viver: o próprio conceito, suas multidimensões e a questão da harmonia com a natureza

Esta seção se destina a analisar três dimensões e suas intersecções: Bem Viver - o próprio conceito; Bem Viver e a Harmonia com a Natureza e o Bem Viver e suas múltiplas dimensões, no contexto da agricultura familiar agroecológica a partir do campo investigado.



É importante retomar o panorama conceitual do Bem Viver, pois, como destaca Acosta (2016), é muito mais do que o aspecto de se “viver bem”, pois presume liberdade de ser, sentir, fazer, entre outros aspectos das necessidades humanas, a partir de outros sistemas técnicos e saberes. Trata-se de um conjunto de significados que buscam romper com os paradigmas do modelo econômico e de produção hegemônico fundamentados no eurocentrismo.

Na percepção de Gudynas (2011) acerca dos tratados teóricos de Acosta, há outros valores em jogo: o conhecimento, o reconhecimento social e cultural, os códigos de condutas éticas e inclusive espirituais na relação com a sociedade e a natureza, os valores humanos, a visão do futuro, entre outros.

Nessa relação, surge um ator fundamental para a preservação e manutenção da vida, na promoção da qualidade, segurança alimentar e saúde a partir de seu modo de vida, trabalho e uso da tecnologia: o agricultor familiar, trazendo à tona papel de extrema importância.

Com a modernização da agricultura, por tantos entraves decorrentes deste processo, do avanço da técnica e tecnologia, das grandes propriedades do agronegócio, da agricultura convencional, de monocultura, o agricultor familiar agroecológico resiste e permanece diante deste cenário de profundas mudanças. Contudo, existem agricultores que não se rendem as pressões que ainda conseguem mesmo que com toda dificuldade, resistir, permanecer, e fazer prevalecer sua opção por um modelo alternativo de produção.

É nessa perspectiva que a pesquisa buscou alcançar seus objetivos em compreender o Bem Viver no contexto da agricultura familiar sobre as lentes da técnica, tecnologia e trabalho, amparadas pelas dimensões que o BV nos apresenta, formado novas tríades para dar subsídio as análises. Assim, as inquietações que surgiram no início da dissertação ganharam novos contornos, obtendo proporções mais significativas, sendo apuradas a partir do contato com o campo, com os discursos dos sujeitos da pesquisa, bem como, de leituras acerca dos termos basilares desta pesquisa. Ante ao exposto é possível evidenciar o quanto o Bem Viver tem relações com a agricultura familiar agroecológica mas que também encontra limitações, longe de ser um conceito perfeito, mas possível para abrir caminhos para reflexões e debates.

Alguns aspectos que se aproxima com os tratados no Bem Viver foram verificados com intensidade no campo de pesquisa a partir dos diálogos realizados em campo. Nos excertos a seguir tal aspecto é demonstrado com maior detalhamento, conforme descreve A5:

[...] A gente veio para o campo (ele, esposa e filha), não foi por uma obrigação, fomos criados na cidade convencionalmente, seguindo aquele sistema de educação, indo pra faculdade, pensando na indústria futuramente. A gente sentiu uma necessidade muito maior de qualidade e vida e bem estar, de criação de filhos que a gente queria idealizar para eles, onde na cidade, isso seria um pouco impossível. Poder ter contato real com o que Deus criou a natureza. Essa separação da natureza está causando muitos danos na gente, emocionais, físicos. Hoje a gente está vivendo uma sociedade com mais doenças emocionais possíveis. Essa ausência de relação entre sociedade e natureza é um desequilíbrio que abre espaço para interferências negativas entrar na gente, seja emocional ou físico [...] (A5, 2019).

O excerto permite compreender que esta relação sociedade natureza está imbricada a concepção de Bem Viver, no bojo da agricultura familiar, pois se apresenta de forma transversal. Não há como falar de harmonia com a natureza, sem falar de qualidade de vida, saúde, bem estar, liberdade integrada a uma condição de trabalho cujo objetivo não seja apenas a eficiência, mas sim qualidade, tempo e autonomia.

Encontram-se aspectos multidimensionais como o espiritual, quando o A5 atribui a Deus a criação da natureza e o ser humano como parte dela, para cuidá-la. Há um argumento que extrapola a racionalidade instrumental. O campo para ele é lugar de ser, sentir, fazer de forma livre, sem amarras com alta produtividade e rendimento que a vida na cidade exige.

O campo é percebido como harmonia com a natureza, do qual muitas vezes a cidade afasta a partir do modelo hegemônico de vida: estudar, trabalhar, fazer carreira, crescer, desenvolver, progredir, como finaliza o A5. Indica a existência de uma relação entre o BV com sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementaridade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação infinita com seu regresso a valores de uso é uma ideia em construção, abrindo portas para a formulação de visões alternativas de vida (ACOSTA 2016).

Corroborando com a importância do ser humano viver em harmonia com a Natureza, o A2 quando questionado o que para ele é BV, enuncia que:

[...] O Bem Viver em minha opinião é viver da natureza. Se a gente não vivesse da natureza, não teria sentido a vida. Pelo menos minha família ama vier assim, em contato com a natureza. Eu não gosto de ficar dentro de casa, quer me ver feliz, é me ver lá no mato. Eu entro pra dentro só pra fazer comida. O contato com a natureza pra mim é minha saúde. O Bem Viver como diz você é a saúde da gente, estar lá em contato com a natureza [...] (A2, 2019).

Aqui vemos o quão bem faz o ser humano estar num relacionamento com a natureza, estabelece um vínculo muito profundo de pertencimento com a terra. Essa pluralidade que o Bem Viver traz, é encontrada no cotidiano dos agricultores, de não apenas fazer de seu trabalho uma escolha intencional e meramente utilitarista. Ele produz para atender suas necessidades e o que sobra ele busca obter uma renda para se manter. Contudo ele não está focado em acumular alimentos e dinheiro e sim viver bem, ter qualidade de vida no trabalho, sem ser escravo do trabalho.

Nessa mesma perspectiva o agricultor A3 irá trazer outra contribuição importante a partir do excerto abaixo:

[...] Pra mim, Bem Viver é a pessoa ser consciente da sua responsabilidade para si e para com os outros, respeitar a natureza, a preservação, as nascentes, pelo amor de Deus. Quando houve uma campanha para eleger o atual prefeito, eles pediram sugestões e ideias, daí eu disse: eu me sentiria recompensado se eles fizessem um projeto para tornar Quatro barras, a primeira cidade do Paraná 100% agroecológica. Se fizessem um trabalho para preservar as nascentes, limpando e orientando, dando curso pras pessoas, até hoje continuam na mesma. Pelo amor de Deus, a água é vida pra nós, e o pessoal cria porco, às vezes dentro dos rios, destrói, jogam lixo, é tanto desrespeito, é tanta coisa, quer dizer isso aí não é Bem Viver, isso aí é não é se importar com os outros, com a natureza, com as gerações futuras. O que os meus netos e bisnetos vão receber de herança? Então gente, eu estou falando pra você, mas normalmente eu não falo isso, sabe por quê? Porque as pessoas riem, riem, debochando [...] (A3, 2019).

Pensar em Bem Viver e suas múltiplas dimensões significa repensar uma nova possibilidade de construir um mundo possível a partir do indivíduo, da comunidade e da sociedade numa perspectiva convivencial. A perspectiva de convivencialidade, elaborado por de Ivan Illich aponta que a comunidade precisa estar em movimento, envolvida. A solidariedade é um processo que deve ser não somente contemplado, mas vivenciado por cada um de nós. O A3 enfatiza que a consciência coletiva perdeu força. Essa dimensão será tratada

mais adiante, mas é expressa nesta tríade, justamente porque as categorias são dialógicas entre si.

O A3 coloca ainda a importância de ter contato com a terra e seu manejo:

[...] tem pessoas que dizem: não eu não vou meter a mão aí, eu vou pegar um fungo, vou pegar uma doença- eu digo: eu sei a terra e tudo que tem aqui, terra rica, eu sei a água que eu tenho, eu sei o ar que tem aqui, ar puro. Aliás, eu recomendo sempre, as pessoas deveriam fazer exercício de respiração, porque aqui eu tenho esse ar puro para isso e o pulmão necessita disso [...] (A3, 2019).

A foto abaixo revela muito sobre a fala do A3 quando ele demonstra ser privilegiado por este contato com a natureza, com o manejo da terra. Foi possível observar o quão prazeroso e satisfatório é para ele perceber a riqueza, que ele tem em sua terra, resultado do trabalho de suas mãos, pelo zelo e cuidado. A realização de poder ser parte dela, nessa harmonia que ele demonstra ter, é fundamental para sua família.

**Imagem 1** - Propriedade do A3 em sua horta, mexendo na terra.



**Fonte:** Autoria própria (2020).



Sob a perspectiva do que seria Bem Viver e a questão da harmonia com a natureza, na visão do A4, o mesmo indica que:

[...] Não conhecia este conceito do BV, mas muito interessante o que disse a respeito dele. Se pensar hoje em dia ninguém mais vive, o pessoal só está correndo. Antigamente, era possível ir descansar depois do almoço, almoçava e podia ir dormir. Hoje você almoça andando, comendo no carro, você não tem mais aquela vivência, tranquilidade, hoje é só correria, e esta é a questão como viver a vida da melhor forma, de viver bem. Eu vejo relação com a agricultura familiar agroecológica que eu faço com o que você me disse sobre o BV. Porque quando você está no campo, você está vivendo, cabeça fresca, porque você trabalha na terra, você fica com a cabeça mais tranquila. Não sei se a pessoa que trabalha no escritório tem essa liberdade de ficar assim respirando ar puro, porque fica ali sentado o dia todo. Você quando trabalha na agricultura você está movimentando, você faz exercícios, você está correndo, se eu ficar na sala de aula, eu fico louco, eu preciso viver isso aqui. Na minha casa eu tenho bastante árvore, tem fonte de água mineral, a gente cuida do solo, tem que cuidar né [...] (A4, 2019).

Nesse sentido, a harmonia com a natureza na visão do A4, é muito mais do que fazer parte dela, é respeitá-la. É ter autonomia em seu trabalho, é não ter que se preocupar com seu rendimento, produção em escala, alta produtividade, máxima eficiência. É viver a liberdade que o campo proporciona, onde seu escritório é a visão do céu sobre sua cabeça, seu corpo esta sempre em movimento, respirando ar puro, mente tranquila sem ter que gerar resultados visando apenas mais lucro.

Ademais, para eles, o melhor resultado não está baseado no uso de técnicas e tecnologias modernas para ter uma produção em escala, menor tempo possível de produção, máxima produtividade e rendimento/lucro, mas sim, em tecnologias e técnicas cujas escolhas levem em consideração sua liberdade, autonomia e harmonia com a natureza.

Entretanto, nem sempre a relação do agricultor com estes conceitos fazem parte do seu cotidiano. Para o A4, por exemplo, ficou evidente que ele valoriza o tempo e a liberdade que encontra em seu modo de vida, visto que direciona o seu trabalho sem pressão para atingir resultados, ou produzir mais. Aqui a oportunidade de trabalhar no campo é fundamental, ele não é refém do tempo, dos resultados. Para ele a saúde mental e física que seu trabalho proporciona é o que traduz a harmonia com a natureza. Come ele mesmo exemplificou as pessoas da cidade que trabalham nas organizações, estão presas em seus escritórios, não tem essa autonomia, não vivem numa relação direta com a natureza.

Nessa perspectiva campo x cidade, sociedade e natureza, nos faz refletir sobre o que representa estar em harmonia com a natureza na visão dos agricultores familiares frente ao modo de vida urbano.

Na propriedade do A1, ele demonstra uma grande preocupação e responsabilidade com esta relação, buscando fazer de seu trabalho um meio para alcançar melhor qualidade de vida, quando procura produzir uma variedade de alimentos que atendem não apenas sua família, mas de seus consumidores. Tem prazer em cuidar da terra, estar em contato com ela diariamente. Ele não vê a agricultura agroecológica como algo que é trabalhoso, penoso.

Porém indica que exige muito cuidado no manejo com a terra e sua manutenção, algo que para ele é tão natural, que ele não vê isso como um problema, como alguns agricultores disseram quando conversam com os vizinhos que produzem de forma convencional, que não migraram pro agroecológico porque pensam que este modelo não gera resultados, é muito trabalhoso ou não é vantajoso financeiramente.

Tal imaginário parece não se confirmar, de acordo com os agricultores que compõem esta pesquisa, quando questionados sobre os obstáculos e vantagens de se produzir de forma agroecológica, todos afirmam que não voltariam a produzir de forma convencional. No entanto, a única desvantagem para o A1 é a falta de valorização dos consumidores em adquirir produtos agroecológicos movidos pela falácia de que são mais caros os alimentos produzidos desta forma do que o convencional. Para o A2, há as perdas das frutas que são mais sensíveis às pragas. Para o A3, uma desvantagem seria a falta de políticas públicas que incentivem os agricultores familiares agroecológicos e a difusão de informações a respeito, para os consumidores, os libertando das inverdades que muitos pensam em relação ao preço dos alimentos agroecológicos. O A4 corrobora dizendo que muitos consumidores não sabem diferenciar um alimento convencional, hidropônico (que é venenoso também) do agroecológico. Somado a isso, ausência de estímulos para cadeias curta, evitando o atravessador. O A5 aponta a mesma questão sobre os atravessadores que se aproveitam dos que produzem agroecológicos, usando como uma vitrine de marketing para os consumidores, elevando o valor do produto final.

Essas percepções trazem algo importante em relação à falta de investimento da área científica, de pesquisas e de outros mercados, em cooperar com a agricultura agroecológica e sintrópica para minimizar tais dificuldades. Os benefícios do cultivo de alimentos sem o uso de agrotóxicos vão desde a conservação do solo, diversidade de alimentos ricamente nutritivos até garantia de trabalho e empregabilidade, saúde e segurança alimentar, menos riscos a saúde do produtor entre outros benefícios.

Com consumidores mais preocupados com a saúde, os produtos têm ganhado mais espaço no mercado. Agricultores afirmam que a venda dos alimentos agroecológicos que produzem aumentaram depois que eles mudaram a forma de produzi-los (SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA FAMILIAR E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, 2017).

Ainda sobre essas intersecções, o A1 comenta que sua propriedade é de base agroecológica, mesmo antes de certifica-la, pois nunca usou agrotóxicos em seu processo de produção, tudo era feito de forma natural. O certificado foi mais para atender a questões burocráticas de distribuição de seus alimentos.

A burocratização é outra barreira enfrentada pelos agricultores, nem todos possuem acesso a tecnologias, a informação e treinamento para dar entrada ao processo de certificação, que muitas vezes exige muitas etapas, preenchimento de formulários, pagamentos de licenças, ou mudanças na propriedade, que acabam sendo mais um desafio enfrentados pelos agricultores para se manter no mercado. Muitas vezes os agricultores tem a propriedade de base agroecológica na prática, mas não conseguem arcar com os custos dos processos para obter o certificado, além de informações e suporte por parte da organização que exige ou emite o certificado. É importante ressaltar que muitos estão lutando para continuar produzindo, mas é possível verificar quantos enfrentamentos o agricultor familiar sofre para continuar trabalhando e sobrevivendo.

Diante disso, o A1 demonstra a necessidade de se atentar as novas exigências para se manter produzindo:

[...] A gente nunca lidou com veneno, a gente sempre plantou carpido na enxada, tudo no manual. Teve essa mudança pro agroecológico porque tem bastante

acompanhamento do SEBRAE, do CPRA, da EMATER. A gente começou porque chegou um ponto que agora se não tiver certificado de orgânico/agroecológico não vai entregar na cooperativa. Mas a gente nunca lidou com veneno [...] (A1, 2019).

Fica evidente como outros movimentos são necessários para o fortalecimento da agricultura familiar agroecológica. As organizações surgem como um suporte crucial na manutenção do trabalhador rural no campo.

Se não houvera extensão rural, seja o SEBRAE, CPRA, EMATER, para ajudá-lo neste processo de autenticação de sua propriedade, em estabelecimento de base agroecológica, ele dificilmente dará conta de todas as exigências previstas e fundamentais para se tornar um agricultor de base agroecológica. A assistência técnica contribui de forma significativa na vida do produtor, mesmo que ele saiba produzir sem agrotóxicos ele depende dos órgãos regulamentadores para classificá-lo como produtor agroecológico e obter seu certificado.

Destarte, é evidente que sua preocupação em produzir de forma natural, existia antes mesmo de qualquer certificação para comprová-lo como agricultor agroecológico. Para o A1, respeitar o ciclo natural do meio ambiente, sem “forçar” a produção e colheita, sempre foi algo que ele se preocupava. Ser agricultor para ele é se sentir realizado e consciente da importância de seu trabalho:

[...] É algo gratificante poder mexer com a terra, porque a gente se criou nesse ramo né, desde criança a gente se criou trabalhando no sítio. E hoje as coisas estão mudando, a maioria está mudando tudo para coisas mais saudáveis, porque eles querem uma coisa pura né, saber que não foi usado veneno, adubo químico, só adubo natural. Como o esterco do galinheiro, forração do galinheiro, usamos na plantação e vai semeando. Na minha plantação não tem nada químico, cresce que é uma beleza, você vai lá ver plantação de primeira [...] (A1, 2019).

Evidencia-se aqui, como é importante o agricultor familiar estar atento às mudanças ocorridas nas demandas por parte dos consumidores, onde estão procurando consumir de forma mais saudável cada vez mais, bem como, as organizações estão passando a adquirir alimentos provenientes dos agricultores familiares pelo qual não usem agrotóxicos em seu modelo de produção. Portanto é necessário que o agricultor familiar que ainda se mantém no convencional, tenha consciência e um novo olhar, que a sociedade esta de olhos abertos, exigindo um alimento seguro, saudável, e que a propriedade tenha compromisso com a

natureza, sustentabilidade. Assumindo um modelo de produção que não degrade o meio ambiente.

É preciso repensar a rota urgente e mudar o caminho em seu processo de produção. O foco no lucro e no acúmulo, na expansão de terra, na produção de monocultura para commodities que tem seu valor agregado por outras nações, deve se repensado.

O Bem Viver questiona este modelo pautado no desenvolvimento ocidental, de crescimento, progresso, colocando uns como nação desenvolvida e outras como subdesenvolvidos.

O A2 descreve que o Bem Viver é sobre trabalhar visando o próprio bem e do próximo, a saúde e qualidade de vida. Se usarem agrotóxicos, usam pra produzir mais em menor tempo, pra poder vender rápido e produzir de novo. Ao invés de atender a comunidade local, ainda existem agricultores que só pensam em produzir mais para obter mais lucro. O A2 justifica suas posições:

[...] Mexer com a terra, produzir de forma agroecológica, primeiramente é pela nossa saúde, a começar da gente. Nós a vida toda fomos contra o veneno, já faz tempo que lutamos contra o uso do agrotóxico Já faz mais de 8 anos que não trabalhamos mais com este veneno nas frutas e na minha produção. Como vamos trabalhar com veneno, sendo nossos próprios netos que vão lá comer a fruta? Tem que ter consciência, você precisa cuidar da própria casa, depois cuidar dos outros. Outra questão também é a natureza né, porque quando produz de forma agroecológica a natureza é respeitada de outra forma [...] (A2, 2019).

O entrevistado continua afirmando que há vantagens em produzir de forma agroecológica e faz o seguinte comentário:

[...] Vale muito a pena produzir de forma agroecológica, pela saúde a começar da gente. Meu marido, quando trabalhava com veneno, ele não aguentava de dor de cabeça, refletia na saúde dele. Hoje nós temos melhor saúde, pela forma que produzimos, nossa terra é saudável. Uma vez um estrangeiro olhando nossa terra, disse: isso aqui é uma riqueza, se muita gente trabalhasse com eles trabalham, ter a consciência de que não precisa usar veneno, produzir o necessário, tudo seria diferente. Olha uma coisa que não me arrependo é de trabalhar de forma agroecológica [...] (A2, 2019).

O A2 aborda com frequência a questão da conscientização. Eles que procuram fazer com seus vizinhos e comunidade, que ainda produzem de forma convencional possam repensar este modelo:

[...] Toda vida fomos contra esse veneno. Então a gente bate, fala aqui para os vizinhos que trabalham com veneno pesado, tentando conscientizar a importância. Mas um dia eles chegam lá. Mas primeiro eles querem ver o resultado da gente, para ver se compensa trabalhar. Estão comendo veneno todos os dias [...] (A2, 2019).

Sob o conceito de Bem Viver, ao ser questiona, o A2, informa que já tinha ouvido falar. Em relação à agroecologia e Bem Viver, aponta as seguintes relações:

[...] Só o fato de deixar a natureza agir sozinha, é respeitar os direitos da natureza. Isso pra mim é Bem Viver, é viver da natureza.[...] (A2, 2019).

Para o A3, produzir de forma agroecológica é perpassa uma relação profunda de respeito com o solo, à biodiversidade e sua preservação, é para ele um privilégio. Ter contato com a cidade é somente em caso de extrema necessidade, o campo é seu lar e isso fica evidente:

[...] Eu saio às vezes para Curitiba, ou no centro de Quatro Barras, quando sou obrigado. Eu volto cansado e não vejo a hora de vir pra cá. Parece que quando eu chego aqui, eu descanso, recarrego as energias. Isso aqui pra mim é liberdade, quando minha filha fez o container lá na frente da propriedade, colocou mesa, eu disse a ela: que lugar pra gente sentar à tardinha e tomar um chimarrão, pegar este ventinho, tomando sol. Olhando o pico Paraná, o Anhangava e tantas outras belezas da natureza que ela nos proporciona São um privilégio, é o que conseguimos ver ao longo do tempo o que é riqueza [...] (A3, 2019).

Por isso é necessário refletir sobre o papel do AFA na manutenção da natureza, da vida, na preservação do Meio Ambiente, Sustentabilidade, pois se veem como responsáveis guardiões da natureza, como pertencentes a ela. O A3 atribui o aspecto do Bem Viver em modo de vida e trabalho:

[...] O BV tem sim relação com a produção agroecológica. Uma coisa que a gente tem que valorizar muito é a agricultura familiar agroecológica. Porque ainda existe outro tipo de agricultura (agronegócio) visam só o dinheiro. Os grandes produtores plantam uma coisa só, meu Deus, soja, arroz, o trigo, sem se preocupar com o que vai acontecer. Agora veja minha propriedade com variedade de culturas, e utilizo adubo

que a própria natureza me oferece. Por exemplo, vou colocar aqui uma camada de composto orgânico depois eu vou botar folhas, mais folhas, e daí junto tudo e faço uma cobertura, melhor coisa do mundo, então é isso aí. Mas será que os grandes produtores vão ter cuidado, irão fazer isso que eu faço? Eles, quando a terra não produzir mais, eles irão largar mão e comprar outras [...] (A3, 2019).

Quando questionado o que seria para o A3 o Bem Viver, ele afirma que:

[...] Houve uma separação entre o ser humano e a natureza. Então pra mim BV é a pessoa consciente da sua responsabilidade tanto para si, como para com os outros, respeitar, sobretudo a natureza e seu seus limites [...] (A3, 2019).

O A3 ratifica constantemente que seu trabalho como agricultor familiar agroecológica, oferece uma oportunidade de ir à contra mão do modelo hegemônico atual. Para ele só tem vantagens plantar observando as demandas do solo, das culturas, contribuindo para a biodiversidade e restituição dos recursos naturais. Não exige grandes investimentos financeiros, e ao contrário do que muitos pensam, tem retorno financeiro sim, porque você oferece ao cliente uma maior variedade de alimentos e com origem segura sem veneno, pois os consumidores já estão bem atentos a isso e mudando sua forma de se alimentar, buscando uma vida mais saudável:

[...] Não é mais caro produzir de forma agroecológica em razão da forma convencional. E isso eu digo de cadeira. As pessoas quando começam, elas tem certa dificuldade no início, até as coisas se transformarem, se adaptarem. A terra, a própria planta, tem uma série de coisas que precisa de adaptação. Depois que a pessoa está neste meio é mais fácil, aumenta um pouquinho o trabalho manual. Mas é bom ter este contato com a terra né [...] (A3, 2019).

De acordo com A3, a natureza nos dá tudo que precisamos. Nessa propriedade foi possível observar o quão eles valorizam plantar diversidade de culturas. Acreditam que na natureza temos tudo que precisamos inclusive cura para nossas doenças físicas e emocionais. A medicina natural é algo que eles acreditam muito e buscam manter em sua propriedade um relógio medicinal, com variedade de chás que tem benefícios para o corpo, para a mente. Acreditam no poder da natureza para a saúde, manutenção e qualidade de vida, e que dela podemos ter acesso a um ar puro, água limpa, solo fértil, um modo de viver digno, onde todos deveriam gozar deste privilégio.

Pois como falou o A3:

[...] aqui nós temos de tudo, desde argila, todo tipo de remédios que vem tanto na alimentação rica em nutrientes como das variedades de chás medicinais, temos árvores em extinção e por aí vai. O problema surge quando as pessoas partem para produção em alta escala, nesse momento começou a perder a propriedade, começou a mudar, a sofrer uma alteração. A natureza perde esta variedade. Então o melhor remédio que tem é aquele colhido da natureza, e não o fabricado pelas grandes indústrias farmacêuticas. Pra tudo que é lado que eu olho aqui na minha propriedade, eu vejo remédio. Eu só vejo vantagem em produzir de forma agroecológica, [...] (A3, 2019).

A partir do excerto acima, é possível evidenciar em sua fala uma aproximação com dimensões encontradas no Bem Viver na matriz indígena, quando da cura pela natureza através conhecimentos ancestrais e tradicionais, saberes populares, passado de geração a geração. Na perspectiva do Bem Viver existe um caminho a ser seguido para uma nova forma de vida, de um lado da margem deste caminho aparece um conceito em processo de reconstrução, se extrai o saber ancestral, olhando muito para o passado, o que nada lhes desprestigia. Na outra margem do mesmo caminho, o saber científico, também em construção (ACOSTA, 2016).

A terra é vista pelos agricultores como patrimônio comum, resultando na preservação dos saberes tradicionais, cultura e nas relações entre um para com o outro e a natureza. Para eles a agroecologia proporciona resgatar estes saberes muitas vezes advindos de seus antepassados ou dos saberes coletivos na forma como deve plantar cultivar. Estes conhecimentos são muito valorizados pelos agricultores como veremos mais adiante na última categoria de análise desta pesquisa quanto ao uso de técnicas, tecnologias e o conhecimento para isso.

Segundo o A4, ser agricultor familiar agroecológico te suas vantagens, mas também seus desafios. Uma questão que atrapalha muito o trabalho do agricultor seria que os clientes não mantem uma fidelidade junto ao produtor. Vêm férias de final de ano, as pessoas viajam, e esquecem que o produtor também precisa se manter. Como eles não tem salário fixo sobrevivem das compras de seus produtos, muitos acabam perdendo sua produção e deixando de vender, porque ainda falta maior participação não só da comunidade, mas também do Estado. Outro ponto é que ainda tem gente que não compreendeu o valor contido nos alimentos agroecológicos, que vai além do valor monetário:



[...] tem pessoas que diz: ah você está louco? A verdura orgânica/agroecológica é muito cara. Então eu falei: vocês preferem gastar um ou dois reais a mais, ou futuramente gastar com câncer e remédios? Porque agora eu estou economizando um real, mas futuramente vai gastar o que não tem, pra curar um câncer. Ai a pessoa pensa, será que isso é mesmo verdade? [...] teve uma pesquisa que disse que o Brasileiro consome nove quilos de agrotóxico por ano [...] (A4, 2019).

Nessa mesma perspectiva, o A4 comenta que as pessoas estão “comendo veneno”. Em sua narrativa, é preciso pensar o que isso tudo irá causar futuramente e ainda diz que a pessoa não tem as informações necessárias para diferenciar o que é de fato um alimento produzido de forma agroecológica versus convencional. Exemplifica tal caso, a partir do alimento hidropônico, muitas vezes percebido como mais saudável. Entende que pelo fato do próprio consumidor não tem acesso às informações sobre o que consome faz com que eles sejam ludibriados por alimentos que eles acreditam ser orgânico/ agroecológicos.

O A4 demonstra uma preocupação com o futuro, em relação à natureza, a saúde do ser humano. Isso foi possível ver fortemente em todas as falas dos agricultores entrevistados neste estudo de campo. É um aspecto muito relevante verificar que todos os agricultores valorizam essa relação entre sociedade e natureza, entre seu trabalho e a comunidade e os reflexos da produção agroecológica para um Bem Viver comum.

Para o A4, produzir de forma agroecológica é poder contribuir com a natureza, porque está ajudando a conservar o solo e de acordo com ele:

[...] hoje em dia o pessoal tá pensando só em capitalismo, ninguém dá pensando mais na natureza. Hoje em dia é só dinheiro, e a vida não é assim, tem que respeitar a natureza. Começa todo mundo só pensar em dinheiro, daqui uns tempos como será a geração futura? [...] (A4, 2019).

Entende que produzir de forma agroecológica tem total relação com o conceito do Bem Viver quando ouviu falar a respeito deste termo em construção, fez o seguinte comentário:

[...] Eu não tinha ainda ouvido falar desse conceito, mas é muito interessante. Ele tem relação com a agroecologia. Você consegue sim produzir sem agrotóxico. É só você cuidar bem do solo saber bem qual é a cultura que você tem que plantar na época. Não precisa de veneno. É tudo coisa agroecológica que você combate os bichinhos, os pulgão, que você aprende com a natureza. Então o pessoal pensa, que é só no veneno que dá pra produzir [...] (A4, 2019).

Ainda existem outras limitações frente ao trabalho do agricultor que opta por outro modelo de produção. Muitos não acreditam que existam alimentos de fato orgânicos, agroecológicos, e nem vou mencionar aqui o fato de informação sobre outros sistemas ainda mais detalhados e promissores para o ser humano e natureza, o qual é a agricultura sintrópica. A falta de informação em plena sociedade do conhecimento, tecnológica, acaba por sistematizar a forma de viver, automatizar ações e pensamentos, sem questionar, refletir. E seria necessário a participação maior de políticas públicas, escolas para que através da educação, educassem as pessoas para um modo de vida mais consciente:

[...] Creio que pra mim, todo mundo deveria ser agroecológico né. Só que todos dizem que você é louco, você não produz nada não. Tem bastante “amigo” meu que fala que isso não existe, o tal do orgânico, agroecológico. Que isso é conversa, que tudo se passa veneno. E eu não passo cara. E tem gente que não confia nisso. Então minha ideia era que todos fossem agroecológicos. Só que tem gente que tem cabeça dura e não quer aprender, quer ficar daquele jeito (convencional). Desejo que o pessoal consuma mais alimentos agroecológicos, tem muita gente que não conhece porque não tem divulgação. A imprensa tinha que divulgar mais a parte agroecológica [...] (A4, 2019).

De fato o papel da AF na promoção e manutenção do BV tem um aspecto muito significativo e relevante nessa dinâmica entre sociedade e natureza. Mas ainda enfrenta outros problemas, por falta de participação do governo que assuma que é preciso pensar sobre os recursos naturais, sobre os direitos dos cidadãos de ter acesso a uma alimentação segura, saudável, acesso a água potável, limpa. De exigir de todos, o deve de respeitar o direito da natureza. Enquanto a AF faz seu papel, o indivíduo, a comunidade, a sociedade precisa fazer o dela.

O A5 relata que para família dele produzir de forma agroecológica significa o real sentido da vida:

[...] é saber respeitar os recursos naturais. É você ter comida, água, não destruindo aquele local e sim gerando mais. Então a gente se sente muito útil muito agradável no ambiente que a gente tá, porque a gente sabe que a gente está fazendo o bem para o todo. Essas plantas olham pra mim e eu tenho certeza que elas olham sorrindo porque eu não estou explorando (A5, 2019).

Nesse sentido o A5 quando questionado se ele havia ouvido falar sobre o conceito de BV se ele acredita que seu modelo de produção agroecológico tem relação com este conceito, sua resposta é afirmativa:

[...] com certeza o que a gente está vivendo aqui, realmente é um Bem Viver. É muito satisfatório poder ouvir uma pergunta dessas e falar, nossa realmente a gente está conseguindo seguir né [...] pra mim o Bem Viver é você viver tendo uma função útil na terra, cumprindo com muito prazer. Por isso migrei para a agricultura sintrópica. Não porque eu quero plantar de forma diferente para os outros me verem. É porque o Bem Viver está relacionado com a agricultura sintrópica. Se as pessoas se ligassem um pouco mais a natureza respeitando-a, vendo ela como nossa protetora, nossa fonte de tudo, a gente ia ter o Bem Viver, fonte de todas as bênçãos. Deus quer que a gente seja feliz, colorindo as frutas. Se não seria tudo preto e branco. Você acha mesmo que Deus está triste se ele deu isso aqui, o ser humano que não cuida [...] (A5, 2019).

Na perspectiva das vantagens e obstáculos de produzir agroecológico o A5 irá falar que no início não foi fácil, porém sempre teve sua independência. Iniciou de forma convencional na produção animal, depois migrou para olericultura de forma orgânica, e hoje produz seguindo o modelo sintrópico de produção:

[...] nosso início de comercialização foi à gente produzir alimentos orgânicos pra vender pro mercado municipal de Curitiba. Foi bem complicado porque a gente estava lidando com atravessador, e o agricultor quando lida com atravessador ele fica numa berlinda pro resto da vida. Ele vai ser o que menos irá receber e o que mais vai trabalhar. Porque as pessoas recebem as hortaliças frescas sete, oito horas da manhã, e o produtor tem que sair três horas da manhã para poder entregar na cidade, porque é longe. Começava a colher oito horas da noite até uma da manhã, às vezes duas, para sair as três da manhã, um absurdo e ainda receber uma miséria de R\$0,80 centavos a cabeça da alface, num brócolis, pra eles venderem a R\$6,00, R\$7,00 reais no mercado municipal. Não julgando o atravessador que tem que ganhar pra bancar uma estrutura, funcionários, mas o que a gente tem que mudar é essa conscientização da relação que a gente tem com a nossa comida. Temos que achar uma forma de o cliente chegar até o produtor. O que melhorou muito foi quando a gente achou um projeto que desviou esse atravessador, que colocou a gente próximo ao consumidor, o projeto das cestas solidárias que faz essa ligação [...] (A5, 2019).

Para o A5 o obstáculo foi no início na decisão do que produzir. No decorrer do processo optou por olericultura, e com estudos e mais conhecimento, começou a produzir a partir da perspectiva sintrópica. Com o projeto Cestas solidárias do CPRA, deixou de depender dos atravessadores, e conseguiu ter contato direto com o cliente final.

Outro ponto que indica é sobre a assistência técnica e formação de pesquisadores vinculados à agroecologia. Em sua análise, atualmente a grande maioria dos pesquisadores investe na agricultura convencional, além de outros obstáculos apontados:

[...] os obstáculos, são os atravessadores, a falta de incentivo de pesquisadores na área de agroecologia. A pessoa tem que estar muito conscientizada, muito firme com sua ideologia, de que ele precisa ser um Ser positivo na terra e começar a criar formas de fazer, porque não tem nada pronto, e o ser humano gosta de tudo pronto, tudo muito fácil [...] e as vantagens da produção agroecológica, aí são muitas né. Porque se ela vai à horta não precisa falar, filho não coma isso aí que eu coloquei veneno ontem. Para minha filha eu falo: come a vontade isso aí está abençoado. Essa é a principal vantagem. E você se sente um Ser útil na terra. Você tá colaborando para você e pra tua família, colaborando para todos os seres vivos do planeta. Isso é a verdadeira autoestima. Não é depois de fazer uma cirurgia plástica, autoestima não estar com o biceps do tamanho quarenta e três. Autoestima é isso, você cumprir sua função na terra e ver que isso está contribuindo para o resultado de um todo. Ver mais passarinho vindo, ver mais água saindo da nascente, ver mais água no seu solo [...] (A5, 2019).

Outro aspecto abordado pelo A5 seria a questão da educação de sua filha, modelos que a cidade vivencia versus o que o campo proporciona para contribuir com a educação de sua filha, consciência sobre a importância da terra, do contato com a natureza, da relação sociedade e natureza:

[...] você não consegue criar seu filho, quem cria é a creche, quem cria é a babá, porque os pais não querem criar, os pais são ruins? Não, é que não tem condições mesmo. Tudo é muito concorrido, muito desigual, então você tem que trabalhar muito, para os outros vamos dizer assim, idealizar sonhos de outros. Você está trabalhando para o empresário, para o dono do capital. Você está idealizando o sonho dele, e a gente não queria isso, a gente queria idealizar o nosso sonho, que não é algo, financeiro, não é de capital né, não umas commodities. Mas ir pro campo para dar essa condição real de vida para nossa filha. Não só sobreviver o que é o que acontece na cidade, mas sim viver, ter prazer em viver. E com o tempo a gente foi construindo uma base mais forte pra casa, pra gente formar nossa vida da melhor forma possível [...] (A5, 2019).

Nessa perspectiva, o A5 é aquele jovem que teve sua trajetória na cidade como todos os demais como ocorrem no contexto da cidade. Entrar numa faculdade, no caso dele foi até o último ano de Engenharia de Produção, mas não queria ser mais um número nas grandes corporações, tendo que ser produtivo, vivendo num ritmo frenético que a cidade impõe.

Não era essa vida convencional da cidade que fazia sentido a ele, padronizada pela sociedade, que ele gostaria de seguir, junto a sua família e para a educação de sua filha. O campo é seu lar, e somente através da harmonia com a natureza, é possível ter uma vida justa, igualitária, equilibrada.

Ele diz que foi graças aos seus pais que lhe deram a oportunidade de cuidar das terras da família, que ele viu a chance da migração da cidade para o campo, buscando melhor qualidade e de vida. O A5 representa aqui o Neorural, saiu da cidade para o campo em busca de uma melhor qualidade de vida. A vida na cidade é muito estressante e desigual. Foi na agricultura familiar, no privilégio de poder usufruir das terras de seus pais, que ele viu a chance de viver como ele queria:

[...] Eu precisava sair da cidade e realmente consegui sair cambaleando né, difícil. Eu ia pra faculdade de noite, voltava de dia pra trabalhar, até conseguir essa independência. Abandonei a faculdade pra viver aqui. Mas daí com o tempo com ovelha e com peixe, uns dois anos depois, senti que aquilo não era minha real função na terra, a função nossa não é produzir bicho pra matar e dar ração transgênica pra ele engordar pra matar, dar comida de má qualidade pra ir pra mesa das pessoas. [...] A gente tem que produzir o que a gente pode produzir aqui e comer o que a gente tem aqui, não ficar trazendo logística, importando e exportando. O gasto logístico e o gasto de recursos, a natureza não vai conseguir pagar esse preço aí. Para que esse tipo de coisa se a gente tem a maçã de Santa Catarina e é para favorecer querendo ou não a outra classe, vai lá e paga quinze reais. Para o produtor vale a pena, para logística vale a pena, mas será que pra natureza vale mesmo a pena. A natureza não aguenta esse baque. Então acredito que essas coisas precisam ser revistas (A5, 2019).

Essa inquietação do A5 de que a cidade tanto trazia para a vida dele, foi que fez refletir e mudar. Para ele a natureza já dá sinais de esgotamento nessa relação sociedade e natureza, o ser humano já perdeu a harmonia de viver bem com ela e precisa tomar uma atitude para mudar isso, e pensar mais no futuro da humanidade.

Contudo, para ser um agricultor familiar que busca respeitar a natureza, e viver em harmonia com ela, é necessário muito preparo e estudo. No caso dele, tentativas e erros, até chegar à agricultura sintrópica, pelo qual ele descreve como a melhor alternativa de produção para um Bem Viver comum, para a preservação do planeta terra. Um dos obstáculos que ele precisava vencer seria de se manter financeiramente no campo, sem ter que recorrer aos pais, ou a cidade novamente:

[...] a condição financeira a gente estava meio que conseguindo, mas aquilo ainda não satisfazia internamente porque eu criava ovelhas, cuidava com muito amor, sempre tive muito apreço pela natureza, depois tinha que matar elas pra vender como carne. Isso pra mim não servia mais. Se tem gente que consegue viver desse jeito, eu não consigo. Não foi pra isso que Deus colocou a gente na terra. Se a gente necessita comer uma carne, consumo pessoal, não criar em massa pra vender pra dar desperdício, pra ficar no congelador. A missão do ser humano é que ele veio pra terra pra cuidar da vida dele e dos outros animais, ele tem um cérebro muito grande para isso. Esse foi o dom que, eu vou falar Deus assim né, o criador, que fez a água, cada fruta ser diferente de outra. Ele fez essa perfeição. Então vamos usar a palavra Deus, ele deu uma missão para passarinho, deu uma missão para cada bicho e todo bicho segue essa missão por isso eles não tem conflito emocional, eles não entram em depressão, síndrome do pânico. Eles não têm esses problemas porque eles seguem essa função e a gente não. E foi o que eu senti na hora que eu vim pro rural. A gente achou a agricultura sintrópica que na minha visão, é a real função do ser humano, porque ele produz comida, gerando solo e gerando alimento para os outros animais também, mas restitui em dobro. Respeita o tempo da terra, faz técnicas não exploratórias e sim técnicas conservacionistas do solo. A gente tem muita sabedoria e conhecimento pra isso, falta só um pouco mais de incentivo, vontade própria e principalmente consciência, porque no momento que a gente entende que têm consciência a gente sente uma necessidade interna de mudança. A gente não consegue viver daquela forma [...] (A5, 2019).

Outro aspecto importante mencionado pelo A5 é a questão da importância de vocês com sua vida alinhada espiritualmente, quando ele fala que Deus fez cada um para viver segundo seu propósito, função que Deus designou viver em paz, em viver bem emocionalmente, fisicamente, mediante uma boa alimentação saudável nutritiva, contato com a natureza, sabendo que suas obras se frutificarão para o bem, você será feliz, mas se você fizer algo que não foi designado a fazer, se sentirá mal. É o que acontecia quando eles viviam na cidade e no começo de processo de mudança para o campo, para se obter renda financeira ainda não estavam felizes em realizar corte de animais e trabalhar com peixes, pois este modelo não lhe trazia alegria, ele não se identificava. Para ele harmonia com a natureza, é ter qualidade de vida que só este contato com ela e cuidado, pode proporcionar ao ser humano:

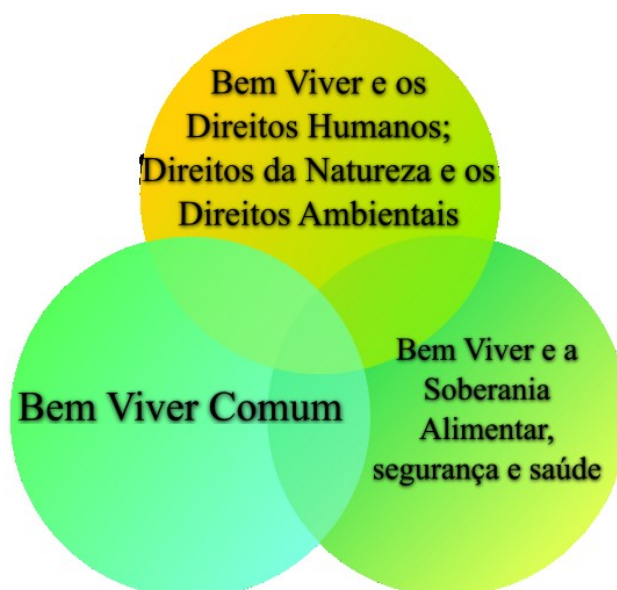
[...] Viemos para o campo, realizamos nosso sonho, porém matávamos bichos, estávamos dando ração transgênica para nossos peixes, aquilo não satisfazia nosso interior e realmente quando a gente mudou tudo melhorou muito em questão de, não financeira, também porque quando a gente faz coisas que ama, espera as coisas um pouco melhor né. Mas questão de qualidade de vida, de bem estar, alimentação. Eu sofri um grande processo de ansiedade e se acabou, angústias se acabaram porque você está no meio da função que Deus fez, então como é que você vai se sentir mal. Deus desenhou cada pontinho seu pra fazer isso, então você vai se sentir muito bem.

Agora se você vai fazer coisas que você não foi criado para fazer, você vai se sentir mal, não tem como [...] (A5, 2019).

Nessa tríade ficou claro que a harmonia com a natureza está vinculada a liberdade de fazer, agir, pensar sem uma questão com a racionalidade instrumental de eficiência, eficácia no trabalho, na vida. Para se viver bem, é preciso viver bem em harmonia com a natureza, essa relação só traz resultados positivos para a vida do ser humano. Está associada a ter tempo para pensar sem a pressão de resultados, sem horário para cumprir suas atividades buscando máxima eficiência e exploração dos recursos naturais, mas respeitando a natureza ao seu modo, ela mesma se transforma se reconstitui. Como oposto de tal situação a ausência dessa relação sociedade e natureza, fundamentada em tais aspectos têm causado inúmeras doenças na perspectiva de um dos agricultores: depressão, pânico, ansiedade, conflitos emocionais de todas as ordens.

#### 4.2.2 Bem Viver e os Direitos Humanos, da Natureza, Ambientais e a questão da Soberania e Segurança Alimentar e Saúde

Nesta seção será apresentada a tríade do: Bem Viver e os Direitos Humanos, da Natureza e Ambientais que acabam por se inter-relacionar com a questão do Bem Viver e a Soberania Alimentar, Segurança Alimentar e Saúde para um Bem Viver Comum.



É importante resgatar um panorama sobre as dimensões de Direitos que Acosta (2016) nos aponta, e como eles se encontram em um campo importante de diálogo entre o Bem Viver e o contexto da agricultura familiar agroecológica.

Para Acosta (2016), há uma percepção reducionista na medida em que os Direitos Humanos tem como centralidade as pessoas. Contudo, para que haja um equilíbrio essencial entre a natureza e as necessidades humanas, devemos reconhecer a natureza como um sujeito de direitos, ou seja, urge romper com a visão tradicional do “direito a um ambiente saudável” que está enraizada no constitucionalismo latino-americano há muito tempo. Como destaca Gudynas (2011), não é apenas ter um ambiente saudável, isso já deveria ser parte dos Direitos humanos e não necessariamente implicam Direitos da Natureza, que é outro ponto a ser levado em conta, já que somos parte dela (ACOSTA 2016).

Portanto é preciso distinguir uma da outra, sendo que as bases clássicas dos Direitos Humanos, ou seja, dos direitos a um ambiente saudável ou à qualidade de vida, são essencialmente antropocêntricas e devem ser compreendidas separadamente em relação aos Direitos da Natureza. E porque a Soberania Alimentar, Segurança Alimentar e Saúde se encontram nessa tríade? Porque também é parte dos Direitos Humanos e da Natureza, o acesso a uma água potável e de qualidade, as instalações sanitárias são direitos indispensáveis para gozar plenamente do direito à vida, como aprovado na Assembleia Geral das Nações Unidas. Contudo, tais direitos também dialogam diretamente como a soberania e segurança alimentar:

A soberania alimentar – que incorpora a proteção do solo e o uso adequado da água, um exercício de proteção aos milhares de camponeses que vivem de seu trabalho e, certamente, à existência digna de toda a população – transformou-se em outro eixo condutor das normas constitucionais. Este deveria ser o ponto de partida das políticas agrárias e, inclusive, da recuperação do verdadeiro patrimônio nacional: a biodiversidade. Por outro lado, nos Direitos da Natureza, o centro está na Natureza, que, certamente, inclui o ser humano. A Natureza vale por si mesma, independentemente da utilidade ou dos usos que se lhe atribua. Isto representa uma visão biocêntrica. Estes direitos não defendem uma Natureza intocada, que nos leve, por exemplo, a deixar de cultivar a terra, de pescar ou de criar animais. Estes direitos defendem a manutenção dos sistemas de vida – do conjunto da vida. Sua atenção se volta aos ecossistemas, às coletividades, não aos indivíduos. (ACOSTA, 2016, p.131).



Os direitos humanos abarcam direitos políticos e sociais, ou seja, direitos de primeira e segunda geração, no o Estado reconhece esses direitos ao cidadão como parte de uma visão individualista e individualizadora da cidadania, com os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais:

A estes direitos se acrescentam os direitos de quarta geração, difusos e coletivos, entre os quais se inclui o direito a que os seres humanos gozem de condições sociais equitativas e de um meio ambiente saudável. Com esta bateria de direitos, procura-se evitar a pobreza e a devastação ambiental, que provocam impactos negativos na vida das pessoas. Os direitos ambientais configuram a justiça ambiental, que atende às demandas dos seres humanos – sobretudo, grupos pobres e marginalizados – na defesa da qualidade de suas condições de vida afetadas por desastres ambientais (ACOSTA 2016, p.131).

Na Constituição de Montecristi, os direitos ambientais, ou seja, os Direitos Humanos de quarta geração dão origem a mandatos constitucionais fundamentais. Sendo peça chave para os processos de desmercantilização da Natureza, como a proibição à adoção de critérios mercantis para os serviços ambientais: “Os serviços ambientais não serão suscetíveis de apropriação; sua produção, benefício, uso e aproveitamento serão regulados pelo Estado”, diz o artigo 74.

Assim os Direitos da Natureza são representados por pessoas, comunidades, povos e nacionalidades. Consta na Constituição Equatoriana, onde é categórica no artigo 71:

A Natureza ou Pacha Mama, onde se reproduz e se realiza a vida, tem direito a que se respeite integralmente sua existência e a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estruturas, funções e processos evolutivos. Toda pessoa, comunidade, povo ou nacionalidade poderá exigir da autoridade pública o cumprimento dos Direitos da Natureza. Para aplicar e interpretar estes direitos, serão observados os princípios estabelecidos na Constituição (ACOSTA, 2016, p.131-1312).

Diferenciando dos direitos ambientais, os Direitos da Natureza – declarados pelo povo equatoriano, presentes em sua constituição de Constituição em 28 de setembro de 2008 – são considerados direitos ecológicos.

Como aponta Acosta (2016, p.132):

Na Constituição equatoriana, diferentemente da boliviana, tais direitos aparecem de maneira explícita como Direitos da Natureza, orientados a proteger os ciclos vitais e

os diversos processos evolutivos, não apenas as espécies ameaçadas e as reservas naturais. Neste campo, a justiça ecológica pretende assegurar a persistência e sobrevivência das espécies e de seus ecossistemas como conjuntos ou redes de vida. Esta justiça é independente da justiça ambiental – embora, em última instância, toda intervenção no meio ambiente também afeta o ser humano. Não está entre as incumbências da justiça ecológica indenizar comunidades pelos danos ambientais causados por outrem. A justiça ecológica se expressa na restauração dos ecossistemas afetados. Na realidade, deve-se aplicar simultaneamente duas justiças: a ambiental, para as pessoas, e a ecológica, para a Natureza.

Ao considerar que somos parte da Natureza, ela inclui os seres humanos, sendo assim seus direitos não devem ser contemplados de forma isolada dos direitos humanos, e muito menos reduzidos. Em contrapartida os Direitos Humanos – como o direito ao trabalho, à moradia ou à saúde – devem ser compreendidos também em termos ambientais. Isto exige que elaboremos uma reconceitualização profunda e transversal dos Direitos Humanos em termos ecológicos, pois a degradação da Natureza destrói as condições de existência da espécie humana. Portanto, atinge todos os Direitos Humanos.

Bem Viver e a questão dos Direitos, Soberania e Segurança Alimentar e Saúde, estão alinhados para se conquistar um Bem Viver Comum. Cada um assume uma força como categoria própria em virtude do que a teoria nos traz, onde todo esse conjunto de ideias e valores, só nos permite resultar em mudanças profundas, a partir de uma perspectiva de convivencialidade, solidariedade, vivenciada a partir da coletividade e não do individualismo.

Nas dimensões do Bem Viver e Direitos Humanos, da Natureza, Ambientais que acabam por abarcar a dimensão de Soberania, Segurança Alimentar e Saúde, foi possível verificar as intersecções que ocorrem entre as dimensões tratadas neste capítulo.

De acordo com A1, o agricultor familiar agroecológico tem uma relação diferente com a terra, a natureza, com seu trabalho, até mesmo na escolha das técnicas e uso de tecnologia em seu modo de produção. Ele ainda ressalta como a agricultura familiar se importa com o próximo, na medida em que produz alimentos saudáveis, de qualidade, de forma mais natural possível, plantados em terra fértil, rica, por isso o resultado é de uma alimentação segura que irá refletir na vida e saúde da família do agricultor bem como da comunidade, ou seja, garante ao próximo o direito de ter acesso aos direitos fundamentais já mencionados:

[...] nunca usei veneno na minha plantação, sempre preocupado com a natureza, quem planta convencional no veneno, ele passa hoje, daqui seis meses não tem mato. E você planta organizado, produzir natural assim, você tem que estar direto cuidando, trabalhando carpindo, tem que estar zelando. Tem que zelar pela natureza, da planta, porque se deixar crescer mato ela morre, e na maioria usam veneno, lá no convencional passou uma vez o veneno, já sai colher [...] (A1, 2019).

Fica evidente o quanto o A1 se preocupa com o tempo que a natureza tem para responder em relação ao processo de produção. Ele trata e lida com a terra com muito zelo, com muito respeito em relação ao seu ciclo natural, mostrando como mais uma vez esta dimensão do BV de Direitos é encontrada no cotidiano do agricultor familiar.

Ele diz que a agricultura convencional não se compromete com o zelo pela natureza, da terra, da saúde do solo:

[...] a agricultura convencional não tem preocupação com a terra nem com os alimentos que ela produz. Ela não quer saber se o outro lá vai viver ou não né, ele quer saber do bolso dele só, ele não tá preocupado com o que vai acontecer lá pra frente.[...] que nem a água vai poluir, se o cara usa muito veneno, vai poluir tudo né. Porque está havendo muita doerçarada hoje? Muita porcaria né, o pessoal come só coisa envenenada, tudo envenenado, porque tudo é à base de veneno, a maioria planta assim hoje, quem produz bastante. E nós não plantamos muito, é pouco, então produz sem nada de agrotóxico, é porque a maioria não respeita, não quer saber né [...] (A1, 2019).

Em relação a preservar a natureza para evitar problemas futuros, o A1 considera ao agronegócio nocivo para o futuro da humanidade, focando especialmente para os agrotóxicos. Ou seja, aponta para o risco da percepção de uma agricultura baseada apenas na máxima eficiência, produção em grande escala, convencional, tem destruído a terra, bem como, trazendo problemas para o ser humano no acesso a uma alimentação perigosa cheia de agrotóxicos, interferindo em sua saúde.

Por isso é tão importante respeitar os direitos humanos, da natureza, ambientais, numa perspectiva para além de uma racionalidade instrumental onde tudo é criado buscando um resultado técnico, eficiente, com propósitos alicerçados no determinismo, substantivismo, no utilitarismo tecnológico que coopera para a expansão deste modelo de produção.

A manutenção tanto da vida, da natureza, do ambiente que nos cerca de forma equilibrada e justa se torna um desafio constante. Corroborando, Alcântara e Sampaio (2017)

descrevem que Bem Viver relaciona-se à melhoria da qualidade de vida das pessoas (alimentação, vestimenta e habitação, por exemplo), o que se obtém por meio da educação, das relações familiares, trabalho, hábitos e ambiente.

Outro aspecto encontrado na fala do A1 é referente à valorização da terra como um ser vivo e o A2 ratifica isso. A terra é algo rico, que se bem cuidada, produzirá riqueza não apenas financeiras, mas garantirá e proporcionará aos demais seres vivos, a chance de conviver bem, com qualidade, segurança e igualdade. Quando você produz e mantém uma terra rica, você gera outros valores, como o de respeito, responsabilidade, solidariedade que resultam no Bem Viver comum. Uma terra rica é uma terra que recebe cuidado, então ela retorna também em gratidão e sustento para o agricultor. Não é uma terra única e exclusivamente feita no ponto de vista monetário, mas de reconhecimento que a terra é nossa mãe, na linguagem indígena, *Pacha Mama*.

Na perspectiva de relações solidárias, a natureza também foi reconhecida como sujeito portador de direitos defendidos na Constituição do Equador. Portanto reconhecer a natureza como *Pachamama* é falar da vida que se identifica com princípio biocêntrico<sup>15</sup>. O termo *Pachamama* corresponde a Gaia, nome da antiga deusa grega pré-helênica que simbolizava a Terra viva. Segundo Lovelock (1986) citado por Ferreira e Bomfim (2010), foi o romancista William Golding quem sugeriu usar o nome Gaia para a hipótese que supunha estar viva a Terra. Esse pensamento vem trazendo a concepção de que a terra é um sistema vivo capaz de gerar, manter e regular as suas próprias condições de vida.

No caso do A2 há manifestações de orgulho de saber que está fazendo sua parte com um modelo de agricultura alternativo que visa respeitar a terra e trazer uma série de benefícios à coletividade:

---

<sup>15</sup> O Biocentrismo, teoria desenvolvida por Paul W. Taylor (1987), também ultrapassa a barreira da restrição moral aos seres humanos, ampliando-o a todas as entidades naturais vivas. A superação do antropocentrismo: uma necessária reconfiguração da interface homem-natureza. A luta pela vida, traduzida nas transformações e adaptações das espécies, como forma de manutenção da existência, é o fundamento para a valorização moral de todos os seres, de modo que o valor da vida, em si e por si mesma, não prescinde de qualquer finalidade humana (SILVIA e RECH,2017, p.22-23).

[...] fizeram análise para nós e deu que nosso solo não precisa de nada. É como se fosse adubo. Falaram que se a gente quisesse vender como adubo a gente podia vender porque ela é muita rica. Faz tempo que a gente vem cuidando da terra né. Olha sinceramente falo onde for preciso falar, que não me arrependo, é do tal de trabalhar no agroecológico. Também reflete na natureza né. Se não mexer na terra, deixar ela responder ao seu tempo, ferve de minhoca. Por isso que tem muito bicho, porque o bicho só o que acaba com ele é o veneno. E como não tem veneno, ele vai proliferar. Então você tem que aprender a conviver com eles. A própria natureza te dá técnicas naturais para combater mediante a plantação de outras plantas que ajudam a combater as pragas. Porque se você vai lá comer uma fruta, se tem bicho na fruta, sinal que tem saúde. Fruta sem bicho a base de veneno, nem os passarinhos comem [...] (A2, 2019).

Na agricultura convencional não tem este respeito com a natureza, não respeita seus direitos, não espera ela dar os frutos ao seu tempo como disse o A2:

[...] Não vejo isso na convencional. Quanto mais antes sair a mercadoria, mais eles vão aprendendo que ela dá em menos tempo. E o frango caipira, você leva de seis a oito meses, para um frango caipira ficar bom. Um frango de granja é quarenta e cinco dias. Já pensou quanto hormônio tem ali [...] (A2, 2019).

Para o agricultor familiar agroecológico, é muito importante deixar a terra trabalhar sob seu ciclo natural, se você zelar pela terra, cuidar do solo, ela mesmo se encarrega de produzir lindos frutos, com qualidade, já no convencional o foco está na máxima produção em menor tempo, não respeitando as consequências deste processo, colocando a natureza numa perspectiva mercadológica apenas. Se ela não “prestar” mais, então se desfazem dela como objeto. O tempo de descanso, o tempo de não produzir também é necessário e importante para a terra e na produção agroecológica isso é levado em consideração.

Para que haja mudança destas ações que colocam em risco nossa existência, do planeta, o A3, discorre que é preciso mais do que nunca preservar o que temos, fazendo o uso da natureza de forma consciente e responsável, para que nossos filhos e netos possam desfrutar do que estamos hoje ainda desfrutando, mas se não mudarmos em breve, o futuro estará comprometido:

[...] Aqui na propriedade o que eu mais preservo, o que eu mais brigo é na preservação da mata nativa, e das nascentes. Eu vou à prefeitura falar que estamos com um projetinho de conseguir uma muda de árvores, que já estão em extinção, eu tive uma surpresa outro dia, revendo a mata lá. Eu vi que já apareceram umas mudinhas de cedro. Eu digo: mais se existe, se está nascendo cedro, é que os pássaros

estão trazendo a semente de alguma árvore e eu não tinha atentando porque é muito alto. Não é comum mais se ver né. Estou com uma ideia de nós fazermos o túnel do tempo, a gente pegar algumas árvores, conseguir estas mudas com o pessoal da Emater, que eles têm, a gente vai plantar e fazer um espaço só com árvores em extinção, identificar tudo sobre cada uma delas para nossos clientes conhecerem, terem contato com elas. Tem árvore muito linda que eu conheci quando era pequeno e depois aqui é difícil de ver, agora encontramos ali os pés muito bonitos, que lá nos chamamos de mamica de cadela, eu mostrei pra cliente ontem ela se encantou. É uma árvore cheia de espinho, é comum andarmos na mata nativa e encontrar pé de cereja [...] (A3, 2019).

O A3 demonstra o quão é importante preservar a biodiversidade que a natureza nos oferece, para não entrar em extinção e as pessoas deixaram de conhecer que um dia tal árvore existiu. Como o agricultor menciona, existem vários projetos nessa propriedade muito interessantes, tais como o relógio medicinal, que traz vários tipos de ervas medicinais, que mais adiante será descrito, o novo projeto de plantar árvores em extinção e fazer um túnel do tempo sobre as espécies, com informações sobre cada uma delas, e criar uma trilha para que as pessoas possam conhecer estas árvores, poder respirar ar puro, ter um contato profundo e de respeito, consciência com a natureza.

Existe um zelo grande por parte da família do A3, assim como as demais que compõem esta pesquisa. É recorrente manifestações sobre o quanto eles valorizam a propriedade e a terra que possuem, sentem orgulho do modo como produzem pelo qual geram resultados positivos na manutenção da natureza, da vida. De fato as qualidades do agricultor familiar são plurais.

Ploeg (2014, p.10) destaca que:

O estabelecimento familiar faz parte da paisagem rural. Nele, pode-se trabalhar com a natureza, em vez de ir contra ela, ao se valer dos processos e dos equilíbrios ecológicos (em vez de interrompê-los) e preservar a beleza e a integridade das paisagens. Quando a agricultura familiar trabalha com a natureza, contribui localmente para a conservação da biodiversidade e para a luta contra as mudanças climáticas globais. Seu trabalho implica uma interação contínua e direta com a natureza viva – uma característica altamente valorizada pelos próprios agricultores.

O A3 valoriza a terra que possui, e ao tocar nela demonstra em sua expressão felicidade daquilo que ele com o trabalho de suas mãos conseguiu obter.

A terra para ele não é apenas um laboratório de trabalho, de sobrevivência, vai além de apenas cumprir seu papel de utilidade para gerar recursos ao ser humano, ela tem vida, tem

riqueza. Em sua fala é possível contemplar como as dimensões de Direitos na perspectiva do Bem Viver é presente em sua relação com a terra e seu trabalho:

[...] Olha aqui minha terra, vocês podem pegar e olhar, não é aquela terra pobre, ela tem material orgânico, a cor, tudo, porque ela é bem cuidada. Porque pelo amor de Deus, a terra é viva, é uma coisa que tem vida, e precisa de todos os cuidados como qualquer coisa, como um ser humano. [...] então se ela não for bem cuidada, bem adubada, bem regada, bem manuseada, e a gente sabe né, além disso, quando chega na minha idade, dá mais valor pra essas coisas, que o futuro da humanidade vai ter uma deficiência de alimentação enorme. Então todo aquele que pensar na sobrevivência da humanidade, tem que tratar muito bem a terra, as nascentes, isso é que eu sinto em contato com a terra, eu me sinto bem, eu me sinto como fazendo parte deste componente todo aí: da água, da terra, da mata, da natureza [...] (A3, 2019).

O A4 irá corroborar com este mesmo pensamento, de que é preciso cuidar da terra, questionando aqueles que acreditam que para produzir “bem”, é preciso usar muito agrotóxico:

[...] não existe essa ideia de que para produzir e dar frutos só é possível se usar agrotóxicos para matar os bichinhos. É tudo mentira isso aí. Você consegue produzir sim sem agrotóxico. É só você cuidar bem do solo. Você tem que ter o manejo do solo, saber bem qual é a cultura que você tem que plantar na época. E também cada coisa tem os bichos do bem quanto os bichos do mal. Tem os bichinhos que, por exemplo, os pulgões que dá na couve-flor, tem a joaninha. Ela é o predador daquele pulgão. Não precisa de veneno. É tudo coisa natural que você aprende com a natureza. Então a pessoal pensa que é só no veneno que dá pra produzir [...] (A4, 2019).

A própria natureza oferece recursos e técnicas para produzir de forma natural, não é necessário o uso de técnicas, ou tecnologias que visam apenas produzir em grande escala, em um menor tempo, com o intuito apenas de lucrar e acumular riqueza, o A4 deixa claro que a natureza se auto produz, se defende, se protege, o ser humano só precisa ser o condutor nessa relação.

Segundo Oliveira (2017), mencionando as falas do professor de Agroecologia da Universidade da Califórnia em Berkeley, Miguel Altieri, a produção agrícola baseada na monocultura altamente mecanizada, com uso de agrotóxicos e sementes transgênicas, dá origem a uma crise ambiental global marcada pelas mudanças climáticas. Nessa perspectiva, a agroecologia e suas bases científicas constituem a melhor alternativa de enfrentamento e mudança. “A crise ambiental planetária é agravada por um modelo de desenvolvimento

incapaz de assegurar respeito pelo meio ambiente e pelas pessoas pobres do mundo”. É importante estar consciente de que as mudanças climáticas são apenas um dos problemas ecológicos perigosos, que se originaram pelas modificações sofridas pelas intervenções humanas na terra, destaca (OLIVEIRA, 2017).

Uma transição do modelo convencional de produção agrícola para o agroecológico, em que os insumos químicos caros e danosos ao meio ambiente são substituídos por sistemas biológicos e ecológicos para balancear o fluxo de nutrientes do solo, com maior concentração de matéria orgânica e biológica e menor perda de recursos genéticos, de biodiversidade, é a alternativa para além da sustentabilidade. Esse conjunto de processos caracteriza a agroecologia como ciência dedicada à produção de alimentos saudáveis para todos e a proteção ambiental articulada com justiça social e acesso democrático à terra (OLIVEIRA, 2017)

Por isso a agricultura familiar se apresenta como um ator essencial para este processo. O A3 reconhece a importância de seu trabalho como agricultor familiar agroecológico, e se sente realizado e satisfeito com o que faz, é uma questão que vai além de produzir alimentos para seu sustento, é oferecer os mesmos direitos a todos, sem favorecer uma classe em detrimento da outra. Todos devem ter direito de se alimentar com variedade, alimentos nutritivos e seguros, onde só a produção agroecológica pode oferecer. Aqui a soberania alimentar, segurança alimentar e saúde são imprescindíveis entrelaçadas com as dimensões de Direitos Humanos, da Natureza, Ambientais.

O A4 foi enfático em dizer que a produção agroecológica contribui para assegurar os direitos da natureza. Sob sua ótica, eles precisam assegurar as benesses da terra para assegurar os direitos de todos:

[...] é muito bom você trabalhar com agricultura agroecológica, porque está contribuindo com a natureza, está ajudando a conservar mais o solo, porque hoje em dia o pessoal tá pensando só em capitalismo ninguém dá pensando mais na natureza. Hoje em dia é só o dinheiro, e a vida não é assim, tem que respeitar a natureza. Daqui uns tempos como é que vai ser a geração futura. Só milho e soja, todo mundo tá pensando só na parte do capital, do dinheiro ali e não está pensando no futuro que vai pra frente produzir. Não tem pensando no futuro o que vai acontecer [...] (A3, 2019).



Mais uma vez o aspecto agricultura convencional versus agricultura agroecológica é frisado pelo A4. Por outro lado, aponta os riscos e limites da agricultura convencional na destruição do solo, monocultura tirando toda a riqueza da terra. O aumento de grandes estabelecimentos de agronegócio na produção de milho, soja pensando apenas no capital, no lucro.

Contribuindo com tais apontamentos, o A5 enfatiza a natureza como um ser vivo nos traz inúmeros benefícios, por isso tais excertos são fundamentais para essa análise:

[...] quando você tem um solo vivo, você consegue continuar no campo porque com o solo vivo na sua propriedade você tem riqueza de alimentos, de água, abundância. Através deste solo vivo sua planta vai estar se nutrindo de todo os nutrientes que ela precisa que são quase setenta que o solo dá, e quando a gente destrói o solo, o pessoal vai falar, mas é só por adubo, mas o adubo dá apenas quatro, cinco ou seis nutrientes. Então nós teremos uma planta doente, com o sistema imunológico fraco. Aí tem que entrar com agrotóxico, senão os bichos, fungos bactérias atacam ela porque ela tá doente [...] É igual ser humano, se ele não come bem ele fica doente e o invasor vem realmente né. A planta a mesma coisa, se não comer solo bom, e comer adubo ela vai ser doente, ela sendo doente, você terá que colocar bengalas para ela poder produzir, que bengalas? Agrotóxicos, irrigação, adubação excessiva. Deus fez o solo de uma forma pra ter um poder curativo, só que isso acabou. Nos alimentos de hoje encontrados nos mercados, 0,01% dos produtores dedicam a fazer plantações de solo vivo, na verdade é até menos que isso, eu digo isso porque é o menor número possível que eu posso falar mais é muito menos que isso [...] (A5, 2019).

Um solo fértil, rico e vivo irá nos proporcionar resultados extremamente importantes para produzir alimentos ricos em nutrientes que contribuem para a saúde do nosso corpo em todos os sentidos. E ele faz uma crítica muito importante, onde hoje em dia as grandes empresas de fertilizantes, de tecnologia investem muito mais no agronegócio, no convencional deixando a agricultura familiar agroecológico numa situação de invisibilidade:

[...] Ninguém mais pesquisa solo, os pesquisadores de solo estão acabando, não sei porque. O lobby das empresas de fertilizantes são muito fortes na população, as empresas de tecnologia de irrigação são muito fortes e não deixam tecnologias mais sustentáveis chegar até o produtor. Chega por meio de internet em alguns lugares, mas o produtor rural tem isso? Quase nenhum. Então o produtor rural recebe assistência técnica, Emater, as empresas de fertilizantes vêm dar uma assistência técnica. E a Emater, não é que seja ruim, mas a cultura dela de plantar ainda é a cultura antiga e a gente tem que inovar porque a gente tá vendo o erro que a gente fez né, a gente tem que aprender com o passado. [...] A prática de plantação é uma consequência da sua visão de vida diferente, da sua filosofia. Esses princípios e valores estão perdidos. Hoje a gente só pensa na conquista pessoal, no ego e isso não

vai levar em nada para o futuro, isso vai levar na verdade para a destruição, pra fome, miséria e sede, isso vai ser muito feio, triste. [...] (A5, 2019).

Na fala acima é evidente como o aspecto da convivencialidade na sociedade moderna, de produção convencional não leva em conta o próximo. É cada um por si, cada um com seus bens, lucros, rendimentos, tudo em nome do capital acumulado limitado. O indivíduo precisa refletir sobre suas ações que não somente reflete em sua vida como na coletividade. O teórico Ivan Illich (1978) será assertivo ao dizer que uma sociedade que se encontra em uma fase avançada de produção em massa é uma sociedade produz sua própria destruição.

Segundo Gajardo (2010) a convivencialidade proposta por Ivan Illich diz respeito principalmente em questionar o modelo de produção industrial em escala que não pode mais se manter, e não tem limites, se impregnou em todas as nações, como o modelo ideal de produção.

Da mesma maneira, para o A5, é preciso olhar para a história da civilização, aprender com os erros de outros povos em relação ao modos de vida e existência no que tange ao uso dos recursos naturais:

[...] a gente tem o erro, a gente já viu o erro pra fazer certo, mas teimamos, e eu não julgo os produtores porque é cultural, é ensinado pra gente fazer errado infelizmente, só pela questão financeira. As grandes empresas querem continuar ganhando em dinheiro da forma que sempre ganharam, mas não estão pensando o mínimo nas futuras gerações. Estão pensando, ah eu quero ganhar dinheiro para pagar a escola do meu filho, só que seu filho não vai ter nem colegas, pois não haverá futuro, nem comida e nem água para dar ao seu neto, então é muito hipócrita este pensamento. Agora os animais têm um cérebro micro, cumprem suas funções e não alteram negativamente o meio ambiente, pelo contrário, só positivamente, segue restrito o que Deus os mandou fazer. Viver a vida naquela simplicidade, a gente não, quer tudo muito complexo, muito voltado ao nosso redor, quer conforto de toda a forma. Se não tem um sofazão de quarenta de espuma tá ruim porque dói a coluna. Não precisamos disso [...] (A5, 2019).

Segundo o A5, o ser humano dotado de uma razão, fez uso buscando apenas criar, crescer, desenvolver, sem respeitar o ciclo da vida, a hierarquia natural que Deus colocou para cada ser vivo. Para ele mudar para o campo, tem um ideal muito forte de compromisso com aquilo que Deus o designou a fazer, então ele está buscando cumprir com sua função:

[...] eu sou um ser humano, o que o ser humano precisa pra viver, as coisas básicas? Comida, água e abrigo, tendo isso e tendo um bom humor, vai longe! E como que a gente tem boa comida, boa água e bom abrigo? Você sendo um produtor, cuidando do solo, e a melhor forma que eu achei foi a agricultura sintrópica<sup>16</sup>. Como que você vai ter uma boa água? Cuidando do seu solo, tendo árvores, tendo suas nascentes preservadas e quem que faz isso? A agricultura sintrópica. E como você vai ter abrigo, tendo madeira que não é minério de ferro, a gente não precisa tirar montanhas, vale do rio doce, minerando montanhas pra gente construir estruturas metálicas, a natureza deu madeira muito forte, para abrigo. Então madeira a agricultura sintrópica ela dá, porque é uma plantação com árvores. Foi por isso que eu decidi mudar, porque eu vi o que eu necessitava para eu viver, e a agricultura sintrópica dá tudo isso pra mim, mas não numa questão egocêntrica. E é respeitando principalmente o dono de tudo isso, que é o solo né, ele é dono dos animais, ele é dono da gente, toda comida que sai, que a gente come, vem dele, então a gente come solo [...] (A5, 2019).

Segundo A5, o solo, a terra produz riquezas tangíveis e intangíveis, basta saber lidar com ela, zelando, preservando, cuidando. A natureza mais uma vez é colocada como um ser de direitos, e que também cumpre seu papel o qual foi designado por Deus como o A5 afirma cada qual tem sua função nessa terra, a minha como sendo ser humano é de dominar a terra com sabedoria, amor e cuidado. É preciso ser honesto para consigo mesmo e o mundo, o que você tem feito pelo Bem Viver comum, para o próximo, para a natureza? A fim de manter o planeta terra vivo?

[...] É uma questão ética com o mundo, não uma ética para mim ou pra minha família, respeitando o máximo possível e tirando nossos recursos não de forma exploratória, nem de forma sustentável, e sim gerando mais recursos. Porque sustentável vai continuar no mesmo, a gente não pode continuar no mesmo porque a gente já tá numa situação muito delicada. A gente precisa saber tirar recursos para viver gerando mais recursos ainda. Só o sustentável não adianta mais. Já foi degradado num ponto que não pode parar e continuar dessa forma. E sustentável é isso, você não interferir, não a gente tem que interferir positivamente, porque a gente foi tanto para trás que a gente tem que ir pra frente, não estagnar. E quando a gente chegar lá na frente terá o prazer de estar gerando recursos tão grandes que a gente não vai estagnar, é uma prosperidade eterna [...] (A5, 2020).

---

<sup>16</sup> Ernst Götsch, agricultor e pesquisador, veio da Suíça para o Brasil na década de 80 e se instalou no estado da Bahia. Ao começar o cultivo em território brasileiro, ele conseguiu elaborar uma nova forma de cultivo, que ficou conhecido como agricultura sintrópica, no qual propôs a conservação da mata natural de determinado espaço, associando-a a plantação de culturas comerciais. A melhor descrição seria a de uma rede, todos estão interconectados. O principal propósito dessa forma de cultivar alimentos está na preocupação com o meio ambiente, ou seja, com a não devastação e com a preservação das características naturais da região. A agricultura sintrópica não se utiliza de nada além do que o meio ambiente pode oferecer, inclusive, os agricultores recebem a orientação de não irrigar suas plantações, pois o equilíbrio será atingido de maneira natural. Fonte: <https://ciclovivo.com.br/planeta/meio-ambiente/entenda-o-que-e-agricultura-sintropica-e-quais-beneficios-ela-pode-proporcionar/>.

Assim é possível observar como as três dimensões tem uma relação muito forte, no que tange a direitos humanos, da natureza, ambientais. Deste modo, a agricultura familiar é responsável por produzir grande parte dos alimentos que chegam à mesa. Através do seu trabalho, seguindo um modelo de produção alternativo, que não degrade o ambiente, que não produza veneno em forma de alimento, ela desempenha um importante papel na cadeia alimentar, na soberania alimentar, segurança alimentar e saúde.

Existe uma relação histórica fundamental da agricultura familiar sob o aspecto da segurança alimentar que reflete em nossa saúde. O Bem Viver e a questão dos Direitos nos apresentam aproximações significativas com o que vem sendo exposto. A soberania alimentar, segurança alimentar e saúde (pelo qual todos devem ter acesso a uma alimentação segura, nutritiva longe dos agrotóxicos e venenos, rica em vitaminas e nutrientes, alimentos saudáveis) são pontos constantemente falados pelos agricultores que se preocupam com a saúde de sua família, bem como a do próximo.

Sob essa dimensão o agricultor familiar, deixa claro que ele produz para ter mais saúde, qualidade de vida, e que ele notou melhorias significativas em sua saúde, e se sente seguro sabendo que está produzindo algo que sua família, seus filhos e netos poderão comer tranquilos, sem preocupação, sem medo. Garantindo a gerações futuras o acesso igualitário de uma vida de recursos naturais que beneficiem a existência humana e atenda suas necessidades essenciais.

Existe uma consciência coletiva por parte dos agricultores de que eles não produzem de forma agroecológica pelo bem de sua família, mas pelo bem de outras famílias, ou seja, de toda a sociedade. Trazendo os mesmos benefícios a todos, não é uma questão individual apenas, de olhar apenas para si, o agricultor tem total conhecimento sabe muito de seu papel nesta tríade e demonstra conscientização, sentimento de cuidado, proteção nesse sentido.

A soberania alimentar, segurança e saúde, surgem de forma transversal nas dimensões do BV. Nesse sentido, alguns temas sugeridos como a questão da diversificação dos alimentos, alimentos como fontes nutritivas para o corpo, que cooperam por uma saúde melhor, que só é possível através do modelo de produção da agricultura familiar, frente à monocultura, que produz apenas uma cultura de alimento, muitas vezes a partir de métodos dependentes de

agrotóxicos e vinculadas às grandes corporações do agronegócio, com baixa utilização de força de trabalho qualificada e sem implicações para o desenvolvimento local.

Além disso, ao tratar da saúde, o A1 aponta que muito dos problemas de saúde que temos, vem da alimentação “rica” em veneno. Existe um aspecto muito significativo no trabalho do agricultor familiar agroecológico:

[...] o trabalho do agricultor familiar agroecológico é deixar a natureza agir por si só. Hoje para você produzir uma planta de primeira qualidade, você precisa um monte de adubo, e eu não uso, eu só uso o esterco que eu tiro do galinheiro. E um pouquinho pra ajudar, eu compro aquele esterco de peru, que é próprio que pode usar ainda, é o que está produzindo, vai lá pra você ver minhas plantas, é bem natural, tudo de primeira, coisa mais linda[...] (A1, 2019).

Neste aspecto há a indicação de como a qualidade dos cultivos impactará na qualidade dos alimentos que produz. Todos os agricultores entrevistados têm certeza e afirmam com total convicção que seu modelo de produção e trabalho tem total relação com o BV e principalmente no aspecto de respeitar a natureza como um ser de direitos conforme aponta Acosta (2016).

A respeito da Soberania Alimentar, Acosta (2016, p. 131) irá dizer:

A soberania alimentar – que incorpora a proteção do solo e o uso adequado da água, um exercício de proteção aos milhares de camponeses que vivem de seu trabalho e, certamente, à existência digna de toda a população – transformou-se em outro eixo condutor das normas constitucionais. Este deveria ser o ponto de partida das políticas agrárias e, inclusive, da recuperação do verdadeiro patrimônio nacional: a biodiversidade. Na Constituição se expressa inclusive a necessidade de obter soberania energética sem colocar em risco a soberania alimentar ou o equilíbrio ecológico.

Mediante a isso o A2 irá dizer o quanto a alimentação nutritiva e saudável, ter acesso a ela, poder produzir e se alimentar daquilo que sua terra e mãos produzem, este contato com a natureza que seu trabalho oferece, reflete diretamente na saúde:

[...] a saúde da gente agradece, em primeiro lugar. Porque você está lá no mato resolve comer uma fruta, vai lá e come sabendo que não tem veneno. Esse contato com a natureza é outra coisa. Veja meu marido quando trabalhava com veneno, um jato de veneno, ele não aguentava de dor de cabeça, refletia na saúde. Vale muito a pena produzir de forma agroecológica, vale a pena por aquilo que eu digo a você. Pela saúde a começar da gente. Agrotóxico é pra matar, matar [...] (A2, 2019).

Em relação sobre a dimensão da saúde tratada sob as concepções de Bem Viver, evidencia-se que:

Todas as pessoas têm direito a uma vida digna, que assegure saúde, alimentação e nutrição, água potável, moradia, saneamento básico, educação, trabalho, descanso e ócio, cultura física, vestimenta, seguridade social e outros serviços sociais. Todos estes direitos, para que sejam cumpridos, exigirão ajustes na distribuição da riqueza e da renda, já que não podem ser garantidos apenas com subsídios aos grupos marginalizados (ACOSTA 2016, p.195).

É preciso pensar nas consequências que acarretam produzir de forma convencional com insumos químicos, agrotóxicos. O A2 comenta que:

[...] a consciência é que sabemos que veneno é algo sério, temos neto, criança pequena. A gente vai plantar o moranguinho, vai uma criança lá e come o moranguinho, não dá. A gente mesmo, se não se cuida, quando vê põe a fruta na boca, é isso. Você come a fruta mesmo, como dizem os fregueses, você não come veneno. Você vai ao Mercado, você vai pegar uma fruta é só veneno. Eu não como tomate de fora do Mercado de jeito nenhum. Nós plantamos tomate uma vez por ano na estufa, mas eu, como tomate que eu planto. Faço molho, massa e é tudo natural sem veneno [...] tem criança que chega ali e fica admirada com o pêssego no pé que elas colhem neste contato direto com a natureza. A cidade tira muito a riqueza das crianças. As crianças não sabem nada da onde que dá o fruto, daí não aprende a valorizar. É aquilo que eu disse pra você, a saúde da gente, em primeiro lugar. Porque você vai lá, está lá no mato você resolve comer uma fruta, vai lá e come, e isso reflete para o próximo também, para os nossos consumidores [...] (A2, 2019).

O A3 traz até um exemplo de como passar a produzir de forma agroecológica resultou em uma série de benefícios para a família, a saúde é o mais evidente:

[...] É outra coisa me alimentar daquilo que eu produzo aqui. Você veja, o meu marido, quando trabalhava com veneno, um jato de veneno, ele não aguentava de dor de cabeça. Refletia na saúde dele [...] (A3, 2019).

Para ele, existe um grande risco para o consumidor que compra alimentos advindos da produção convencional onde coloca em xeque sua própria vida e saúde. Mas também trabalhar na produção de alimentos que envolvem uso dos venenos/ agrotóxicos traz riscos à saúde:

[...] A própria alimentação traz risco. Eu conheci muita gente que foi envenenada pela plantação, lá no Rio Grande do Sul, eles plantam até hoje muito fumo, o fumo a semente é cheia de veneno. A pessoa planta veneno, e o que colhe é veneno. Meu

Deus do céu o fumo é um crime que se faz. E há pouco tempo apareceu um programa falando que as pessoas que trabalham com fumo, estão com todo tipo de doença, mas doenças gravíssimas [...] (A3, 2019).

O trabalho também implicará ao longo dos anos irá também trazer um cansaço e consequências ao nosso corpo, mas não como eles que trabalham com veneno, descreveu A3. Ele relata como a vida no campo, e se alimentar bem, com segurança, alimentos saudáveis, trouxe benefícios para sua saúde:

[...]Eu estou com 72 anos. Eu tenho uma fratura nesse pé crônica não tem cartilagem. Eu tive baixado no hospital pra fazer cirurgia, daí cheguei o cirurgião especialista, que ia me operar, em conversa com ele, me falou como seria todo o procedimento, quantos dias ia ficar sob cuidados. Então perguntei: então doutor, eu vou me recuperar, eu vou ficar bem? Vou poder trabalhar? Porque pra mim o pior dia da minha vida, é o dia que eu não puder trabalhar, não puder me movimentar, daí é horrível e, ele disse: não, porque iremos colocar três pinos no seu pé, no seu tornozelo, o senhor vai ficar o resto da vida sem poder trabalhar. O senhor poderá andar de Moleta, de bengala, o senhor vai se movimentar desta forma. Mas trabalhar o senhor não pode. Ah mas então o senhor não me leve mal, mas eu não vou fazer, porque assim como eu estou eu me arrasto, de manhã eu amanheço bem, mas ao longo do dia, vai me cansando daí eu tenho que parar, mas estou aqui com muita saúde [...] (A3, 2019).

Na perspectiva do A4, ser agricultor familiar agroecológico é também pensar na saúde:

[...] estamos aí pela saúde né. O campo ajudou bastante a viver mais, porque eu sou cara saudável, graças a Deus [...] Meu pai como tem bronquite, depois que entrou no agroecológico, nossa bastante coisa melhorou na saúde. Mas se estivéssemos no convencional não sabemos se ele ainda estaria aí né vivo. Porque respira aquele veneno né, então ele está no agroecológico e a saúde dele, nossa senhora, está muito melhor. E ele tem setenta anos, e trabalha na agricultura, trabalha junto com a gente. Trabalha carpe, abre canteiro, faz as coisas [...] (A4, 2019).

Para o A5, vivemos hoje na sociedade do conhecimento e da informação. As pessoas estão mais preocupadas com sua alimentação, saúde e qualidade de vida. Elas estão buscando comprar de quem eles sabem como é o método de produção, para melhoria de sua saúde, de acordo com ele:

[...] Eu vejo que as pessoas da cidade estão mais conscientes dessa forma de alimento, de método. No campo você não vê esse movimento. No campo continua o mesmo método de plantação. Modificou muito, muito. Muita gente tá plantando orgânico, mas o processo do solo não modificou em nada, só são orgânicos, os processos de degradação do solo são quase totalmente iguais ao convencional, só não vai veneno,

mas acaba com a vida do solo, acaba com a água. Então o que vai nos salvar não é o orgânico, e sim uma agricultura com solo vivo [...] (A5, 2020).

Para tanto, é preciso saber mais a fundo sobre os métodos alternativos de produção, também com conhecimento para tal. Para o A5 é preciso estudar, conhecer bem seu método. Então ele ressalta como uma crítica à falta de entendimento, e que nossa salvação não está apenas na base de produção, se é orgânico, agroecológico ou não. Mas se é uma agricultura de solo vivo, pois terra viva gera bons frutos, ricos em nutrientes, alimentos seguros e cheios de saúde, com muita variedade para compor a mesa de nossas famílias.

#### 4.2.3 Bem Viver como uma proposta antagônica ao desenvolvimento e bem estar ocidental e a questão do indivíduo e a comunidade

A presente seção irá se debruçar sobre a tríade do Bem Viver que se formou a partir das seguintes dimensões: Bem Viver como uma proposta antagônica (contra hegemônica) ao modelo de desenvolvimento atual; Bem Viver e a questão do Bem estar Ocidental; Bem Viver, o indivíduo e a comunidade. É importante destacar novamente que as dimensões do Bem Viver foram estabelecidas a partir de uma lógica construída em contato com seus pressupostos teóricos. E que cada qual transmite um conceito singular que coopera para novos debates. Quando estão interligadas, trazem um novo conjunto de ideias e reflexões.

A imagem abaixo traz a tríade, que surgiu a partir dos resultados e análises obtidas no campo.





Em relação a primeira dimensão do que para os agricultores é “desenvolvimento”, “crescimento” o A1 irá nos apontar que para ele perpassa muito mais sob uma perspectiva qualitativa, do que apenas no sentido quantitativo, este último, é o que menos o agricultor busca realizar em seu processo produtivo. Para ele, as concepções de crescer e desenvolver não tem o mesmo significado do que aquele encontrado no conceito de desenvolvimento ocidental hegemônico.

O estabelecimento do agricultor gera recursos, fontes de renda, que lhe traz um retorno financeiro, porém este é apenas para cumprir com suas necessidades básicas, ele não produz para enriquecer, para armazenar, acumular, lucrar e obter mais capital. Todo fruto do seu trabalho que lhe gera renda, ele acaba por investir ainda mais estes recursos financeiros na melhoria de sua propriedade e seu cultivo. No caso do A1, por exemplo, que também é aposentado, é possível verificar uma identidade muito forte em ser agricultor, então ele trabalha por que gosta e sabe fazer. Ele buscar trazer melhorias na qualidade de sua produção, contudo, respeitando a força de trabalho existente na propriedade.

Em relação ao “desenvolvimento”, “crescimento”, no âmbito da exploração da propriedade, anuncia que:

[...] eu tenho bastante coisa plantada, tem laranja tem maçã, tem pêssego, tem uva plantada. Não precisa crescer, está bom, não precisa alastrar muito porque a idade da gente já não vence até cuidar, já não vai aguentar a cuidar muito. E se você começar a pegar muitas coisas daí não vai sobrar nada pra você. Porque hoje a mão de obra do pessoal no campo, cobra muito caro então não vai sobrar pra eu investir em nada, vou ter que pagar o funcionário, daí aquilo ali morre né [...] Então não compensa mesmo aumentar muito, a gente tem que fazer aquilo mais ou menos que a gente pode cuidar aquilo que a gente está podendo fazer com zelo [...] (A1, 2019).

A fala do A1 remete ao que Schumacher (1989) aborda em sua obra “Small is Beautiful” ao tensionar que não precisamos perseguir ideias de séculos passados, de países Europeus, que é preciso crescer, expandir, para alcançar o desenvolvimento. Devemos nos perguntar qual é o tamanho ideal de uma cidade, de um país, e uma empresa, e aqui eu diria de uma plantação. O ser humano deveria ser livre e autônomo para tomar suas decisões de forma democrática do

que é melhor para a lógica de vida que ele está inserido, respeitando sempre os recursos naturais.

Segundo Schumacher (1989) entre os recursos materiais, o mais importante sem dúvida é a terra, se quiser saber como será o futuro de uma sociedade, é só estudar como ela vem usando sua terra, e terá conclusões bem fidedignas. A terra tem solo vivo, suporta uma imensa variedade de seres vivos, o ser humano é uma delas. O homem civilizado é filho da natureza e não senhor dela. Quando do uso de sua razão tenta enganar as leis da natureza, acaba destruindo o ambiente natural que o sustenta. O homem civilizado arruinou a maioria das terras onde viveu, é por isso que suas civilizações acabavam por mudar e um lugar ao outro. E como ele saqueou este ambiente? A resposta é muito simples: exaurindo e destruindo os recursos naturais.

O pior perigo para o solo, para a natureza em nossa época, é impor ao agricultor que ele aplique em sua agricultura, o modelo da indústria, ou seja, produção em escala, máxima eficiência, crescimento ilimitado para acumular ainda mais capital, máximo uso dos recursos em menos tempo para obter maior rendimento financeiro tendo como objetivo cruel destituir o pequeno agricultor, colocando a família do pequeno agricultor em grandes unidades agrícolas dirigidas como se fossem fábricas, este é um dos planos terríveis que se deve evitar na atual conjuntura (SCHUMACHER, 1989).

Em outras palavras, o crescimento e desenvolvimento ilimitado não encontram lugar no lar, nas famílias de agricultores agroecológicos. Os princípios fundamentais que norteiam o agronegócio não são compatíveis com as práticas vivenciadas nestas cinco propriedades que fazem parte desta pesquisa.

Percebe-se que seu objetivo não é crescer infinitamente e nem tão pouco mercantilizar a terra, exaurir o solo e se desfazer dela partindo para outra, como vemos no modelo hegemônico que tem suas raízes ocidentais, industriais. A agricultura familiar lida com vida, com solo vivo, ou seja, substâncias “vivas”, a protege, zela, respeita seu ciclo, sua capacidade de produção ao seu tempo. Seus produtos resultam de processos vitais e nada é perdido, tudo é reaproveitado e devolvido para a própria natureza, gera outros processos produtivos naturais que visam aproveitar tudo que a natureza dá, sem se desfazer dela. Por exemplo, é o caso do

A1 e mais adiante também do A2, quando mencionam que fazem conservas de legumes, compotas e doces com as frutas, de forma agroecológica, sem desperdiçar e podendo ofertar diversidade para seus consumidores, qualidade. Não se verifica a preocupação com o crescimento e exploração dos recursos, mas sim em respeitar, preservar os recursos.

A agricultura familiar em oposição à questão do desenvolvimento ocidental e crescimento ilimitado cumprem três tarefas: manter o homem em contato com a natureza viva, de que é e continua sendo uma parte muito vulnerável; humanizar e enobrecer o habitat mais vasto do homem; e proporcionar os alimentos e outros materiais necessários a uma vida condigna (SCHUMACHER, 1989).

Corroborando com tais apontamentos, Latouche (2009) irá dizer que é preciso desacelerar o crescimento, é preciso colocar em ação o decrescimento:

Decrescimento é simplesmente um a bandeira sob a qual se reúnem aqueles que procederam a uma crítica radical do desenvolvimento e querem desenhar os contornos de um projeto alternativo para um a política do após-desenvolvimento. Sua meta é um a sociedade em que se viverá melhor trabalhando e consumindo menos. É uma proposta necessária para que volte a se abrir o espaço da inventividade e da criatividade do imaginário bloqueado pelo totalitarismo economicista, desenvolvimentista e progressista (2009, p. 06).

Fica evidente para o A1, o quão importante é ter direito de escolha, de autonomia do quanto ele quer produzir, não sendo refém de um trabalho intensificado focado em crescimento. Por isso ele demonstra estar satisfeito com a terra que possui seu espaço de vida e trabalho, lugar de valores, de riquezas intangíveis. A seguir, são apresentadas algumas imagens da propriedade do A1, sua plantação e produtos produzidos por ele:

**Imagem 3** –Plantação de beterraba do A1



**Fonte:** Autoria própria ( 2019).

**Imagem 2** - Frango Caipira, criado e vendido na propriedade doA1



**Fonte:** Autoria própria (2019).

**Imagem 5** - Beterraba em conserva, produzida e vendida pelo A1.



**Fonte:** Autoria própria ( 2019).

**Imagem 4** - Diversidade das culturas da propriedade do A1.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

Para o agricultor, é preciso estabelecer um limite de crescimento e desenvolvimento de sua propriedade e produção, para não se tornar escravo dela, viver só para isso, e ainda perder o que está plantando, justamente por não dar conta de plantar com qualidade. Aqui o sentido de crescer e desenvolver respeita o limite de seu corpo, do seu labor, e de seu tempo, para que assim possa viver bem, aproveitar sua vida. O tempo deve ser bem administrado, a forma

como você o emprega em seu trabalho indica que o agricultor busca valorizar aquilo pelo qual consegue ser responsável e capaz de fazer, não perdendo a qualidade do que ele faz, mas refutando perspectivas de intensificação do trabalho em prejuízo de sua condição de vida.

Nesse mesmo sentido, o A2, irá salientar que para sua família, a propriedade como está não precisa de nenhum plano para crescer ou desenvolver mais em termos de sua produção:

[...] olha eu acho que o que está aqui a gente dá conta. Daqui pra frente se começar a aumentar não damos conta, mesmo porque a idade vai chegando, a gente não tem rendimento. Meu marido quase deixou esse serviço que ele tá trabalhando, mas depois ele pensou, não acho que é melhor ele lá que é garantido, não faz esforço nenhum, só precisa ter cuidado transportando gente, né, com responsabilidade. Mas a lavoura, nós pretendemos, estacionar no tamanho que está [...] (A2, 2019).

Abaixo imagem da plantação do A2 e de seus produtos produzidos a partir dos alimentos cultivados em sua propriedade:

**Imagem 6** - Árvore de pêssego do A2.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

**Imagem 7** - Estufa da horta do A2



**Fonte:** Autoria própria (2019).

Por sua vez, A3 descreve que apesar de já ter tido a intenção de expandir sua propriedade, repensou e priorizou a qualidade ao invés de quantidade:

[...] eu já tive vontade, mas hoje, você sabe né, a gente chega a uma idade e começa a retroceder. Hoje eu não tenho intenção de aumentar, de ter quantidade, às vezes é preciso até reduzir em prol da qualidade, uma coisa sadia, bem cuidada. Nós há

pouco tempo não tínhamos irrigação, já estamos montando, graças a Deus. Mas a gente tem projeto, ainda mais depois que a filha veio pra cá, eles são novos (filha e genro) tem mais pique, então a gente começou a pensar em outras coisas e melhorar, não aumentar, melhorar alguma coisa [...] (A3, 2019).

**Imagem 8** - Variedade de cultivos junto a árvores na propriedade do A3



**Fonte:** Autoria própria (2019).

**Imagem 9** - Plantação da propriedade do A3



**Fonte:** Autoria própria (2019).

O A4 também acredita que o tamanho de sua propriedade é suficiente:

[...] já está bom porque não é tão grande né, se tivesse mais terra, até que um pouco mais, porém não pretendo aumentar não. Está bom, não dá pra se queixar. O objetivo não é ficar milionário. E também não aumentamos a propriedade, mas aumentamos a variedade das coisas produzidas, aumentando o ganho. Por conta da variedade, pegamos as cestas e tudo ajuda. O CPRA com este projeto tem ajudado bastante [...] (A4, 2019).

Para o A5, quando questionado sobre se tem a intenção de crescer, desenvolver, disse:

[...] não quero aumentar não, pra nós está mais do que o suficiente. A gente quer uma coisa agora, é a qualidade, só qualidade. A quantidade está ótima, já dá pra sobreviver, pra se sustentar está ótimo. Agora nosso foco é qualidade, atender nossos clientes da melhor forma possível. Claro, respeitando a nossa qualidade de vida, o nosso foco é atender nossos clientes da melhor forma possível, mas com o melhor alimento possível pra gente, consequentemente o que eu vou ter para meus clientes? O melhor alimento para eles. Então tendo o melhor cuidado com a gente, temos o melhor cuidado com o outro [...].

Abaixo, segue fotos da propriedade do A5:

**Imagem 11** - Plantação junto a árvores do A5.

**Fonte:** Aatoria própria (2019).

**Imagem 10** - Cesta com variedade de alimentos produzidos pelo A5.

**Fonte:** Aatoria própria (2019).

Um dos aspectos importantes que estão atrelados à dimensão de Bem Viver diz respeito também à ideia de bem-estar. No campo o labor é algo natural que não está preso a uma agenda, ou metas a cumprir. A terra é um ser vivo que gera sustento em todos os sentidos. Seus recursos não são utilizados apenas para gerar acúmulo e riqueza.

O resultado não é visando apenas o lucro, mas a verdadeira riqueza está em ver o fruto do seu trabalhando germinando, ou seja, suas plantações crescendo com qualidade, respeito e responsabilidade, quanto ao uso de seu espaço de trabalho: o solo, a terra. Outro aspecto salutar é que para o agricultor desenvolver, crescer está associado ao que a terra é capaz de lhes ofertar de infinitas variedades de plantio, significa permitir a terra abrilhantar com sua capacidade de oferecer uma terra frutífera, na medida em que ela tem seu ciclo de produção respeitado. De se refazer em seu tempo, de forma natural, retornando para o ser humano aquilo que ele oferece para a terra: se suas mãos tocam a terra com respeito, responsabilidade e zelo, a terra o retribui com frutos bons, valiosos, nutritivos. Se o ser humano a toca de forma a mercantilizá-la, destruindo-a, degradando-a, ela ficará infrutífera, perderá seu vigor e força.

O trabalho de preservar a natureza junto à agricultura familiar agroecológica por si só é um avanço exponencial em todos os sentidos. Gera riqueza, segurança alimentar, saúde, bem estar, qualidade de vida, desenvolvimento em um sentido diferente, como uma forma alternativa ao modelo convencional. O agricultor familiar irá nos fazer compreender que desenvolver, crescer, expandir, deve ser feito apenas no intuito de ser capaz de cumprir com aquilo que você detém em suas mãos, como responsável por aquela terra que você maneja.

Em todas as propriedades que compõem esta pesquisa, foi observado que os agricultores se colocam em uma posição consciente e de grande responsabilidade, no qual a percepção de muito para eles é poder ter o suficiente, aquilo de que eles precisam. A concepção de crescer dialoga com possibilidades de melhorias para si e para o próximo, não perdendo a qualidade, e se colocando sempre e atenção para aperfeiçoar os processos de forma mais natural possível que envolve a variedade de culturas produzidas por ele. Por isso em todas as propriedades visitadas, a diversidade e qualidade dos alimentos é algo constante, e que aí está o valor do desenvolvimento do trabalho deles enquanto agricultores, que os permite distribuir os alimentos a fim de lhes gerar renda, mas sempre atentos na preservação da natureza, nos limites da terra e de seu ciclo de resposta e recomposição.

Sobre a questão da diversidade de seus alimentos e os processos de certificação, o que os agricultores produzem e como distribuem, A1 comenta hoje em dia para escoar sua produção, é preciso ter certificado de que seus produtos são agroecológicos:

[...] Hoje pra vender, tem que ter certificado de agroecologia. O quadro da cooperativa vai ser só planta agroecológica, não vai mais ter como entregar para eles, sem o certificado. Quem não estiver organizado, não vai entregar [...] Eu preciso complementar minha renda com a agricultura. Porque a gente tem as continhas, se quer ter uma vida melhor, vai ter que trabalhar com pouco para inteirar né, pra cobrir o que a gente precisa. Só a aposentadoria não vive, daí não pago minhas continhas. Pra pagar os investimentos que fiz no barraco [...] (A1, 2019).

O agricultor mostra que só precisa produzir para que ele possa arcar com suas despesas que fez investimento para construir o barracão, algumas contas do mês, porque só a aposentadoria não vence pagar. Porém ele mesmo tendo contas fixas para pagar no mês, ele produz somente o necessário para ter uma renda extra para ajudar nas suas contas do mês, ele



não quer expandir mais sua produção, ou crescer, o que ele tem é suficiente para ele pagar suas contas e viver tranquilamente. Mesmo que passe por alguns desafios e obstáculos na agricultura, como por exemplo: só pode vender nas organizações, se ele tiver certificado, e tudo isso é muito burocrático e custoso para fazer. Além disso, comenta a necessidade de ainda manter-se na agricultura como forma de complementar a renda.

No caso em tela, o agricultor tem o certificado, porém, relata as dificuldades em obtê-lo:

[...] essa nossa produção, que nós estamos cadastrados, ela um mês da venda, outros dois de repente perde, daí pega duas três semanas de feriado, esse é o problema. Então não pode parar, vamos ver que vai melhorando. Porque a gente perdeu de distribuir para as merendas do estado. Foi perdido tudo a licitação porque a cooperativa não tinha o quadro do que precisava para poder pegar tudo, então pegaram só o mínimo. Não dá pra desistir, porque a gente já sabe lidar com a terra, daí plantamos e produzimos, mas tudo na medida certa [...] Hoje mesmo o que eu vendo é pra feira ou na cooperativa, na Provali, assim realizado a distribuição dos alimentos [...] (A1, 2019).

Em relação ao que o A2 produz e distribui ele diz:

[...] de frutas nós produzimos para comercializar: pêssigo, caqui e uva, a gente tem morango, e nós plantamos um pouco de verdura lá dentro da estufa: alface, tomate, nós estamos com uns 200 pés de tomate. E o tomate, a gente estava pensando em ir para estufa, porque fora não dá, o orgânico fora, não vai. Porque o tomate ele produz bem fora, mas é veneno puro. Passou uma chuva, tem que passar veneno. Na estufa, não, nós só colocamos a escadinha. Mas agora, graças a Deus, nós estamos terminando nossa casa. O cupim nos expulsou da casa, porque era de madeira. Daí teve que fazer esta casa que estamos hoje, então agora está terminando e queremos ver se damos uma saída, uma esticada, por que só trabalhar só trabalhar a gente se mata [...] (A2, 2019).

O A2 vende seus produtos através da visita de seus clientes em sua propriedade que colhe as frutas direito do pé, um projeto que ele desenvolveu: colhe e pague. O cliente vai até a propriedade na época sazonal da fruta, e colhe, por exemplo, pêssigo direto do pé. Ele também produz conservas, geleias de frutas, que ele faz com os alimentos que produz. Ele também está satisfeito com o que produz com o que vende, e não quer crescer ou desenvolver mais. O que

eles vendem já é suficiente para eles, porque se fossem aumentar exigira mais mão de obra e trabalho.

O A3, além de ser agricultor e ter parte de sua produção voltado para atender seus clientes que vão até sua propriedade colher direto da terra e comprar, ele também distribui pelo projeto Cesta Solidária do CPRA. No contexto mais recente, sua filha e genro estão desenvolvendo o turismo ecológico/rural, abrindo um espaço para caminhadas pelas trilhas, possuem espaços de lazer e entretenimento na propriedade, com trilhas ecológicas, relógio do corpo e saúde com plantas medicinais, container onde vendem seus produtos direto da horta, compotas de doces, geleias, bolachas, refeição feita com os alimentos que eles produzem. Eles também distribuem através da merenda escolar, apesar de tal processo estar sendo revisto no contexto no município no qual se localiza a propriedade:

[...] bom... nós tínhamos até então, agora esta semana nós vamos, resolver, definir, a merenda escolar, que há muitos anos eu entrego. Prefeitura daqui do município junto a Emater [...] e nós tínhamos participado muito tempo eu e minha esposa, de feiras, tínhamos uma feira no centro do município de Quatro Barras, ali foi tradicional, a gente fez ponto ali, e vendemos também no final de semana aqui, a gente sempre coloca produtos agroecológicos no container né pra vender, e as cestas, e tem pessoas que vem aqui que fazem questão de vir aqui colher, que gostam[...]. (A3, 2019).

Abaixo segue foto do relógio medicinal do corpo humano e a área de lazer, container no qual vende seus produtos e recebe consumidores em sua propriedade:

**Imagem 12** - Relógio Medicinal do corpo humano da propriedade do A3



**Fonte:** Autoria própria (2019).

**Imagem 13** - Produtos da propriedade do A3, vendidos no Container amarelo



**Fonte:** Autoria própria (2019).

**Imagem 14** - Container amarelo, onde o A3 recebe clientes e vende seus produtos.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

**Imagem 15** - Turismo Ecológico, passeios realizados na propriedade do A3.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

Outro aspecto que chamou a atenção foi quando o A3, disse que na propriedade dele, eles produzem de tudo um pouco, mas tudo com qualidade, com sabor e com o formato natural que a terra dá, diferente da agricultura convencional. Os mercados buscam um alimento esteticamente bonito, aparentemente viçoso, saboroso, “perfeito” de fornecedores do

agronegócio que produzem em escala. Como exemplo, a família relacionou com o cultivo de pêssego:

[...] Bom, eu adoro pêssego, a vida toda adorei pêssego, hoje eu não como mais, há muito tempo eu não sei o que é comer pêssego, porque os pêssegos são bonitos, é bom pra foto, mas com veneno não tem gosto. Então olha aqui o pêssego, o moranguinho, a maçã, o tomate, o pimentão, isso ai só é produzido à base de adubo químico, de veneno. É veneno em nosso organismo. A beterraba daqui da minha horta, a gente tira, lava, e larga dentro do prato e corre aquela água vermelha, vermelha, coisa mais linda [...] (A3, 2019).

[...]GA3: Mas a agricultura convencional está mais preocupada com a estética do que com a qualidade e segurança dos alimentos. Se o alimento não é perfeito pra foto, não é padronizada, produção em série, não serve. Agronegócio, tudo mesmo tamanho pra ter o melhor retorno, e isso e aquilo. E o MKT que eles produzem é isso, o vistoso perante uma propaganda na televisão, não tem nenhuma relação com o saudável, mas eles vendem esta imagem de nossa, olha lá, vou comprar porque é gigante essa cenoura, só que meu amigo, não tem vida, nem sabor, só veneno [...] (A3, GA3 e FA3 2019).

[...]FA3: Verdade, mas nossos produtos são de primeira qualidade. Bom, complementando sobre nossa distribuição, a gente também entrega em condomínios em Curitiba, divulgando tudo pela rede social, eu vou entrando em grupos, que nem eu estou no grupo de alguns prédios daqui eu divulgo o que tem, eles pedem, e a gente leva. Geralmente a gente faz 2 x por semana, mas eu aproveito a ida pra ir buscar as crianças. Também oferecemos Turismo rural, piscina, área para churrasco, container amarelo com venda de nossos produtos[...] (A3, FA3, 2019).

Eles buscam sempre aprimorar e melhorar aquilo que eles já vêm realizando, buscando sempre investir em sua propriedade para ser um espaço de contato entre o consumidor e a natureza, em ter acesso ao turismo rural, paisagem, ar puro, trilhas ecológicas.

O A4 irá corroborar com o mesmo aspecto relativo ao agronegócio, justificando que além de buscar apenas crescer, desenvolver sua plantação de forma ilimitada, há uma pressão da questão estética dos alimentos e se desfazer daquilo que não está no “padrão”. Também irá apontar como a falta de informação e conhecimento do que é de fato agroecológico e saudável, faz o consumidor comprar alimento com agrotóxicos. Porque o consumidor buscando comprar aquilo que esteticamente mais bonito, que vem um nome chamativo na embalagem, que é o caso dos alimentos hidropônicos, leva o consumidor pensar que está comprando um alimento orgânico, agroecológico, quando na verdade, ele está consumindo veneno:

[...] tem gente que consome puro veneno. É uma coisa que todo mundo confunde o orgânico com o hidropônico. Ah! Porque a fruta é mais bonita, e não leva em conta o selo que deveria ser mais importante. O orgânico tem que ter o selo. Tem que ter o certificado do orgânico, tem a Tecpar, Ebd etc.. Em relação ao hidropônico que o povo acha ser agroecológico, sabe por que eu falei isso pra você? Porque eu fui ao mercado um dia e ouvi a mulher falando, ah eu estou comendo orgânico! E como eu sou produtor eu falei: deixa falar uma coisa pra senhora, isso não é orgânico. Mas como não é orgânico? Ela disse. Eu respondi: Não é, isso é hidropônico, isso ai é produzido numa estufa dentro de um cano de água química. Eu expliquei pra mulher. O orgânico, agroecológico é esse aqui que tem o selo aqui, EBD, TECPAR, etc. É que chega ao mercado tudo misturado né[...] (A4, 2019).

Em relação à ideia de crescimento, desenvolvimento, o A4, produz muito na ideia de atender as demandas do projeto Cesta Solidária, e está satisfeito com o tamanho de sua propriedade, com a variedade dos alimentos que ele produz, e diz que este projeto aproxima o produtor do consumidor, permitindo que eles se mantenham no campo, e do trabalho de suas mãos:

[...] Eu vendo meus produtos através de um projeto que oferece uma garantia para o produtor, para ter um planejamento de produção para venda, não produzir mais que o necessário. E a outra coisa é que não tem atravessador. É o produtor, versus o consumidor. O produtor ganha um pouco mais e o consumidor paga um pouco menos. Porque a minha intenção é ficar com as cestas, só que eu ainda não consigo, porque chega essa época do ano (final de ano) o pessoal cai fora e eu tenho conta pra pagar. Por que é um projeto muito bacana, já faz três anos que estamos neste projeto, e isso me ajudou para eu produzir aquilo que sei que irei vender através dos pedidos da cesta, nada em excesso, mas existem algumas perdas quando o cliente acaba não comprando as cestas por conta de férias, ou viagens [...] (A4, 2019).

A imagem abaixo mostra as cestas solidárias, com alimentos que foram produzidas para venda, da propriedade do A4:

**Imagem 17** - Cesta Solidária vendida pelo A4.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

**Imagem 16** - Morangos produzidos pelo A4 que compõe a Cesta Solidária.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

Antes do A4 fazer parte deste projeto de Cesta solidária do CPRA, realizava as entregas para uma chácara de associação que repassava para os mercados:

[...] eu entregava lá para a empresa x, que é outra empresa que é atravessador. Só que o que acontece, as pessoas não valorizam o produtor. O valor tem de lá pra frente, entendeu. A parte pesada ganha menos. Quem ganha mesmo é o atravessador com o mercado. O produtor que produz ganha menos. Que nem a carne agora, tá cinquenta conto o quilo da carne, mas quem ganha é o mercado e o açogue. Aquele que tá produzindo, que tá lá com o boi e faz a coisa não ganha nada [...] (A4, 2019).

Assim é possível perceber que a agricultura agroecológica se opõe à agricultura convencional, como menciona A4. Pois o produtor de uma agricultura alternativa está preocupado em cultivar vida, saúde, qualidade, variedade, mas para isso é necessário um trabalho pesado, de zelo, de cuidado da terra, preservando o solo. E muitas vezes devido o

consumidor estar mais atento a sua saúde, qualidade de vida, busca por produtos que ele sabe a origem, que são agroecológicos/ orgânicos. Porém a falta de incentivo e valorização por parte dos consumidores, e por ter atravessadores que encarecem seus produtos, o consumidor acaba acreditando na falácia que alimentos orgânicos são mais caro.

Por isso, o A4 diz que esta aproximação entre produtor e consumidor é importante porque é onde ele verá que está adquirindo um produto de qualidade, saudável, livre de agrotóxicos e por um valor justo. Comprar alimento convencional além de conter muito veneno, seu valor de venda não é muito diferente se comparado com o valor do alimento agroecológico, sem contar que os benefícios em adquirir produtos advindos das mãos dos agricultores agroecológicos, além de contribuir para a permanência deles no campo, traz saúde, segurança e contribuição para a preservação da natureza.

Nesse sentido, o CPRA desenvolveu este projeto para aproximar o consumidor do produtor, de poder adquirir alimentos saudáveis de formas democrática e segura. O C4, colaborador do CPRA, irá dizer que objetivo do projeto da Cesta Solidária é democratizar a alimentação e combater a falácia de que alimentos orgânicos e agroecológicos são caros, favorecendo o acesso.

O A4 irá dizer que muitas coisas melhoraram graças a este projeto, pois aumentou a variedade de sua produção, aumentando assim seu ganho, e depende da época, ele consegue ter mais opção para seus consumidores e para o autoconsumo:

[...] depende da época, que nem agora, começa a vim agora a safra de verão que começa a ter agora, começa a ter as folhagens que é o normal, as alfaces americana, crespa, roxa, italiana, rúcula, espinafre, tomate cereja, tomate amarelinho, vagem, pepino, pimentão, abobrinha, quiabo, batata doce, milho verde. Dependem da época, as culturas né. Além da cesta eu, até entrego também em agro fornecedor, restaurantes, têm o PA né agora vai começar também, que é o ambiente escolar. Mas o principal é a cesta, o carro chefe [...].

Sobre esta questão se o agricultor pretende aumentar a produção, desenvolver mais sua propriedade para poder distribuir mais e ter mais renda, o A5 irá dizer que:

[...] é na verdade, a gente comercializa bastante, hoje a gente alimenta famílias, cerca de 90 famílias através da cesta solidária. [...] Abandonamos todas as outras formas de comercialização, a gente deixou de trabalhar com fornecedor faz dois anos, foi

prazeroso e produtivo, mas foi bem corda bamba, qualquer coisa que acontecesse fora do caminho a gente se perdia. Máquina quebrava, ficava parado, etc. E a gente produz em larga escala porque se for ver, porque 90 cestas por mês é a maior produção deste projeto de cestas solidárias que tem, e somos os mais novos também[...] (A5, 2019).

Ele salienta que apesar de alimentar mais de 90 famílias, produz para atender esta demanda, considerando um certo limite:

[...] Porque a gente comercializa só se for pra vender bem? Para bancar os custos? Não, a gente quer ter recursos para investir, em pés de frutas, tecnologia para as pessoas seguirem esse sistema. A gente está desenhando equipamentos pra poder levar para um engenheiro mecatrônico, a gente ainda não tem condição para isso. Quando a gente tiver recursos financeiros, a gente não vai guardar pra comprar uma casa na praia. A gente não vai guardar pra comprar um carro de 200 mil, a gente quer investir em recursos que vai gerar mais recursos. A gente vai gastar recursos para gerar mais [...] tudo que a gente tem de sobra de dinheiro é investido na agricultura sintrópica, não tem outro investimento, é para pesquisa[...] (A5, 2019).

O A5, ira apontar que o agronegócio parte de um pensamento oposto ao dos agricultores familiares agroecológicos, no qual seu foco principal é dominar a agricultura, expandir, crescer, desenvolver de forma ilimitada, sob esta perspectiva ele irá dizer:

[...] porque olha a soja domina o Brasil, oitenta e sete por cento da soja é vendida pra china, a gente não fica nem com dois por cento da soja que a gente produz. E porque a gente vende tanta soja para china, pra eles alimentarem frango, gado e suíno confinado. A gente tá financiando sofrimento animal, a gente tá financiando sofrimento humano, porque o ser humano depois come esse animal podre, porque aqui do lado tem produtor de soja que a cada quinze dias passa veneno e essa soja vai lá pra china o frango vai comer e o pessoal vai comer esse frango, a gente tá financiando isso. Porque a gente não planta fruta, porque a gente não planta feijão, comida? Ninguém mais planta isso, só plantam commodities. Só que as commodities não vão dar futuro pra gente, vão dar obras agora, pontes, asfaltos etc.. A gente não precisa disso, a gente tem que ter nossa tribo nossa aldeia e viver desse lugar e não sair importando coisas. Se a gente está precisando importar coisas é porque a gente não está sabendo usar o que têm na mão. E quem está pagando por tudo isso é a natureza, todos os seres vivos, a gente junto, só que a gente não percebe, a gente tá dando um tiro no pé, anestesiando o pé sem perceber, só que continua dando tiros. Aplica anestesia, e continua dando o tiro [...] (A5, 2019).

Sob este aspecto o A5 ainda discorre que no início eles estavam lutando para se manter no campo, e com a mudança para a agricultura, o cônjuge deixou de trabalhar na cidade, e passou a trabalhar no campo junto ao A5. Este modelo ainda é carente de estrutura ou políticas públicas que propiciem isso, que coopere com o AF, os ajude, dê suporte. Pois para que haja



uma perspectiva de permanência do campo, sucessão é preciso dar condições de acesso e permanência no campo. Pois o início da mudança da cidade para o campo do A5, não foi uma tarefa fácil, e sim muito árdua, de persistência, de muita vontade mesmo de tentar viver do campo para poder acreditar e fazer dar certo. Pois se você depender de políticas públicas, outras organizações, apoios financeiros para o agricultor familiar, ele estaria ainda lutando para migrar para o campo:

[...] no início a gente estava com a aquisição financeira dos peixes e carneiros, tudo muito corrido né, e também meu cônjuge tinha que trabalhar no pedágio pra dar um apoio. Porque, realmente nós dois não íamos conseguir se sustentar só disso no início. Quando a gente mudou pra agricultura a gente mudou radicalmente, minha esposa parou de trabalhar no pedágio, porque também a nossa filha nasceu né então, a gente decidiu que não íamos colocar na mão de creche a educação da nossa filha. Ela dedicou maia a cuidar de nossa filha e eu comecei a me esforçar mais aqui para o sustento. Assim a gente poder ficar com ela e não ver ela no fim do dia depois da creche, voltando cheia de conflitos porque as crianças hoje estão sendo muito mal educadas né e a gente não consegue limitar isso na creche, isso contamina [...] (A5, 2019).

O A5 demonstra uma preocupação muito grande em relação à educação de sua filha. E essa relação com a dimensão aqui apresentada, se revela no sentido de como a educação pode mudar a mentalidade das pessoas quanto à consciência sobre a necessidade de preservar o planeta terra. De acordo com o A5, a gente tem muita responsabilidade de criar um ser ético, justo com o planeta:

[...] Quando ela nasceu à gente migrou para parte da agricultura né. No início, claro, mesmo com dificuldades, conseguimos nos sustentar de forma independente. Nunca recebi salário de ninguém aqui. Mesmo que a propriedade não seja nossa, agradeço a Deus, por meu pai ter me deixado fazer o que eu quiser aqui. Mas nunca que eu recebi um salário alguma coisa assim. Ele só falou: faça o que você quer. Para mim é um privilégio enorme, porque onde que eu ia conseguir adquirir uma propriedade de vinte e quatro hectares, isso hoje em dia é meio milhão e isso seria impossível pra mim [...] (A5, 2019).

Um ponto nevrálgico na fala do A5, é que ele teve o privilégio e a oportunidade de receber autorização de seus pais para utilizar a terra que é da família. E aponta também outra questão importante da dificuldade do iniciar na agricultura, especialmente pela ausência de

suporte de organizações sejam públicas ou privadas que auxiliem os agricultores a permanecer no campo:

[...] Foi sofrido nosso início de comercialização, porque foi produzir alimentos orgânicos pra vender para o mercado municipal em Curitiba. Conseguimos sobreviver, a gente tinha nossa renda, conseguia pagar as contas, mas numa corda bamba absurda. Qualquer coisa que acontecesse no meio do caminho, maquinário quebrava já ficava parado, não tinha dinheiro pra consertar. Foi bem complicado, porque a gente estava lidando com atravessador e o agricultor quando lida com atravessador ele fica numa berlinda para o resto da vida. Ele vai ser o que menos vai receber e o que mais vai trabalhar [...] (A5, 2019).

Mais uma vez aqui nota-se como é precioso e árduo o trabalho e modelo alternativo de produção do agricultor familiar agroecológico. Há todo um processo de trabalho que envolve o, estudo, busca por conhecimento a respeito do solo que ele tem e como produz treinamento, tudo para que ele possa ofertar qualidade e um alimento seguro para sua família e seus consumidores.

Para tanto o A5 irá dizer como é realizado uma agricultura baseada na qualidade e não no gigantismo atrelado ao modelo convencional. Para o agricultor pessoas não são números, a terra não é mercantilizada e seu trabalho, dimensão que será mais adiante retratada tem um valor que ultrapassa a lógica utilitarista e instrumental. A relação campo- cidade mais uma vez é evidenciada:

[...] Para as pessoas receberem as hortaliças frescas sete ou oito horas da manhã na feira, o produtor tem que sair três horas da manhã da propriedade, para daí entregar, porque as propriedades são duas horas longe da cidade né onde conseguimos comercializar. Pra chegar às três da manhã, preciso colher de noite, não posso colher na hora do sol, uns brócolis, alface ou couve flor, começo colher oito horas da noite, ficava colhendo até uma da manhã às vezes duas pra sair três horas da manhã, um absurdo e receber uma miséria. Recebia oitenta centavos num alface, num brócolis, pra eles venderem a seis sete reais no mercado municipal. Não julgando o atravessador ele realmente tem que ganhar pra bancar a estrutura que tem, pra bancar os funcionários que ele tem, mas o que a gente tem que mudar é essa conscientização da relação que a gente tem com a nossa comida. O cliente não pode mais querer ficar pegando de atravessador. Temos que achar uma forma de o cliente chegar até o produtor direto [...] (A5, 2019).

[...] -Porque o atravessador quer ganhar em cima. Vira um produto só de alta classe, porque quem vai pagar sete reais num brócolis, só alta classe. Sete reais é um quilo de feijão. A média, baixa renda vai comprar o feijão. Porque no mercado municipal era tudo muito desvalorizado, a gente ganhava muito pouco, muita concorrência, se

chegava outro produtor lá na porta, e entregasse dez centavos mais barato, o cara já parava de pegar de mim. Então uma coisa muito desleal [...] (A5, 2019).

[...] Tinha semana que o cara pedia quarenta brócolis, outra semana duzentos, e eu sempre plantava pra mais né, a então vai me pedir toda semana duzentos, outras semanas pediam quinze e eu perdia tudo isso. A demanda está na mão dele, a oferta não cabe a mim. Então isso tudo ficou muito complicado. O que melhorou muito foi quando a gente achou um projeto que desviou esse atravessador, que é o projeto do CPRA, cesta solidária que faz essa ligação, consumidor-produtor. Porque é inviável eu sair de TIJUCAS pra entregar numa casa em Curitiba, eles acham instituições, empresas, colégios ou qualquer coisa que tem um volume de pessoas. Deixando claro que tem que ser um mínimo de trinta pessoas solicitando a cesta para compensar para o agricultor a ida dele a cidade. [...] O projeto solidário é maravilhoso. Tem um plano mensal que o pessoal paga para receber quatro cestas toda semana uma cesta com produtos frescos sem veneno [...] (A5, 2019).

Com o projeto Cesta Solidária o agricultor consegue planejar a quantidade de sua plantação, sem desperdício sem produzir para acumular ou em excesso para vender mais caro. O valor dele não altera porque ele prevê o que pretende plantar mediante uma demanda pré-estabelecida pelo consumidor:

[...] Esse projeto é maravilhoso para nós porque o que acontece, se a gente tá atendendo noventa cestas a gente sabe que tem que ter noventa brócolis toda semana pra ir à cesta. O que a gente planta de excesso vai para nossos animais e não tem problema. E no mercado municipal não poderia ir para os animais. Então seria um gasto muito excessivo que a bandeja não é barata, a semente não é barata, o preparo do solo não é barato. Se estiver tendo desperdício, você tá tendo que explorar seu solo mais, e você não precisaria se fosse uma comercialização mais justa. Então essa cadeia com atravessador, que desperdiça alimento em sua banca, não é nada digna com a natureza, então a gente tem que mudar a forma de ter o nosso comércio [...] (A5, 2019).

[...] a gente conhece o nosso mecânico, a gente conhece nosso médico, nosso professor, mas não conhece o agricultor, e o agricultor que abastece a base primária. Você tendo um agricultor bom, você não precisa de médico, você não vai precisar de um dentista. Então a sociedade não conhece o agricultor que é responsável pela nossa saúde. E a agricultura familiar, claro que setenta por cento é bastante, mas a gente tem que mudar o método de fazer agricultura familiar, a gente tem que fazer agricultura familiar baseada em solo vivo, em agricultura sintrópica, porque hoje a agricultura familiar é muito degradante pro meio ambiente, pelos princípios e valores que a gente trouxe já lá da Europa, que a gente pratica a mesma agricultura que a gente praticava lá e deu errado e continua teimando achando que vai dar certo, nunca vai dar certo [...] (A5, 2019).

Aspecto salutar encontrado na fala do A5, é a influência da visão eurocêntrica que acabou por culminar na degradação do solo vivo, e buscando por um desenvolvimento ocidental, amparados pelo avanço e modernização da economia, exauriu a terra, e tem demonstrado degradação ambiental alarmante.

Quando busca atender apenas o mercado, sem observar os processos, forma de comercialização, sem planejamento, sem pensar nos desperdícios que este modelo de produção e comercialização hegemônico onde afasta o produtor do consumidor, acabamos por escavar um caminho inevitável que coloca em risco nossa própria existência.

Nesse sentido, o A5 discorre sobre a importância de planejar sua produção, para que o crescimento dela esteja atrelado apenas a uma demanda justa e programada, sem desperdícios. Se o consumidor passa a ter este contato direto com o produtor, sabendo de onde provém os alimentos que chegam em sua mesa, além de ser uma comercialização mais justa para ambos os lados, também coopera com a natureza, com a saúde do solo e a saúde de todos. Na medida em que o A5 diz que através desta nova forma de distribuição e desenvolvimento de sua propriedade, ele consegue viver mais tranquilo, o que nos aproxima do que é bem estar de acordo com considerações que o BV traz, oposta ao que o bem estar ocidental prega:

[...] hoje a gente consegue viver mais tranquilo, investindo um pouco mais. Hoje não tem caminho melhor para o produtor do que este. Conseguir essa independência do atravessador, não é fácil realmente. O CPRA veio com esse brilho pra gente e isso foi muito bom. Então quem é aqui da região e consegue se comunicar com o CPRA eles conseguem achar instituições, colégios para o produtor que quer fazer parte. Claro tem que produzir orgânicos, convencional né e até ecológico, não é tão restritivo, porque os produtores orgânicos conseguem entrar na cesta solidária. Só que daí o grupo que você formar vai saber se você é só um produtor agroecológico. A gente que planta como agricultura sintrópica é muito valorizado por nossos clientes, se a gente plantasse só orgânicos eles iam falar legal tem alimento orgânico. Mas eles não iriam saber que nosso alimento é de solo vivo, de setenta nutrientes, não de cinco que é o que o esterco do animal tem, entendeu? E também o CPRA não pode pegar só produtor agroecológico porque senão ele ia ter somente um ou dois produtores, porque não tem mais quase ninguém né [...] (A5, 2019).

O A5 atualmente produz uma variedade de culturas em integração agroflorestal baseados na agricultura sintrópica:

[...] Hoje a gente produz questão de hortaliças raízes grãos, comida a gente produz de tudo no geral. Tudo né, alface, rúcula, rabanete, brócolis, couve flor, cenoura, beterraba, berinjela, pimentão, milho, feijão, tomate, pepino, batata doce, mandioca, inhame. Tudo que é possível. A gente planta de tudo. Ah mas porque a gente planta de tudo, pra vender mais? Não, nosso foco, claro é mais variedade, muito bom poder oferecer mais diversidade pro nosso cliente. Ter a maior variedade possível de alimento pra nossa família, consequentemente, se eu tiver de sobra, vende-lo. E por isso que a gente planta de tudo pra gente poder se nutrir de todas as formas possíveis, e poder ter todos os nutrientes no nosso organismo [...] (A5, 2019).

Na agricultura sintrópica, a gente faz desenhos onde a gente consorcia fruta, madeira, e castanha de forma harmoniosa e os espaçamentos corretos, a fruta vai estar numa parte baixa, a madeira na parte média alta e as castanhas na emergente, lá em cima [...] Olha a gente vai ver futuramente o que que vai valer a pena. Não é assim acabou a madeira, acabou a floresta. Na agricultura sintrópica a gente trabalha com sucessão das culturas, você tira uma e já está vindo outra. Então há uma diversidade plantada. [...] Não é de forma exploratória, é uma madeira que está gerando recursos, não uma madeira que está tirando recursos, como as que estão derrubando a floresta para retirar a madeira. (A5, 2019).

Abaixo imagens dos alimentos variados produzidos na propriedade do A5 que compõe as cestas do projeto Cesta Solidária:

**Imagem 18** - Alimentos produzidos pelo A5, que compõe a Cesta Solidária para os clientes.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

**Imagem 19** - Repolho produzido pelo A5, alimento que compõe a Cesta Solidária para os clientes.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

O A5 mostra muita preocupação com o conhecimento, deter as ferramentas e informações necessárias relativas ao seu método de plantio. Pois ele acredita que se manejar a terra observando o que a própria natureza faz, plantando tudo junto e variado, ou seja, culturas diversas, junto ao sistema agroflorestal, seus frutos retornarão com maior qualidade e produzirá alimentos ricos e saudáveis. Abaixo temos o modelo de produção do A5, a partir do consórcio entre olericultura e árvores:

**Imagem 20** - Agricultura Sintrópica- plantação de árvore e olericultura em consórcio, na propriedade de A5.



**Fonte:** A autoria própria (2019).

Nessa tríade das dimensões do Bem Viver, também verificamos o que seria bem-estar e qualidade de vida a partir das lentes do agricultor familiar, conforme especifica A1:

[...] É o Bem estar você vive tranquilo né. A gente tentar produzir para que tenha um pouco de renda né. Porém com limite pra poder viver tranquilo com qualidade de vida [...]tem que produzir as coisas natural sadio, pra gente poder passa pro outro o

que é bom.[...]a gente faz a da gente, agora os outro também tem que fazer um pouco né. Porque a maioria não enxerga esse lado, da qualidade dos alimentos que a gente produz, não entende dessas coisas. Ele chega lá pra comprar um pé de alface, ele quer aquele mais bonito, ele não quer saber se é orgânico, agroecológico, como é que foi produzido aquilo, só quer a estética dos alimentos e ele não sabe que tipo de produto foi usado, nem nada. Pra mim qualidade de vida e bem estar é poder saber que produzo alimentos saudáveis que farão bem pra mim e pro meu cliente, tendo um pouco de renda e viver tranquilo [...] (A1, 2019).

Para o A2, bem-estar e qualidade de vida remete aos tempos de antigamente quando as pessoas viviam mais tranquilas, sem a pressão do tempo, de produzir e trabalhar muito:

[...] veja bem, a gente vem de uma família que nós somos dez irmãos vivos, minha mãe teve quatorze. Naquela época não tinha televisão, nós fomos criados assim, com a natureza. Nós fomos criados brincando no lago sujo de barro. A gente ia pra roça com o pai. Nós só estudamos até a quarta série. Então a gente chegava da roça onze horas, quando chegava à roça estava começando a clarear o dia. Cada um com a enxadinha nas costas, que era com a enxada que a gente usava. Era aquele método mesmo, natural. E daí a gente esperava a roça clarear o dia. Daí quando dava onze horas íamos embora. Primeira coisa que a gente fazia quando chegava em casa era se enrolar na lama, onde os porcos estava se enrolando. Olha que coisa de criança, hoje em dia Deus nos livre filho da gente. Daí tinha um trem de água, que depois da lama a gente se jogava no tanque. Nosso banho também não tinha um chuveiro em casa nem nada, nosso banho era lá no rio, no mato, no tanque mesmo. Tomava banho pra ir pra escola, à tarde. Mas era assim a nossa vida era tudo natural, tudo natural. Era rapadura, açúcar mascavo, tudo coisa feita ali com a própria mão da gente sabendo que a gente estava comendo saúde. E hoje em dia não. O açúcar e o sal não dão nem pra falar das nojeiras que contam pra gente nas produções de açúcar [...] (A2, 2019).

Para o A2, ele diz, é claro que é importante você produzir, para gerar renda, e você ter como se manter, como viver, a gente precisa disso, mas isso não deve ser o foco das nossas vidas, viver apenas para ter cada vez mais:

[...]a gente precisa de ter, porque, como você vai viver se não ter alguma coisa. E que nem eu estava contando da história do meu pai, daí doze filhos, o que eles faziam, o meu tio tinha um armazém, ele puxava o ano inteiro. Ele criava porcada, no mangueirão fechado só tratado a milho. Mas ele trabalhava praticamente pra gente comer. Ai que está a parte do acumulo, ele nunca acumulava, nunca tinha sobrando. A ideia dele era ter para satisfazer a família. Que não deixasse a família com fome que era essa a parte dele. Bem diferente dos dias de hoje. Qualidade de vida hoje é ter o necessário, se fosse pra falar. Não precisa ser nada em excesso e prejudicando até às vezes as pessoas [...] (A2, 2019).

Para o A3:

[...] Bem estar, não tem nada a ver com ter um celular de última geração ou ir ao maior mercado ou no maior shopping, isso não é bem estar e qualidade de vida. [...] FA3: Bem estar é ir lá ao final da tarde tomar um chimarrão lá na sombra. [...] A3: é a gente sentar lá no container depois da gente tomar um banho, sentar, conversar, colocar em dia os assuntos da família, tomar um chimarrãozinho gostoso. Olhando uma paisagem maravilhosa, os passarinhos [...] Nós colocamos assim potezinhos para dar água para os beija flor, pote pra dar comida pros pássaros, tanta sementinha com frutas e nós estamos ali oh, é um paraíso, eles chegam, chegam a centímetros das pessoas. Então eu acho que isso aí é bem estar [...] (A3, 2019).

Para o A4:

[...] significa ser mais tranquilo, você não ficar com aquela correria do dia a dia que você, como diz, vivesse um pouco mais, mais tranquilo, porque hoje em dia, o pessoal, só corre, corre e estão se esquecendo da vida, sair. Que nem eles falaram, eu não consigo sair de casa quase, e vamos supor assim, chega a fazer um pouquinho só no domingo. Que depois o que acontece, você vai plantar uma verdura, tem que molhar, porque tá sol. Tem que aproveitar todo o processo daí fica com pouco tempo de saída, pra gente sair, passear mesmo é só no domingo. Eu queria que ficasse, saísse um pouco mais, sabe. Aproveitar um pouco mais a vida, mas o bem estar é muito bom se tivesse mais, e ficar mais tranquilo, menos correria, sabe por que eu queria que fosse assim. Não ficar aquela correria, menos dor de cabeça [...] (A4, 2019).

Para o A5:

[...] A gente pensa que a gente é dono do sistema digo o meio ambiente e tudo. Não, a gente faz parte de um sistema e não é dono. E porque a gente tem a miséria, porque a produção da agricultura está na mão do grande produtor, você vai andar aqui e você não vê pequeno produtor. Não julgando essas profissões, mas um vizinho é pedreiro, o outro é frentista do posto e todos têm áreas rurais, mas ninguém mais planta comida, o pessoal só planta commodities, soja milho. Etc. E pra que, pra vender pra outros países para fazer obra. a gente precisa de comida, bem estar e qualidade de vida, essas obras são para que, desvio de dinheiro, essas mil coisas chata, absurdas. A gente tá arcando com isso, não podemos deixar o governo dar risada da gente desse jeito, a gente não quer obra, pessoal, a gente quer qualidade de vida, e comida boa (A5, 2019).

[...] É muito nítido esse lado ocidental, que está sendo ridículo né. Estão pensando que a felicidade é mesmo o externo, conquistar bem material, ostentá-los, sendo muito extravagante, queremos nos mostrar e não sei o que.[...] então não tem como ele ter um Bem Viver. E o que ele vai necessitar pra ser feliz? Milhares e milhares de estímulos para migalhas de prazer. Os jovens são assim, tá todo mundo preso ao celular etc. migalhas de prazer. Este não é o real prazer. A gente pode ser muito feliz através de uma meditação. Então com certeza a gente pode ser feliz sim, mas com essa mentalidade do ocidental, a gente não vai conseguir ter uma felicidade sem



milhares desses estímulos. Uma hora esses estímulos vão se acabar. São coisas passageiras. E daí a gente se frustra quando não tem mais, daí cai nesses problemas psicológicos e muitas outras coisas [...] (A5, 2019).

Para o A5 bem-estar e qualidade de vida está vinculado a aspectos múltiplos, objetivos e subjetivos:

[...] O certo seria produzir comida pra família, sem excessivos, só pra sua tribo. Isso a gente vai alcançar se a gente não se extinguir antes. Se sobrar pessoas, acho que elas vão começar a aprender, e realmente como que tem que viver. Não vai produzir comida de tijucas e levar pra São Paulo. Ele vai perceber que não deu certo. Eu estou em Tijucas, vou produzir e comer o que tem aqui. Eu estou em São Paulo, vou produzir e comer o que te em SP. Não vai ter recursos para essa logística toda. Então esse é o Bem Viver, você dedicar todas suas energias não para seus recursos financeiros, materiais e sim para sua família, para sua tribo, para sua classe [...] (A5, 2019).

Sobre a dimensão que fala a respeito do Bem Viver, o indivíduo e a comunidade o A1 comenta que:

[...] não tem troca de produtos entre a comunidade de agricultores. E os vizinhos só alguns que já vem direito procurar a gente aqui. Primeiro a gente entrega pela fome zero, só pela agricultura familiar. A gente não perdia produto, porque entregava toda semana nas comunidades, na pastoral, nas associações de bairro. Toda semana levava uma viagem de alimentos. Uma essa semana entregava lá na igreja, então não tinha tanta perda. Agora só pela merenda escolar está difícil. Eu levo para ferinha, porque a fera ali vende pouquinho né, tem muito atravessador do Ceasa sabe, ai enche semana inteira, daí no sábado quem é acostumado com agente vem no sábado já vem procurar produto fresco, cortado na sexta feira pra vender no sábado [...] (A1, 2019).

A comunidade local vem à procura do produto do A1, pois o já conhece da feira, sem contudo, existir um processo estruturado de troca de produtos entre os agricultores locais. Contudo, evidenciam que em momentos de necessidade, há ações de apoio entre os agricultores.

[...] Ele já vem e procura né, daí vende o frango, sempre tem pra vender. Daí a gente conta com a aposentadoria né, esse ai é um salário né que chova ou vente, é só ir buscar né, chegou o dia ai vai lá e recebe [...] não por enquanto não, mas eu vendo ali, vendo em casa a turma vem pegar aqui vivo o frango, ou levo, é sempre assim [...] se tiver agora daí eles lidam meio com pouca coisa daí num tem troca ainda, é só pouca coisa que eles lidam, não tem troca em comunidade[...] e a gente não planta muito, é pouco, então produz sem nada de agrotóxico. E os clientes já sabe que aquilo lá já tem um monte de veneno, então ele vai pra cima daqueles que produzem como eu, agroecológico, que é organizado, orgânico como é pra ser né [...] (A1, 2019).

Para o A2:

[...] não temos troca de do que produzimos com outros agricultores locais, mas o certo seria fazer isso. A maioria do pessoal que faz feira faz isso. Mas nós não fazemos feira [...] (A2, 2019).

Para o A3:

[...] é, um tempo atrás vinha uma família com duas criancinhas e queria que eles colhessem ai eu dizia pode colher essa aqui. Daí colhiam cenoura, sim então nós atendemos também o público (comunidade) assim quando querem.

Em relação se há trocas de produtos entre a comunidade de agricultores, o A3 indica que:

[...] não, alguma coisa sim, nós temos um grupo de orgânicos que nos pertencemos né, e às vezes um supri o outro né, na falta de um a gente sempre conta com o outro. E tem o agricultor vizinho também, que nós arrendamos um pedaço pra ele aqui, ele planta, então a vezes ele precisa, ele vem aqui pega, as vezes nós precisamos, vamos lá pegamos também.

Um aspecto importante que se relaciona com a dimensão indivíduo e comunidade, é o que o A3 comenta ao mencionar:

[...] produzir de forma agroecológica não é só pensar em si como individuo, mas na família, no próximo, na comunidade e sociedade.

[...] Por questão familiar que a gente recebe de herança e pensando muito nos filhos né, coisa boa chegar os netos aqui, os filhos, e ter uma verdura, um frango caipira, porque nós no início investimos no frango orgânico, um projeto muito bom de frango orgânico e sempre pensando nisso ai né no bem estar das pessoas [...] (A3, 2019).

Em relação à qualidade de vida interligada com o bem-estar, o A3 aponta que:

[...] Bom qualidade de vida pra mim é a pessoa viver no meio saudável, é onde o ser humano possa compartilhar conviver junto, porque hoje está difícil. Tem pessoas que não tiveram uma educação básica, não tiveram uma orientação, não receberam esses valores, que eu aprendi com meus pais. Eu sentei estes dias com meus netos e comecei falar dos antepassados, quantas gerações passaram até eles nascerem, e eu digo assim, vocês sabem que vocês podem nascer uma criança e ter o DNA, e ter virtudes, defeitos, traços de um antepassado que viveu a 100 a 200 anos atrás, isso pode ser transmitido. E as vezes a gente olha pra uma criança e diz eu não sei quem tu puxou, que tu faz isso, faz aquilo, daí explicando com eles, a melhor coisa que a gente recebe da família, a melhor herança que existe é a educação, é o respeito, né,

são essas coisas aí oh que hoje está faltando muito. [...] A convivência entre as pessoas. [...] então às vezes eu fico meio abatido, eu digo assim: ah estou precisando visitar uns parentes pra trazer um pouco daquela coisa boa que não existe mais, então isso aí eu acho que é fundamental, vem de herança, de família. Eu ganhei da minha família a religião, o respeito, eu acho que todas as qualidades que eu tenho, eu herdei de berço, eu herdei de antepassados [...] (A3, 2019).

Para o A4:

[...] O pior que o vizinho, eles vão mais é de vez em quando, sabe aquele ditado, santo de casa não faz milagres. Eles vão mais ao mercado comprar do que lá em casa. E não faz troca entre a comunidade agricultora porquê? Não dá porque do espaço do lado lá é convencional, O de lá vendeu o terreno, e do outro que plantava, desistiu de plantar [...] (A4, 2019).

Para o A5:

[...] tem a comunidade legal, tem pessoas que produzem agroecologicamente o leite o ovo, e realmente a sociedade tem muito pouco acesso a essas pessoas, porque a maioria é simples né são artesanais, só vendem se você for a casa deles a gente conseguiu uma estrutura melhor e conseguiu levar isso até a cidade, mas a maioria são bem simplórios. Só não consegue ter isso com os outros produtores de verdura porque a gente sabe que o alimento deles não é tão confiável. [...] Mas eu adoro doação, quando eu saio eu levo para os meus vizinhos sem esperar nada, eu doo para realmente falar, na verdade eu dou com interesse de convencer eles (A5, 2019).

[...] Como a gente vive de uma forma muito diferente, é muito fácil pensar diferente. As pessoas que pensam ah, mas eu quero sair, comer fora, ir num barzinho, não julgando quem gosta, mas é complicado. É por isso que Deus colocou a gente na terra? Não, então não é isso que vai satisfazer. A gente pode ir mais isso não vai satisfazer plenamente na nossa alma. Isso não satisfaz. Pode satisfazer um prazer ilusório, mas a nossa alma só se satisfaz, se você vê que está fazendo o bem pra sua família bem para o todo [...] (A5, 2019).

Nessa tríade foi possível destacar o quão importante é o aspecto de produzir com variedade, poder proporcionar diversidade de alimentos para sua família e consumidores, sempre priorizando a qualidade e melhoria de seus projetos e forma de distribuição de sua produção. Para eles, desenvolver e crescer são muito mais no sentido qualitativo do que quantitativo. Ambos estão satisfeitos e felizes e não pretendem ampliar sua propriedade, ou volume de produção e sim aperfeiçoar cada vez mais seu método de produção gerando menor

impacto possível ao planeta terra, e garantindo um alimento seguro, saudável nutritivo a todos que compram das mãos da agricultura familiar.

Nessa perspectiva eles apontam que viver somente para o trabalho, buscando apenas acumular bens, ou somente para crescer sem limites, acaba por roubar o tempo precioso que eles consideram sagrados, de estar em contato com a natureza, e poder aproveitar a vida no campo e não ser refém do trabalho visando apenas acumular e acabando por não dar conta daquilo que produz, perdendo a oportunidade de viver mais tranquilo, sem estresse, com qualidade, pois quando você aumenta a quantidade e não consegue dar mais conta, automaticamente você perde a qualidade, e prejudica a si e a natureza nesse processo.

#### 4.2.4 O Agricultor Familiar Agroecológico e a questão da Técnica, Tecnologia e Trabalho e suas intersecções com o Bem Viver nesse contexto

Apesar de elementos sobre a técnica, tecnologia e trabalho surgirem de forma transversal ao longo das outras categorias e intersecções em análise, a presente seção apresenta algumas sínteses e principais aspectos emergentes do campo de pesquisa e que dialogam com o Bem Viver. Para tanto, um aspecto importante no contexto da agricultura familiar agroecológica, diz respeito aos saberes que estruturam as técnicas e tecnologias que fundamentam os processos de trabalho. Nesse sentido, buscou-se, inicialmente, compreender as origens e fontes dos mesmos, especialmente no que diz respeito ao balanceamento entre saberes técnico-científicos e ancestrais.

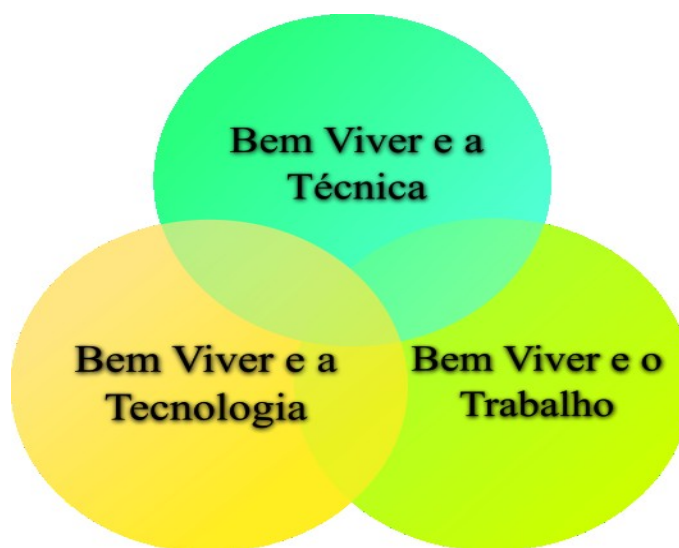
Ao serem questionados sobre tal temática, é importante verificar que suas percepções em relação às técnicas e tecnologias vivenciadas no âmbito das propriedades têm como nascedouro especialmente o caráter de herança familiar, conhecimentos tradicionais e ancestrais repassados dos pais para os seus filhos. Para além de técnicas e tecnologias meramente pensadas para o cultivo e manejo do solo, sementes, há também referência ao processo de estruturação do trabalho que se orienta por outras perspectivas, tais como, o do sol, do clima, da chuva (sazonalidade). Das épocas destinadas, inclusive ao descanso da terra, ao

repouso, que preveem a não produtividade como elemento crucial para que respeite o tempo do solo de restauração, evitando assim degradar, exaurir a terra.

Percebe-se que para além de uma perspectiva técnica e tecnológica mais complexa da apropriação de maquinaria e artefatos destinados a produzir, outros saberes técnicos são contemplados e valorizados pelo agricultor. Há também um aspecto de tecnologias de signos, de carácter simbólico e de diálogos com as subjetividades que se vinculam diretamente com a perspectiva do Bem Viver. Assim, é oportuno evidenciar que o âmbito da agricultura familiar agroecológica, nos moldes percebidos parece encontrar pontos de tensionamento ao contexto da agricultura convencional, na medida em que busca estruturar-se a partir de outros desenhos e sistemas sociotécnicos.

Estudos neste campo têm sido provocativos ao indicar como o espaço rural pode auxiliar no processo de desenvolvimento de tecnologias apropriadas, tecnologias sociais ou de adequação sociotécnica que indicam uma série de reprojetações de artefatos até então pensados para um sistema convencional e que são ressignificados pela agricultura familiar agroecológica, orgânica ou sintrópica subvertendo valores, intencionalidades e políticas inicialmente estabelecidas (DAGNINO, 2014; SERAFIM, 2015).

Assim, verificando a relação entre técnica, tecnologia e trabalho neste cenário e suas imbricações com o Bem Viver, formou-se a tríade que já havia sido estabelecida *a priori*:



Logo, a respeito dos conhecimentos relativos à produção de alimentos na propriedade e como ele aplica no campo, no cotidiano de seu labor, o A1 diz que:

[...] o meu pai não entendia disso aí que os técnicos vem aqui ensinar, meu pai ele plantava e não usava, nunca usou veneno, mas plantava tudo no bruto, tudo terra tombada com arado, capoeira queimado com lavoura, roça bruta, mas ele não entendia dessas coisas, mas ele não usava, só lidava com milho, feijão, criação de porco, batatinha era plantada, naquele tempo nem adubo era usado [...] fomos aprendendo com o pessoal, que vinha dar aula pra nós (EMATER, CPRA), o pessoal que trabalha lá nos projeto das cooperativas. [...] antes disso a gente fazia como sabia, daí do jeito que a gente aprendeu a gente não sabia desses negócios aí dessas coisas. Depois eu fui aprendendo que o pessoal dos projetos, então a gente foi aprendendo [...] (A1, 2019).

O excerto nos aproxima dos diálogos de saberes próprios das concepções do Bem Viver, acerca do equilíbrio entre o conhecimento ancestral e o conhecimento científico, especialmente na medida em que são percebidos como complementares e não fundamentados em relações de poder com vistas à hierarquização.

Antigamente, tais conhecimentos eram incumbidos aos peritos, os experts, os responsáveis que detinham a tecnociência (laboratórios, organizações de inovações tecnológicas etc), que acabam por criar muitas vezes um domínio do saber e conhecimento, como se somente deles fossem a busca do conhecimento, processos e criações.

Portanto aniquilam a liberdade de criação que a todos deve ser conferida, pois filosofia da tecnologia caminha em duas direções, conhecimentos tradicionais, da natureza, artefatos criados pela intervenção humana, e conhecimentos contemporâneos da tecnologia e sua modernização.

Um não elimina o outro, e impor que a tecnologia e conhecimento só podem advir dos peritos, destrói a criatividade e liberdade de criação. Geram mudanças constantes no trabalho, nas relações, criam protocolos, novas máquinas, insumos, tecnologias e técnicas que acaba por excluir aqueles que não conseguem ter acesso, ou treinamento para o uso dessas novas tecnologias. O trabalho que separa o ser humano da natureza, entre o fazer e o pensar, separa o campo e a cidade, indústria e agricultura. O que torna o agricultor dependente de novas tecnologias, técnicas modernas impostas pelo mercado, pelas grandes corporações do

agronegócio, desenraizando o pequeno agricultor familiar de suas terras, do seu trabalho, modo de vida e modelo de produção antagônico ao hegemônico.

Portanto, o papel da extensão rural realizado pela EMATER e CPRA neste enfoque permite verificar a importante troca de saberes no bojo da família, da comunidade (característica das relações sociais do campo), das organizações especializadas, considerando em sua atuação as singularidades de outros sistemas sociotécnicos que não se orientem por aspectos meramente tecnicista ou instrumental.

Tal pressuposto é corroborado pelo A2, quando afirma que o conhecimento não foi transmitido de pai para filho, mas veio através da ajuda de organizações, ao migrarem da agricultura convencional para a agroecológica. Neste caso, a extensão rural foi importante veículo para a apropriação de outras técnicas menos intensivas, orientadas para a preservação da natureza no manejo da terra, usando outras metodologias que vem aprendendo com o CPRA. Além disso, o A1 reforça a relevante apropriação técnica baseado em experiência e vivência em sua trajetória como agricultor, onde declara sempre ter produzido utilizando elementos que a própria natureza oferece, de forma mais natural possível, sem nunca ter usado agrotóxicos.

Entretanto, anuncia também a contribuição dos órgãos de extensão na disseminação de outros saberes sociotécnicos:

[...] conhecimento não veio do meu pai, o pai é totalmente diferente, não é assim organizado. O pai plantava e desse o que desse ele nunca tirava uma fruta pra fazer o raleio, e a gente foi aprendendo com o pessoal do EMATER/CPRA que não é bem assim [...] (A2, 2019).

Sob a dimensão do Bem Viver e a técnica, o A1 diz que não é necessário muita técnica para trabalhar com agricultura agroecológica, mas é penoso, precisa de muitas mãos, pois há muito trabalho. Assume que a técnica é importante e necessária, mas a própria natureza se constitui como um laboratório natural e apresenta outras técnicas para dar frutos em seu modelo de produção, principalmente quando há uma responsabilidade e respeito com a natureza:

[...] não, é só você saber trabalhar, não usar o que não é pra usar. Respeitar a terra, trabalhar com ela, pra ela por si só vai se ajeitando né, e ela mesmo vai se decompondo e vai ajeitando a terra [...] (A1, 2019).

Sobre algumas técnicas de produção e manejo, a foto abaixo mostra algumas técnicas de adubação e recomposição de solo, utilizada pelo A1 em seu processo de produção, com vistas a manter a qualidade do solo para culturas diversas com respeito à natureza. Trata-se de um composto de materiais como cinzas, esterco e outros resíduos, utilizados na preparação para plantio de batata doce, milho, feijão, cebola, batatinha, couve flor, salsa, mandioca, cebolinha, beterraba, alface, repolho, brócolis, etc.. Utilizar tais técnicas e recursos tem gerado excelentes resultados.

**Imagem 21** - Líquido preparado com insumo natural para combater pragas, feito pelo A1.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

O respeito pela natureza e harmonia, muitas vezes mencionado, pode ser também verificado na medida em que o próprio plantio busca realizar-se numa perspectiva de



diversidade, integração e restituição do solo. Na imagem a seguir é possível ver o tipo de plantação e técnica utilizada pelo A1, na qual se verifica que o agricultor planta cítricos (laranja, poncã) e integrados com a plantação de hortaliças: beterraba, alface, repolho, couve flor, brócolis entre outros. O manejo do solo ele faz exclusivamente de forma manual (na enxada), capina o mato, revirando o solo e deixa decompôr, realizando a ciclagem de nutrientes e dando estrutura ao solo.

**Imagem 22** - Plantação do A1 com sua variedade de cultivo.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

Outro aspecto salutar, ao analisar esta temática no bojo das discussões sociotécnicas e Bem Viver diz respeito às formas de transição que alguns agricultores vivenciaram, a partir da produção convencional para a agroecológica. Nesse sentido, é oportuno comentar que tal transição, nos depoimentos de A2, aponta para preocupações e intencionalidades que não se pautam apenas por eficiência e produtividade. Ao contrário, seus movimentos de adesão a outros sistemas sociotécnicos indicam a priorização de questões como a saúde, física e mental,

associada à condição de trabalho mais prazerosa, ao ar livre e em contato com a natureza, lhe provendo sentido para o trabalho realizado frente aos frutos produzidos.

Assim, para o A2, quando migrou da produção convencional para a agroecológica, anuncia que a ausência das técnicas específicas para uma agricultura sem veneno, fez com que ocorressem perdas. Porém no decorrer do processo utilizando as técnicas de manejo da terra, obteve resultados positivos:

[...] A gente não foi assim mudando da noite para o dia. Foi sofrendo, porque sofre as consequências da perda, na mudança tem muita perda. Agora nossas alfaces dão cabeça de alface grande, mas no começo quando a gente começou a mudar, em vez de crescer, ela diminuía. E outra coisa, a gente não sabia as técnicas do manejo que é diferente [...] (A2, 2019).

Há um aspecto relevante sobre as técnicas e tecnologias na produção agroecológica. Em vários momentos, os entrevistados atribuem a essa modalidade de agricultura, adjetivos como: simples, com poucos artefatos e pouca dependência de maquinaria. Contudo não se podem desconsiderar as disputas de projetos técnicos e tecnológicos que representam também disputas de poder. Em muitos casos, produções orgânicas, agroecológicas, sintrópicas, são vistas como modalidades alternativas, sem representar possibilidade de se tornarem o sistema sociotécnico dominante, tendo em vista que a racionalidade hegemônica já definiu o “projeto vencedor”. Isso significa dizer que o agronegócio tem ao seu dispor um sistema sociotécnico vigoroso e voltado às suas demandas. Entretanto, há que se tensionar, como outros sistemas sociotécnicos poderão ser reprojatados ou mesmo fortalecidos para auxiliar nesse contexto, através de recursos que garantam a sustentabilidade em amplo espectro, tais como: redução da penosidade no trabalho, baixo custo em termos de acesso e capacidade de manutenção pelo usuário.

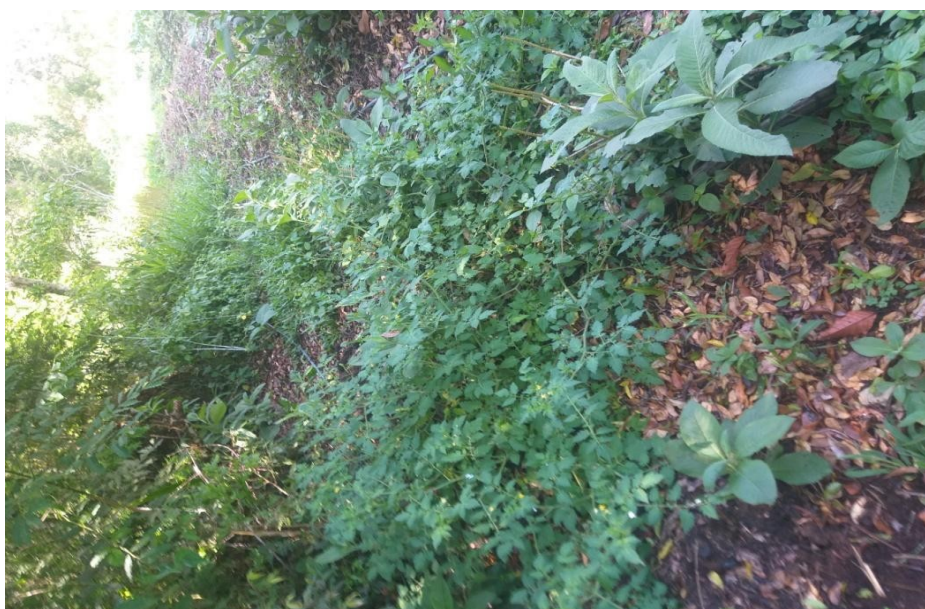
Sobre os aprendizados decorrentes do trabalho, o A3 diz que a própria natureza os ensina as técnicas naturais de manejo com a terra, que resulta em cultura de qualidade. Para ele, a natureza lhe provê, bastando aprender como funciona este processo:

[...] Por exemplo, vou colocar aqui uma camada de composto orgânico depois eu vou botar folhas. Olhe lá tem monte de folhas que eu já reservei que eu largo aqui no meio, eu quero juntar as gramas e fazer uma cobertura, melhor coisa do mundo, então

é isso aí, Mas será que estes grandes produtores vão ter este cuidado vão fazer isso aí? Eles quando a terra não produzir mais, eles largam mão, e compram outras [...] (A3, 2019).

A seguir, é apresentada foto dos processos de composto orgânico extraído da própria natureza:

**Imagem 23** - Composto orgânico da propriedade do A3.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

Os agricultores apresentam outro aspecto relevante no que tange essa tríade, qual seja, o respeito de como as organizações podem contribuir, incentivar, ajudar, colaborar, cooperar na promoção de uma agricultura alternativa que visa a preservação da natureza e da vida humana mediante processos adaptáveis aos seus ideais para alcançar seus resultados.

Nesse sentido as organizações com foco em extensão rural de base agroecológica, como o CPRA, registram um importante trabalho para que essa tríade do Bem Viver esteja sempre em constante equilíbrio. É válido ressaltar que existem organizações que podem também fazer o oposto, incentivando sempre a agricultura convencional pautada apenas no rendimento, eficiência e crescimento sem limites, utilizando tecnologia de ponta, ensinando

técnicas modernas apenas para extrair o máximo de recursos possíveis da natureza, sem levar em consideração as consequências deste processo. Fica aqui esta reflexão importante.

É fundamental analisar o conceito, no qual a minimização dos recursos é distinta do princípio de eficiência no capitalismo estrutural. Na AF leva em conta o quanto de tempo da terra e sua restauração, diferente da agricultura em escala onde foca em produzir com menos recurso possível ( neste caso financeiro, e não da natureza) apenas para não perder capital e obter mais lucro em menos tempo possível ou seja, eficiência utilitária.

Para o A1, as organizações vêm desempenhando um papel relevante no trabalho como agricultor, auxiliando nas técnicas de compostagem, de manejo da terra, modo de trabalho, produção:

[...] se não fazer a compostagem não planta bonito, bastante coisa eles ajudam como é que faz a compostagem tudo né só o CPRA que dá suporte, porque sempre temos as oficinas, que é feito as compostagem como é que é tudo no trabalho na plantação [...] compostagem, é uma técnica, se vai lá junta produto mais a folha, ate cana de milho, capim e faz um monte ai deixa decompondo e vai por na planta. Eu algumas coisas já sabia né, porque eu já nasci na roça, já nasci no meio da roça [...] (A1, 2019).

Segundo o A2, outro recurso importante de auxílio obtido pelas organizações é o desenvolvimento de cadeias de comercialização:

[...] na verdade só o CPRA que ajuda. E comercialização não tem mais a cooperativa. Porque a verdura, a maioria, é a cooperativa que consome. [...] nós obedecemos à orientação técnica também. Oficinas, manejo da terra, o melhor a se fazer. Que nem, veja as fruteiras e pêssegos, só eu quem cuido. Meu cônjuge não concorda com a poda, e nem com o raleio de fruta, pra ele tem que deixar todas as frutas e não é assim. Tem que fazer senão rasga o galho [...] Por exemplo, a gente estava falando de doze frutas a gente tem que deixar três, o máximo quatro, porque se deixar as doze vai dar miudinho porque não presta, porque é muita fruta no pé para dar sabor, pra ter doçura [...] Agora não acho que exige bastante da gente, conhecimento, técnica, só que nós não somos de gostar de fazer curso. Eu prefiro na prática. Quando os técnicos estão aí eu os sigo no que posso, na prática. Se eu tenho um probleminha ali, eu já tiro uma foto, envio para eles, pra gente resolver na prática, e eles já me retornaram, falando o que eu preciso fazer [...] (A2, 2019).

O A2 continua apontando que existem diversas técnicas de controle biológico que utilizam para combater as pragas:

[...] Nós usamos calda. No pomar estamos usando a isca de produto natural. Um líquido que ele tem o cheiro do macho, ele atrai a fêmea, a fêmea que é a malvada. A fêmea solta a larva no pêssigo e ela não solta uma larva, ela solta 600 a 800 larvas, então um pé de pêssigo, ela contamina todo. Essa ceratrap é um produto natural que tem o cheiro do macho, atrai a fêmea e a fêmea ela vai e entra no litro e ela não consegue sair. Usamos as caldas, na estufa também, a gente usa bastante calda, porque o tomate exige muito. A gente usa caldas tudo natural como leite, urina de vaca, a urina de vaca tem ureia, fertilizante natural [...] (A2, 2019).

Abaixo a imagem contendo a garrafa com o líquido de produto natural para combater os “bichinhos” do pêssigo, como evidencia o entrevistado:

**Imagem 24** - Garrafa pet com o líquido natural feito pelo A2, para combater a praga do pêssigo.



**Fonte:** A autoria própria (2019).

Para o A3, todas as técnicas utilizadas advêm da própria natureza, tudo de forma orgânica:

[...] Todo adubo que nós usamos é orgânico, e o que eu uso? Bom, eu tenho umas vaquinhas, quatro vaquinhas que eu coleteo o esterco delas, nós temos uma criação de galinha poedeira que nós coletamos a cama do aviário, nós temos um excesso de

folha. Folha de cáqui de tudo que é árvore. Agora no outono cai tudo, fica uma boa quantidade, eu acúmulo tem monte lá, então essa é a matéria prima pra nossa compostagem, ou seja, eu coloco as folhas, eu ponho a grama que nós cortamos, eu ponho esterco, eu ponho cama de aviário, eu ponho uma infinidade de tudo natural. E aquilo ali em 40, 50 dias, eu pego e viro aquilo ali, pra ele curtir uniforme. Em 60, 70 dias eu tenho melhor adubo orgânico assim que se desmancha. Só vejo vantagem, em trabalhar de forma agroecológica. Olha a alface que linda [...] (A3, 2019).

**Imagem 25** - Plantação de alface do A3.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

A3: Abaixo, imagem do adubo natural, chamado por ele de super magro, preparado pelo

**Imagem 26** - Adubo natural, "super magro", produzido pelo A3.



**Fonte:** Autoria própria (2019).

Quanto ao conhecimento das técnicas para o manejo da terra, o A3 aprendeu com sua mãe que também era agricultora. As orientações dos técnicos vieram depois apenas para ratificar aquilo que ele já sabia e havia aprendido de sua mãe:

[...] graças a Deus a maioria eu recebi de herança dos meus familiares, inclusive o trato com a abelha, todos os meus parentes, meus irmãos, meus tios, tudo trabalhava com abelha, e com vaca de leite e com plantação com horta, lá na cidade que eu vim não tem uma casa que não tem sua hortinha que tem o básico ali né pra suas necessidades. Então graças a DEUS, e eu aprendi, eu nunca esqueço a minha mãe dizendo assim: olha os tomates vocês não vão botar água com regador por cima, porque a água quando joga a água no tomate ela perde as florzinha, o tomate é muito sensível, então tomate irrigação tem que ser ou por gotejamento ou por outro sistema qualquer, o tomate[...]é isso a, hoje a gente confirma né, hoje que tem sabe [...] (A3, 2019).

[...] E ele e vai passando pra mim, diz a filha do A3. [...] essa minha vida aí de agricultor há anos, eu tive muitos cursos, participei de muitos cursos através da Emater, da Embrapa, o próprio CPRA, treinamentos, maneira de preparar as coisas, enfim. Uma série de coisas... Ideias, sugestões, por exemplo, agora eles deram do plantio direto daí eles apresentam como funciona o plantio direto que algo mais fácil do que dessa forma, então eles estão sempre mostrando, a gente vai atrás claro, mas

existe esse apoio que pode ter pra poder continuar, o CPRA, ajuda bastante [...] (Filha do A3 e A3, 2019).

[...] Tanta coisa que eu aprendi um exemplo bem típico, a minha mãe dizia assim: não, quando a lagarta, quando o purgão tiver atacando a folha das plantas, pega um pedacinho de sabão, ela me dava até o peso, a quantidade do sabão e dilui num litro de água, faz isso, depois tu pega essa quantidade tu pode diluir em mais em tantos litros de água e pulveriza as plantas, é ótimo, a mãe me disse, o que eu aprendi hoje nos cursos, aquilo que eu já tinha aprendido por meio dela [...] (A3, 2019).

[...] uma técnica que é tradicional que eu não uso, e que todo mundo ensina, é o fumo de cigarro, pegar os restos de cigarro, pegar o fumo e deixar de molho na água, depois pega aquela água, coa e dilui aquilo ali e pulveriza. A filha do A3 irá dizer: Mas uma coisa que tu usa, é a cinza né, cinza de fogão, e eu até tenho lá, e eu estou com um bom balde cheio, e a cinza não é de churrasco, é cinza de queima de papel de madeira de folhas de coisas assim. [...] O A3 diz: Estes fertilizantes, eu aprendi no curso do CPRA [...] (A3 e filha do A3, 2019).

[...] A colaboradora do CPRA ensina e aprende [...] (filha do A3, 2019).

Eu tenho tanta coisa, tanta coisa, a minha vontade era fazer uma horta só de chás, só de erva medicinal [...] (A3, 2019).

[...] a aprendizagem das técnicas é mais no campo e na prática né. Como tem o pessoal que ajuda, porque o pessoal que mais ajuda é o CPRA. A EMATER de Colombo ajuda, mais não como o CPRA, ele é mais presente né. Eles não vão saber. Eles não são da parte orgânica, agroecológica, é mais convencional. O CPRA não, eles ajudam mais a gente aqui do que a EMATER [...] a maioria das coisas tudo já vem passado da minha mãe e pelo CPRA, claro que tem um pouco do estudo também. O pessoal do CPRA nos ajuda [...] É o que dizem, entre o estudo e a prática, vai pra frente [...] e tem mais perda né, porque nós temos bastante problema de fungo né. A gente sofre bastante com isso aí. Só que aí não adianta entupir de veneno, pensar né, só em dinheiro. Então o cara que usa veneno se não tiver o EPI, ele está se contaminando. E tem uns que não usam. Ai não adianta né [...] (A3, 2019).

Conforme discorre o A5, as suas experiências a partir de técnicas e tecnologias tem auxiliado no desenvolvimento da agricultura sintrópica, no qual registra também a origem a partir dos conhecimentos indígenas muito alinhado com as matrizes indígenas que originaram o Bem Viver:

[...] Bom à nova/velha técnica da agricultura sintrópica é difundida dos descendentes indígenas, não todos porque teve tribos indígenas que viram a extinção deles porque não conseguiram aproveitar o uso do solo deles. O pampa gaúcho é um deles. Aquilo foi uma agressão que acabou com a mata ali degradou de tal forma aquele ambiente que ele sozinho não consegue se regenerar. E o Brasil nas geografias do colégio tem orgulho de bater no peito e falar, só a gente tem o pampa, pampa não existe. Pampa é um deserto criado pela mão do índio. Mas os índios tiveram muitos exemplos



positivos, por isso prosperaram. Porque o índio do pampa teve que ir para outro lugar. Então o Ernst, o suíço que desenvolveu a agricultura sintrópica, tem este conhecimento muito do povo indígena [...] (A5, 2019).

[...] É claro que é a agricultura sintrópica, ele pegou o conhecimento de vários povos indígenas, e ainda evoluíram esses conhecimentos. Ele viu que um índio lidava de tal jeito e outro etc. Ele pegou tanto exemplos positivos, através das vivências dele, não só do índio, mas do conhecimento dele como geneticista com certeza ele já conhecia muito sobre planta né, aí ele difundiu isso. Mas é muito parecido com muitas tribos indígenas que trabalhavam dessa forma. Cultivavam seu alimento sem destruir a mata que tinha ali. Eles abriam uma clareira, podavam a mata, vamos dizer assim, para produzir alimentos e depois de um tempo, a mata se reconstituía de novo [...] (A5, 2019).

[...]Porque as pessoas acham que agroecologia não existe. Esse que é o problema. O produtor, se você fala que é agricultura agroecológica já quer se ver longe disso. Não quer saber, porque daí pensa, ah isso daí é pessoa que gosta de animalzinho, e não é isso. A gente gosta do futuro cara! Então por isso que o Ernst pegou poucas pessoas para aprender com ele na prática, é porque poucas pessoas querem ouvir sobre agroecologia. Agora, todo mundo quer ouvir o cara do Emater dizer: ponha tal coisa e pronto [...] (A5, 2019).

Como síntese o A5, ainda estabelece uma relação de pertencimento e sacralidade ao relacionar a perspectiva de lar às designações do ser humano num contexto espiritual:

[...] esse modo de a gente viver, é o alicerce de que o ser humano foi designado com todas as ferramentas para cumprir a função que ele tem que cumprir, e dentro de um exemplo da agricultura sintrópica a gente consegue utilizar todas as ferramentas que Deus deu pra gente, que é o cérebro, o nosso corpo e a ligação com a natureza. Se você faz isso, segue essa função, essa missão, a satisfação, a motivação, autoestima vem consequentemente, o Bem Viver seu e da família inteira, por quê? Sua esposa vai te valorizar porque tá vendo que você tá dando o melhor pra ela em questão de qualidade de vida pro seu filho e você vai valorizar muito a esposa porque ela que vai fazer uma comida deliciosa através dos frutos que você produz. Não estou falando que minha esposa é cozinheira, mas é ela que se dedica a comida, fico muito contente quando eu vejo ela cozinhando uma coisa aqui né, sabendo que vem do fruto de nossas mãos, isso é legal [...] (A5, 2019).

No que tange a dimensão do Bem Viver e tecnologia, os agricultores familiares descrevem que a tecnologia é importante, especialmente no manejo da terra, reduzindo a penosidade do trabalho. Porém, enfatizam que neste modelo alternativo de produção, o uso da tecnologia não é o fator primordial, diferente do modelo hegemônico atual que exige cada vez mais o uso massivo de grandes máquinas. De acordo com o A1:

[...] produzir de forma agroecológica, não precisa, porque é tudo simples. Mas se puder ter é bom, mas no caso de quem quer produzir mais. Por exemplo, se tivesse um mercado que fosse necessário produzir muito para abastecer este mercado então dava para investir em maquinário. Mas o que nós entregamos, não compensa usar tanta tecnologia [...] (A1, 2019).

Um recurso tecnológico que tem auxiliado os produtores agroecológicos na constituição de redes de produtores e de cadeias curtas junto aos consumidores, são as tecnologias de comunicação. Para o A2, uma das formas do uso de tecnologia é através do aplicativo de whatsapp, que ele utiliza para realizar suas vendas onde seria seu canal de comercialização, mas também diz que as velhas formas de divulgação, através do boca a boca, os novos clientes acabam surgindo.

[...] Não é necessário muita tecnologia. A única coisa, é que você tem que ter muita experiência pra você conhecer sua terra, manejo e produção. Ver onde está surgindo um problema lá na plantação, e buscar resolver pela prática mesmo [...] Acho que exige muito mais da gente, nós não gostamos muito de fazer curso, eu prefiro na prática. Quando os técnicos estão ai eu sigo o que eles fazem. Se eu tenho um problema eu tiro uma foto envio pra eles, e eles me falam o que tenho que fazer [...] (A2, 2019).

Para o A3, a tecnologia pode ser empregada através da assistência que o CPRA e prefeitura do município, através das organizações que oferecem este suporte e apoio ao agricultor familiar. Para ele não é necessário o agricultor fazer uso de tecnologia, porque a agricultura agroecológica depende prioritariamente da terra que só responde aos cuidados do agricultor:

[...] A tecnologia não é o fator principal neste modelo de produção que realizamos não. Porque hoje existem estes órgãos de apoio, existe secretaria de agricultura, existe EMATER, existe o CPRA, existe um monte de órgão que tão apoiando o agricultor, então se eu tenho alguma dificuldade eu tenho a quem recorrer [...] A filha do A3 complementa: Por exemplo, essa área aqui ele quer plantar, ai nos temos que ir na prefeitura e solicitar um trator, um equipamento, eles vem uma hora e passam aqui pra nós, dai qual é o trabalho do pai? Arrumar o canteiro, plantar tudo [...] O A3 continua: mais seria essa parte grosseira a gente consegue ajuda, então está tranquilo [...] (A3 e filha do A3, 2019).

[...] Claro que nesse sentido a tecnologia que vem das organizações também contribui, é o que digo até pra eles, ninguém sobrevive sozinho tem que haver um envolvimento de todos, da comunidade, tudo tem que ser em conjunto, como por exemplo, os maquinários que a prefeitura disponibiliza pra gente [...] (A3, 2019).

Entretanto alguns produtores apontam o uso de alguns artefatos para tornar seu trabalho menos penoso e possível frente ao número de atividade que realizam na propriedade. Para o A4:

[...]Tem que ter. Se não você não consegue né. Temos trator, a tobata, tem as coisas. Tem que ter as coisas pra trabalhar. Imagine só ter que levantar um canteirinho na enxada. Deus me livre [...] Análise de solo, análise de água, que eles fazem, é muito bom. Para evitar a contaminação, fazem isso e aquilo, os bichinhos, dos fungos e tal. O CPRA ajuda [...] tem que ter os dois. Tem que ter a ferramenta, mas tem que ter também a tecnologia [...] Mas não é tanto assim. O básico de maquinários já ajuda, assim como a natureza já ajuda também. Porque o convencional vai bastante tecnologia? Porque eles estão desequilibrando o solo. Ai exige muita tecnologia. E a orgânica, agroecológica, a própria natureza está ajudando [...] (A4, 2019).

O A5, por sua vez apresenta uma contradição interessante em relação à ampliação da inserção de tecnologias na sociedade contemporânea, lhe causando uma perspectiva de tensionamento frente aos seus próprios princípios de minimização de usos de recursos:

[...] Como a demanda de alimento global está maior e tem essa desigualdade de quem produz e quem come, a gente tem mesmo que estar adotando novas tecnologias. O povo indígena não usava maquinário, a gente já tá usando maquinário nas nossas plantações pra ter mais escala na nossa produção. A gente sabe que em longo prazo vai se acabar quando não tem mais recursos minerais para produzir essas máquinas. A gente não tá preocupado com isso porque não depende disso pra ter nossa comida a gente depende disso pra estar produzindo comida para as pessoas da cidade, porque se fosse pra produzir pra nossa tribo, com um facão a gente resolvia isso. Mas como a gente é uma sociedade muito grande, a gente tem que até ir um pouco contra a nossa filosofia... tendo que mecanizar umas coisas, gastando diesel pra entregar pra cidade os alimentos, a gente tem que gastar gasolina, recursos naturais. Eu vou falar que isso me dói um pouco, mas é um momento necessário, não adianta a gente se isolar aqui [...] (A5, 2019)..

[...] máquinas e ferramentas não precisa, é mais a consciência mesmo. Nada, nada mais é você mesmo vai se armando de ferramentas para conseguir a produção que você quer [...] bom, claro que a tecnologia contribui, eu não vou falar por uma maior produtividade, isso é falso. Mas por um maior rendimento inicial que produtividade não é muito. Porque quando você explora um local, ou seja, você está produzindo mais, no futuro vai ter menos daquele local, então não tem uma relação muito direta [...] (A5, 2019).

Ademais indica percepção interessante entre tecnologia e eficiência denominada como rendimento:

[...] a técnica, tecnologia contribui você quer dizer nessa questão de rendimento, né? Mas eu acho que isso vai acabar quando se tiver o êxodo urbano, as pessoas da cidade vir mais pro campo, porque é o que precisa, está muito desequilibrado. Não tem como a gente prosperar desta forma, é muita gente, nossa cidade consumindo coisa de fora então, realmente ajuda nessa questão de rendimento. Mas acho que a tecnologia, eu digo de bens materiais não é necessária, mas a tecnologia de informação e processos diferentes é necessária, de sabedoria, essa sim. Agora tecnologia de maquinário, essa é só para o rendimento para eu produzir comida para mais pessoas só que o ser humano precisa não é que um produz pra mais pessoas e sim mais pessoas produzindo comida para elas mesmas e para outras pessoas. Daí a gente não precisa de tanto maquinário, que faz tanto trabalho. Onde você tem muito maquinário você não tem mais mão de obra você tem miséria no local. Eu vejo que o cara produtor de soja ele tem 300 hectares com três ele resolve a situação, então isso gera miséria, isso gera desemprego, vai gerar emprego para dois ou três que fizeram curso de operador. Mas todos aqueles vizinhos em volta vão estar tudo contaminado de veneno e sem emprego vão estar virando frentista, etc.[...] (A5, 2019).

O que se percebe ao analisar as dimensões de técnica e tecnologia, é que de forma recorrente as mesmas são relacionadas ao contexto do trabalho, do mesmo modo que este se encontra permanentemente em diálogo com as relações estabelecidas na natureza. Em alguns casos os entrevistados manifestam um aspecto de mal-estar ou oposição ao cenário do trabalho urbano, por exemplo. Assim sob a dimensão do Bem Viver e o trabalho nesse contexto o A1 comenta:

[...] é uma vida mais sossegada do que o povo que vive na cidade, porque o povo da cidade, eu vejo pelas famílias, se ele não tiver ganho ele não tem o que comer. E aqui no sítio você tendo pouco pra comprar o necessário você produz, você tem o frango, os ovos, você tem o feijão, tem o milho tem as verduras em geral, frutas. Tem a verdura em geral da roça que sobra, tem verdura o ano inteiro e eu vou lá à cidade se você não tiver um real você não compra um pé de alface né? Então não é assim o alimento pra você ter, você precisa produzir, tem que ter vontade. Mas maioria tem vontade de ter o alimento, mas não tem vontade de produzir, ele não quer sujar a mão [...] Não é fácil, não é, mas eu gosto muito, e também para poder te alguma coisa pra pagar conta, tem que enfrentar né [...] a gente aplicou mais ai no que a gente sabe né na produção das verduras, naquilo que a gente sabe lidar, aprendeu a lidar com o frango, esses conhecimentos de como trabalhar, produzir, usar técnicas, aprendemos com nós mesmos; isso aí a gente pegou por si mesmo, tem que produzir respeitando a natureza né [...] então tem que produzir aquilo que é necessário né, que a gente precisa pra cobrir o dever da gente já é suficiente [...] (A1, 2019).

Como comentado anteriormente a concepção de trabalho parece encontrar intersecções significativas com a perspectiva da saúde não apenas como condição de trabalho, mas especialmente como agente que também a promove. Nessa dimensão, o A2 aponta que:

[...]É mais barato trabalhar com agroecológico, e, sabe qual é o prejuízo da gente no ecológico? Os bichos dá muito bicho. Porque se colocar o veneno ali, já limpa os bichos. Tem umas pessoas aí que colocam o veneno para matar os bichos dentro do pêssego, daí no outro dia já vende. É um risco que a gente corre e nem sabe. Porque quem compra esse pêssego estará comendo veneno todos os dias. A gente é contra tudo isso [...] (A2, 2019).

Ainda os entrevistados discutem sobre as vantagens econômicas e as relações com a estrutura de trabalho estabelecida. De acordo com o A3:

[...] não é mais caro produzir de forma agroecológica, e isso eu digo de cadeira, as pessoas quando começam, elas tem certa dificuldade no início, até se transformar as coisas, se adaptar a terra, a própria planta, e tem uma série de coisas que precisa de uma adaptação. Depois que a pessoa está nesse meio, é mais fácil, aumenta um pouquinho o trabalho manual [...] (A3, 2019).

[...] tem um ditado muito antigo que diz que a gente aprende errando, e outro que diz, aprende apanhando, então quando a gente vê que entra numa coisa diferente, digamos a pessoa não é do campo e vem pro campo vai sofrer bastante ate conseguir entender como funciona as coisas, depois que a gente entende, tudo se torna mais fácil [...] Por exemplo, uma coisa que é fundamental, a mãe sempre fez e eu não sabia o porquê? É a rotação de cultura. Eu tenho um canteiro de couve, agora tirar a couve dali, e plantar outra coisa diferente, alface, rabanete, cenoura, beterraba por exemplo. Porque se aqui tem alface, ela vai tirar todos os nutrientes que ela precisa da terá para se alimentar, daí se eu plantar no mesmo lugar a alface duas vezes, na terceira vez as pragas atacam a alface, a terra ficou pobre daquele nutriente, porque a alface já consumiu tudo, as pragas acabam proliferando, se não fizer a rotação de cultura, que é um controle de pragas, elas só irão aumentar [...] Outra coisa, o cultivo de plantas, misturar, colocar alguma coisa no meio, erva de gato, aqueles cravo de defunto que chamam que é uma flor, que tem a capacidade de atrair os insetos, as pragas. Então convém cultivar no meio alguma coisa diferente que atrai. Tudo isso aprendi com a minha mãe e agora depois nos cursos foi tudo confirmado [...] (A3, 2019).

[...] na verdade é isso, a ciência serve para validar o conhecimento tradicional, não para validar, para dar nome, ele existe e a ciência só vem e dar nome [...] muito mais importante a teoria na verdade não adiante de nada sem a prática [...] (colaborador 3 do CPRA).

[...] A gente tem prática, às vezes pode até ficar devendo na teoria né, mas a gente tem a prática [...] (A3, 2019).

O A4 também acredita e confia em seu modelo de produção agroecológico, Em sua visão, o trabalho de agricultor tem um sentido não apenas laboral, mas de valores, ideais. Nesse sentido contribui para com a sociedade em diversas esferas seja: na aquisição de um alimento confiável, alimento saudável, cooperando para a saúde do consumidor, contribui para

com a natureza, permite uma relação mais próxima entre produtor e consumidor, em suas palavras:

[...] Eu gosto de trabalhar na agricultura familiar agroecológica, porque é muito bom, é uma terapia pra gente, você fica tranquilo, mexe com a terra, eu gosto do alimento saudável que produzo, a gente faz muito gente consumir um alimento que tem garantia. Você vai ao mercado você não tem garantia, se o alimento é bom ou não é. E este aqui, o projeto da cesta solidária, você tem acesso a alimentos confiáveis. Você conhece o produtor, se você for ao mercado perguntar de quem é aquela verdura, você não saberá de quem é. Mas aqui comigo se perguntarem para meu cliente de quem é, eles saberão dizer [...] (A4, 2019).

[...]Trabalhar no campo é bem diferente, né. Tem os seus problemas, mas também tem as vantagens, tem um planejamento né. Você planeja assim, claro não é cem por cento, sempre dá uma coisa de problema, né mãe? comenta o A4, e da uma coisa ou da outra [...] (A4, 2019).

[...] agora pergunte pra ele quantas horas ele trabalha? (Mãe do A4, 2019).

[...] Meu Deus do céu, nem me fale, a gente trabalha, passa de doze horas por dia que a gente trabalha por dia. Continua dizendo a mãe do A4: a gente não consegue fazer tudo que quer, e a gente vai trabalhando. Nunca consegue terminar o serviço, estão às vezes dá doze ou quatorze horas de serviço [...]a gente pega a muda pronta na bandeja. Já tem a muda com a semente prontinha. É que nem uma criança tem que cuidar dia a dia, esse é o trabalho da agroecologia, tem que ter um cuidado, zelo [...] (mãe do A4 e A4, 2019).

[...] sempre tem uma coisa diferente, o campo te ensina muita coisa, tem coisa que te ajuda e tem coisa que te dá dor de cabeça, que nem tem um exemplo. Eu tenho um tomate, tá a coisa mais linda, de repente dá uma chuva, começa a entrar o nome de um fungo, requeima, é que nem um câncer na pessoa, destrói o pé. Ai você está feliz da vida e fica triste, essa é a parte complicada, porque a gente ama o que faz né, dai dá dó [...] (A4, 2019).

[...] aqui a gente usa como ajuda técnica o sulfato de cobre, que é liberado. O que usa bastante no orgânico, é o cal e cobre pra fazer a calda. Ai tem também o enxofre, ai tem a calda de soda que tem o boro e zinco, que nem o ser humano tem que ter, vitaminas né. A gente usa isso na planta [...] que nem o óleo de nim, que é uma árvore que tiram o óleo, que é pra algum tipo de bicho [...] (A4, 2019).

[...] exemplo: tem o predador daquele bicho, mas tem coisa que não tem. Ai o óleo de nim, que é um óleo que vem da árvore, ele ajuda. Tem a cinza se tem esse pulgão que eu falei e tem a joaninha, mas se não vence, tem a cinza, tem a samambaia. Cinza da lenha. Você joga assim onde tem bastante pulgão e resolve tudo d forma natural [...] (A4, 2019).

[...]creio que pra mim, todo mundo deveria ser orgânico, agroecológico né. Só que todo mundo diz que você é louco. Você não produz você não vale nada. E tem

bastante amigo meu que fala que isso aí não existe, o tal do orgânico, do agroecológico. Que isso aí é conversa, que se tudo se passa veneno. E eu não passo cara! E tem gente que não confia nisso. Então a minha ideia, era que todo mundo fosse agroecológico. Só que tem gente que tem é cabeça dura e não quer saber de aprender, quer ficar daquele jeito no uso de venenos. E o que eu posso dizer numa frase final é que o pessoal consuma mais alimento agroecológico, tem muita gente que não conhece. Não tem divulgação. A Imprensa não tá nem divulgando bastante a parte orgânica, agroecológica. Tinha que divulgar mais esse tipo de produção que gera alimentos seguros, variados, saudáveis, nutritivos. [...] porque tinha que começar a divulgar mais o agroecológico? porque é bem pouco divulgado né, tem muita gente que não conhece o orgânico, o agroecológico [...] (A4, 2019).

O agricultor A5 apresenta novamente a importância de obter conhecimento fundamental do modelo de produção no qual trabalha para poder agir de forma apropriada. Ele diz que a agricultura sintrópica não é apenas mais um nome diferente e sim um modelo alternativo que deve ser seguido por todos, especialmente pelo ciclo de benefícios gerados:

[...]A agricultura sintrópica, a ela não veio para ser mais um nome diferente, veio na verdade para mostrar o método de plantio que tem que ser seguido, claro, evoluções tem que ocorrer dentro dela como tudo na vida mas foi dado esse nome diferente, porque existe a questão do agroflorestal, existe produção agroecológica, então porque que não continuou esse nome? Porque a agricultura sintrópica meio que é a união de tudo isso, pegando todos os fatores que a gente aprendeu que era positivo em agrofloresta e agroecologia e tirando os negativos. É uma aprimoração de todas as agriculturas (A5, 2019).

[...]um método de agricultura, com muita árvore, e claro tudo com muito manejo. Porque são vários detalhes, consórcios elaborados para ter harmonia entre a árvore e a plantação, espaçamentos corretos, árvores definidas, não qualquer árvore. Não tem como eu falar todas as etapas da agricultura sintrópica. Só que é isso, os pilares são esses você ter árvores na sua plantação, você ter muitas diversidade e isso é o oposto da agricultura convencional, ter muita matéria orgânica, incorporada no solo, não só retirada. Matéria orgânica, você pode por exemplo, cultivar plantas que geram matéria orgânica, especialistas em gerar matéria orgânica, tudo gera matéria orgânica, qualquer planta, mas tem umas que geram mais dos que as outras.. Na agricultura sintrópica a gente combina isso. Você tá plantando, você tá colhendo e incorporando matéria orgânica ao mesmo tempo, por isso a diversidade é necessária. Pra você ter diversidade você tem que saber consorciar as plantas, também não é qualquer planta que combina uma com outra, tem plantas competidoras e tem plantas que são colaboradoras [...] (A5, 2019).

Em relação ao trabalho, o entrevistado estabelece que o trabalho é parte do real sentido da vida, prazeroso em realizar, na medida em que está fazendo o bem para o próximo pelo fruto de seu trabalho, se sente útil. Como diz o A5:

[...] Significa o real sentido da vida. É você ter comida, água, não destruindo aquele local e sim gerando mais e é isso né. Então a gente se sente muito útil, porque a gente sabe que a gente tá fazendo o bem. Essas plantas olham pra mim e eu tenho certeza que elas olham sorrindo porque eu não estou explorando. E a gente sempre se sente muito agradável porque a gente sabe que está fazendo um bem para o todo. É claro que erros acontecem. Às vezes a gente interfere negativamente numa área. Nossa às vezes eu sinto vergonha. Ninguém viu só a gente sabe. Mas eu fico muito envergonhado [...] (A5, 2019).

[...] Bom o meu trabalho contribui para que haja proteção dos recursos e da natureza através da agricultura sintrópica. Os pilares são, ter árvores no ambiente, podadas e escolhidas corretamente, com espaçamento correto. Diversidade de grande escala e de famílias diferentes, só que sabendo como por uma ou outra. Incorporação de matéria orgânica a todo o momento. O que é incorporação de matéria orgânica? é o alimento do solo, e folhas galhos, matéria verde. Então você tem que saber conjuntar tudo isso. Diversidade, Árvores, incorporação do solo e colheita. E é muito fácil de fazer isso. A gente já tem conhecimento, já tem tecnologia, já sabe fazer isso.

[...] Os processos são muito menos degradantes que o trabalho convencional. Menos investimento financeiro, custos baixos, você não trabalha no sol, não usamos enxada na propriedade, porque o mato vem tão pouco por causa da cobertura do solo que abafa o mato, tirar na mão um ou outro matinho que tá vindo. Já na agricultura convencional não. Fica debaixo do sol carpindo. Então a gente tem aquela visão de trabalho duro, realmente, trabalho convencional é duro. Agora a agricultura sintrópica, é uma emancipação da produção agrícola, é uma evolução que vai ser melhor pra natureza e para o ser humano, para os dois entendeu. Não vai ser sofrido [...] (A5, 2019).

O trabalho do agricultor familiar agroecológico se constitui sob uma perspectiva de autonomia, onde ele tem liberdade para agir respeitando a natureza, os recursos, suas limitações como ser humano, a necessidade de ter assistência técnica e tecnologia quando necessário de forma a tornar o seu trabalho menos penoso. Com o foco na diversidade, qualidade de sua plantação, frutos seguros, saudáveis, nutritivos que beneficiem tanto no aspecto da soberania alimentar, segurança alimentar, saúde, bem como, como um laboratório natural que respeita a terra através de seu manejo, seu tempo natural, preserva o solo.

Nesse âmbito, é possível perceber que as dimensões do Bem Viver e a agricultura familiar agroecológica estão constantemente em diálogo de forma transversal, e como tem relação a partir dos modos de vida e trabalho.



### **4.3 CPRA e o agricultor familiar agroecológico na promoção do Bem Viver e sua relação com a Técnica, Tecnologia e Trabalho**

As organizações exercem grande relevância e importância no cotidiano do ser humano, para que assim ele possa desenvolver diversas ações no contexto da sociedade.

Nessa pesquisa, foi possível verificar como as organizações têm uma participação bastante significativa no que tange as dimensões do Bem Viver apresentadas: desenvolvimento, crescimento e bem estar antagônicos ao hegemônico na forma como distribuem seus produtos e obtém renda; Bem Viver e questões de Direitos, Soberania, Segurança alimentar e saúde; Técnica, Tecnologia e Trabalho e as Organizações nesse contexto e transferência de tecnologia e apoio técnico.

Algumas organizações foram citadas pelos agricultores como: CPRA; Emater; Sebrae, prefeitura do município que o agricultor faz parte, nos mostrando como existe uma relação muito importante e significativa entre o agricultor e as organizações, que podem repercutir tanto para limites como para efetivas potencialidades, seja para a agricultura familiar ou para o Bem Viver.

Foi através da mediação do CPRA, a partir da seleção de propriedades referências de agricultores familiares de base agroecológica é que se tornou possível a escolha dos sujeitos que compõe a pesquisa, onde o CPRA exerce um importante papel junto aos agricultores familiares.

As interlocuções junto ao CPRA é citada de forma recorrente pelos agricultores de como positiva a partir das atuações de extensão rural por meio de treinamentos, supervisão e acesso à conhecimentos especializados, mas especialmente pelo projeto “Cesta Solidária” que permitiu uma aproximação fundamental entre o produtor e o consumidor, resultando em um aumento de renda e acesso à canais de comercialização.

Para tanto, iremos compreender melhor sobre o papel do CPRA nesta relação organização, agricultor, comunidade e sociedade. O CPRA surgiu em 2004, idealizado pela Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento, com o objetivo de recuperar a área ao

redor da Área de Proteção Ambiental (APA) do Iraí, que até então servia à pesquisa voltada à agricultura convencional e à organização de feiras agropecuárias.

Porém o uso dessa área necessitava ser repensando, uma vez que a legislação inviabilizava a realização das feiras agropecuárias pela forma que estava sendo conduzida e a continuidade das atividades voltadas à agricultura convencional. Devido a isso um Comitê Gestor, composto por nove instituições, foi constituído com a missão de redesenhar todo este espaço, verificando as limitações impostas dentro de uma APA, dentre as quais as restrições quanto ao acesso da população e a expressa proibição do uso de agrotóxicos e adubos sintéticos. Em 2005 foi proposta a criação de uma nova instituição para a promoção da agroecologia reforçando as diretrizes governamentais de apoio à agricultura familiar, (CPRA, 2020).

No ano de 2005, a Assembleia Legislativa do Paraná aprovou o Decreto governamental que instituía o CPRA como uma autarquia vinculada à Secretaria da Agricultura e do Abastecimento. Deste desde então promover uma agricultura mais responsável, necessário para a manutenção da vida. Em termos de atuação, o CPRA, promove e apoia ações de capacitação, pesquisa, e ensino em agroecologia. Tendo como principais atividades:

- A construção do conhecimento em agroecologia pela pesquisa e validação na produção orgânica, agroflorestal, biodinâmica e outros sistemas de base agroecológica, levando em conta a prática dos agricultores;
- A promoção de ações de ensino e capacitação de agricultores e famílias, técnicos, estudantes, professores e consumidores, por meio da troca de informações, experiências e conhecimentos;
- A promoção do comércio justo, da soberania e segurança alimentares, dos conhecimentos e saberes tradicionais, da proteção à biodiversidade e aos recursos naturais;
- O apoio a ações de educação ambiental, ensino e extensão rural por meio da capacitação de técnicos, agricultores e famílias, consumidores, estudantes, professores e público em geral;

- O estabelecimento de parcerias com instituições das iniciativas públicas e privadas interessadas na promoção da agroecologia;
- A articulação de organizações e pessoas da sociedade civil e setor público ligadas à agroecologia (CPRA, 2020).

Para que isso seja possível, o CPRA mantém uma Fazenda Agroecológica. Trata-se de uma área de 147 hectares localizada no município de Pinhais (PR). Neste espaço realiza a produção em escala experimental, de alimentos, plantas aromáticas, condimentares e promotoras de saúde; sementes, mudas, compostos, biofertilizantes, coberturas mortas, adubos verdes, húmus e demais insumos de interesse para a agricultura de base ecológica.

Outro suporte oferecido por esta organização é na transição de sistemas convencionais para sistemas agroecológicos em uma propriedade, passando por três níveis: 1- Melhoria das práticas convencionais, reduzindo o uso de insumos caros e nocivos ao ambiente; 2- Substituição de insumos e práticas convencionais por alternativas; 3- Redesenho dos sistemas com base nos processos naturais.

No entanto o CPRA tem como um dos objetivos certificar cada vez mais propriedades como referência agroecológica. Esta ação contribui para a economia do estado do Paraná, especialmente a partir do Programa Paranaense de Certificação de Produtos Orgânicos (PPCPO), inaugurado em 2009. “A instituição indica em seus documentos que tal demanda é oriunda dos próprios agricultores atendidos e que sentiam falta de ações que os auxiliassem na transição da agricultura convencional para sistemas orgânicos” (CPRA, 2020). A principal meta do PPCPO é, portanto, identificar e auxiliar produtores que desejam passar pelo processo de conversão orgânica – de modo que eles sejam treinados e capacitados a produzir alimentos orgânicos de acordo com os requisitos legalmente previstos.

Outro projeto importante para o agricultor familiar desenvolvido por esta organização contribuindo para a resistência e permanência do agricultor no campo, é o projeto das Cestas Solidária. O projeto visa dar força aos chamados circuitos curtos de comercialização, no bojo de ações com vistas ao desenvolvimento que dialogam com o consumo responsável.

No estado do Paraná, o projeto Cestas Solidárias surgiu da parceria entre o Centro Paranaense de Referência em Agroecologia (CPRA) e o Laboratório de Mecanização Agrícola

da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Lama/UEPG). Esse modo de comercialização vem ocorrendo desde 2010, buscando valorizar a produção e a diversidade de produtos locais de acordo com cada estação. Na prática, um grupo de pessoas recebe semanalmente uma cesta padronizada de alimentos orgânicos, diversificados e da época. Os produtos são entregues em um local previamente combinado, por um preço fixo que é pago mensalmente e definido em conjunto com os agricultores. Atualmente, os grupos de Cestas Solidárias abrangem 12 municípios, incluindo Curitiba e região metropolitana. Por semana, são entregues uma média de 700 cestas, divididas em grupos formados de 7 a 45 consumidores (CPRA, 2020).

Esta pesquisa contou com a colaboração do CPRA em conectar a pesquisadora com agricultores familiares com produção de base agroecológica de referência, onde eles conforme já apresentado no capítulo 4, mencionam a parceria entre esta organização e o projeto de cestas. A fim de obter mais informações e reflexões a respeito da atuação do CPRA junto aos agricultores familiares agroecológicos, foi realizado com alguns colaboradores um grupo focal.

A palavra C será para designar colaborador que pertence ao CPRA. Sendo o C1, Engenheiro Agrônomo, responsável pelo projeto das famílias de agricultores de referência, o C2, bolsista do projeto: Produção de base agroecológica na região metropolitana de Curitiba formado em Agroecologia, responsável por algumas famílias de agricultores que compõe o projeto, acompanhamento e indo até a propriedade para dar auxílio aos agricultores, pelo qual visitou as propriedades junto à pesquisadora, o C3 formado em Engenharia Agrônoma, bolsista do projeto acima citado, também acompanha as propriedades pessoalmente dando suporte e esteve junto à pesquisadora em campo com os agricultores familiares.

**Quadro 5** - Síntese da entrevista realizada com os colaboradores do CPRA

PRINCIPAIS ASPECTOS	C1	C2	C3
<p style="text-align: center;"><b>ASPECTO REFERENTE AO SURGIMENTO DO PROJETO DE PROPRIEDADES DE REFERÊNCIA AGROECOLÓGICA</b></p>	<p>O projeto “produção em bases agroecológicas na região metropolitana de Curitiba”, apoiado financeiramente pelo fundo paraná administrado pela superintendência de ciência, tecnologia e ensino superior, usou como estratégia a metodologia das “redes de propriedades de referência”.</p> <p>Ela consiste em trabalho integrado de técnicos e agricultores, em um grupo de propriedades, para a geração de referências técnicas, econômicas, ambientais e sociais com vistas ao desenvolvimento de determinado setor, no caso deste projeto, os sistemas de produção familiar agroecológicos na Região Metropolitana de Curitiba.</p>	<p>Surgiu a partir da experiência do Iapar com as redes de referência no estado. O desafio foi grande, conseguir agricultores agroecológicos que sirvam como referência nas técnicas de produção e na viabilidade econômica de uma propriedade rural agroecológica.</p>	<p>A ideia do projeto foi levar o CPRA para fora do CPRA. O CPRA não estava conseguindo chegar até os agricultores devido a poucos colaboradores. Então os projetos de extensão tem como objetivo de levar o CPRA para fora da organização.</p>

<p style="text-align: center;"><b>ASPECTO DA CLASSIFICAÇÃO DAS PROPRIEDADES DOS AGRICULTORES FAMILIARES</b></p>	<p>A primeira etapa do trabalho é a definição dos sistemas de produção que comporão as redes.</p> <p>Neste projeto foram selecionados aqueles que tinham como atividades principais: a olericultura, pela importância da atividade na rmc que é a maior produtora de hortaliças no estado, tanto convencionais quanto orgânicas; a produção de leite, pela importância como potencial para a agricultura familiar agroecológica; e a produção de ovos, pela demanda apresentada pelos agricultores da região.</p> <p>Assim, foram escolhidas propriedades que se enquadrassem nestes sistemas. Também foram considerados outros aspectos, tais como: participação na rede ecovida, disposição para colaborar realizando registros, concordância</p>	<p>Acredito que foram considerados o perfil e experiência prática de cada produtor família, famílias que já tenha práticas agroecológicas na propriedade.</p>	<p>Quem auxiliou na escolha dos agricultores de referência, foram os técnicos da emater. Como eles estavam mais tempo trabalhando e acompanhando os agricultores, contribuíram para elencar estas famílias.</p> <p>São propriedades que representam a realidade, que produzem de forma agroecológica, mas tem todas as fragilidades que uma propriedade tem: problemas de comercialização, problemas técnicos.</p>
---	---	---	--

	<p>em receber visitas apresentar resultados a outros agricultores e técnicos, abertura para inovações, localização geográfica, entre outros.</p> <p>os técnicos do instituto emater colaboraram nesta seleção de propriedades.</p>		
<p><b>ASPECTO DOS PROJETOS DESENVOLVIDOS PELO CPRA JUNTO AO AGRICULTOR FAMILIAR</b></p>	<p>O CPRA atua na capacitação/formação de agricultores e técnicos, na pesquisa em parceria com instituições de pesquisa e ensino, na validação de tecnologias e na articulação com organizações públicas e não governamentais. Tudo isso na perspectiva de gerar e comunicar referências aos agricultores, consumidores e organizações que atuam com a agroecologia. Sua programação se distribui nas seguintes áreas temáticas: produção vegetal integrada; produção e bem-estar animal; socioeconômica e comercialização; recursos naturais; engenharia alternativa.</p>	<p>Os trabalhos desenvolvidos com os agricultores são: diagnóstico da propriedade, levantamento de dados para a análise econômica visando à viabilidade ou não do trabalho familiar. - troca de experiências, técnicas de manejo e cuidado com a produção vegetal e animal. - validação de trabalhos através das pesquisas e/ou experimentação de técnicas de produção vegetal e animal.</p>	<p>Há o projeto certificação que é realizado pelo paraná mais orgânico, o projeto de produção de base agroecológica na região metropolitana de Curitiba, que tenta oferecer uma assistência técnica e gerar indicadores para o próprio estado..</p>

<p style="text-align: center;"><b>ASPECTO EM RELAÇÃO AOS PLANOS E PROJETOS PARA A AGRICULTURA NOS PRÓXIMOS ANOS</b></p>	<p>O desafio colocado à agricultura é o de satisfazer as necessidades humanas por alimentos, produtos, bens e serviços com a conservação do ambiente. Neste contexto a agroecologia, que pode ser o desafio colocado à agricultura é o de satisfazer as necessidades humanas por alimentos, produtos, bens e serviços com a conservação do ambiente.</p>	<p>Através de incentivos de projetos, reorganização dos órgãos responsáveis pela pesquisa e extensão, conscientização dos produtores e consumidores. Metas para 2030 com a merenda escolar 100 % orgânica. Existem muitas interrogações, o desafio é grande.</p>	<p>Fortalecer e organizar as propriedades dos agricultores de base agroecológica. Buscar união de todos para atingir as metas. Pois temos um modelo contra hegemônico, estamos sempre na contramão da maré, então o plano é fortalecimento da instituição, bem como, dos agricultores.</p>
<p style="text-align: center;"><b>ASPECTO NO QUE TANGE AO TRABALHO DESENVOLVIDO PELO CPRA E SEUS PROFISSIONAIS</b></p>	<p>O CPRA possui uma equipe técnica pequena que tem seu trabalho potencializado pela presença de bolsistas formados e estagiários que têm contribuído para o aumento significativo das atividades. está em curso processo de instalação de um novo instituto produto da fusão do cpra, iapar, emater e codapar. a perspectiva é a ampliação dos trabalhos com a agroecologia na base física atual do CPRA e nas outras regiões do estado.</p>	<p>O CPRA conta com profissionais formados em agronomia, agroecologia, zootecnia, veterinária, jornalistas e administração. também contam com trabalhadores encarregados pela limpeza, manutenção, jardinagem, etc. ainda, tem estudantes, pesquisadores e estagiários.</p>	<p>Temos uma equipe composta por quatro agrônomos, um veterinário e temos dez bolsistas que trabalham diretamente no projeto. Temos dois bolsistas de administração que auxiliam nos projetos também. E as diretorias, os financeiros, o administrativo em geral.</p>



<p style="text-align: center;"><b>ASPECTO EM RELAÇÃO À TÉCNICA, TECNOLOGIA E O TRABALHO DO CPRA NESTE SENTIDO NO CONTEXTO DA AFA</b></p>	<p>Busca-se no CPRA a validação e geração de tecnologias que atendam as demandas dos agricultores. a metodologia das redes de referências tem entre seus objetivos promover interação mais intensa entre o cpra e os agricultores para obter melhor conhecimento da sua realidade e necessidades e para levar soluções apropriadas que se expressem em seu trabalho.</p>	<p>O CPRA é um centro de pesquisa. desenvolve pesquisas em diversas áreas. essas pesquisas são realizadas pensando na realidade do campo, na adaptabilidade e viabilidade na região. os agricultores se apropriam e reproduzem essas técnicas através dos cursos, visitas e oficinas que acontecem no CPRA.</p>	<p>No trabalho do CPRA, buscamos sempre nos aprimorar para levar</p> <p style="text-align: center;">Aos agricultores que têm muito conhecimento, aprendemos junto.</p> <p>A gente vai conversando e vai verificando como fica melhor aquele processo. Sobre a tecnologia, não podemos vê-la apenas de forma negativa, ela é muito importante, é preciso saber usá-la no ponto de vista de facilitar a vida do agricultor.</p> <p>A agroecologia também é um movimento social, também leva em consideração o agricultor. Se existe o maquinário, vamos usar, porém usar com parcimônia, com responsabilidade.</p>
--	--	---	--

<p style="text-align: center;"><b>ASPECTO QUANTO ÀS VANTAGENS EM SER UM AGRICULTOR DE BASE AGROECOLÓGICA</b></p>	<p>É mais vantajoso ser um bom agricultor de base agroecológica porque, além de poder alcançar bom resultado econômico, terá melhor condição de saúde para si e sua família e a satisfação de contribuir para a construção de um mundo melhor para todos. Mas generalizações são difíceis. Vai depender dos anseios e das condições de cada agricultor (características das propriedades, disponibilidade e qualidade das terras, assistência técnica, capacidade de trabalho, recursos financeiros, crédito, organização dos agricultores, proximidade do mercado, infraestrutura, estradas..).</p>	<p>Ser mais vantajoso ou menos vantajoso é muito relativo, temos que avaliar vários fatores. Se analisarmos somente desde o ponto de vista econômico, o convencional tem demonstrado ser vantajoso, mas isso é relativo. Na região tem muitos agricultores familiares, com poucos hectares de terra se saindo melhor do que agricultores convencionais. Temos que avaliar as condições econômicas, sociais, ecológicas, geracionais e outros fatores.</p>	<p>Muito mais vantajoso ser um agricultor de base agroecológica. Além do ponto de vista financeiro, atualmente é um nicho de mercado, por isso trabalhamos para democratizar o alimento orgânico, para que ele não se reduza a isso, mas queremos que todos consumam alimentos agroecológicos. A merenda escolar também, 100% de alimentos agroecológicos. Estamos realizando através de dar acesso já na primeira infância as crianças das escolas públicas, esta alimentação de qualidade. Mas não só do ponto de vista financeiro né, o agricultor agroecológico, ele tem saúde pra ele, pra família dele e ele dá saúde para outras famílias e para o ambiente. contribui para um mundo melhor.</p>
--	--	---	---

**Fonte:** Autoria própria (2020).

Diante ao exposto no quadro síntese, foi possível observar que o CPRA teve como objetivo fortalecer e promover o trabalho importante da agricultura familiar agroecológica, mediante diversos projetos desenvolvidos por eles, dentro os destacados, os de propriedade de referência agroecológica e o das Cestas solidárias que ajudam o agricultor familiar não apenas na questão financeira a obter renda de seus produtos, bem como uma aproximação do consumidor final, nesta relação produtor consumidor. Pois a agricultura familiar acima de tudo é um movimento social, buscando alternativas para se manter no campo, resistir às pressões hegemônicas.

Em relação ao outro projeto desenvolvido pelo CPRA, o das Cestas Solidárias, de acordo com o C1, eles apresentaram novo projeto para continuidade do trabalho nas Redes de Referências em que a proposta é passar a estudar novos sistemas. Também incluiu no projeto o trabalho das “Cestas Solidárias”, uma forma de comercialização que aproxima agricultores e consumidores. A ideia é a validação de uma estratégia que permita ampliar e consolidar este canal de comercialização, que se mostrou muito interessante nas Redes nas duas primeiras fases do projeto.

O trabalho de uma organização de referência em um modelo alternativo de produção junto ao agricultor familiar mostrou forte impacto nessa relação agricultor, comunidade e sociedade onde o objetivo é fortalecer essas relações contribuindo com assistência técnica, tecnológica, operacional, treinamentos, conhecimentos, informações. O agricultor familiar agroecológico exerce um papel de total importância para o meio ambiente e sociedade.

Por isso essa união entre as organizações sociais são um ponto a ser considerado como o principal meio de difusão de uma agricultura alternativa que respeite a natureza como ser de direitos que coopere com os direitos humanos e ambientais, gerando sustentabilidade e garantindo a existência humana e preservação do planeta terra. O modelo hegemônico de produção já demonstrou sinais de esgotamento e prejuízo ao ser humano, devemos valorizar as organizações frente a este trabalho fundamental junto aos agricultores familiares, estes que merecem toda nossa valorização, respeito e apoio.

## PARTE V: REFLEXÕES DA PESQUISA



**Fonte:** Autoria própria (2019).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que o ser humano passou a habitar sobre a Terra, seu modo de existência o levou a questionar sobre tudo que o cercava. Nessa busca sobre respostas de suas mais profundas indagações e reflexões, como um laboratório natural, fez da natureza seu espaço de labor, de fonte de recursos para sua sobrevivência e desenvolvimento. E foi nesta relação entre ser humano e natureza, é que no decorrer da história, houve um divórcio que presenciamos nos dias atuais e que trouxe diversas consequências para o planeta.

E sob este panorama é que esta dissertação tem em suas teorias basilares, a questão sobre os Direitos da natureza que perpassam e resultam nos Direitos Humanos e Ambientais, estruturantes do termo em construção, o Bem Viver, analisados no contexto da agricultura familiar agroecológica que tem em seu modelo alternativo de produção, um alinhamento com os conceitos e dimensões que o presente estudo apresentou.

Demonstrando como o modelo de produção hegemônico atual, tem resultado em degradação ambiental, no déficit do planeta, pois tem em sua base de atuação uma ideia de desenvolvimento ocidental que busca crescimento ilimitado, “progresso”, não refletindo sobre os impactos de suas ações apoiando-se na modernização da técnica, tecnologia e trabalho para desenvolver, “avançar” sem limites.

Portanto a presente dissertação teve como objetivo, compreender as intersecções entre o trabalho e tecnologia a partir das vivências dos agricultores familiares agroecológicos e suas relações com as concepções do Bem Viver. A partir deste objetivo geral surgiram os objetivos específicos pelo qual buscou caracterizar os aspectos conceituais do Bem Viver e da Agricultura familiar agroecológica nesse contexto. Evidenciando duas lentes de análises iniciais que compreendem algumas das dimensões extraídas do Bem Viver, o qual são as questões da técnica, tecnologia e trabalho na vivência dos agricultores em relação às suas propriedades (processo de trabalho, uso das técnicas e tecnologias).

Tal estudo, ainda permitiu identificar as percepções e vivências dos agricultores e os aspectos conceituais do Bem Viver a partir da ótica dos sujeitos da pesquisa. Diante do exposto a dissertação procurou construir teoricamente um panorama sobre o termo Bem Viver de Alberto

Acosta e outros autores, que busca romper com o modelo de desenvolvimento ocidental, propondo “novos conviveres enquanto indivíduos, na comunidade, e como cidadãos na sociedade” restabelecendo a harmonia com a natureza, nessa relação sociedade e natureza. Respeitando sempre a natureza como ser de direitos, a diversidade dos povos, culturas, saberes ancestrais, conhecimentos tradicionais, que vai muito além de uma filosofia de vida baseada na matriz indígena dos países andinos. O Bem Viver surge como uma oportunidade de imaginar um novo mundo possível, caminhos alternativos ao sistema econômico, político, social atual, perfilados por um discurso e racionalidade hegemônica.

Surgem assim as dimensões do Bem Viver que visam contribuir para seu entendimento, compreensão e análise, estabelecidas a partir de conceitos singulares, mas que formaram quatro tríades, categorias de análise, oriundas destas multidimensões e do campo, em diálogo com os sujeitos de pesquisa.

Iniciou assim um processo de desbravar as terras do Bem Viver e o campo, tendo como os protagonistas, os agricultores familiares. A extensão rural tornou-se um fator de extrema importância, através de organizações especializadas que podem contribuir com apoio técnico, fortalecimento e promoção de um modelo alternativo de produção que leva em consideração o ser humano e harmonia com a natureza, uma relação que precisa permanecer para além da sustentabilidade e preservação do planeta terra.

Para tanto, através de um aprofundamento teórico-metodológico, em virtude das análises e resultados obtidos no campo, surgiram quatro categorias de análise a posteriori que contribuiram para a realização desta pesquisa. A primeira categoria abordou o próprio conceito do Bem Viver, suas multidimensões e a questão da harmonia com a natureza. Nessa categoria foi possível evidenciar que estar em harmonia com a natureza, é respeitá-la, ser responsável ao usar os recursos naturais a fim de restituir a terra o que dela extraímos para nossa sobrevivência, através de um modelo alternativo que contemple para além da sustentabilidade, manutenção e restituição dos recursos, respeitando a natureza como um ser direitos, rompendo com o divórcio entre o ser humano e a natureza.

A segunda categoria buscou compreender o Bem Viver e os Direitos Humanos, da Natureza e Ambientais atrelados a questão da Soberania alimentar, Segurança alimentar e Saúde. Foi possível verificar como a questão dos direitos assumem de forma transversal um aspecto

significativo na fala dos agricultores, quando eles decorrem que esta separação do ser humano com a natureza, está afetando nossa saúde física, mental, emocional, espiritual. Outro aspecto salutar, diz respeito aos direitos como um todo, quando todos deveriam ter acesso a uma alimentação segura, saudável, rica em nutrientes que trazem benefícios para a mente e o corpo. Acesso a um ambiente seguro, saudável, pelo qual possa lhe proporcionar um contato com a natureza, uma vida mais tranquila, sem a correria da cidade. Uma vida mais justa e igualitária. E isso só será possível através da participação do indivíduo pertencente a uma sociedade, através da solidariedade entre a coletividade abrindo espaços importantes de convivencialidade, para o Bem Viver.

A terceira categoria abordou o Bem Viver como uma proposta antagônica ao modelo de desenvolvimento e bem estar ocidental e a questão do indivíduo, comunidade. Foi possível extrair desta tríade que para o agricultor familiar agroecológico o desenvolvimento, crescimento, progresso, não tem relação com o que é proposto pelo Bem Viver e suas práticas de cultivo. Pois para eles, desenvolver e crescer é muito afeito ao aspecto qualitativo, do que quantitativo. A preocupação deles não é com a máxima eficiência, menor tempo possível de trabalho para obter maior rendimento, acúmulo de capital. Eles atribuem que desenvolver é garantir a qualidade de sua produção, é investir em sua propriedade para atender melhor tanto os aspectos que envolvem a biodiversidade e manutenção, preservação da terra, do solo, bem como, garantir maior variedade de alimentos a sua família e para o próximo que adquire seus produtos. Viver sem a pressão do modelo hegemônico atual tanto verificando na agricultura convencional como nos processos de trabalho na cidade, é que garante ao agricultor uma vida de liberdade, onde o tempo é valorizado, contato com a natureza lhe traz qualidade de vida e bem estar, uma vida tranquila sem estar baseada a cumprir demandas do mercado que busca apenas enriquecer e mercantilizar a terra.

Na quarta categoria buscou compreender o agricultor familiar agroecológico e a questão da técnica, tecnologia e trabalho e suas intersecções com o Bem Viver neste contexto. Onde foi evidenciado o quão importante é a união entre os saberes ancestrais, conhecimentos tradicionais, populares caminhando de mãos dadas com os saberes científicos para uma colheita promissora no contexto da agricultura familiar agroecológica frente ao uso das técnicas, tecnologias modernas

em que sejam necessárias somente no caso de tornar o trabalho do agricultor familiar agroecológico menos penoso e para garantir o ecossistema, a biodiversidade.

Outro aspecto apresentado foi a questão da importante relação entre as organizações especializadas e o agricultor familiar na questão da extensão rural de modo a facilitar o trabalho do agricultor e a fortalecer e promover a agroecologia, através de assistência técnica, apoio, treinamentos e suporte ao agricultor que se encontra neste modelo alternativo, bem como, para aqueles que ainda se encontram em transição. A técnica, a tecnologia são importantes e de forma alguma são desprestigiadas por parte dos agricultores, mas eles devem servir como auxiliares em seu processo de trabalho no manejo na terra, e não usadas para mercantilizar a natureza como bem sabemos que ocorre no agronegócio, no modelo hegemônico dominante. Outro aspecto importante mencionado pelos agricultores é de que a própria natureza oferece tudo que você precisa, técnicas e tecnologia que naturalmente começam a surgir, quando em seu trabalho existe o respeito ao tempo de recomposição do solo, tempo de descanso da terra, quando os recursos naturais torna-se ferramentas tecnológicas que promovem naturalmente a proteção da produção, a garantia de uma colheita de êxito.

O trabalho para eles tem um significado para além de hierarquia, tempo versus rendimento, processos automatizados, produção em escala, máxima eficiência encontrados muitas vezes no âmbito da cidade, da industrialização da agricultura. Em suas lentes, o trabalho deve ser prazeroso, com liberdade de tempo, onde se respeita o ciclo da terra, se respeita a natureza e se vive em harmonia, cujo resultado deve ser uma vida equilibrada, saudável, de qualidade e bem estar.

E por fim, como um capítulo de análise a parte, procurou verificar a questão das organizações especializadas em agroecologia, onde notou-se como elas podem exercer um importante papel na extensão rural, apoio, suporte e assistência técnica tanto para os agricultores familiares agroecológicos, bem como, aqueles que se encontram em processo de transição do convencional para este modelo alternativo de produção. Estabelecendo uma aproximação importante dos conhecimentos e saberes ancestrais, populares alinhados aos saberes científicos visando tornar o labor do agricultor menos penoso e garantindo êxito em sua produção, ao utilizar melhor os recursos disponíveis.

Outro aspecto observado foi a questão de sua interação e reflexos no trabalho dos agricultores familiares agroecológicos e seus tensionamentos com o Bem Viver nesse sentido. É



importante ressaltar que as organizações neste processo, constituem um laço importante para fortalecer a agricultura familiar agroecológica, promover e disseminar informações, treinamentos, suporte. Unindo novamente o produtor com o consumidor, tornando esta ponte possível, em uma relação que vem sendo tão fragilizada pela falácia criada na sociedade, de que alimentos agroecológicos/orgânicos são mais caros, rompendo com esta separação entre produtor e consumidor, tornando o alimento saudável, nutritivo, democrático ao alcance de todos.

É propício destacar que tais análises não pretenderam apenas extrair resultados “fechados” a partir das experiências vividas no cotidiano dos agricultores familiares agroecológicos e sua relação com as tríades do Bem Viver, mas para além, procuram fortalecer canais dialógicos, propiciando assim reflexões para estudos futuros e tensionamentos necessários nos debates e embates encontrados na trajetória desta dissertação.

Diante disso é possível verificar que os agricultores familiares agroecológicos quanto ao seu modelo alternativo de produção, apontaram significativa relação e aderência ao conceito discutido, qual seja, o Bem Viver. Da mesma maneira, indica a relevância da agricultura familiar como um movimento social e de extrema importância para a garantia da Soberania Alimentar, Segurança Alimentar, Saúde em todos os sentidos, preservação da natureza, sustentabilidade e como uma oportunidade de se pensar que modelos antagônicos ao modelo hegemônico se apresentam como caminhos possíveis, derrubando a falácia de que eles são menos rentáveis tanto no aspecto financeiro como em relação a se obter uma colheita promissora, além é claro que serem atores centrais para a biodiversidade e manutenção do planeta terra.

Considerando que existe uma heterogeneidade neste contexto, e que os termos Bem Viver e Agricultura familiar são polissêmicos, a presente dissertação contemplou o importante papel na relação de ambos no contexto do trabalho, da vida em comunidade, através da solidariedade, consciência coletiva, convivencialidade para que possamos assim vislumbrar um Bem Comum em sociedade.

Os resultados indicam que é preciso agir com prudente energia, a fim de promover, fortalecer, divulgar o relevante papel da agricultura familiar neste contexto como guardiã da terra, do solo, da água, do ar, de toda a biodiversidade, a partir de um compromisso não só apenas individual, para com a família, bem como a comunidade, o próximo.

Nesse sentido refletir sobre o Bem Viver e suas dimensões e seus tensionamentos no âmbito da agricultura familiar, que se apresenta no bojo das reivindicações, lutas e entraves que a vem assumindo no decorrer da história, é abrir um espaço riquíssimo de diálogos e reflexões que se faz necessário e de extrema urgência para que possamos colher frutos para um futuro melhor, para uma futuro de Bem Viver.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 4ª ed. – São Paulo; Martins Fontes, 2000.
- ACOSTA, A. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Editora Elefante, 2016.
- ALCANTARA, L. C. S. Bem Viver: uma perspectiva (des)colonial das comunidades indígenas. **Rev. Rupturas** , vol.7, n.2, Costa Rica, 2017.
- ALCANTARA, L. C. S; SAMPAIO, C. A. C.. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 40, p. 231-251, abril 2017.
- ALMEIDA, D. S. Conceitos básicos. In: **Recuperação ambiental da Mata Atlântica [online]**. 3rd ed. rev. and enl. Ilhéus, BA: Editus, 2016. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8xvf4/pdf/almeida-9788574554402-03.pdf>>. Acesso em: 19 Jun 2019.
- ANDRADES, T. O.; GANIMI, R. N.. **Revolução Verde e a apropriação do Capitalista – O Livro Cinza do Pacote Tecnológico do Agronegócio**. Fundação dos Estudantes de Agronomia do Brasil – FEAB, 2007.
- AQUINO, J. C.; GAZOLLA, M; SCHNEIDER, S.. Dualismo no Campo e Desigualdades Internas na Agricultura Familiar Brasileira. **RESR**, Piracicaba-SP, v.56, p.123-142, 2018.
- ARAÚJO, M.M et al. **A Agricultura Familiar e o Direito Humano à Alimentação: Conquistas e Desafios**. Edições: Câmara dos Deputados. Comissão de Direitos Humanos e Minorias, Brasília, 2015.
- ARGUETA, A. **Sistemas de saberes ambientales, natureza y construccion del Bien vivir**. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v.35, p.147-159, dezembro, 2015.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, São Paulo, 2011.
- BARRERA, A. **Nuevas realidades, nuevos paradigmas: la nueva revolución agrícola**. COMUNIICA- Inovación Tecnológica, 2011.
- BERNSTEIN, H. Soberania alimentar: uma perspectiva cética. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 17, n. 39, mai/ago 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v17n39/1517-4522-soc-17-39-00276.pdf>>. Acesso em 09 de Mar de 2020.
- BERNSTEIN, H. Agrarian questions then and now. In: **Journal of Peasant Studies**, 24(1/2), 1996/7, p. 22-59. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/toc/fjps20/24/1-2>>. Acesso em 04 de Mar de 2020.
- BOFF, L. **Dignitas Terrae - Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres**. Editora: Ática, São Paulo, 1938.
- BOFF, L. **Princípio-Terra: A volta à Terra como Pátria Comum**. Editora: Ática, São Paulo, 1995.

- BOJANIC, A. A Agricultura Familiar promove desenvolvimento rural e sustentável e a Agenda 2030. **Nações Unidas**, out. de 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/artigo-agricultura-familiar-promove-desenvolvimento-rural-sustentavel-e-a-agenda-2030/>>. Acesso em 10 Maio 2019.
- BONFIL BATALLA, G. (Comp.). **Utopía y revolución**. El pensamiento político contemporáneo de los pueblos indígenas de América Latina. México: Editorial Nueva Imagen, 1981.
- BRANCO, A. L. Revoluções Industriais: Primeira, Segunda e Terceira Revoluções. **Educação UOL**, 2020. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/revolucoes-industriais-primeira-segunda-e-terceira-revolucoes.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 15 Fev 2020.
- BRASIL de Fato – Festa em Quatro Barras leva ao público sementes crioulas e agricultura familiar. CPRA, 04 set. 2017. Disponível em: <<http://www.cpra.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=437&tit=Brasil-de-Fato--Festa-em-Quatro-Barras-leva-ao-publico-sementes-crioulas-e-agricultura-familiar>>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- BRITO, R.M. A proposta da Tecnologia Comparada. **Anuário Antropológico**, Brasília, UnB, v. 40, n. 1, p. 203-232, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6805>>. Acesso em 17 abr. 2019.
- BRUMER, A.; et al.. A exploração familiar no Brasil. In: LAMARCHE, H. (Coord.). **Agricultura familiar: comparação internacional**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 179-234.
- CASSOL, A.; SCHNEIDER, S. Produção e Consumo de Alimentos: Novas redes e atores. **Lua Nova**, São Paulo, 95: 143-177, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/sergio-schneider/cassol-a-p-schneider-s-producao-e-consumo-de-alimentos-novas-redes-e-atores-lua-nova-impresso-v-5-p-143-177-2015>>. Acesso em 15 Fev 2019.
- CARVALHO, M. G. Tecnologia, desenvolvimento social e desenvolvimento tecnológico. In: **Revista Educação & Tecnologia**, Curitiba, n.1, abr. 1997.
- CAVALCANTE, Z. V.; SILVA, M. L. S. A importância da Revolução Industrial no mundo da Tecnologia. In: Encontro Internacional de Produção Científica, 7. 2011. Maringá. **Anais eletrônico**. Maringá. 2011. Disponível em: <[https://www.unicesumar.edu.br/epcc2011/wpcontent/uploads/sites/86/2016/07/zedequiasvieira\\_cavalcante2.pdf](https://www.unicesumar.edu.br/epcc2011/wpcontent/uploads/sites/86/2016/07/zedequiasvieira_cavalcante2.pdf)>. Acesso em 07 Jan 2020.
- CENSO AGRO 2017: população ocupada nos estabelecimentos agropecuários cai 8,8%, Agência IBGE, 25 out. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25789-censo-agro-2017-populacao-ocupada-nos-estabelecimentos-agropecuarios-cai-8-8>>. Acesso em 10 Mar 2020.
- CHALFUN, M. Paradigmas filosóficos - ambientais e o direito dos animais. **Revista Dir. Animal**, v. 5, n. 6, 2010.

- CUPANI, A. **Filosofia da tecnologia: Um Convite**. 3 edição- Florianópolis: Editora da UFSC, 2016, 233 p.
- CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- CRUZ, R. A; MACHADO, R. D. Retratos da Região Metropolitana de Curitiba: cantos e encantos de Tijucas do Sul. In: SOUZA, M. A.; PIANOVSKI, R. (orgs.). **Retratos da Região Metropolitana de Curitiba – Paraná: campo, sujeitos e escola pública**”. Curitiba: UTP, 2019.
- DAGNINO, R. **Tecnologia Social: contribuições conceituais e metodológicas**. Campina Grande, PB: EDUEPB; Florianópolis-SC, Editora Insular, 2014.
- DAL SOGLIO, F; KUBO, R. R. **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
- DÁVALOS, P. El “Sumak Kawsay” o el “Buen vivir” y las cesuras del desarrollo. **Alai, América Latina en Movimiento**. Quito, 06 may. 2008. Disponível em: <<http://www.alainet.org/es/active/23920>>. Acesso em 23 Jun.2019.
- DESLANDES, S. F. ; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S (orgs.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2002.
- DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005.
- EQUIPE ONB. Árvores nativas favorecem serviços ambientais em sistemas agropecuários. In: **Organics News Brasil**, 23 fev. 2020. Disponível em: <<https://organicsnewsbrasil.com.br/negocio/agricultura/arvores-nativas-favorecem-servicos-ambientais-em-sistemas-agropecuarios/>> . Acesso em: 20 maio 2020.
- ESCOBAR, A. El “postdesarrollo” como concepto y práctica social. In: MATO, D. (coord) **Políticas de economía, ambiente y sociedad en tiempos de globalización**. Caracas: Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, Universidad Central de Venezuela, 2005. Disponível em: <https://red.pucp.edu.pe/wp-content/uploads/biblioteca/090505.pdf> < Acesso em 20 Mai 2020>.
- ESCOBAR, A.. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al território”. **Desenvolvimento Meio Ambiente**, v.35, p.89-100, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/43540/27088> < Acesso em Abri 2019>.
- FAO - FOOD and Agriculture Organization of the United Nation. **FAO no Brasil**, 2017. Disponível em: <<http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1043666/>>. Acesso em 30 Abr 2019.
- FEENBERG, A. Racionalização democrática, poder e tecnologia. In: NEDER, R. T. (org.). **Ciclo de conferências e vídeo conferências na UNB**. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS. Ciclo de Conferências Andrew Feenberg. Série Cadernos Primeira Versão: CCTS - Construção Crítica da Tecnologia & Sustentabilidade. v.1, n.3, 2010. ISSN 2175.2478.

FERREIRA, F.; BOMFIM, Z.A.C. Sustentabilidade Ambiental: visão antropocêntrica ou biocêntrica? **Ambientalmente sustentável**. v. I, n. 9-10, p. 37-51. Jan-Dez, 2010. Disponível em: <<https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/8335>>. Acesso em 17 Jun 2020.

FERTRIN, R.B. **O Processo de Construção Social da Tecnologia: O caso do projeto habitacional Jardim dos Lírios**. Dissertação (Política Científica e Tecnológica). Universidade Estadual de Campinas- Instituto de Geociências, 2008.

FRANCO, T.; DRUCK, G. A degradação do trabalho e os riscos industriais no contexto da Globalização, Reestruturação Produtiva e das políticas Neoliberais. In: FRANCO, T. **Trabalho, riscos industriais e meio ambiente: rumo ao desenvolvimento sustentável?** Salvador: EDUFBA/CRH/FFCH/ UFBA, 1997.

GAJARDO, M. **Ivan Illich** . Tradução e organização: José Eustáquio Romão. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

GAMA, R. **A tecnologia e o trabalho na história**. São Paulo: Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Editora: Atlas, 6ª edição, São Paulo, 2010.

GLIESSMANN, S.R.. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2. Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des) Caminhos do Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 2005.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Editora: Alínea, Campinas-SP, 2001.

GUDYNAS, E. Buen vivir: Germinando alternativas al desarrollo. In: **ALAI- America Latina en Movimiento**, n. 462, Febrero 2011.

GUILIANI, G. M. Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.5, n.14, p. 59-67, out. 1990. Disponível em: [http://www.institutosouzacruz.org.br/groupms/sites/INS\\_8BFK5Y.nsf/vwPagesWebLive/DO8GQDL?opendocument](http://www.institutosouzacruz.org.br/groupms/sites/INS_8BFK5Y.nsf/vwPagesWebLive/DO8GQDL?opendocument) ≤ Acesso em 15 Jun 2020>

HERBELE, A. L. O.; et al. Agricultura familiar e pesquisa agropecuária: contribuições para uma agenda de future. In: DELGADO, G. C.; BERGAMASSO, S. M. P. (orgs.). **Agricultura Familiar Brasileira: Desafios e Perspectivas de Futuro**. Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário Brasília, 2017.

ILLICH, I. **A convivencialidade**. Publicações Europa-América. Editora Vozes: 1978.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. IPARDES. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/>>. Acesso em: 20 maio2020.

JACOBI, P. A. ; GIATTI, L.L.Ambivalência do Desenvolvimento e a busca de novas vias para a sustentabilidade. **Revista: Ambiente & Sociedade**, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v18n3/1809-4422-asoc-18-03-00000.pdf>>. Acesso em 10 Fev 2019.

JUNGES, J. R. **Ética ambiental**. Editora UNISINOS. São Leopoldo,RS. 2004

- KORTENKAMP, M.; MOORE, C. F. **Ecocentrism and Anthropocentrism**: moral reasoning about ecological commons dilemmas. Gracy Mohan. Aug 31, 2001. Disponível em: <https://psych.wisc.edu/moore/PDFsMyPapers/Kortenkamp&Moore2001.pdf> < Acesso em 22 Mai 2020>.
- LACERDA, R. F.; FEITOSA, S. F. Bem Viver: Projeto U-tópico e De-colonial. **Revista de Educação: Interritórios**, Universidade Federal de Pernambuco Caruaru, V.1, N.1, Brasil, 2015.
- LANDES, D. S. **Prometeu Desacorrentado**: Transformação Tecnológica e Desenvolvimento Industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até a Nossa Época. Tradução: Vera Ribeiro; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- LAMARCHE. H. **A Agricultura Familiar**: comparação internacional- Do mito à realidade. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1998.
- LATOUCHE, S. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- MARTINE, G. A trajetória da Modernização Agrícola. A quem beneficia?. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 23, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n23/a03n23.pdf>>. Acesso em 28 Fev de 2019.
- MARTINS, J. S.. **A imigração e a crise no Brasil Agrário**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- MDA - **Ministério da Agricultura**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/o-que-%C3%A9-agricultura-familiar>>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- MILARÉ, E; COIMBRA, J. A. A. Antropocentrismo X Ecocentrismo na Ciência Jurídica. **Revista de direito ambiental**, 9 (36), 2004.
- MORIN, E. **A Via para o futuro da humanidade**. Editora: Bertrand Brasil, p 275 – 277, 2013.
- NOBLES, A. V. [Resenha] BRAUN, RICARDO. Desenvolvimento ao ponto sustentável: novos paradigmas ambientais. **Direito em Debate**, Ano XI, n.18, 2002.
- NORDER, L.A; LAMINE, C et al. Agroecologia: Polissemia, Pluralismo e Controvérsias. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo, v. XIX, n.3, p.1-20, Julho-setembro, 2016.
- OCTAVIANO, C. Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde. **Com Ciência**, n.120 Campinas 2010. Disponível em: <<http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n120/a06n120.pdf>>. Acesso em 20 maio 2019.
- OLIVEIRA, C. Sistemas agroecológicos produzem mais até durante a seca. In: **Rede Brasil atual**, 2017. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2017/09/sistemas-agroecologicos-produzem-mais-e-melhor-ate-durante-a-seca/>>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- OLIVEIRA, E. A. A Técnica, a Techné e a Tecnologia. **Revista eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Javataí- UFG**. Vol II- n 5, Dez 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20417>>. Acesso em 20 jun. 2019.
- ONU- (Organização das Nações Unidas). Declaração das Nações Unidas sob o Direito dos Povos Indígenas. Sexagésimo período de sessões Tema 68 do Programa Informe do Conselho de Direitos Humanos. In: **Nações Unidas**, 13 de Setembro de 2007.

PARANÁ concentra maior número de agricultores orgânicos no país: entenda por quê. **CRPA**, 29 set. 2017. Disponível em: <<http://www.cpra.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=453&tit=Parana-concentra-maior-numero-de-agricultores-organicos-no-pais-entenda-por-que%3C>>

PASINI, F. **A Agricultura Sintrópica de Ernst Götsch**: história, fundamentos e seu nicho no universo da Agricultura Sustentável. Universidade Federal do Rio de Janeiro- Campus UFRJ-Macaé Aloísio Teixeira (Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais e Conservação). Rio de Janeiro, 2017.

PASINI, F.; NINA, I.; SOFFIATTI, M... Neste chão tudo dá. Ernst Gotsch, [Vídeo] 2015. (22m49s). **Videoteca Virtual Gregório Bezerra**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WXOQ39UQQPQ>>. Acesso em 07 ago. 2020.

PELEGRINI, G et al. **Agroecologia**: realidade sócio histórica e perspectivas para agricultura familiar. Editora: URI, RS, 2012.

PEQUENOS agricultores contam com incentivos para produção orgânica em Colombo. In: **Portal Prefeitura Municipal de Colombo**, 17 jul. 2017. Disponível em: <<http://portal.colombo.pr.gov.br/pequenos-agricultores-contam-com-incentivos-para-producao-organica-em-colombo/>>. Acesso em: 10 maio 2020.

PICCOLOTTO, E. L. Os Atores da Construção da Categoria Agricultura Familiar no Brasil. **RESR**, Piracicaba-SP, v. 52, Supl. 1, p. S063-S084, 2014.

PREFEITURA DE PINHAIS. 2020. <http://www.pinhais.pr.gov.br/News7content7801.shtml> < Acesso em 10 de Mar de 2020 >

PREFEITURA DE QUATRO BARRAS. 2020. Disponível em: [http://quatrobarras.pr.gov.br/noticiasView/788\\_noticia.html](http://quatrobarras.pr.gov.br/noticiasView/788_noticia.html) < Acesso em 16 de Mar de 2020 >.

PROGRAMA Itaperuçu Sustentável transformara economia do município. In: **Gazeta do Bairro**, 26 nov. 2019. Disponível em: <<http://gazetadobairro.com.br/programa-itaperucu-sustentavel-transformara-economia-do-municipio/>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

PROGRAMA Itaperuçu Sustentável vai transformar economia do município de forma ecológica. In: Mandato Goura, 25 nov. 2019. Disponível em: < <https://mandatogoura.com.br/programa-itaperucu-sustentavel-vai-transformar-economia-do-municipio-de-forma-ecologica/>> Acesso 10 maio 2020.

PINCH, T; BIJKER, W. The social construction of facts and artifacts: Or how the sociology of science and the sociology of technology might benefit each other. In: BIJKER, W.; HUGHES, T;

PLOEG, J. D. V. D.. Dez qualidades da agricultura familiar. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, n.1, fev 2014.

QUIJANO, A. Bien vivir : entre el “desarrollo” y la des/colonialidad del poder. En: **Cuestiones y horizontes**: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires : CLACSO, 2014. ISBN 978-987-722018-6



- QUIJANO, A. Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. In: **“Bien Vivir” entre el “desarrollo” y la Des/colonialidad del Poder**. 1 ed-Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2014.
- RAMBO, J. R.; TARSITANO, M. A. A. et. al. Agricultura familiar no Brasil em construção: trajetória de lutas, história pujante. **Revista Ciência Agroambiental**, v.14, n.1, p.86-96,2016. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/rcaa/article/viewFile/1415/139>>. Acesso em: 07 fev. 2020.
- REBELLO, J. F. S. Princípios da Agricultura Sintrópica segundo Ernst Götsch. In: **CEPEAS**, 2018. Disponível em: <<https://cepeas.org/wp-content/uploads/2018/05/1-Princi%CC%81pios-de-Agricultura-Sintro%CC%81pica.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- RIBEIRO, H; JAIME, P. C; VENTURA, D. Alimentação e Sustentabilidade. **Estudos Avançados**, v.31, n.89, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v31n89/0103-4014-ea-31-89-0185.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- RIBEIRO, A. O que é agricultura?. In: **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-agricultura.htm>>. Acesso em 19 maio 2019.
- SAKURAI, R; ZUCHI, J. D. As Revoluções Industriais até a Indústria 4.0. **Interface Tecnológica**. Faculdade de Tecnologia de Taquaritinga (FATEC) – SP – Brasil,2018.
- SANTOS, B. S. **Democratizar a democracia – os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SANTOS, D. T. G. Os Estados plurinacionais e a afirmação dos Direitos dos Povos Indígenas na América Latina. In: **Estado de Direito**, 05 ago. 2015. Disponível em: <<http://estadodedireito.com.br/os-estados-plurinacionais-e-a-afirmacao-dos-direitos-dos-povos-indigenas-na-america-latina/>> . Acesso em: 19 jun. 2019.
- SCHULTZ, G. Agroecologia, Agricultura orgânica e Institucionalização das relações com o mercado nas organizações de produtores do sul do Brasil. **AGRÁRIA**, São Paulo, nº 7, pp. 61-93, 2007.
- SCHUMACHER, E. F. **O Negócio é ser pequeno (Small is beautiful). Um estudo de Economia que leva em conta as pessoas**. Editora: Zahar,4 edição, 1977.
- SEIFERT, R .E.; VIZEU, F., Crescimento Organizacional: Uma Ideologia Gerencial? **RAC**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, pp. 127-141, Jan./Fev 2015.
- SECRETARIA DA EDUCACAO DO PARANÁ. 2020. Disponível em: <<http://www.comunidade.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=96>>. Acesso em: 04 maio 2020.
- SECRETARIA DA SAUDE DO PARANA. Disponível em: <<http://www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=3228>>. Acesso em: 15 maio 2020.
- SERAFIM, M. P. **Agricultura Familiar no Brasil: um panorama sobre a política e as instituições**. Editora: Annablume, São Paulo, 2015.

SILVA, D. C. B.; RECH, A. U. A Superação do Antropocentrismo: uma necessária reconfiguração da interface homem-natureza. **R. Fac. Dir. UFG**, v. 41, n.2, p.13-27, maio / ago. 2017. Disponível em: <[http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_bibliotec.a/bibli\\_servicos\\_produtos/bibli\\_informativo/bibli\\_inf\\_2006/Rev-Fac-Dir-UFG\\_41-02.01.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_bibliotec.a/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/Rev-Fac-Dir-UFG_41-02.01.pdf)>. Acesso em 17 Jun 2020.

SILVIA, K. P; GUEDES, A. L. Buen Vivir Andino: Resistência e/ou alternativa ao modelo hegemônico de desenvolvimento. **Cadernos EBAPE.BR**, v.15, n. 3, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1679-39512017000300682&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-39512017000300682&lng=es&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 15 Abr de 2019.

TARDIEU, V. **Vive l'agro-revolution française!** Paris: Editions Belin, 2012.

TORTOSA, J. M. Cambios de época en la lógica del 'desarrollo'. **Em Revista Ecuador Debate**, n. 84. caap. Quito, 2011.

VIERA PINTO, A. **O conceito de Tecnologia**. Editora: Contraponto, Rio de Janeiro, 2005.

VOGT, S. P. C.; et al.. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 48-54, jan./abr. 2012.

WANDERLEY, M. N. B. O Campesinato Brasileiro: uma história de resistência. **RESR**, Piracicaba-SP, v. 52, Supl. 1, p. S025-S044, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v52s1/a02v52s1.pdf>>. Acesso em: maio 2019.

WANDERLEY, M. N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2014/06/Texto-6.pdf>> Acesso em 10 maio 2019.

WITTMAN, H.; DESMARAIS, A. A.; WIEBE, N. The origins and potential of food sovereignty. In: WITTMAN, H; DESMARAIS; A. A. ; WIEBE, N. (eds.). **Food sovereignty. Reconnecting food, nature and community**. Oakland CA: Food First, 2010.

**APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semiestruturada realizada com os agricultores familiares agroecológicos**

- 1-Comente um pouco sobre sua trajetória e experiência no campo como agricultor familiar:
- 2-Sua propriedade sempre foi de base agroecológica, caso não, como foi este processo de mudança e porque da escolha em produzir produtos agroecológicos?
- 3-Sua família sempre se manteve da renda de sua produção, conte-me um pouco sobre esta questão? E quais são os obstáculos e vantagens em viver (ou parte da renda) da produção de agroecológicos?
- 4-O que vocês produzem aqui? Pretendem produzir outras culturas e como é feito o planejamento e escolha da produção da propriedade?
- 5-Acredita que o volume de produção está ideal, ou pretendem crescer, desenvolver mais sua propriedade, produzir mais?
- 6-Como ocorre a distribuição de sua produção? Atende somente a comunidade local, ou mercado externo, autoconsumo, fale-me um pouco sobre isso.
- 7-Existe troca de mercadorias entre você e outras famílias de produtores que produzem culturas diferentes? Como é esta relação?
- 8-O que significa para sua família produzir de forma agroecológica? Este contato direto com a natureza, manejo da terra desperta quais preocupações e sentimentos no processo de produção?
- 9-Minha Pesquisa é Sobre o Bem Viver, um conceito em construção originário dos povos andinos de matrizes indígenas. De forma resumida e buscando por um conceito chave, este tema prega sobre a questão da relação de respeito que o ser humano deve manter com a natureza, cuidado, preservação, respeitando-a como um ser de Direitos (Direito da Natureza, Direito Ambiental), assim como existe os Direitos Humanos. O que seria para você Bem Viver? Já tinha ouvido falar a respeito deste conceito? Acredita que o BV tem relação como o modelo de produção agroecológica?

10-O BV questiona o Bem estar pautado no acúmulo de materiais, consumo excessivo para se sentir bem, “ter qualidade de vida”. O Bem estar do Bem Viver é tudo que é contrário a esta ideia de apenas possuir as coisas, produzir de forma ilimitada, sem levar em conta as consequências deste processo. O que seria para você Bem Estar, qualidade de vida?

11-Quais são os processos, modo de trabalho que envolve a produção agroecológica?

12-O modo de produção de sua família envolve conhecimentos que foram passados por seus antepassados, conhecimentos tradicionais que cooperam no processo produtivo, ou muitas das formas de produção são realizadas mediante o uso de novas tecnologias, novas técnicas, informações? Como você enxerga a técnica e a tecnologia em seu processo de produção agroecológica?

13-Existe alguma Organização que contribui para o treinamento do agricultor familiar no uso de novas tecnologias no campo, máquinas, técnicas modernas, informações, que visam gerar maior produtividade ou novas formas de produção que gerem menos impactos ao planeta terra?

14-Ser um agricultor de agroecológicos exige mais conhecimento tecnológico, máquinas, ferramentas? Qual sua opinião?

15-O que o campo lhe ensinou como ferramenta que favorece o seu trabalho e o que a técnica/tecnologia contribui, qual sua visão sobre isso?

**APÊNDICE B – Entrevista semiestruturada realizada com os colaboradores do CRPA**

- 1-Como surgiu o projeto propriedades agroecológicas e quais foram os principais desafios, barreiras para fazer acontecer?
- 2-Como é realizada a classificação de propriedades agroecológicas de referência, quais são os critérios?
- 3-Quais são os principais projetos, trabalhos desenvolvidos pelo CPRA junto ao agricultor agroecológico?
- 4-Quais são os planos e estratégias para agricultura nos próximos anos?
- 5-Como é realizado o trabalho do CPRA, quais são os profissionais envolvidos para que as coisas possam acontecer?
- 6-A técnica, a tecnologia, reflete no trabalho do CPRA de que forma? E como reflete no trabalho do agricultor familiar agroecológico?
- 7-Quais são os principais objetivos do CPRA?
- 8-Agrotóxicos x Agroecologia, comente sobre:
- 9-De que forma o CPRA tem exercido suas estratégias para uma conversação da agricultura convencional para a agroecológica?
- 10-É mais vantajoso ser um agricultor convencional ou um agricultor de base agroecológica? Comente sobre:

## **APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – CEPE (UTFPR)**

**Título da pesquisa: O BEM VIVER NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR AGROECOLÓGICA: reflexões a partir da relação entre Tecnologia e Trabalho**

**Pesquisador(es), com endereços e telefones:** Marjorie Mariana de Abreu

**UTFPR:** Avenida Sete de Setembro, 3165, Centro, Curitiba-PR

**Contato:** (41) 99881-5486

**Orientador responsável:** Profa Dra Giovanna Pezarico

**Local de realização da pesquisa:** Curitiba e Região Metropolitana e CPRA.

**Endereço, telefone do local: CPRA:** R. Estr. da Graciosa, 6960 - Jardim das Nascentes, Pinhais - PR, 83327-055

### **A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE**

#### **1. Apresentação da pesquisa.**

Este estudo tem como objetivo analisar e refletir sobre o Bem Viver no contexto da Agricultura Familiar Agroecológica a partir das lentes da Tecnologia e Trabalho. Neste sentido considerando as lutas, resistências e entraves no decorrer da história da Agricultura Familiar até os dias atuais, faz-se necessário e de extrema urgência um olhar atento sobre o papel da AF, que vai muito além da produção de alimentos, mas que nos remete a uma visão holística acerca de seus impactos na sociedade, garantia de Bem Viver, qualidade de vida, segurança alimentar, modos de manejar a terra e de preservar a natureza.

#### **2. Objetivos da pesquisa**

##### **Objetivo Geral:**

Analisar as relações entre o trabalho e tecnologia a partir das vivências dos agricultores familiares agroecológicos e suas intersecções com as concepções de Bem Viver.

##### **Objetivos Específicos**

- a) Analisar os aspectos conceituais do Bem Viver e da Agricultura familiar agroecológica;
- b) Caracterizar as práticas de trabalho e usos da tecnologia na vivência dos agricultores em relação às suas propriedades;
- c) Identificar as intersecções entre as percepções e vivências dos agricultores e os aspectos conceituais do Bem Viver.

#### **3. Participação na pesquisa.**

A sua participação como sujeito da pesquisa se dará através de entrevistas tanto individuais como em grupos acerca dos temas propostos por esta pesquisa. Em um primeiro momento serão realizadas as perguntas da entrevista semiestruturada e em outra oportunidade será reunião demais sujeitos da pesquisa para uma conversa em grupo, estabelecendo assim o grupo focal.

#### **4. Confidencialidade.**

Esta pesquisa será realizada no mais absoluto sigilo, mantendo a confidencialidade dos sujeitos que dela fizerem parte.

#### **5. Desconfortos, Riscos e Benefícios.**

**5a) Desconfortos e ou Riscos:** Possíveis constrangimentos com equipamentos de gravação.

**5b) Benefícios:** Contribuição para os sujeitos das pesquisas através das análises e resultados finais evidenciando se os objetivos da pesquisa, o problema e a questão que norteou o estudo foram alcançados e como isso poderá refletir na vida dos sujeitos seja na área profissional bem como pessoal.

#### **6. Critérios de inclusão e exclusão.**

**6a) Inclusão:** A inclusão dos sujeitos da pesquisa será realizada mediante critérios que atendam os objetivos da pesquisa proposta.

**6b) Exclusão:** Será feita caso o sujeito não atenda aos critérios da pesquisa, caso não estejam relacionados com os objetivos propostos por este estudo.

#### **7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.**

O sujeito da pesquisa tem total liberdade de retirar da pesquisa quando necessário e a todo o momento receberá esclarecimentos da pesquisa sobre dúvidas que poderão surgir.

**CONSENTIMENTO (do sujeito de pesquisa ou do responsável legal – neste caso anexar documento que comprove parentesco/tutela/curatela).**

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome Completo: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicando seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

	Tabela 1		Tabela 3
Tabela 2	Assinatura do pesquisador (ou seu representante)	_____	Tabela 4 Data:
Tabela 5			
Tabela 6	Nome		
Completo:	_____		

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com MARJORIE MARIANA DE ABREU, via e-mail: [abreu.marjoriemariana@gmail.com](mailto:abreu.marjoriemariana@gmail.com) ou telefone: (41) 99881-5486.

**Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado**

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)  
REITORIA: Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail: [coep@utfpr.edu.br](mailto:coep@utfpr.edu.br)

**OBS:** este documento deve conter duas vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao sujeito de pesquisa.

---

Rubrica do pesquisador, rubrica do sujeito da pesquisa.